

USA TODAY BESTSELLER

JEANIE FROST

"CAT AND BONES
ARE COMBUSTIBLE
TOGETHER."

Charlaine Harris

A
Night Huntress
Novel

ONE GRAVE AT A TIME



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Night Huntress, 06.

One Grave At A Time

(Uma Sepultura de Vez)

Jeaniene Frost

Como você envia um assassino para a sepultura quando ele já está morto?

Tendo evitado por pouco uma guerra do (sub)mundo, Cat Crawfield não quer nada mais do que um pouco de sossego com seu marido vampiro, Bones. Infelizmente, seu dom vindo da rainha do vodu de Nova Orleans simplesmente se mantém conduzindo a dádiva a um favor pessoal que os envia para a batalha mais uma vez, dessa vez contra um espírito perverso.

Séculos atrás, Heinrich Krames era um caçador de bruxas. Agora, todo Halloween, ele assume forma física para torturar mulheres inocentes antes de queimá-las vivas. Esse ano, porém, os determinados Cat e Bones devem arriscar tudo para enviá-lo de volta para o outro lado da eternidade—para sempre. Mas um passo em falso e eles estarão cavando suas próprias sepulturas.

Créditos:

Equipe Night Huntress de Tradução.

Night Huntress [Oficial]



Prologo

Cemitério Lasting Peace

Garland, Texas

“Donald Bartholomew Williams, traga seu traseiro de volta aqui agora!”

Meu timbre de voz ainda ressoava no ar quando um movimento chamou minha atenção para a direita. Bem atrás de uma lápide no formato de um pequeno anjo chorando estava meu tio. Don olhou para mim como se repuxasse a sobrançelha de uma forma que expressava seu desconforto de forma mais eloquente do que mil palavras. De terno e gravata, cabelo grisalho penteado para trás em seu estilo impecável como de costume, Don parecia um empresário comum de meia idade para qualquer um que o observasse, exceto por uma coisa. Você tinha que ser imortal ou psíquico para vê-lo.

Don Williams, ex chefe de um ramo secreto da Segurança Interna que protegia o público contra criaturas sobrenaturais que perigosas, tinha morrido há dez dias atrás. Porém lá estava ele. Um fantasma.

Chorei ao lado de sua cama quando aquele ataque cardíaco fatal o atingiu, vi sua cremação em seguida, estive como um zumbi em seu velório e até mesmo levei suas cinzas para minha casa para que eu pudesse mantê-lo perto de mim. Pouco eu sabia o *quão* perto Don esteve realmente, considerando todas aquelas vezes em que pensei tê-lo visto de canto de olho. Considerei aqueles breves vislumbres do meu tio como nada mais do que miragens induzidas pela tristeza até cinco minutos atrás, quando percebi que meu marido, Bones, podia vê-lo também. Embora estivéssemos no meio de um cemitério que ainda tinha corpos espalhados de uma batalha recente e eu tinha balas de prata queimando dentro de mim como pequenas fogueiras agonizantes, tudo que eu podia focar era que Don não queria que eu soubesse que ele ainda estava do lado de cima do túmulo.

Meu tio não parecia nada contente por eu ter descoberto seu segredo. Parte de mim queria jogar os braços ao redor dele enquanto outra parte queria chacoalha-lo até que seus dentes batessem. Ele devia ter me contado, não ficado a espreita de fundo tocando uma versão fantasmagórica de “pick-a-boo*”! Claro, apesar da minha dupla compulsão, eu não podia nem chacoalhar e nem abraçar Don agora. Minhas mãos iriam passar direto através de sua mais nova forma diáfana e, da mesma forma, meu tio não podia tocar mais nada – ou ninguém – corpóreo. Então tudo que eu podia fazer era olhar para ele, com uma mistura de confusão, alegria e descrença combinadas com alguma irritação devido a sua decepção.



**Brincadeira em que um adulto aparece e se esconde repetidamente para divertir um bebê.*

“Você não vai dizer nada?” Perguntei, finalmente.

Seus olhos cinzas se moveram para alguns metros além de mim. Eu não precisava me virar para saber que Bones tinha aparecido por trás de mim. Desde que ele me transformou de uma mestiça para uma vampira completa, eu podia sentir o Bones como se nossas auras estivessem sobrenaturalmente entrelaçadas. O que estavam, eu suponho. Eu ainda não sabia tudo sobre o que criava a conexão entre vampiros e seus criadores. Tudo o que eu sabia era que ela existia, e era poderosa. A menos que ele se isolasse, eu podia sentir os sentimentos do Bones como se eles fossem um fluxo constante penetrando na minha psique.

É assim que eu soube que Bones estava muito mais controlado do que eu. Seu choque inicial por descobrir que o Don era um fantasma tinha dado lugar a uma contemplação cautelosa. Eu, por outro lado, continuava sentindo como se minhas emoções estivessem em um redemoinho. Bones ficou do meu lado, seu olhar castanho escuro no meu tio.

“Você vê que ela está segura,” Bones afirmou, um sotaque inglês colorindo suas palavras. “Nós detivemos Apollyon, então ghouls e vampiros estão em paz novamente. Você pode ir em paz. Tudo está bem.”

Compreensão explodiu em um surto de partir o coração. Era por isso que meu tio não conseguia “atravessar” como ele devia? Provavelmente. Don é uma aberração controladora muito maior do que eu, e embora ele tenha rejeitado minhas repetidas ofertas de curar seu câncer ao transformá-lo em vampiro, talvez ele estivesse muito preocupado com a trama da hostilidade entre os mortos vivos para desistir totalmente quando morreu. Eu tinha visto pelo menos um fantasma ficar tempo suficiente para garantir a segurança de um ente querido. Ter certeza de que eu tinha sobrevivido a batalha e protegido a humanidade ao prevenir um confronto entre vampiros e ghouls foi sem dúvida a âncora que tinha segurado Don aqui, mas agora, como Bones disse, ele poderia ir.

Pisquei pela umidade repentina nos meus olhos. “Ele está certo,” eu disse, minha voz rouca. “Eu sempre vou te amar sentir sua falta, mas você está... você tem outro lugar para estar agora, não tem?”

Meu tio olho pra nós dois, sua expressão sombria. Mesmo que ele não tenha mais pulmões atualmente, soou como se ele tivesse soltado uma lenta e aliviada respiração.



“Adeus, Cat,” ele disse, as primeiras palavras que ele me disse desde o dia em que morreu. Então o ar ao redor dele ficou turvo, borrando suas feições e obscurecendo seu contorno. Estendi a mão para o Bones, sentindo seus dedos fortes se curvando sobre os meus em um aperto reconfortante. Pelo menos Don não estava com dor como da última vez que eu tive que dizer adeus a ele. Tentei sorrir quando a imagem do meu tio desapareceu totalmente, mas a tristeza me atingiu em uma nova onda. Sabendo que ele estava indo para onde ele pertencia não significa que a dor de perdê-lo desapareceria.

Bones esperou vários momentos após o desaparecimento do Don antes de virar para mim.

“Kitten, eu sei que é um momento miserável, mas ainda temos coisas que precisamos fazer. Como tirar essas balas de você, remover os corpos...”

“Oh merda,” Eu sussurrei.

Don apareceu atrás do Bones enquanto ele estava falando. Uma feroz carranca escureceu as feições do meu tio, e ele acenou com os braços em uma exibição nada característica de excesso de emoção.

“Alguém quer explicar porque *diabos* eu não consigo partir?”



Capítulo Um

Amassei a fatura que estava na minha frente, só não a jogando fora porque não foi culpa do pastor que enterrar as cinzas de Don em solo consagrado não serviu pra nada para enviar meu tio para o Além. Agora nós tínhamos tentado tudo que nossos amigos –vivos, mortos-vivos ou outros... tinham sugerido para fazer meu tio atravessar desse plano para o próximo. Nada havia funcionado e como evidência disso Don estava marchando do meu lado, seus pés não exatamente tocando no chão.

Sua frustração era compreensível. Quando você morre, a menos que seja somente um precursor para se transformar em um vampiro ou ghoul, você meio que prefere não ficar mais preso a terra. Yeah, já estive às voltas com fantasmas (ultimamente, muitos) mas considerando o número de pessoas que morriam comparados ao número de fantasmas que existiam, as chances de virar Gasparzinho eram menos do que um por cento. Porém meu tio parecia estar preso a essa rara estase entre mundos quer ele gostasse ou não. Para alguém que tinha sido quase Maquiavel em sua habilidade de manipular circunstâncias, seu atual estado indefeso o irritava ainda mais.

— Vamos tentar alguma outra coisa.

Eu me ofereci, armada de um falso sorriso.

— Hei, você é um profissional em superar estatísticas insuperáveis. Você conseguiu evitar que os americanos descobrissem sobre o mundo sobrenatural apesar de complicações como vídeo de celular, a internet e YouTube. Você vai encontrar um meio de seguir em frente.

Minha tentativa de animar só me rendeu um olhar sinistro.

— Fabian nunca encontrou um meio de fazer a travessia.

Don murmurou, com um movimento de sua mão indicando meu amigo fantasma que espreitava do lado de fora do meu escritório.

— Nem os outros tantos que te encontraram, desde que você se tornou um ímã de fantasma, conseguiram.

Recuei, mas ele estava certo. Pensei que ter nascido com descendência de vampiro e humano fosse o nível máximo de improbabilidade, mas isso só mostrou minha falta de fé no senso de humor distorcido do destino. Minha transformação em uma vampira completa me colocou firmemente em primeiro lugar como a Pessoa Mais Esquisita do Mundo. Eu não me alimentava de sangue humano como qualquer outro vampiro. Não, ao invés disso eu



precisava de sangue imortal para sobreviver e eu absorvia mais do que nutrientes dele. Eu também (temporariamente) absorvia qualquer habilidade especial que o dono do sangue possuía. Beber de um ghoul que por acaso tinha incríveis laços com a sepultura me fez irresistível para qualquer fantasma que pudesse estar no mesmo código postal que eu. Particularmente, eu me preocupava de que minhas novas e emprestadas habilidades fosse um dos motivos pelo qual Don não pôde fazer a travessia ainda. Tenho certeza de que o pensamento também passou pela cabeça dele também, por isso sua atitude irritada comigo.

— Peça para eles baixarem o tom, Kitten.

Bones resmungou quando entrou no quarto.

— Não posso ouvir meus malditos pensamentos.

Ergui o tom de voz para garantir que fosse ouvida não só pela casa, mas também na varanda e no quintal.

— Por favor, pessoal, podem pegar leve com a tagarelice?

Dúzias de conversas se silenciaram instantaneamente mesmo eu tendo feito um pedido ao invés de uma ordem. Eu ainda ficava desconfortável com o fato de minha nova indesejada habilidade fazer com que os fantasmas tivessem que obedecer qualquer que fosse meu comando. Eu não queria esse tipo de poder sobre ninguém, então eu era muito cuidadosa na forma como eu expressava minha comunicação com os mortos espectrais. Especialmente com meu tio. Pensei em como as coisas tinham mudado. Durante anos, quando eu trabalhava como um dos soldados de elite de Don, eu me irritava em ter que seguir suas ordens. Agora ele tinha que seguir as minhas, se eu assim o quisesse, algo que eu desejava naquela época e que agora não posso esperar pra me livrar.

Bones afundou na cadeira mais próxima de mim. Seu corpo magro e musculoso exalava uma inebriante mistura de sensualidade e energia mesmo estando sentado esparramado e de forma casual, um pé descalço encostado contra minha coxa. Seu cabelo escuro estava húmido devido ao banho recente, fazendo com que os cachos curtos aderissem ainda mais a sua cabeça. Uma gota de água desgarrada traçava preguiçosamente o caminho descendo seu pescoço em direção aos duros sulcos em seu peito, me fazendo humedecer os lábios com uma urgência repentina de traçar aquele caminho com a língua.

Se estivéssemos sozinhos, eu não teria necessidade de reprimir essa urgência. Bones estaria muito disposto a ceder a uma tarde prazerosa. Seu desejo sexual era tão lendário quanto sua periculosidade, mas com dois



fantasmas nos observando, minhas explorações com a língua teriam que esperar até mais tarde.

— Se mais fantasmas barulhentos continuarem aparecendo, vou plantar alho e maconha ao redor da casa toda.

Bones afirmou em tom de conversa.

Meu tio olhou para ele com raiva, sabendo que esses dois itens, em grande quantidade, iriam repelir a maioria dos fantasmas.

— Não até eu estar onde deveria.

Tossi, algo que eu não precisava fazer desde que respirar se tornou opcional para mim.

— Até que isso cresça, esse poder deve estar fora do meu sistema. O tempo mais longo que exerci habilidades emprestadas foi dois meses. Já faz quase isso desde... bem.

Ainda não era de conhecimento geral que Marie Laveau, rainha vudu de Nova Orleans, era o motivo por eu ser, agora, o equivalente a uma mãe acolhedora fantasmagórica. Foi o sangue dela que fui forçada a beber. Yeah, mais tarde eu entendi porque ela me fez fazer isso, mas na hora, fiquei mais do que puta da vida.

— Conheci um fantasma uma vez que levou três semanas para fazer a travessia.

Fabian, que estava próximo ao batente da porta, falou. Devido ao meu sorriso de agradecimento, ele entrou.

— Tenho certeza de que Cat vai pensar em algo que irá te ajudar a fazer a jornada.

Ele acrescentou com uma confiança suprema.

Abençoado Fabian. Verdadeiros amigos aparecem em todas as formas, até mesmo transparentes.

Don não estava convencido.

— Estou morto faz mais de cinco semanas.

Ele respondeu simplesmente.

— Você conhece alguém que levou tanto tempo para fazer a travessia?

Meu celular tocou, dando a Fabian uma desculpa para não responder



enquanto eu o atendia. A interrupção veio na hora certa também, pois pela sua expressão, Don não teria gostado da resposta de Fabian.

— Cat.

Não precisei olhar para os números para reconhecer Tate, meu ex primeiro oficial, somente com aquela única sílaba. Provavelmente ele estava ligando para falar com Don, mas como a voz de um fantasma não funciona bem com tecnologia, eu teria que agir como transmissor.

— Hei, como está?

Falei, acenando para Don enquanto movia os lábios para dizer que era o Tate.

— Você pode vir para o complexo essa noite?

A voz de Tate soava estranha. Formal demais.

— O consultor operacional da equipe gostaria de conhecer você.

Consultor operacional?

— Desde quando temos um desses?

Perguntei, esquecendo que eu não fazia mais parte do time “nós” fazia algum tempo.

— Desde agora.

Tate respondeu sem rodeios.

Olhei para Bones, mas não esperei por seu gesto de ombros concordando antes de responder. Não tínhamos planos importantes e minha curiosidade foi provocada.

— Tudo bem. Vejo você dentro de algumas horas.

— Não venha sozinha.

Tate sussurrou a última parte pouco antes de desligar. Ergui a sobrancelha, mais por ele ter feito a frase inaudível para qualquer um sem audição sobrenatural do que pelas palavras em si.

Algo mais estava acontecendo. Eu sabia que ele não estava me pedindo para levar Bones, já que Tate sabia que ele sempre me acompanhava nas viagens para meu antigo local de trabalho. Tate devia estar querendo dizer outra pessoa e havia só uma pessoa na qual eu podia pensar.



Eu me virei na direção de Don.

— Está a fim de uma excursão?

Visto do ar, o complexo parecia uma construção térrea indefinida, rodeada por um grande espaço de estacionamento desperdiçado. Na verdade, era um antigo abrigo nuclear militar, que tinha quatro extensos subníveis abaixo de seu exterior deliberadamente simples. A segurança era rígida aqui, da forma como você poderia esperar de uma instalação governamental secreta que vigiava as atividades dos mortos-vivos. Ainda assim, eu fiquei surpresa quando tivemos que sobrevoar a área por dez minutos antes que nosso helicóptero tivesse autorização para pousar. Não era como se estivessemos passando para uma visita inesperada, por favor.

Bones e eu saímos do helicóptero, mas fomos parados por três guardas de capacete quando tentamos entrar pelas portas duplas do telhado.

— Identidade.

O guarda mais próximo a nós gritou.

Eu ri.

— Boa, Cooper.

As viseiras dos guardas eram tão escuras que eu não podia ver suas feições por baixo delas, mas todos eles tinham pulsação e Cooper era o único dos meus velhos amigos humanos que era espertinho o suficiente para fazer tal brincadeira.

— Identificação.

O guarda repetiu, pronunciando a palavra de forma lenta o suficiente para determinar que sua voz não me era familiar. Ok, não era Cooper e nem era uma brincadeira. Os guardas que o acompanhavam seguraram suas armas automáticas com mais força.

— Não gosto disso.

Don murmurou, vindo flutuar do meu lado. Nenhum dos guardas nem ao menos piscou em sua direção, mas claro, como humanos, eles não podiam vê-lo.

Eu também não gostava disso, mas era óbvio que esses guardas foram instruídos a verem nossas identidades antes de nos deixarem entrar. Eu comecei a fuçar no meu bolso, tendo aprendido da maneira mais difícil a



carregar sempre uma carteira mesmo que eu não achasse que fosse precisar, mas Bones só sorriu para o trio.

— Querem minha identificação?

Ele perguntou suavemente.

— Aqui está.

Então seus olhos mudaram de cor para o verde esmeralda brilhante enquanto presas cresciam de seus dentes superiores, alcançando sua extensão completa como pequenas adagas de mármore.

— Deixem-nos passar ou iremos embora e você pode explicar para seu chefe que os visitantes que ele esperava tinham coisas melhores a fazer do que desperdiçar tempo.

O guarda que exigiu nossa identidade hesitou por um momento, então deu um passo para o lado sem falar uma palavra. As presas gêmeas brilhando dos dentes de Bones se retraíram e seus olhos voltaram a cor castanho escura de antes.

Coloquei a carteira de volta nas calças. Acho que eu não ia precisar da minha carteira de motorista afinal de contas.

— Sábua escolha.

Bones comentou. Passei pelos guardas com ele seguindo atrás de mim, meu tio ainda murmurando que não gostava disso. Não mesmo, pensei, mas eu não falei por motivo a mais do que não querer parecer que eu estava falando sozinha. Essa era a primeira viagem de Don de volta ao edifício que ele comandou por anos e onde recentemente morreu. Agora ele estava retornando em uma forma sobrenatural que a maioria de seus colegas não podiam nem ao menos ver. Isso devia ser mais frustrante do que eu podia imaginar.

Descemos o corredor em direção ao elevador e, mentalmente, cataloguei as diferenças desde a última vez em que estive aqui. Costumava ter dois escritórios nessa seção, mas agora os únicos sons de atividade eram nossos passos constantes no chão de linóleo.

Quando entramos no elevador, apertei o botão para o segundo subnível, onde os escritórios da equipe eram localizados. Um agudo senso de déjà vu tomou conta de mim quando as portas brilhantes se fecharam. A última vez que eu peguei esse elevador para descer foi para correr para o lado do leito de Don para me despedir. Agora ele estava do meu lado, o outro lado do elevador visível de forma nublada através de seu perfil. A vida certamente tinha algumas curvas no caminho que eu nunca teria antecipado.



— Só pra você saber, se eu ver uma luz brilhante enquanto eu estiver aqui, vou correndo para ela sem esperar você dizer uma maldita palavra.

Meu tio disse, quebrando o silêncio.

A ironia em sua voz me fez rir.

— Eu estaria torcendo por você o caminho todo.

Garanti a ele, feliz por seu senso de humor mordaz não ter desaparecido apesar da aspereza das últimas semanas.

O elevador parou e nós saímos. Instintivamente eu queria me virar na direção de onde costumava ser o escritório de Don, mas ao invés disso eu virei à esquerda. Tate disse que não parecia certo se mudar para o antigo escritório de Don mesmo que ele fosse o maior e tivesse uma mini estação de comando nele. Eu não o culpava. Pareceria como um assalto de túmulo tirar as coisas de Don de seu escritório enquanto ele ainda estava, tecnicamente, aqui, apesar de somente poucas pessoas no edifício estarem cientes disso. Meu tio não quis que ninguém soubesse de seu novo status de fantasma, mas eu recusei esconder a informação de qualquer membro imortal da equipe que podiam ver e falar com Don.

A porta de Tate estava entreaberta. Entrei sem bater apesar de saber que ele não estava sozinho. Alguém com pulsação estava lá dentro com ele. Uma pulsação e colônia demais para um nariz sensível de vampiro.

— Hei, Tate.

Eu disse, notando como sua postura estava rígida mesmo apesar do fato de ele estar sentado. O motivo para sua tensão devia ser o homem alto e magro que estava de pé há alguns metros da mesa de Tate. Ele tinha cabelo grisalho cortado no mesmo estilo militar que Tate usava, mas algo em sua atitude sugeria que seu cabelo era a única influência militar que ele tinha. Sua postura era relaxada demais, suas mãos ostentavam calos que eu apostaria que vinham de canetas ao invés de armas. Seu olhar assustado revelou que ele não sabia que estávamos aqui antes de falarmos alguma coisa e, já que vampiros eram sorrateiros, eu não fiz questão de fazer barulho enquanto nos aproximávamos.

A arrogância em seu olhar, assim que ele se recuperou da surpresa, me fez reclassificá-lo de civil para um burocrata do governo. Geralmente só duas coisas contavam para uma atitude super confiante imediata em um primeiro encontro: uma riqueza de habilidades imortais fodonas ou uma pessoa que acreditava firmemente que seus contatos significavam que ele podia fazer suas próprias regras. Já que o Sr. Metido era humano, ele se encaixava na última



categoria.

— Você deve ser o novo consultor operacional.

Eu disse, sorrindo de uma forma que pareceria amigável para alguém que não me conhecia.

— Sim.

Foi sua resposta fria.

— Meu nome é —.

— Jason Madigan.

Don completou a frase ao mesmo tempo em que o grisalho contratado do governo. A voz do meu tio soou tensa, quase chocada.

— O que ele está fazendo aqui?



Capítulo Dois

Mantive minha atenção em Madigan, não olhando para o Don, apesar de ter sido meu primeiro instinto. Não podendo alertar que havia um fantasma na sala, e a pergunta tinha sido retórica, desde que Don sabia que Madigan não podia ouvi-lo.

– Cat Crawfield... Russel.

Eu me apresentei. Ok, Bones e eu não estávamos casados de acordo com a lei humana, mas pelos padrões vampíricos, nós estávamos mais unidos do que um pedaço de papel poderia um dia unir duas pessoas.

Uma onda de prazer varreu meu subconsciente, vazando do escudo que Bones havia erguido em torno de si assim que nosso helicóptero pousou. Ele gostou que eu adicionei o sobrenome com o qual ele nasceu ao meu próprio. Essa era toda a oficialidade que precisava para decidir que eu seria Catherine Crawfield Russel de agora em diante.

Mesmo que eu não precisasse da reação do Don para deduzir que Madigan seria uma dor no meu traseiro, anos de rigorosa educação na fazenda tornaram impossível eu não oferecer minha mão. Madigan olhou para ela por uma fração de segundo muito longa, antes de sacudi-la. Sua hesitação revelou que Madigan tinha um preconceito contra mulheres ou vampiros, nenhum dos dois fazia com que eu gostasse mais dele. Bones declarou seu nome sem minhas compulsões por oferecer a mão, mas novamente, sua infância foi gasta mendigando ou roubando para sobreviver às duras circunstâncias de ser o filho bastardo de uma prostituta na Londres do século 18. Não sendo infinitamente ensinado sobre boas maneiras e respeitar os mais velhos, como a minha. Ele encarou Madigan sem piscar, suas mãos descansando nos bolsos da sua jaqueta de couro, seu meio sorriso mais desafiador do que cortês.

Madigan pegou a dica. Ele largou minha mão e não tentou estendê-la para o Bones. A menor expressão de alívio poderia ter atravessado seu rosto também.

Preconceito contra vampiros, então. Perfeito.

– Você estava certo, não é?

Madigan disse ao Tate com uma alegria que soou falsa.

– Ele veio com ela.

Por um segundo, olhei para o Don. Bom Deus, Madigan podia vê-lo? Ele



era humano, mas talvez Madigan tivesse alguma habilidade psíquica...

– Com vampiros, se você convidar um dos cônjuges, o outro está automaticamente incluso também. – Bones respondeu. – Essa é uma regra antiga, mas eu vou te perdoar por não conhecê-la.

Oh, Madigan se referia ao Bones. Sufoquei meu bufo. O que ele disse era verdade, mas mesmo se não fosse, Bones não teria ficado para trás. Eu não trabalho mais aqui, portanto não é como se eu pudesse ser ameaçada com algo se Madigan não gostasse da minha atitude. E ele não gostaria, eu podia prometer isso a ele.

– Qual o lance da verificação de identidade no telhado?

Perguntei para acabar com a competição de encarar entre Madigan e Bones, a qual o consultor perderia. Ninguém supera um vampiro nisso.

Madigan voltou sua atenção para mim, seu cheiro natural azedando levemente sob sua colônia exagerada.

– Uma das falhas que notei quando cheguei dois dias atrás é que ninguém checkou minha identidade quando pousei. Essa instalação é muito importante para ser comprometida por algo tão simples como segurança negligente.

Tate se enfureceu, indícios de esmeralda aparecendo nos seus olhos índigos, mas eu apenas bufei.

– Há três pontos de segurança no chão, mas se você está chegando pelo ar, eles teriam que ter checado duas vezes a identificação da aeronave, a tripulação, e o plano de voo, para quem estar dentro ser quem é suposto ser. Além disso, – outro bufar – Se alguém *não permitido* chegar aqui pelo ar, você acha que eles serão capaz de escapar nas aeronaves deles ao alcance de mísseis e vários vampiros capazes de rastreá-los apenas pelo cheiro?

Ao invés de estar ofendido pela minha análise brusca de quão inútil era a verificação de identidade no terraço, Madigan apenas me encarou de uma forma pensativa.

– Ouvi que você tem dificuldade com autoridades e seguir ordens. Parece que não foi exagerado.

– Não, isso é verdade, – respondi com um sorriso alegre. – O que mais você ouviu?

Ele moveu uma mão desprezando.



– Muitas coisas para listar. Sua equipe antiga falou tão bem de você que eu simplesmente tive que te conhecer.

– Yeah?

Eu não engoli que essa era a razão de eu estar aqui, mas fingi que concordei.

– Bem, não importa o que faça, ignore o que minha mãe tem a dizer sobre mim.

Madigan nem sequer deu sinal de um sorriso. Idiota irritado.

– O que um consultor de operações faz, eu me pergunto?

Bones perguntou, como se não estivesse ocupado usando seus dons de leitura de mentes para roubar Madigan desde o momento em que chegamos. Eu mesma teria feito a mesma coisa, mas minhas habilidades de fuçar mentes não estavam ativas no momento.

– Garante que a transferência da administração em um departamento altamente sensível da Segurança Interna seja tão tranquila quanto tenha que ser para o bem da segurança nacional.

Madigan disse, aquela presunção de volta ao seu tom.

– Examinarei todos os registros pelas próximas semanas. Missões, pessoal, orçamento, tudo. Este departamento é muito crítico para apenas *esperarmos* que o Sargento Bradley esteja pronto para a tarefa de dirigi-lo.

Tate sequer moveu um músculo, apesar de que o insulto implícito deva ter queimado. Dentre todos os problemas que tive com ele no passado, a competência de Tate, dedicação e trabalho ético nunca estiveram entre eles.

– Você não vai encontrar ninguém mais qualificado para dirigir essa operação agora que Don se foi.

Eu disse com um tom duro.

– Não é por isso que ele está aqui.

Don sibilou. Ele esteve quieto pelos últimos minutos, mas agora soava mais agitado do que eu alguma vez o ouvi. Será que virar um fantasma deu ao meu tio normalmente cortês menos controle sobre suas emoções, ou ele e Madigan tinham uma história desagradável juntos?

– Ele está atrás de algo mais importante do que uma auditoria sobre a performance do Tate.



Don continuou.

– Estou particularmente interessado em conseguir os *seus* registros.

Madigan me disse, alheio à outra conversa na sala. Dei de ombros.

– Divirta-se. Espero que goste de histórias de caras maus – ou garotas – tendo um fim.

– Meu tipo preferido.

Madigan respondeu com um brilho em seus olhos que eu não me importei.

– Dave, Juan, Cooper Geri e minha mãe estão na Sala da Destruição?

Perguntei, farta de jogar aquele jogo estúpido de palavras implícitas. Vê-los me distrairia da vontade que eu tinha de procurar um enorme microfone na bunda de Madigan. Se eu gastasse mais tempo com ele, meu temperamento poderia submeter meu senso comum, e isso não seria bom. A coisa mais inteligente a fazer seria se fingir de dócil e deixar Tate descobrir se Madigan estava realmente farejando por essa operação por segundas intensões.

– Porque você quer saber a localização deles?

Madigan perguntou friamente, como se eu tivesse intensões horríveis das quais ele tivesse que protegê-los.

Meu sorriso escondeu o fato de que eu estava cerrando meus dentes.

– Porque desde que eu estou aqui, eu quero dizer oi para os meus amigos e família.

Conseguí responder, orgulhosa de mim mesma por não terminar a frase com *idiota*.

– Soldados e recrutas estão muito ocupados para largar o que estão fazendo apenas porque um visitante quer conversar.

Madigan falou enfaticamente.

Minhas presas saltaram por vontade própria, quase doloroso com meu desejo de rasgar a expressão esnobe direto do rosto enrugado de Madigan. Talvez algo disso aparecesse em meu rosto, porque ele seguiu aquele comentário com:

– Devo te avisar, qualquer ação hostil contra mim será tomada como um ataque contra o próprio Estados Unidos.



– Idiota pomposo.

Don rosou, avançando para o Madigan antes de parar abruptamente, como se lembrasse que não havia uma única coisa que ele pudesse fazer contra ele em seu estado atual.

Uma corrente de alerta cortou pelas minhas emoções furiosas, o aviso silencioso de Bones para eu me controlar. Eu fiz, forçando minhas presas a se retraírem e meus olhos do verde chamuscante para sua normal cinza sombrio.

– O que pode ter lhe dado a ideia de que eu iria te atacar?

Perguntei, tornando minha voz tão inocente e surpresa quanto pude, enquanto mentalmente o dobrava na forma de um pretzel.

– Posso ser novo aqui, mas tenho estudado extensivamente relatórios sobre sua espécie.

Madigan disse, deixando cair a faixa arrogante de homem do governo por um instante para mostrar a hostilidade nua por baixo.

– Todos eles mostram que os olhos dos vampiros mudam de cor exatamente antes do ataque.

Bones riu, um som carinhoso que divergia com a energia perigosa começando a empurrar as paredes dele.

– Besteira. Nossos olhos ficam verdes por razões que não têm nada a ver com intenção de matar – e eu tenho visto vampiros rasgarem gargantas sem a menor mudança na cor da íris. Esta é a única experiência que você tem com vampiros? Relatórios?

A última palavra estava pesada com um desdém educado. Madigan ficou visivelmente tenso.

– Tenho experiência suficiente para saber que alguns podem ler mentes.

Bones sorriu abertamente.

– Não deveria te preocupar. Homens com nada a esconder não têm nada a temer. Certo, companheiro?

Esperei para ver se Madigan piraria e acusaria o Bones abertamente de espreitar em sua mente durante a conversa, mas ele simplesmente ajustou seus óculos de armação de metal como se a localização deles em seu nariz fosse de máxima importância.

– Sua mãe e os outros terminarão o treino em uma hora.



Tate disse, as primeiras palavras que ele falou desde que entramos em seu escritório.

– Vocês podem esperar aqui, se quiserem. Madigan já estava de saída.

– Você está me *dispensando*?

Madigan perguntou com um toque de incredulidade.

A expressão de Tate era suave. – Você não disse, logo antes de Cat chegar aqui, que você já tinha me aguentado o suficiente por hoje?

As bochechas de Madigan ficaram levemente coradas. Não por vergonha, devido ao seu cheiro batizado com toques de querosene. Indignação cuidadosamente controlada.

– Eu disse – ele respondeu brevemente. – Você terá aqueles relatórios pra mim de manhã? Presumo que ficar acordado o resto da noite não deva ser difícil para alguém como você.

Oh, que *idiota*. Minhas presas fizeram aquela coisa *de deixa eu pegar ele!* novamente, mas dessa vez, eu as mantive em minha gengiva, enquanto também sufocava o verde nosferatu de pular em meu olhar.

Então Madigan se virou para nós.

– Cat. Bones.

Ele disse nossos nomes como se devêssemos nos desculpar por eles, mas eu só dei um sorriso forçado como se eu já não o tivesse estripado várias vezes até agora em minhas fantasias.

– Tão bom conhecer você.

Eu disse, esticando minha mão novamente só porque eu sabia que ele não queria tocá-la.

Ele a pegou com o mesmo leve intervalo que tinha mostrado da última vez. Eu não espremi no minuto em que a segurei, mas oh, era tentador.

Assim que eu o soltei, Madigan saiu do escritório de Tate, deixando uma nuvem de loção pós barba e irritação atrás dele.

– Vou segui-lo, – meu tio disse sem rodeios. – E não vou voltar com você mais tarde, Cat.

Olhei de relance para Tate, que acenou com a cabeça para mim de modo quase imperceptível. Na verdade, eu estava aliviada que ele não tentasse discutir. Don podia espionar Madigan de forma muito mais eficiente do



que Tate ou qualquer outro. Talvez Madigan estava aqui porque Tio Sam só estava sendo paranoico por ter um vampiro no comando de uma operação que caçava e escondia evidência de mortos-vivos. Se fosse isso, Madigan seria um desperdício de dinheiro do contribuinte controlando essa operação só pra chegar a conclusão de que Tate era um excelente substituto para Don. Sua ficha era impecável, então eu não temia por Madigan desenterrando qualquer esqueleto no armário de Tate—real ou metafórico.

Mas não era por isso que eu estava contente que meu tio estivesse se focando mais em Madigan do que em encontrar seu caminho para a eterna porta do outro lado. Se Madigan tivesse um motivo mais sinistro para estar aqui, Don podia nos alertar mais rápido do que qualquer outro. Eu tinha fé em Tate, Dave e Juan serem capazes de saírem daqui se a antipatia de Madigan pelos imortais desse uma guinada mais ameaçadora, mas minha mãe, por toda sua petulância, simplesmente não era tão durona quanto eles.

E essa não era uma construção normal da qual ela podia simplesmente arrebentar uma parede para escapar. O quarto subnível era construído para conter vampiros contra sua vontade. Eu sabia. Eu o projetei no passado quando estava capturando vampiros para que os cientistas de Don pudessem fazer uma maravilhosa droga sintética chamada Brams. Essa droga, derivada do composto de cura do sangue imortal, tinha mantido vários membros do nosso time vivos depois de terem sofrido ferimentos graves. Então Bones se juntou a operação e Don superou seu medo de que sangue de vampiro em estado natural—muito mais eficiente em curar do que Brams—transformaria alguém que o bebesse em algo perverso. Bones doou o suficiente de seu sangue para Don fracionar para os membros feridos do time quando necessário, e as celas de vampiros no quarto subnível tinham permanecido vazias por anos como resultado disso.

Mas isso não significava que elas não pudessem ser colocadas em uso novamente, se Don estivesse certo e Madigan estivesse aqui por outros motivos além de avaliação de rotina...

Ou talvez eu tivesse tanta merda acontecendo ultimamente que pensava o pior de todo mundo agora, tendo razão válida ou não. Balancei a cabeça para desanuviar. Por tudo que Madigan me irritou, não fazia muito tempo que Don teve o mesmo preconceito sobre vampiros. Inferno, fazia menos de oito anos que *eu pensava* que um bom sugador de sangue era um sugador de sangue morto também! Sim, a atitude de Madigan gritava Bastardo Burocrático Suspeito, mas espero que passar algum tempo com Tate, Juan, Dave e minha mãe o faria perceber que havia mais nos sobrenaturais do que o que ele tinha lido nas páginas de relatórios confidenciais de assassinato.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110566562>

– Então o que você acha dele?

Tate falou lentamente, aquela tensão não estando mais em seu tom de voz.

– Que ele e eu não seremos melhores amigos.

Foi o que eu disse. Não havia necessidade de dizer mais quando a sala podia estar grampeada.

Tate rosnou. – Estou tendo essa vibração também. Talvez seja uma boa coisa que... circunstâncias sejam o que são.

Pela alusão cuidadosa de Tate à condição de Don, era óbvio que ele também não ia arriscar que nossas palavras fossem repetidas para Madigan mais tarde.

Eu dei de ombros concordando. – Acredito que tudo aconteça por uma razão.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cm=110566562>

Capítulo Três

No momento em que eu e Bones entramos no carro para nossa última etapa para casa, faltava só uma hora para amanhecer. Poderíamos ter voltado para nossa casa em Blue Ridge mais rápido se tivéssemos voado o caminho todo, mas era menos exibido manter nosso helicóptero no aeroporto particular local. Mesmo que nosso vizinho mais próximo estivesse há mais de uma dúzia de acres de distância, um helicóptero indo e vindo tendia a chamar muito mais atenção do que um carro. Quanto mais baixa nossa exposição nos arredores de nossa casa, melhor.

No entanto, assim que estávamos em nosso carro, Bones e eu pudemos falar livremente. O primeiro item na minha lista de afazeres depois de eu dormir um pouco era ter o helicóptero vistoriado em busca de escutas. Madigan me pareceu ser o tipo que consideraria procedimento operacional padrão ter dispositivos de escuta e rastreamento plantados em nosso helicóptero enquanto Bones e eu estávamos no complexo. Inferno, quando eu comecei com o time e todos se preocupavam que eu me viraria para o lado negro, Don tinha grampeado meu veículo e feito me seguirem 24 horas por dia, 7 dias na semana. Meu tio levou anos para confiar em mim o suficiente para desistir da vigilância e dos fiozinhos. Algo me dizia que Madigan levaria ainda mais tempo.

– Então, como é a mente dele? – Perguntei.

Bones me olhou de soslaio enquanto navegava pelas estradas sinuosas.

– Turvo. Ele suspeita claramente das minhas habilidades e criou uma defesa decente contra elas.

– Jura?

Madigan não me impressionou como tendo força mental excepcional necessária para evitar a leitura de mente do Bones, mas acho que isso significa que eu o subestimei.

– Ele repete rimas sem parar em sua mente, fazendo disso a maior parte do que escuto.

Bones respondeu com uma admiração relutante.

– Consegui pegar algumas poucas coisas por entre elas, tipo como ele acredita que se lavando de colônia irá neutralizar a habilidade de um vampiro em sentir o cheiro de suas emoções e que ele desprezava Don. A mera menção ao nome de seu tio causou uma enorme quantidade de insultos que apareceram em seus pensamentos.



– Don também não parecia gostar muito dele.

Eu teria que perguntar para meu tio sobre a história deles da próxima vez que eu o visse. Talvez fosse tão simples quanto a rivalidade sobre uma mulher; que foi o suficiente para começar a Guerra de Tróia, afinal de contas. Porém, desde que Madigan mantivesse suas ações transparentes, o que quer que tivesse acontecido entre ele e Don no passado não importava. Madigan achava que meu tio estava morto e enterrado. Ele não sabia que estava certo em só uma dessas questões.

– Ele também não confia em vampiros profundamente, como você mesma adivinhou. – Bones acrescentou.

– Além disso, tudo que ouvi foram repetições suficientes de ‘num ninho de mafagafos tinham seis mafagafinhos’ para me fazer querer me enfiar uma estaca eu mesmo.

Eu ri. Talvez por baixo da pompa e preconceito de Madigan, se escondia um senso de humor. Isso me deu esperança. Orgulho não era o pior defeito do mundo e preconceito contra vampiro podia ser superado com o tempo. Mas, na minha opinião, a falta de senso de humor era um defeito insuperável.

– Fico grata por minhas habilidades de ler mentes não estarem funcionando direito naquela hora.

Bones grunhiu. – Sorte sua, pet.

Já que eu tinha feito de Bones minha dieta regular, havia mais dias em que eu podia ler a mente de humanos do que dias em que não podia, mas de vez em quando, essa habilidade sumia. Eu atribuía isso ao fato de ler mentes ser um poder que Bones havia herdado recentemente quando seu co-regente, Mencheres, compartilhou algumas de suas habilidades formidáveis através de um laço de sangue. Pena eu também não ter essas pausas ocasionais do meu sistema interno de paginação de fantasmas, mas mais uma vez, a essência mágica espectral no sangue de Marie Laveau teve séculos para fermentar.

Finalmente, viramos na última estrada de cascalho que levava à nossa casa. Já que ela era no topo de uma pequena montanha, ainda levou alguns minutos até entrarmos na nossa garagem. Vários fantasmas vagavam por nossa varanda e pelas árvores ao redor, a energia deles fazendo minha pele formigar com uma sensação de fracas agulhadas. Todas as cabeças se viraram para minha direção quando nosso carro parou, mas pelo menos eles não se precipitaram na minha direção quando sai. Tive que explicar várias vezes que mesmo que eu apreciasse o entusiasmo deles, só o meu gato era permitido rodopiar em volta de mim quando ou voltava pra casa.



– Olá todo mundo.

Cumprimentei, girando ao redor para incluir todos eles. Então estendi as mãos, meu sinal de que quem quisesse podia passar voando por elas. Imediatamente, uma linha constante de formas prateadas veio até mim, minhas mãos quase queimando devido aos múltiplos contatos que os fantasmas faziam.

Isso ainda parecia uma versão esquisita de um ‘toca aqui’, mas eu vim a descobrir que fantasmas desejavam contato mesmo eles passando através de quem quer – e o que quer – que eles tocassem. E pelo menos minhas mãos eram uma parte do corpo bem mais apropriada para eles assombrarem do que outras áreas que alguns deles tinham “acidentalmente” atravessado voando. Aplicar uma ordem de despejo imediato para qualquer fantasma que fizesse uma demonstração aérea abaixo da cintura, colocou um ponto final naqueles incidentes.

Bones deu um suspiro sarcástico quando passou por mim para entrar na casa. Eu sabia que não era a única contando os dias até que os poderes emprestados da rainha vudu saíssem do meu sangue. Mesmo apesar de ele entender os motivos por trás disso, Bones gostava de um monte de homens e mulheres diferentes zunindo através do meu corpo tanto quanto eu gostava de me deparar com seus incontáveis ex casos.

Assim que terminei minha forma única de dizer olá, entrei na casa, deixando minha jaqueta sobre a cadeira mais próxima. A voz de Bones impediu que eu desabasse meu corpo nela em seguida, seu sotaque britânico mais nítido devido a irritação.

– Fabian du Brac, acredito que você tenha um bom motivo pra isso?

Uh-oh, Bones não usava o nome completo de Fabian a não ser que ele estivesse nervoso e haviam somente poucas regras que estabelecemos quando deixamos Fabian morar conosco. Quando entrei na sala de estar, vi qual das regras Fabian havia quebrado.

– Hum, oi.

Eu disse para a fantasma mulher flutuando ao lado de Fabian. Ela usava um vestido escuro, particularmente sem forma, que fazia o possível para esconder o que deve ter sido uma silhueta estilo Marilyn Monroe quando ela tinha pele e seu coque simples só acentuava o quanto naturalmente bonito era seu rosto.

Bones não parecia impressionado pelo aspecto da nova adorável fantasma. Ele continuava a olhar para Fabian de forma opressora, com a



sobrancelha escura arqueada em tom de desafio.

Fabian sabia que só ele e meu tio eram permitidos flutuarem dentro de nossa casa. Afinal de contas, tivemos que estabelecer algumas regras básicas para proteger nossa privacidade. Caso contrários, teríamos fantasmas nos seguindo de sala em sala, até mesmo seguindo Bones e eu no chuveiro ou fazendo vários comentários sobre nossas atividades no quarto. Aquela coisa toda de viajar por entre as paredes fez com que a maioria dos fantasmas se esquecessem do que era comportamento apropriado e inapropriado.

– Posso explicar.

Fabian começou, olhando para mim de forma suplicante por sobre o ombro de Bones.

– Permita-me.

A fantasma respondeu com um sotaque que deve ter sido Alemão.

– Primeiro, deixe eu me apresentar. Meu nome é Elisabeth.

Ela fez uma reverência, primeiro para Bones, então para mim enquanto ela falava, sua voz estável apesar de seu óbvio desconforto.

Um pouco da tensão se aliviou dos ombros de Bones enquanto ele se curvava em resposta enquanto estendia a perna de uma forma que tinha saído de moda séculos antes de eu nascer.

– Bones.

Ele respondeu, endireitando o corpo.

– Prazer em conhecê-la.

Disfarcei um sorriso. Bones pode ser capaz de esnobar a mão estendida de Madigan sem pensar duas vezes, mas ele sempre teve um fraco por mulheres. Eu decidi por dar um sorriso para Elisabeth e um aceno de boas vindas enquanto dizia meu nome. Hei, reverência não era algo que eu tivesse feito antes, mas eu aprenderia só de ver Bones fazer novamente. De alguma forma ele conseguia fazer até o gesto mais formal parecer sensual.

– Fabian não achou sensato revelar minha presença para os outros.

Elisabeth prosseguiu, desviando minha atenção das minhas reflexões.

– Por isso que ele me convidou a esperar aqui dentro pelo seu retorno.

Ela falou principalmente para mim apesar de seu olhar se desviar para Bones mais de uma vez em uma leve confusão. Acho que a notícia de que



Bones não estava nada animado com minha nova popularidade entre os desprovidos de vida viajou longe.

– Sou considerada uma pária por muitos da minha espécie.

As palavras foram sussurradas tão baixo que eu quase não tive certeza de tê-la ouvido.

– Uma pária?

Repeti. Eu nem ao menos sabia que fantasmas *tinham* párias. Jeez, parecia que nenhum grupo podia se dar bem totalmente não importa de que lado do solo eles estivessem.

– Por quê?

Elisabeth alinhou os ombros enquanto encontrava meu olhar.

– Porque estou tentando matar outro fantasma.

Arregalei as sobrancelhas enquanto dúzias de perguntas brotavam em minha mente. Bones soltou um assobio baixinho antes de se virar e me dar um leve sorriso cansado.

– Poderia muito bem estar confortável para ouvir o resto disso, então por que não nos sentamos?

Fabian apontou para as janelas com cortinas.

– Talvez primeiro você pudesse conseguir mais privacidade, Cat?

Certo. Os outros fantasmas podiam não serem capazes de ver nossa nova visitante enigmática, mas se eles flutuassem para muito perto da casa eles podiam, acidentalmente, ouvir o resto da nossa conversa com Elisabeth. Suspirei.

– Espere aqui. Já volto.

Assim que insisti educadamente para que todas as pessoas transparentes desocupassem o local pela próxima hora, voltei para a sala principal. Bones sentou no sofá, um copo de uísque meio vazio em sua mão. Vampiros eram os únicos entre poucos que podiam honestamente dizer que bebiam pelo sabor já que o álcool tinha efeito zero em nós.

Fabian e Elisabeth pairavam na posição sentada sobre o sofá oposto a Bones. Eu sentei perto do meu marido, aconchegando minhas pernas mais por calor do que conforto. Madrugadas no início do outono nessas altitudes



significavam temperaturas frias. Se eu não esperasse estar na cama logo, eu teria acendido o fogo. Para minha sorte, meu gato, Helsing, entendeu minha posição de estar sentada como uma dica para pular de seu lugar na janela para o sofá, perto de mim. Seu corpo peludo era como uma mini fornalha quando ele se acomodou entre minhas pernas.

– Então.

Falei, pronunciando a palavra lentamente enquanto eu coçava ao redor das orelhas de Helsing.

– Como vocês dois se conhecem?

– Nos conhecemos em Nova Orleans várias décadas atrás.

Elisabeth murmurou.

– Junho, 1935.

Fabian informou antes de dar uma de suas coçadas inconscientes em suas costeletas.

– Eu me lembro porque estava, ah, calor de forma incomum naquele ano.

Quase mordi as laterais das bochechas para não rir. Fabian tinha uma queda pela adorável fantasma! Sua explicação fajuta de lembrar o mês a ano exato em que se encontraram, quando fantasmas nem ao menos sentiam a temperatura, foi superada somente pelo seu olhar tímido que lançou em direção a ela antes de mudar suas feições para uma falsa suavidade.

É, ele não era bom nisso, certo.

– Ok, vocês são amigos já faz algum tempo, mas você não está aqui para uma visita social, então o que te trás aqui, Elisabeth?

Presumi que tinha algo a ver com o fantasma que ela queria matar, mas se fosse isso, ela estaria sem sorte. Primeiro, eu não era uma assassina de aluguel de nenhuma espécie e Bones havia se aposentado da profissão fazia tempo. Segundo, eu não podia nem ao menos ajudar meu tio, de bom grado, a encontrar um caminho para o outro lado. Então matar premeditadamente um fantasma estava longe das minhas habilidades mesmo que eu tivesse uma vontade repentina de exterminar fantasmas, o que eu não tinha.

Ela cruzou as mãos no colo, dedos entrelaçados.

– Em 1489, aos vinte e sete anos, fui queimada na fogueira por bruxaria.



Ela começou suavemente.

Apesar de ser a mais de meio milênio atrás, eu me contrai. Fui queimada antes e nas duas vezes tinham sido experiências excruciantes.

– Sinto muito. – Falei.

Elisabeth assentiu, sem desviar os olhos de suas mãos.

– Eu não era uma bruxa.

Ela acrescentou, como se isso fizesse alguma diferença na natureza horrível de sua execução.

– Eu era uma parteira que desafiou o magistrado local quando ele acusou uma mãe de, deliberadamente, estrangular seu bebê com o próprio cordão umbilical. O tolo não sabia nada sobre complicações que aconteciam com frequência no nascimento e eu disse isso a ele. Logo depois, ele mandou buscar Heinrich Kramer.

– Quem era ele?

– Um assassino bastardo.

Bones respondeu antes que Elisabeth tivesse uma chance.

– Ele escreveu o *Malleus Maleficarum*, *The Hammer of Witches*^{*}, um livro responsável por vários séculos de caça às bruxas. De acordo com Kramer, qualquer uma em uma saia não tinha como não ser uma bruxa.”

**Malleus Maleficarum, O Martelo das Bruxas ou também chamado de Hexenhammer é considerado por muitos como o clássico texto Católico Romano sobre bruxaria, apesar de ter sido condenado, de fato, pela Inquisição em 1490 e nunca ser usado oficialmente pela Igreja Católica. Publicado pela primeira vez em 1487, o livro é notório pelo seu uso na loucura da caça as bruxas dos séculos XV a XVII.*

Então Elisabeth foi morta por um fanático homicida com um caso sério de aversão a mulheres. Eu sabia como era ser destacada por um fanático e isso me fez ainda mais simpática em relação a ela.

– Sinto muito.

Disse, dessa vez com mais sinceridade.

– Porém Kramer teve o troco, espero que tenha sido longo e doloroso.

– Não foi.



Ela disse, com um tom de amargura em sua voz.

– Ele caiu de seu cavalo e quebrou o pescoço instantaneamente ao invés de ser pisoteado e deixado para sofrer.

– Não é justo.

Concordei, enquanto pensava que pelo menos Kramer deve ter tido uma prova do seu próprio remédio no inferno.

Bones olhou longamente e de forma especulativa para Elisabeth.

– Sabe bastante detalhes sobre sua morte, não é?

Elisabeth encontrou seu olhar. Em seu estado meio nebuloso, seus olhos eram azuis médios, me fazendo pensar se eles haviam sido azuis escuros como os de Tate quando ela estava viva.

– Sim, eu quem assustou o cavalo dele.

Ela respondeu na defensiva, alheia ao trocadilho em suas palavras.

– Eu queria vingança pelo que ele fez a mim, e para colocar um final às mortes de mais mulheres na cidade para onde ele esta viajando.

– Bom para você.

Falei imediatamente. Se ela esperava ser julgada, não tinha ouvido muito sobre mim. Ou Bones.

– Gostaria de poder apertar sua mão.

– Com certeza.

Bones disse, erguendo seu uísque em saúde.

Elisabeth olhou fixamente para nós dois por algum tempo. Então, muito lentamente, ela se ergueu e flutuou, estendendo sua mão para mim.

Eu me mexi automaticamente. Acho que ela não sabia o que era uma afirmação metafórica. Então estendi a mão, me lembrando de que isso não era diferente das outras vezes em que deixava fantasmas passarem através de mim em cumprimento. Mas quando a mão dela se fechou sobre a minha, aquele sentimento comum de formigamento seguindo pelos meus dedos batendo direto através dela não aconteceu. Inacreditavelmente, um aperto gelado retribuiu o cumprimento, consistente como minha própria carne.

– Filha da puta!



Exclamei, dando um pulo e ficando de pé. Meu gato sibilou e saltou para o lado do sofá, rancoroso por ter sido tirado de onde estava.

De repente, Elisabeth estava de pé na minha frente em cores vibrantes, como se ela tivesse mudado de um canal distorcido para um em alta definição. Seu cabelo, que eu pensei ser de um marrom indefinido, brilhava com ricas mechas castanhas e seus olhos eram de um azul tão profundo que pareciam o oceano à meia-noite. Suas bochechas tinham um tom rosado, destacando uma complexidade que só podia ser descrita como pêssegos e creme.

– Inferno sangrento.

Bones balbuciou, também se levantando. Esticou a mão para segurar o braço de Elisabeth, sua expressão espelhando meu choque quando seus dedos se fecharam ao redor de carne sólida ao invés de passar através de energia vaporosa.

– Eu disse para vocês que alguns da minha espécie são mais fortes que outros.

Fabian murmurou de trás de Elisabeth.

Você não estava brincando, não é? Pensei de forma entorpecida, incapaz de parar de apertar a mão muito gelada de Elisabeth, dedos muito firmes para verificar mais uma vez que ela era realmente sólida.

Mas logo depois de eu fazer isso, senti um estalo de energia no ar, como se um balão invisível tivesse estourado. Alfinetadas e agulhadas eclodiram na minha pele enquanto a mão que eu estive segurando desaparecia. Logo em seguida, a aparência de Elisabeth voltou a ter cores opacas e o braço que Bones esteve segurando se desfez sob sua mão, deixando seus dedos curvados – como os meus estavam – ao redor de nada mais do que um contorno transparente de carne que não estava mais lá.

– O máximo que posso me fundir em forma sólida são alguns poucos minutos, mas é muito desgastante.

Elisabeth disse, como se o que ela tinha feito não fosse incrível o suficiente.

– Porém Kramer é mais forte que eu.

Senti como se meu cérebro ainda estivesse brincando de pega-pega por tudo que acabei de testemunhar.

– Kramer? Você disse que ele morreu séculos atrás.



– Morreu.

Elisabeth respondeu com uma raiva assustadora.

– Porém toda véspera do dia de Todos os Santos*, ele caminha.

* *Véspera do dia de Todos os Santos é conhecida como Halloween. Dia de Todos os Santos, conhecido por All Hallows ou Hallowmas, é uma celebração a honra deles. All Hallows é também uma forma de evocar todos os santos e mártires fiéis, conhecidos ou desconhecidos.*



Capítulo Quatro

Se um pino tivesse caído na sala, teria quebrado o silêncio repentino com o mesmo efeito de uma bomba. Eu tinha uma boa ideia do que Elisabeth queria dizer com “ele anda,” mas porque era muito absurdo para eu imaginar, tive que ter certeza.

– Você está dizendo que depois que o imbecil homicida morreu, Kramer se tornou um fantasma que pode andar por aí em *carne sólida* todo Dia das Bruxas?

Elisabeth franziu com o termo imbecil, mas ela focou no resto da minha pergunta sem hesitação.

– Até onde sei, somente nas últimas décadas Kramer tem sido capaz de se manifestar em carne uma noite inteira.

– Porque só na noite do Dia das Bruxas?

Claro, é o momento em que a muitas pessoas celebram a *ideia* de fantasmas, ghouls, vampiros e outras criaturas, mas a maioria deles não acredita que essas criaturas existam.

– É o momento em que a barreira entre os mundos está mais fina, – Bones respondeu. – A celebração do Samhain vem de muito antes de os humanos fazerem de doces e fantasias um feriado nada a ver.

Elisabeth contorceu a boca.

– Kramer não percebeu a ironia em ser fortalecido por uma noite dedicada ao que ele uma vez considerou um culto herege. Ele ainda acredita estar agindo ao lado de Deus, como se o Todo Poderoso não tivesse deixado claro que Ele não quer ter nada a ver com o Kramer.

– E o que ele faz no Dia das Bruxas?

Eu aposto cada gota de sangue no meu corpo que Kramer não o passa brincando de doçura ou travessura.

– Ele extrai “confissões” de bruxaria de três mulheres que ele coage um cúmplice humano a sequestrar, e então ele as queima vivas.

Elisabeth respondeu, um espasmo de dor cruzando seu rosto.

É oficial. Agora eu queria matar um fantasma, uma noção que eu descartei como improvável apenas vinte minutos atrás. O problema era, matar



vampiros e ghouls era minha especialidade. Não pessoas que já estavam realmente *mortas*.

– Quanto tempo até ele conseguir esse cúmplice para capturar essas mulheres?

Bones perguntou.

– Não tenho certeza, – Elisabeth respondeu. Ela desviou o olhar, como se estivesse envergonhada. – Talvez uma semana? Segui Kramer o melhor que pude ao longo dos séculos, tentando descobrir uma maneira de acabar com ele, mas ele é esperto. Ele se esquivava de mim a maior parte do tempo.

Yeah, toda essa capacidade de desaparecer faz ele ser um inferno pra seguir, mesmo pra outro fantasma. Rastreá-lo seria como tentar colocar algemas no vento.

O que trouxe outra questão.

– Você disse que muitos outros fantasmas te consideram uma pária por tentar matar um de sua espécie, que obviamente tem que ser o Kramer. Como você, ah, tenta fazer isso?

Uma imagem mental de suas figuras transparentes tentando se estrangular brilhou na minha mente.

– Ao longo dos séculos, fiz contatos com vários médiuns, convencendo-os do mal de Kramer na esperança de que algum pudesse bani-lo. Eles tentaram muitas formas diferentes, mas cada tentativa falhou. Uma vez que a notícia do que eu fiz se espalhou, eu fui evitada por muitos da minha espécie... exceto aqueles como Fabian.

O sorriso que Elisabeth lhe deu quando terminou a frase foi tão intenso que eu senti que estava invadido algo só por olhar. Talvez o interesse dele por ela seja recíproco.

– Kramer é um babaca assassino. Porque os outros fantasmas não o querem morto também?

Bones perguntou, mantendo-se na praticidade.

– Pense sobre isso, – Fabian respondeu, arrastando seu olhar do rosto de Elisabeth. – A maioria dos humanos não podem nos ver, vampiros e ghouls nos ignoram, e nós temos sido rejeitados por cada deus que alguma vez foi adorado. Tudo o que temos é um ao outro. A maioria pode simpatizar com a causa de Elisabeth, mas tentar matar um dos nossos é considerado abominável, não importa a causa.



– Mas não para você.

Eu disse, com orgulho dele por ser um dos rebeldes contra essa distorcida versão espectral de imunidade diplomática.

Fabian abaixou a cabeça.

– Talvez outros como eu se apeguem a nossa humanidade perdida mais do que o resto deles.

Não, eu pensei. Pessoas fortemente fieis aos seus princípios, como você, fazem a coisa certa não importa do que elas sejam feitas, carne ou neblina.

– Kramer só tem matado por décadas, ainda assim você tem tentado destruí-lo por centenas de anos?

O tom do Bones era leve, mas seu olhar tinha se estreitado.

– Oh, ele mata muito antes de adquirir a habilidade de queimar pessoas novamente. – Elisabeth disse categoricamente. – Ele queria atormentar aqueles que tinham a capacidade de vê-lo, levando-os à loucura ou à morte. Então assim que ele foi capaz de se manifestar, ele escolheu os mais vulneráveis: crianças, os idosos ou doentes, levando-os ao mesmo triste fim. E ninguém acreditava neles. Assim como ninguém acreditava em mim quando eu fui denunciada como bruxa e sentenciada à queimar.

Calafrios percorreram minha coluna com a ressonância fria na voz da fantasma. Se Elisabeth tem visto esse mesmo padrão brutal se repetir todos esses anos, incapaz de fazer algo para impedir, é incrível *ela* ainda estar sã. Eu nem sempre podia pegar os caras maus, mas uma das coisas à qual eu me agarrava era a esperança de que um dia, eles teriam suas justas sentenças onde quer que estejam, seja nessa vida ou na próxima. No entanto, Kramer tem conseguido escapar da punição em todos os lados da sepultura. Mesmo tendo o suficiente para lidar com meus indesejáveis poderes pegos da Marie, a questão da travessia do meu tio, e as suspeitas sobre o novo consultor operacional, a injustiça sobre Kramer caminhar livremente para torturar e matar mais pessoas inocentes foi muito para mim.

Ainda assim não foi apenas a minha raiva que me convenceu. Foi a forma como Fabian encarava Elisabeth. Então ele voltou seu olhar para mim, e o pedido naquele único olhar confirmou minha decisão.

– Eu vou te ajudar.

Eu disse para Elisabeth, erguendo minha mão em antecipação ao protesto do Bones. Fabian tinha sido fiel a mim muitas vezes no passado, mas



a única forma que pude mostrar meu agradecimento foi com um “muito obrigada”. Bem, aqui estava minha chance de mostra ao Fabian que ele era tão querido por mim quanto qualquer outro dos meus outros amigos, mesmo que ele seja o único deles sem carne. Ajudar Elisabeth não só era a coisa certa a fazer, mas também era importante para o Fabian. Sério, que outra escolha eu tinha?

Dedos frescos se enrolaram ao redor da minha mão, apertando uma vez. Desviar o olhar do Fabian para encontrar o olhar firme do Bones.

– Você não é a única que se sente em dívida com ele.

Bones disse calmamente. Então a boca dele se curvou quando ele focou em Fabian.

– Embora você poderia ter nos dado uma tarefa mais fácil.

– Farei tudo que você precisar para te ajudar.

Fabian prometeu, sua expressão brilhando com uma esperança tão grande que meu coração se contorceu. Eu podia me sentir confiante na nossa habilidade para lidar com o cúmplice do Kramer se descobríssemos quem é o novo coroinha dessa vez, mas eu nem sequer sabia se era *possível* matar um fantasma. Bones havia ameaçado um exorcismo em alguns deles antes, mas de acordo com Elisabeth, provavelmente não funcionaria. Ver a fé evidente de Fabian me deixou com medo por mais razões do que a ideia de um assassino ficando livre. Eu estava com medo de decepcioná-lo depois de tudo o que ele fez por mim.

– Nós sabemos que você vai, companheiro. Você já provou isso.

Bones respondeu.

– Obrigada.

Elisabeth disse, sua voz muito suave. Algo brilhou nos olhos dela que em outra pessoa eu juraria que eram lágrimas.

– Eu vim aqui com pouca esperança. Sua espécie normalmente não se preocupa com a minha, não importam as circunstâncias.

– É? – Meu sorriso foi irônico. – Apenas me chame de uma chutadora de bundas que não é racista, porque Kramer e seu ajudante merecem ser pegos não importa qual a espécie deles.

– Talvez seja melhor você ficar no quarto do Fabian, enquanto nós determinamos nosso primeiro curso de ação.



Bones sugeriu, dando um olhar sugestivo para o Fabian.

– É mais seguro se a energia for emitida de um quarto onde os outros fantasmas estão acostumados a senti-la.

– Claro.

Elisabeth respondeu, alisando sua longa saia enquanto flutuava para uma posição ereta.

– Serei muito discreta.

– Fabian também pode te falar sobre as regras da casa. Falaremos mais assim que minha esposa e eu tenhamos descansado o resto do dia.

Ambos os fantasmas entenderam o recado, desaparecendo com mais obrigados murmurados. Esperei até sentir a energia na sala se dissipar antes de me virar para o Bones.

– Seu casamenteiro disfarçado.

Seu sorriso tinha mais do que uma pitada de malícia.

– Se eu não der ao cara uma vantagem, ele provavelmente passará o próximo século tentando ter coragem para dar a ela um elogio.

– Sem vergonha.

Eu o provoquei, me certificando de manter minha voz baixa, desde que eu não tinha certeza de quão longe Fabian e Elisabeth estavam.

O riso do Bones correu sobre mim, escuro e promissor.

– De fato, como pretendo provar, assim que estivermos na cama.

Eu podia estar cansada, com muitas coisas na mente e no meu prato, mas só um idiota recusa esse tipo de convite.

– Vamos ver quem chega primeiro.

Eu sussurrei, e corri até as escadas.



Capítulo Cinco

Bati a tampa do meu iPad, não esmagando o dispositivo em um ataque de raiva só porque ele era muito caro.

– Que doente, idiota enlouquecido!

Esbravejei.

Bones me olhou de relance antes de voltar a atenção para a estrada.

– Eu te disse para não começar a ler esse livro.

É, bem, foi uma longa viagem até Washington, D.C., o livro estava disponível para compra online e estudar meu alvo era meu primeiro passo quando eu começava uma caçada. Eu sabia que o *Malleus Maleficarum* estaria cheio de besteiras supersticiosas, mas eu tinha subestimado as profundezas de sua maldade. Eu não sabia o que me enojava mais: os preceitos estabelecidos por Kramer ou saber que centenas de anos e incontáveis mortes ocorreram antes que as pessoas normais parassem de acreditar que ele estava correto.

– O acusado não tem chance.

Continuei espumando.

– Evidência era algo com que nenhum deles se importava. Tudo que alguém precisava fazer era ter um “pressentimento” de que a pessoa era uma bruxa e boom, um Inquisidor podia pegá-la. Confissões eram extraídas por tortura – descritas em detalhes doentios, devo acrescentar – e mesmo que as pobres mulheres confessassem antes de serem torturadas, elas seriam torturadas de qualquer jeito só pra ‘confirmação’. E se alguma das acusadas conseguisse não confessar, não importando quais coisas horríveis fossem feitas a elas, elas eram queimadas até a morte de qualquer jeito porque então elas eram consideradas pessoas que não expressam arrependimento. Jesus!

Um gemido.

– Não pense que Ele teve algo a ver com isso, luv.

– Pode apostar seu traseiro.

Murmurei. Religião pode ter sido a desculpa, mas poder e depravação foram os verdadeiros culpados.

– Você sabe que Kramer considerava as mulheres responsáveis por



tudo desde impotência até colheitas – e isso sem ter começado sua obsessão com a natureza maligna delas, natureza descarada insaciável, claro.

A boca de Bones se curvou.

– Agora você quer matá-lo mesmo, não é?

– Oh, muito.

Minhas mãos coçaram com a vontade de cometer violência contra Kramer, mas desde que ele só ficaria sólido quando estivesse queimando novas vítimas vivas no Halloween, isso seria tarde demais. Eu tinha que encontrar uma maneira de despachá-lo enquanto ainda estivesse em forma etérea e então – tristemente – não envolveria desmembramento, aposto.

O olhar que Bones me deu dizia que ele podia adivinhar meus pensamentos. Ou talvez ele me notou apertando minhas mãos em punhos.

– Queixo pra cima, Kitten. Talvez o jovem que estamos indo encontrar encontre um jeito particularmente brutal para banir o sujeito de uma vez.

– Você parece bem tranquilo com essa situação toda.

Eu disse com uma leve exasperação, notando a indiferença em seu tom de voz e vibração.

Bones não fez nada além de revirar os olhos.

– Por que eu não estaria? Pela primeira vez em anos nosso relacionamento está sólido, ninguém está ativamente tentando nos matar e nossos amigos mais próximos estão felizes. Caramba, Kitten, se eu estivesse mais relaxado eu precisaria de um cigarro.

Eu estava prestes a dizer que as coisas não estavam tão cor-de-rosa considerando o estado de o meu tio estar preso entre os mundos, o potencialmente enervante Madigan e um fantasma assassino a solta, mas então eu parei. Não havia sempre alguma coisa estressante acontecendo em nossas vidas? Se eu não aprendesse a saborear as coisas positivas – e tudo que Bones mencionou era uma grande coisa positiva – então eu marcharia pela vida com um caso permanente de síndrome do copo meio vazio.

– Você está certo.

Eu disse, esticando a mão para apertar sua coxa.

– As coisas nunca estiveram melhores.

Bones pegou minha mão e a ergueu até a boca, os lábios roçando os



nós dos meus dedos em um sussurro de um beijo.

Sempre teríamos desafios, mas como todo mundo, cuidaríamos deles um de cada vez. No momento, Kramer era o primeiro na lista, e por todos os problemas que o babaca espectral representava, eles também eram positivos. Ele pode ser capaz de aterrorizar e ferir humanos, mas assim que eu tivesse Kramer na minha mira ele estaria escolhendo alguém do seu tamanho. Eu não me assustava facilmente e um fantasma nunca poderia derrotar um vampiro em uma briga. Ele não podia nem ao menos dar um soco até o Halloween e nós o derrubaríamos antes disso. Meu humor melhorou ainda mais.

– Aposto que esse médium vai nos dar ótimas notícias.

Acrescentei, com a voz rouca devido ao Bones passando a língua entre meus dedos com um toque dos mais reveladores.

Elisabeth disse que médiuns não podiam fazer o serviço antes, mas ela só tinha sido capaz de conseguir alguns poucos para tentar e a última tentativa foi a mais de cinquenta anos atrás. O melhor amigo de Bones, Spade, conhecia alguns demonologistas famosos que recomendaram o médium que estamos indo para ver e, se tivermos sorte, ele se provaria mais eficiente do que os outros. Se ele não tivesse sucesso, ainda tínhamos alguns truques em nossas mangas. O que era bom, pois outubro não estava longe.

Pelo menos tínhamos um trunfo. Como um fantasma, Elisabeth era limitada a viajar longas distâncias ou pegando fisicamente uma carona em um carro ou usando uma linha de poder, que era uma versão sobrenatural de um trem em alta velocidade. Linhas de poder geralmente levam a vários pontos de grande atividade sobrenatural, então ela teria que fazer uma parada em cada um durante suas tentativas de localizar Kramer, mas coloque-me dentro de um raio de cem milhas de distância dele e eu podia usar o poder emprestado em meu sangue para atrair Kramer até mim. Então, uma vez que ele estivesse lá, eu podia ordenar que ele não partisse até terminarmos o exorcismo nele. Eu detestava um dos efeitos colaterais de beber sangue da rainha vudu – além de me tornar imã para espíritos – era a habilidade de tirar o livre arbítrio dos fantasmas, mas essa habilidade viria a calhar nessa situação. Eu não me sentia confortável em usar esse poder nos fantasmas que encontraram seu caminho até mim, mas em um idiota como Kramer, eu o utilizaria com um sorriso. E uma gargalhada típica de bruxa no final.

Quanto ao cúmplice, bom, um humano seria tão fácil de despachar que tirava a graça de contemplar.

– Aqui estamos.

Bones disse, soltando minha mão para estacionar em um shopping.



Olhei ao redor, procurando por qualquer nome com temática de vida após a morte nos comércios alinhados na frente do complexo em forma de L. A coisa mais próxima que encontrei foi Cheesecake Celestial da Deena, mas eu duvidava que fosse o lugar.

– Tem certeza que é aqui?

Bones apontou.

– Jardim da Helena de Tróia é logo ali.

– Mas é uma floricultura.

Eu disse, como se ele não tivesse notado o óbvio.

Ele me respondeu enquanto estacionava o carro.

– Talvez ele goste de se comunicar com flores bem como com fantasmas.

Eu não devia me surpreender que um médium tivesse um emprego normal durante o dia, mas eu me surpreendi. Então desencanei. Vários anos atrás, eu ia para a faculdade durante o dia e caçava vampiros a noite. Só porque as pessoas eram ligadas ao paranormal de uma forma não significava que elas tinham que estar envolvidas com isso em todas as partes de suas vidas.

Quando sai do carro, uma enxurrada de vozes tomou conta da minha mente, tão abrupto quanto um interruptor sendo ligado. Coloquei a mão rapidamente na cabeça como um gesto instintivo, porém totalmente inútil, de defesa contra o repentino dilúvio de conversas.

– Ai, droga.

Resmunguei.

– Me dá um segundo.

Bones se aproximou de mim sem perguntar o que estava errado. Ele tinha visto o suficiente dessa reação outras vezes para saber o que era. Seu olhar passou rapidamente entre eu e o resto do estacionamento enquanto uma energia perigosa se enrolava e era emitida de sua aura – um aviso para qualquer um sem uma pulsação que se aproximar de nós seria uma má ideia. Eu estava no meu estado mais vulnerável naqueles primeiros instantes, quando usava toda minha concentração para reduzir o volume das vozes em minha mente, cortesia das minhas habilidades de ler mentes que de repente estava apontando.



Assim que fui capaz de amortecer o carrossel de conversa para um nível parecido com o de uma irritante música ambiente, levantei o polegar para Bones em sinal afirmativo.

– Qual foi o meu tempo?

– Setenta e dois segundos.

Ele respondeu.

Bones não tinha um cronômetro, mas eu sabia que sua informação era precisa. Soltei um suspiro. O lado bom era que foi meu melhor tempo de recuperação até o momento. O lado ruim era que se estivéssemos sob ataque durante aqueles setenta e dois segundos, eu podia ter sido morta várias vezes. Não por outro humano, claro, mas um vampiro de nível médio ou um ghoul podiam acabar comigo enquanto minha atenção estava tão perigosamente dividida.

– Você estava certo. As vozes são mais fáceis de controlar quando estou acostumada com elas estando lá. Gostaria que essa porcaria de liga e desliga já tivesse parado.

Ele passou as duas mãos em meus braços em uma carícia lenta e firme, seu toque transmitia força e determinação.

– Está acontecendo menos e você está se recuperando mais rápido. Logo você será capaz de controlar completamente, assim como você tem feito com cada desafio que foi jogado para você.

Gostaria de ter metade dessa confiança em minhas habilidades, mas não era hora de me afundar em incertezas. Por enquanto, eu seguiria o mesmo mantra de finja até conseguir. Sorri e mudei de assunto.

– Há um homem dentro da floricultura achando que você é gostoso demais para ser hetero. Acha que é nosso médium?

Bones torceu a boca, mas não se importou em olhar sobre meu ombro para a loja atrás de mim. Sem dúvida ele mesmo escutou aqueles pensamentos, mas era muito educado para admitir.

– Vamos descobrir.

A superabundância de cheiros dentro do Jardim de Helena de Tróia me fez respirar quase com a mesma frequência que eu fazia antes de me tornar



totalmente vampira. Fragrâncias totalmente florais lavaram a pungência de óleo, escapamento e substâncias químicas das minhas respiradas ocasionais no estacionamento, me fazendo sentir como se meus pulmões tivessem acabado de passar por uma rápida limpeza. Pelo bem da praticidade isso também me deu a chance de reconhecer, pelo cheiro, qualquer perigo em potencial. Mestres mortos vivos podem ser capazes de ocultar suas auras, mas ninguém podia apagar completamente seu cheiro. Algumas farejadas me disseram que nenhum outro vampiro estava na loja, exceto eu e Bones, e eu também não captei nenhum cheiro de terra de um ghoul. Claro, estávamos aqui por recomendação de Spade, mas, na minha opinião, entrar dançando sem erguer a guarda era o mesmo que pedir para o Destino nos enviar uma surpresa desagradável.

Assim que estabeleci que o único perigo que a floricultura representava seria para alguém com alergias, voltei minha atenção para um homem Afro Americano sorridente vestido de forma estilosa que continuava a olhar Bones como se ele fosse um orgasmo para os olhos.

Pra ser justa, ele era, mas isso ainda ergueu meus instintos de territorialismo de vampiro mesmo apesar de Bones ser fiel, sem mencionar que ele não jogava naquele time.

– Você é Tyler?

Bones perguntou ao mesmo tempo em que eu pigarreei algo. As duas coisas serviram para cortar o início de uma fantasia mental que o homem estava tendo sobre Bones e que levaria dias para limpar da minha mente.

– Sou eu.

Tyler respondeu com um sorriso rápido e envolvente.

– Temos um horário marcado.

Eu disse, lutando contra minha vontade de agarrar o braço de Bones e ao mesmo tempo mostrar as presas e sibilar.

– Sou Cat e esse é meu marido, Bones.

Divertimento soprou pelo meu subconsciente, mas a expressão de Bones não se alterou de sua máscara de fria inescrutabilidade enquanto ele observava Tyler.

– Falta de sorte minha vocês não serem irmãos comprando algumas flores para mamãe.

Tyler disse com um tom de voz desapontado. Então ele piscou para



mim.

– Isso mesmo, querida, declare sua reivindicação; Sr. Gostosão. Eu faria o mesmo se fosse você.

Um sorriso apontou em minha boca. Passei o olhar pelos músculos arredondados do traseiro de Bones, que seu jeans preto só ressaltava. Então olhei para o ajuste perfeito na parte da frente que não tinha nada a ver com o corte do tecido. Finalmente encontrei os olhos cor de chocolate de Tyler e pisquei de volta.

Ele riu.

– Bela loja.

Falei, para mudar de assunto.

– Tudo é tão fresco e bonito.

Tyler acenou com uma mão.

– Ser um médium pode soar glamuroso, mas credores só estão impressionados com uma coisa, doçura. Pagamentos. Além do que – ‘ele estremeceu dramaticamente’ – quando eles descobrem sobre meu outro trabalho, eles sempre querem prova de que não estou fingindo e dizendo a alguém que sua falecida tia Tilly odeia sua nova namorada sem vergonha apenas faz com que sua luz seja cortada.

Não pude deixar de rir perante a isso. A boca de Bones se contorceu.

– Realmente. Agora, colega, você sabe por que viemos. Podemos conversar aqui ou em outro lugar?

– Aqui. Só me deixe fechar.

Tyler foi até a entrada, invertendo a placa de ABERTO para DESCULPE, SENTIMOS SUA FALTA! antes de trancar a porta. Na volta ele deu outra olhada maliciosa descarada para o traseiro de Bones antes de olhar pra mim e se abanar.

– Rawr!

Ele sussurrou.

Minha explosão inicial de territorialismo tinha mudado para humor. Tyler me lembrava outro depravado afável – meu amigo Juan. Se fosse mulher, Juan ficava atraído. Fora o detalhe da mudança de gênero, Tyler parecia ser do mesmo jeito. Pelos seus pensamentos eu soube que ele não tinha interesse



sério em dar em cima de Bones agora que sabia que ele era casado. Ele só não conseguia se conter. Os pensamentos de Tyler giravam entre imaginar que tipo de fantasma estava nos dando problema, ponderar se éramos humanos e imaginar se Bones tinha gosto de glacê de baunilha.

Dois entre três reflexões não eram sacanagem.

– Tudo pronto agora. Sigam-me.

Tyler disse.

Fomos em direção a uma sala nos fundos da loja. Outra pulsação vinha de lá, fazendo eu me perguntar se Tyler tinha um parceiro. Porém eu não estava preocupada por ele não ter mencionado que mais alguém estava aqui. Se um humano provasse ser demais para Bones e eu lidarmos, não merecíamos ter presas. Mais plantas e caixas estavam empilhadas ao longo do corredor longo e estreito, assim como sacos de fertilizante e outros acessórios de jardinagem. Como era de se esperar, essa desordem terminava em um pequeno escritório sem janelas e paredes que já tinham visto dias melhores. Também não havia ninguém que eu pudesse ver, mas pela rápida pulsação – e alguns grunhidos anasalados – um animal estava aqui.

Bones e eu sentamos em duas cadeiras dobráveis no lado oposto a uma mesa que tinha fita adesiva enrolada em volta de um canto. Tyler puxou uma cadeira de aparência confortável de trás da mesa para sentar mais perto de nós.

– Desculpe pelo lugar.

Ele disse, ainda da mesma maneira alegre.

– Tenho que fazer com que seja bonito lá na frente para os clientes, mas isso significa pobre aqui atrás onde somos só Dexter e eu.

Com isso, um cachorro branco de cor de canela com bolotas de carne decorando seus ombros e um rosto que parecia perpetuamente esmagado saiu debaixo da mesa.

– Aww, quem é o bebezinho do papai?

Tyler arrulhou, dando um tapinha no colo.

Mais gemidos anasalados se seguiram, parecendo alegres dessa vez, antes do pacote de carne e pelo aterrissar no colo de Tyler com força suficiente para tirar um “oof” do médium.

– O bebê precisa suspender os hambúrgueres ou ele vai quebrar o



quadril do papai um dia.

Tyler continuou falando no mesmo tom.

Eu tinha que concordar. Com sua magreza e o tamanho de Dexter, o cão devia ter cerca de um terço do peso do dono. Porém o médium não parecia se importar. Ele sorriu com alegria para Bones e eu.

– Ele não é lindo?

Com aquelas bolotas, os grunhidos soando húmidos, uma cauda balançando cheia de bulbos e o rosto esmagado – sem mencionar o pum que o cão soltou assim que se aconchegou – ele era lindo de um jeito que só um pai podia apreciar. Mas a alegria no rosto peludo de Dexter quando estiquei a mão para acariciá-lo me fez esquecer sua falta de qualidades estéticas.

– Quem é um garoto bonito?

Perguntei, coçando as orelhas de Dexter e tendo meu pulso perfeitamente lambido no processo. O cão estremeceu de alegria mal ficando no colo de Tyler enquanto se mexia para chegar mais perto.

– Agora você tem um amigo para sempre, doçura.

Tyler disse, segurando Dexter de forma mais firme para que o cão não tombasse.

– Então me diga, que tipo de assombração vocês dois estão experimentando?

– Estamos procurando por alguém que possa evocar e matar um fantasma.

Bones afirmou.

As sobrancelhas de Tyler se ergueram e ele perdeu um pouco daquele brilho de paquera em seu olhar.

– Por quê?

Ele perguntou simplesmente.

Peguei meu iPad, alguns toques trazendo à tona o texto de Malleus Maleficarum. Então ergui para que Tyler pudesse ver.

– Porque o imbecil que escreveu isso voltou depois que morreu.

Respondi.



– E ele encontrou um jeito de continuar matando pessoas.

Tyler pegou o *tablet* de mim com uma mão enquanto com a outra ainda segurava o cão. De alguma forma ele conseguiu coloca-lo apoiado em um joelho e rolar as páginas sem tirar o cachorro do lugar. *Ótimo, um casal louco*, isso passou pela mente de Tyler enquanto ele lia um pouco do texto. *Eles realmente acham que tem o fantasma de um infame caçador de bruxas assombrando sua casa!*

Bones se inclinou para frente, seu sorriso mostrando as pontas das presas.

– Não somos loucos e esse sujeito não está assombrando nada nosso.

Tyler levantou a cabeça rapidamente, sua expressão mudando quando ele identificou os caninos pontudos nos dentes de Bones e percebeu que ele não tinha falado aquela última frase em voz alta.

– Oh.

Ele disse finalmente.

– Desculpa. Meus amigos não mencionaram certos... detalhes sobre vocês e vocês não acreditariam como algumas pessoas são loucas. Na semana passada eu tive uma mulher convencida de que seu trailer estava assombrado por Tupac, como se ele fosse querer passar a eternidade em um vagão que cheirava a xixi de gato.

Isso fez meus lábios se torcerem, mas Bones manteve o ponto.

– Agora que esclarecemos a questão de nossa sanidade, vamos continuar com nossa pergunta.

Tyler expulsou gentilmente Dexter de seu colo com uma explicação de “Papai tem que trabalhar” que, apesar disso, fez Dexter dar um gemido de desdém antes de ir para baixo da mesa novamente. Algo parecendo um suspiro alto, procedido do som do cão caindo sobre algo macio. Mimado, notei com divertimento, mas isso só levantou minha opinião sobre Tyler. Bondade para com os que não tem voz ou com os vulneráveis, como animais e crianças, geralmente mostravam bom caráter em uma pessoa.

– Como você sabe que está lidando com a sombra de Heinrich Kramer e que ele é capaz de matar pessoas?

Tyler perguntou, todo profissional agora.

– Informante fantasma.



Bones respondeu.

Tyler assentiu como se a resposta não fosse incomum.

– Essa é a única confirmação? Às vezes fantasmas mentem.

O olhar que Bones me lançou dizia que ele considerou essa possibilidade.

– Tudo que temos é a palavra de um fantasma.

Tyler olhou para nós dois sem piscar.

– Não posso matar um fantasma, mas conheço algumas pessoas que podem ser capazes. Antes de eu dar à eles seus nomes recomendar vocês, eu preciso ter certeza de que não estou armando para uma pessoa inocente.

Eu duvidava que Elisabeth tivesse inventado tudo isso, mas já me mentiram de forma convincente antes. Só porque ela parecia legal e Fabian tinha uma queda por ela não significava que deveríamos confiar cegamente em uma estranha virtual quando tínhamos a chance de confirmar os fatos nós mesmos. Podíamos arrancar a informação de Tyler usando hipnose, mas pelo leve toque de suas emoções, Bones também queria futura confirmação sobre a identidade do fantasma do qual Elisabeth nos enviou atrás.

– Se você tem um jeito de ter certeza de que o que nos foi dito é verdade, faça-o.

Disse a ele.

Tyler se levantou, tirando o pelo de Dexter das calças.

– Tudo bem.

Ele disse, seu tom de voz mais uma vez animado.

– Hora de falar com os mortos.



Capítulo 5els

Encarei a caixa de papelão com a qual Tyler voltou.

– Um tabuleiro Ouija? *É assim* que você pretende provar que estamos lidando com um Heinrich Kramer assassino e não com Gaspar, um fantasminha camarada?

Se esse era o método dele de identificação de identidade, aposto cinco pratas que a ideia de Tyler para despachar Kramer envolveria jogar “leve como uma pluma, duro como uma taboa*.” Ou evocando Bloody Mary** de um espelho para mandar *ela* ir atrás do caçador de bruxas.

**Light as a feather, stiff as a board. É uma brincadeira feita principalmente por crianças no que eles chama de festa de levitação. É também entoado durante truques de levitação, na TV.*

***Maria Sangrenta, todo mundo conhece a história. Chama ela na frente de um espelho, gira 3 vezes e ela aparece para te matar ¬¬.*

– Quando usado adequadamente, tabuleiros Ouija abrem portas para o outro lado. – Tyler respondeu, colocando a caixa na mesa. – Tudo o que temos que fazer é bater no tom certo.

Ele começou a afastar coisas para abrir espaço, cantarolando o tempo inteiro. Olhei para o Bones, surpresa por ele não oferecer uma objeção imediata com essa tática, mas tudo o que ele fez foi tocar o queixo, pensativo.

– Spade disse que seus companheiros demonologistas falaram muito bem de Tyler, então vamos confiar que ele sabe com quais ferramentas trabalhar.

Ou Spade está apenas nos dando o troco por expor Denise ao que ele considera “circunstâncias perigosas” recentemente, eu adicionei, mas não disse em voz alta. Poderia muito bem ver onde isso nos levaria, embora uma sessão com um tabuleiro Ouija em uma floricultura é dificilmente a forma que nós iríamos evocar um potencial espírito maligno. Armandando uma sessão em um cemitério no meio da noite com algumas relíquias antigas parecia muito mais apropriado.

Tyler abriu o tabuleiro na mesa, seus símbolos pareciam mais sentimentais do que sobrenaturais, uma peça em forma de coração foi puxada do lado dele. Então ele desapareceu na parte principal da loja, voltando com algumas plantas aromáticas em vasos e uma caixa de fósforos.



– Certo, pronto.

Tyler declarou, nos dando um olhar avaliador.

– Bones é um vampiro, e eu suponho que você seja também, mas quem é mais poderoso?

– Ela é. – Bones respondeu imediatamente.

Eu estava prestes a discutir, desde que Bones é malditamente mais forte e rápido que eu, além de ter séculos a mais de experiência em luta, mas em pânico, percebi que ele estava certo. Com o controle sobre sepulturas de Marie Laveau ainda no meu corpo, eu estava mais poderosa que até mesmo a maioria dos Mestres.

Até que aquele poder emprestado desapareça, de qualquer forma.

Limpei a garganta, sentindo uma pontada de desconforto quando me dei conta que pela primeira vez em nosso relacionamento, eu superava as habilidades do Bones, e ele sabia disso.

– Você está bem com isso?

Eu soltei, esquecendo por um momento que nós tínhamos plateia. Bones nunca foi do tipo inseguro, mas uma mudança abrupta na dinâmica de um casal tem causado fissuras em um monte de relacionamentos antes do nosso.

Sua diversão flutuou pelas minhas emoções mesmo antes de ele rir.

– A última coisa com a qual você deve se preocupar são meus sentimentos castrados, Kitten; Mas falar é fácil, então me certificarei de te mostrar mais tarde.

Sua voz estava rica com tantas influências ocultas, que eu fiquei quente só de ouvi-lo. Então a expressão do Bones se tornou séria, e ele se inclinou para roçar minha mão.

– Eu assisti você mal escapar da morte várias vezes, e a cada vez isso me matou um pouco por dentro. Eles podem estar adormecidos agora, mas nós temos inimigos tanto astutos quanto cruéis. Saber que você possui o poder para derrotar a maioria deles não me ameaça, amor. Isso me alivia até a alma.

Bones também sabia que aquele poder não era permanente, mas como ele disse no carro, o presente é o que importa. Agora, eu tinha essas habilidades. Agora, as coisas estavam boas. É nisso que eu tenho que me concentrar.



– Tão honesto e seguro de si. – Tyler lambeu os lábios. – Você fica mais sexy a cada minuto, docinho.

– Uhum. – Afastei o olhar do Bones para dar ao Tyler um olhar afiado. – Meu, lembra?

Tyler balançou uma mão. – Yeah, yeah.

Mas eu terei BONS sonhos essa noite, ele terminou mentalmente.

Rolei meus olhos. Bones apenas bufou.

– Não vai poder dormir até terminar conosco aqui, Sandman*, então vamos em frente.

** Sandman é uma revista de história em quadrinhos. Suas histórias descrevem a vida de Sonho, o governante do Sonhar (o mundo dos sonhos) e sua interação com o universo, os homens e outras criaturas.*

Tyler deslizou sua cadeira mais perto da borda da mesa, o tabuleiro Ouija entre ele e eu.

– Coloque a ponta dos dedos sobre a peça, Cat. – Ele instruiu.

Imitei a forma como seus dedos estavam colocados sobre a pequena peça, observando que minhas unhas precisavam de um pouco de cuidados, mas manicure esteve muito abaixo na minha lista de prioridades. Mesmo que eu não tenha exercido qualquer pressão, a peça se moveu sob o meu leve toque, fazendo Tyler erguer sua sobrancelha.

– Muito poder em você, hum? – Ele observou.

Eu não iria explicar a razão por trás disso, então apenas dei de ombros. Tyler começou a recitar uma série de convites para quaisquer espíritos que estivesse perto.

Energia crepitante encheu o ar quando a peça começou a correr lentamente ao longo do tabuleiro em círculos irregulares, energizada por outra coisa além do nosso toque.

Bones sentou para trás, nos observando com uma expressão controlada, seus olhos se movendo entre o tabuleiro e o resto da sala.

Um lamento prolongado me fez pular antes de perceber que ele vinha do cão embaixo da mesa. É de se pensar que desde que eu vivo com um fantasma, e tenho uma dúzia mais acampada ao redor da minha casa, participar de uma sessão não me abalaria, mas abalou. Talvez porque senti como se estivesse invadindo algum lugar que eu não pertencia ao invés de



apenas tendo alguns amigos ou visitantes incomuns.

– Isso significa que Dexter quer fazer xixi?

Eu perguntei, quando o lamento do cão subiu para um latido.

– Não. – A voz do Tyler estava mais concentrada que antes. – Os animais podem sentir o sobrenatural melhor que a maioria das pessoas. Isso significa que alguém está *chegando*.

Logo após as palavras saírem da boca dele, senti uma mudança no ar, como se a porta de um freezer tivesse sido subitamente aberta. Agulhadas geladas correram pela minha pene, me espetando com um poder que não era desse mundo. Alguém não estava vindo... Ele ou ela já estava aqui.

A peça girou ao redor do tabuleiro ao mesmo tempo em que uma figura turva se materializava atrás do Tyler. Ele tremeu.

– Acho que alguém está aqui agora. – Tyler sussurrou. Depois mais alto: – Quem está conosco? Diga-nos seu nome.

– Beth Ann.

A figura nublada respondeu, enquanto a peça corria para pousar sobre a letra “B”, então sobre a “E”.

– Alguém está definitivamente aqui. – Tyler sussurrou ainda mais baixo quando o “T” foi a próxima letra destacada.

– Ela está bem atrás de você. – Bones respondeu.

Tyler se virou em seu assento, seu rosto na altura do meio do corpo da fantasma. Pelo seu traje de gola alta e saia longa e larga, ela não era uma novata. Aquele estilo tinha desaparecido mais de um século atrás.

– Eu ainda não vejo ninguém. – Ele falou pensativo.

– Sério? – Perguntei, surpresa. O fantasma tinha se manifestado plenamente, até revelando leves cicatrizes de espinhas em seu rosto junto com cabelos com mechas claras e escuras.

– Leva mais tempo para os mortais nos verem, mesmo os mais talentosos.

Beth Ann respondeu, olhando entre Bones e eu.

– Não é assim com os da *sua* laia.

Seu desprezo pelos vampiros veio claro como cristal, também. A maioria



dos fantasmas que foram atraídos a mim por causa do meu poder emprestado parecia não se importar com o fato de eu ser uma vampira, mas essa obviamente se importa.

– Hey, desculpa se te incomodamos, mas não há necessidade de ser arrogante.

– Ela te disse o nome dela? – Tyler perguntou baixo.

– Yeah. É Beth Ann, e ela está um pouco mal-humorada.

Tyler se inclinou pra frente para ver melhor. Isso colocou seu rosto enquadrado no ápice entre as pernas de Beth Ann. Ela pulou para trás, irritada, enquanto eu me esforçava para engolir uma risada. Evidentemente ele não podia vê-la.

– Porco depravado! – A fantasma cuspiu.

– Beth Ann, dê-nos um sinal de sua presença.

Tyler disse de uma forma autoritária, alheio ao que tinha acabado de acontecer.

A fantasma estapeou seu rosto, sua mão passando bem através dele. Tyler franziu.

– Acabei de sentir uma brisa fria. Ela fez alguma coisa?

– Ela deu um sinal de sua presença. – Bones respondeu, seus lábios contorcidos.

– Normalmente leva mais tempo para alguém aparecer e interagir conosco. – Tyler disse, parecendo confuso. Seu olhar deslizou para mim. – Você deve ser a carta curinga.

Se ele apenas soubesse. – Ok, bem, e agora?

Tyler respondeu, mas foi abafado pela alta e indignada resposta de Beth Ann.

– Se você presume que eu faria qualquer coisa para um grupo de selvagens nojentos como vocês...

– Shh. – Eu disse a ela, tentando entender o que Tyler estava dizendo.

Ela se calou instantaneamente, seus olhos se arregalando em choque. Maldição, eu tinha acabado de tirar sua capacidade de falar. Acho que fazer “shh” pra ela é o mesmo que dar a ela uma ordem para ficar em silêncio.



– ...que a porta está aberta, podemos tentar invocar seu caçador de bruxas. – Tyler terminou.

– Então Beth Ann não precisa ficar?

Eu perguntei, sentindo-me culpada enquanto a boca dela abria e fechava em uma série de tentativas inúteis de falar.

– Não, eu vou mandá-la embora.

– Você pode falar novamente, e sinta-se livre para voltar para onde quer que estivesse antes. – Eu a disse, com um aceno de desculpas.

A fantasma desapareceu depois de rosnar uma frase que me fez levantar as sobrancelhas. Bem. Ela certamente aprendeu algumas frases coloridas no seu tempo.

– Damas afetadas sempre foram as mais sujas.

Bones comentou, rindo da minha expressão.

Considerando a sua antiga ocupação, ele devia saber. Balancei minha cabeça, respondendo “sim” para a pergunta do Tyler sobre se a fantasma havia partido.

– Tudo bem, vamos tentar a atração principal. – Tyler parecia entusiasmado. – Continue a tocar a peça, Cat.

Coloquei meus dedos sobre a peça novamente, sentindo o pulsar que vinha dela. Talvez seja por isso que tenha a forma de um coração. Um simbolismo para o que aquilo parecia se ativado apropriadamente.

– Qual é mesmo o nome do caçador de bruxas? – Tyler perguntou.

– Heinrich Kramer.

– Heinriiich Kraaaaaaaaamer.

Tyler disparou em uma exibição dramática. Ele até pendeu a cabeça para trás e fechou os olhos.

– Nós te convocamos à nossa presença. Ouça nosso chamado, Heinrich Kramer. Venha até nós. Convocamos através do véu o espírito de Heinrich Kramer...

Dexter deixou escapar um som agudo que foi parte gemido, parte latido. Tyler parou de falar. Eu fiquei tensa, sentindo o arranhar de pendentos de gelo invisíveis contra a minha pele novamente. Os olhos do Bones se estreitaram



em um ponto sobre o meu ombro direito. Lentamente, virei minha cabeça naquela direção.

Tudo o que eu vi foi um redemoinho de escuridão antes do tabuleiro Ouija voar pela sala ... e a ponta da pequena peça de madeira se enterrar na garganta do Tyler.



Capítulo Sete.

Eu me levantei e tentei agarrar Tyler, só para ser derrubada pra trás como se eu tivesse sido atingida por um martelo. Atordoada, levei um segundo para registrar que eu estava presa à parede pela mesa, aquela nuvem negra do outro lado.

O fantasma conseguiu com sucesso usar a mesa como uma arma contra mim. Se ela ainda não estivesse enfiada em meu estômago eu nem teria acreditado.

Bones jogou a mesa para o lado antes que eu pudesse fazê-lo, arremessando com tanta força que ela partiu ao meio quando atingiu a outra parede. Dexter latiu e pulou em círculos, tentando morder a nuvem cor de carvão que estava se transformando em um homem alto. Tyler emitia um som de gorgolejo horrível, agarrando com força a garganta. O sangue vazava por entre seus dedos.

– Bones, cure-o. Eu lido com esse idiota.

Os latidos de Dexter abafaram os sons que Tyler fez enquanto Bones cortou a palma de sua mão com as presas e então a colocou sobre a boca de Tyler, arrancando a peça ao mesmo tempo.

Repentinamente pedaços da mesa se tornaram mísseis que eram jogados contra nós três. Bones girou o corpo para recebê-las, fazendo um escudo para Tyler enquanto eu pulava para proteger o cachorro. Um uivo de dor me fez saber que pelo menos uma tinha atingido Dexter antes de eu chegar até ele. Os gorgolejos de Tyler se tornaram uma tosse violenta.

– Rapaz, você cometeu um puta erro colossal.

Falei rangendo os dentes, agarrando um pedaço da mesa arruinada. Então me levantei, ainda protegendo o cachorro de mais objetos que o fantasma pudesse atirar nele. Ele tinha se materializado o suficiente para que eu pudesse ver o cabelo branco serpenteando em torno de um rosto escabroso e enrugado. O fantasma não era jovem quando morreu, mas os ombros debaixo de sua túnica negra não eram curvados pela idade. Eles eram eretos devido a arrogância e os olhos verdes perfurando os meus com nada exceto desprezo.

– Hure*

**Vagabunda ou Prostituta em alemão antigo.*



O fantasma murmurou antes de lançar a mão em meu pescoço e apertar como se estivesse prestes a me asfixiar. Senti uma sensação de agulhadas mais forte que o normal, mas eu não demonstrei medo. Se esse babaca achou que ia me amedrontar com um truque de magia barata como esse, espere até ele ver meu primeiro abracadabra.

– Heinrich Kramer?

Perguntei quase como um adendo. Não importava se não fosse ele, ele ia se arrepender do que fez, mas eu queria saber de quem era o traseiro que eu estava prestes a chutar.

– Dirija-se a mim como Inquisidor.

O fantasma respondeu com um sotaque carregado. Pelo menos ele falou em inglês; eu não sabia uma palavra em alemão.

Sorri maldosamente.

– Você sabe aquela bruxaria que você fingia tentar acabar quando era vivo? Eu a tenho correndo pelas minhas veias.

Então cortei meu pulso com a borda irregular de um pedaço de mesa, o sangue pingando em gotas lentas antes da ferida se curar.

Se eu quisesse evocar uma legião de fantasmas normais ao meu lado, eu derramaria lágrimas, mas sangue, combinado com meu urro interior de *venha e pegue-o rapazes!* foi derramado para evocar um tipo diferente de espectro, tudo cortesia das minhas habilidades emprestadas da mais famosa rainha do vudu de Nova Orleans. Frio, um poder agitado percorreu meu corpo, eletrificando meus nervos e enchendo a sala com uma abundância de energia sobrenatural. O fantasma podia senti-la também, pude notar. Uma carranca substituiu o desprezo em seu rosto. Dexter guinchou e saiu mancando da sala.

No momento seguinte, sombras surgiram do chão, se lançando sobre o fantasma com toda a fome que a sepultura mantinha neles. Não foi sua perícia com feitiços ou poções que fizeram tanto vampiros quanto ghouls temerem Marie Laveau. Era sua habilidade de chamar Remnants e dobrá-los perante sua vontade, assim como eu estava fazendo agora. Como um só, os Remnants começaram a rasgar através do corpo do fantasma, provocando um grito em Kramer que eu saboreei como doce. Remnants se alimentavam de dor e parecia que o Inquisidor estava servindo um banquete. Eu não sabia se eles podiam matar o fantasma, Kramer não tinha um corpo que eles pudessem eventualmente explodir, mas eu estava disposta a deixá-los fazerem o melhor possível para descobrir.



Porém, meu desejo durou pouco. De forma tão abrupta quando Kramer apareceu, ele desapareceu, deixando os Remnants girando suas formas mortais diáfanas através de nada mais substancial do que ar.

– Voltei aqui!

Gritei.

Nada se movia, exceto dúzias de Remnants que se viraram na minha direção com expressões confusas que pareciam estar fazendo a mesma pergunta.

E agora?

Diabo se eu sabia.

– Vão buscá-lo!

Tentei, mas eles só balançavam como cana em um vento forte enquanto seus corpos ficavam ancorados na sala demolida.

Ótimo. Eu estremeci, lutando contra a combinação de fome e frio que evocar Remnants sempre traziam. Minha mais letal arma secreta não podia seguir Kramer e eu negligenciei em ordenar a ele para ficar parado antes de soltá-los sobre ele.

– Esperem.

Disse aos Remnants. Talvez Kramer aparecesse de novo para outro ataque. Eu duvidava, mas eu podia esperar que ele fosse estúpido assim.

– Como ele está?

Perguntei para Bones, chutando pedaços da mesa para longe do meu caminho para chegar ao canto oposto da sala.

Bones se levantou e se moveu para o lado, revelando Tyler encolhido como uma bola no chão. Ele agarrava o pescoço, mas não tinha mais sangue fluindo por entre seus dedos e sua respiração estava áspera, mas fluía bem.

– Ele vai ficar bem.

Bones respondeu.

– Só um pouco traumatizado.

– Eu estava morto.

A voz de Tyler não era mais do que um murmúrio.



– Eu vi uma luz brilhante, me senti flutuando para longe—

– Você não fez nada do tipo.

Bones interrompeu.

– Seu coração não parou nem uma vez apesar de sua laringe ter sido esmagada e você estava engasgando com seu próprio sangue.

– Oh, Deus.

Tyler lamentou.

– Talvez você não devesse tentar tranquiliza-lo.

Eu falei secamente, lutando contra um arrepio por um motivo diferente. Os Remnants puxavam minhas emoções, o frio e a fome da sepultura permeando minhas defesas.

Bones deu uma olhada nos Remnants, sua boca se curvando. Ele experimentou de primeira mão o que eles podiam fazer quando Marie os soltou sobre ele para me chantagear a beber seu sangue. Dizer que isso não o fazia gostar deles era ser gentil, mas eles não podiam evitar. Eles eram como mísseis sobrenaturais lançados em qualquer alvo para onde fossem apontados – ou qualquer alvo que estivesse mais perto.

– Pena que não chegaram ao resultado desejado.

Ergui o ombro em forma de desculpa. – Não foi culpa deles. Eu comecei antes da hora.

Ele me encarou.

– Todos nós subestimamos o que Kramer podia fazer, mas não vamos cometer esse erro novamente. Pelo menos agora, temos confirmação do que Elisabeth alega.

Oh sim. Eu diria que a experiência de quase morte de Tyler, a destruição em seu escritório, seu cão machucado e eu sendo intimidada com uma mesa eram formas bem definidas de confirmação.

Suspirei, tirando alguns pedaços de madeira da camisa de Bones.

– Quanto tempo você quer esperar aqui para ver se ele volta?

– Esperar aqui?

Aquilo alarmou Tyler o suficiente para fazê-lo ficar de pé.



– O inferno que vamos esperar aqui. Estamos partindo e eu não vou voltar até que cuidem daquela coisa. Mamãe não criou um tolo.

– Ele não está interessado em você, Tyler, então não há motivo para ele voltar assim que tivermos ido...

– Vê aquela tábua Ouija?

Ele me interrompeu, apontando para os pedaços espalhados entre as ruínas da mesa.

– Não tive a chance de desligá-la antes que ele a quebrasse. Isso significa que o portal ainda está aberto, então de jeito nenhum que vou trabalhar aqui enquanto um fantasma que está obviamente puto da vida que eu o evoquei tem uma entrada direto para minha porta. Farei meu assistente cuidar das coisas por enquanto. Fantasmas não têm problemas com ele.

– Ok, quer que nós lhe demos uma carona para casa?

Ele parecia muito tenso para eu confiar nele para dirigir.

– Também não é seguro. Eu abri portais lá antes disso. O fantasma poderia se esgueirar através de um – e eu não tenho vampiros no meu apartamento que possam me curar se ele tentar me matar de novo.

– Então para onde você quer ir? Para a casa de um amigo?

Fome e um calafrio até os ossos afiaram meu tom de voz. Só pela fato de ser uma vampira é que eu não estava batendo os dentes. Eu não podia esperar para cortar minha conexão com os Remnants os enviando de volta, então eu podia me sentir normal novamente.

Tyler olhou para mim, então para Bones e sorriu.

– De jeito nenhum.

Eu disse, não precisando ler sua mente para imaginar o que ele pretendia.

– De jeito nenhum.

– Esqueça, colega.

Bones respondeu firmemente.

– Já temos hóspedes indesejados o suficiente sem acrescentar mais um.

O sorriso de Tyler desapareceu e ele afundou no chão como se nossa recusa tivesse drenado sua força.



– Sinto muito, mas você não pode ficar conosco.

Eu disse, com a voz mais gentil porque Tyler não tinha feito nada para justificar minha grosseria.

– Ele vai me encontrar e me matar.

Tyler disse novamente.

Eu me mexi desconfortavelmente. Talvez fosse perigoso demais deixá-lo por conta própria. Além do mais, mesmo apesar de ele lidar com fantasmas há tempos antes de nos encontrar, nós éramos o motivo que quase o colocou em uma sepultura agora pouco.

Pelo canto do olho vi Dexter se aproximar mancando, choramingando, embora ele ainda acenasse sua cauda grossa. Tyler o puxou para o colo, recuando quando o cão soltou um grito agudo quando sua perna ferida foi esbarrada.

Era tudo o que eu podia aguentar. Me virei para Bones, que já estava balançando a cabeça com uma expressão cansada e distante.

– Será só até cuidarmos de Kramer e ele disse que conhecia algumas pessoas que poderiam ser capazes de eliminar um fantasma...

Comecei.

A expressão triste de Tyler desapareceu como mágica. Ele se levantou, ainda segurando o cachorro.

– Esperem aqui. Só vai levar um minuto para pegar minhas coisas e de Dexter.



Capítulo Oito.

Várias horas depois, nós estacionamos na nossa garagem com dois passageiros a mais do que partimos. A pata traseira de Dexter estava fixa em um gesso, e seus olhos estavam distintamente vidrados por causa dos analgésicos que o veterinário administrou.

– É aqui que você vive? – Tyler lançou um olhar para o terreno íngreme de florestas que cercava nossa cabana no Blue Ridge. – Estou impressionado em não escutar música de banjo*.

**Instrumento musical de cordas, original da África.*

Ignorei o sarcasmo, me lembrando que experiências de quase morte são muito traumáticas para pessoas que não estão acostumadas à ela. Além disso, não era novidade para mim que nossa casa estava no meio de um pitoresco lugar nenhum. Essa tinha sido a intenção, então Bones e eu teríamos mais privacidade. Mal sabíamos que ter privacidade se mostraria apenas um pensamento desejoso. Pelo menos nossa falta de vizinhos próximos significa que os pensamentos do Tyler são os únicos dentro da minha mente além dos meus próprios.

Dexter emitiu um lamento baixinho, erguendo sua cabeça.

– Você tem certeza que isso é seguro? – Tyler perguntou. – Dexter está me dizendo que há fantasmas próximos.

Bones deixou escapar um bufar mordaz enquanto saía do carro.

– Exatamente.

Tyler havia mencionado que ele podia ver fantasmas, apenas não nesse instante. Era melhor eu prepará-lo para a vida na *Casa Russel*. Meu gato se acostumou tanto aos fantasmas aqui que ele quase nunca mais sibilou pra eles.

– Há muitos fantasmas aqui. Todos amigáveis. – Eu me apressei para adicionar. – Eles apenas, hum, gostam de ficar ao redor da nossa casa.

Mentirosa, Tyler pensou, seu olhar se estreitando. Dexter expirou como se ele não acreditasse em mim também. Muito ruim. Apenas um seletor punhado de pessoas sabiam porque eu era tão popular entre os fantasmas, e essa não era uma informação que eu estava prestes a compartilhar.

– Talvez nós tenhamos construído em um antigo cemitério, e é por isso



que esse lugar é tão assombrado.

Eu improvisei enquanto saía. – Você sabe, como em *Poltergeist**.

*O filme.

Mentindo pela bunda branquela e pastosa dela, Tyler pensou, mas sorriu delicadamente.

– Pode ser, docinho.

Debati sobre dizer ao Tyler que o Bones não era o único que podia ler mentes, mas decidi não fazer. Apesar de termos trazido Tyler para casa conosco, nós ainda não o conhecíamos. Conseguir uma espiada nos pensamentos dele ajudaria um montão para determinar se ele era alguém em quem nós podíamos confiar. Eu não acreditava que ele era um traidor, mas ainda tínhamos que ser cuidadosos. Nós já havíamos nos arriscado ao mostrar a ele onde vivíamos, mas essa informação podia ser apagada de sua memória se fosse preciso.

Quem eu estava enganando? Com o quão vigilante Bones é com a minha segurança, ele iria provavelmente insistir em fazer isso não importa o quão confiável Tyler provasse ser.

– Entre, estarei lá em um minuto.

Eu disse, dando um suspiro mental enquanto estendia minhas mãos e esperava pelo bombardeio de recepcionistas transparentes.

Eu ainda me sentia desequilibrada por convocar os Remnants, mas não seria justo entrar em casa sem dizer olá da maneira que os meus conhecidos fantasmagóricos preferem.

Tyler me deu um olhar estranho, mas pegou Dexter e entrou na casa. Cinco minutos depois, minhas mãos formigavam, assim como eu. Bones não estava à vista, mas eu podia ouvi-lo no andar de cima, no telefone com Spade, e seu tom estava menos que satisfeito. *Isso aí, querido, acaba com ele*, eu pensei ironicamente.

Encontrei Tyler na cozinha, checando o conteúdo da minha geladeira com horror.

– Eu sei que vocês dois são vampiros, mas alguns pacotes de queijo e algumas águas tônicas não podem ser tudo o que você tem.

– Irei ao mercado amanhã, mas você vai ter que se contentar com algumas sopas enlatadas e biscoitos no armário por enquanto.



Não é como se nós estivéssemos esperando companhia, e eu não estava com vontade de dirigir quarenta minutos para chegar ao supermercado essa noite. Provavelmente ele estaria fechado antes de eu chegar, de qualquer forma.

Fabian flutuou até mim, se inclinando até perto do meu ouvido.

– Eu não sei se gosto desse homem. – Ele sussurrou. – Ele fez um comentário questionando suas habilidades de decoração, ao entrar, e agora ele menospreza sua hospitalidade. Ele não vai ficar muito, vai?

– Se tivermos sorte, não.

Eu respondi. A longa permanência de Tyler significaria que nós falhamos em deter Kramer, sem mencionar que faria um estrago na minha paciência.

Nenhuma das opções era aceitável para mim.

Fabian franziu. – Você está bem, Cat? Você parece cansada.

– Eu vou ficar bem depois de um banho.

Um lento calafrio continuava agarrado a mim, e o pensamento de banir aquilo sob um jato constante de água quente soava celestial.

Meu gato escolheu aquele momento para vir passeando pela escada, mas parou repentinamente quando percebeu Dexter. O cachorro o percebeu também. Ele se levantou sobre as patas – as três que funcionavam, quer dizer, e abanou o rabo enquanto emitia um “ruf” que soava amigável.

Helsing sibilo, seu pelo negro se eriçando. Aquele sibilo se transformou em um longo e distorcido rosnado, com uma ameaça evidente em seu tom, enquanto ele achatava suas orelhas.

– Não, não. Seja um bom gatinho!

Eu ordenei. O pobre Dexter tinha paralisado e se contraído mesmo que ele superasse meu gato em cerca de treze quilos.

O rosnado do Helsing terminou com um sibilo final antes de ele se virar para me dar um olhar que poderia ser traduzido como *Um Cão? Como você pode?* Então ele correu escada acima, o rabo se debatendo pela agitação durante todo o caminho.

OK, então ninguém estava excitado pelos nossos novos hóspedes, mas isso era apenas temporário.

– Ohhhh. – Tyler disparou, encarando para o meu lado. – Você tem um



fantasma flutuando perto de você.

– Você pode me ver? – Fabian perguntou, surpreso.

Saí da cozinha para começar a fechar as cortinas.

– Tyler, conheça meu amigo, Fabian. Fabian, esse é o Tyler, o médium que nós fomos ver hoje. As coisas não foram como planejadas, mas nós falaremos sobre isso depois que eu tomar um banho... e mimar meu gato até ele me perdoar.

Depois de um maravilhoso e longo banho quente, e um pouco de humilhação para o meu gato, que eu duvido que Helsing entendeu, desci as escadas para encontrar Tyler no sofá, usando nada além do meu robe azul preferido.

– Minhas roupas estão lavando, e era isso ou uma toalha.

Ele disse com um encolher de ombros.

É claro que Tyler iria querer trocar sua roupa ensanguentada. Eu deveria tê-lo oferecido alguma roupa do Bones.

– Desculpe. Vou pega para você outra coisa para vestir.

Seu aceno casual me impediu de voltar pelas escadas.

– Isso está bom por agora.

Fabian zuniu por mim, quase me acertando em sua ansiedade.

– Não é adequado ele usar seu robe, Cat!

Eu mordi de volta uma risada pelo tom escandalizado do fantasma. As formalidades do século dezanove devem ser difíceis de mudar, mesmo após a morte.

Tyler lançou um olhar paciente ao Fabian.

– Mantenha suas roupas íntimas, amiguinho fantasma. É apenas temporário.

Fabian lançou as mãos para o alto.

– Está vendo? Ele é incorrigível.

– Nós vamos pegar para ele algumas roupas apropriadas imediatamente.



Bones tranquilizou Fabian enquanto descia as escadas.

– Elisabeth, o homem no robe é Tyler.

Apresentei quando vi o olhar de Tyler se concentrando nela, finalmente a notando, após alguns minutos.

– Tyler, conheça Elisabeth, mas não a mencione para nenhum fantasma além de Fabian. Ela meio que está escondida aqui.

Tyler sorriu.

– Encantado por conhecer outra refugiada como eu.

Elisabeth parecia um pouco confusa, mas fez uma reverência, me fazendo lembrar que eu queria aprender a fazer aquilo tão graciosamente quanto ela.

– Tyler está escondido do Kramer também. – Eu expliquei.

– Oh. – Seu rosto se contorceu com compaixão. – Pobre homem.

– Finalmente, alguma simpatia genuína. – Ele deu um tapinha no lugar ao lado dele. – Sente aqui, querida, e me diga tudo sobre você.

– Hum, você e Elisabeth podem bater papo depois. Você mencionou pessoas que podem ser capazes de ajudar com Kramer. Você queria dizer outro médium? – Eu impliquei com ele.

– Você está malditamente longe de saber o que um médium pode fazer. Bons médiuns podem abrir portais, convocar e se comunicar com espíritos, limpar uma casa de aparições, e alguns podem ajudar fantasmas a atravessarem para o outro lado. O que *you* tem é um nojento fantasma diferente que pode assombrar como nada que eu alguma vez vi.

– Nós te dissemos isso. – Bones apontou.

Tyler rolou os olhos.

– Acredite em mim, eu queria ter escutado, mas isso é o que a maioria das pessoas dizem. Eu não tinha a menor ideia de que vocês eram os únicos dizendo a verdade, e nem vocês mesmo tinham certeza. Nenhum médium pode ajudar vocês, mas talvez o melhor maldito caça fantasmas que o dinheiro possa comprar seja capaz.

– Yeah, eu ouvi que Bill Murray* e sua gangue não fazem mais isso. – Eu reagi em uma frustração que só aumentava.

*Ator principal do filme “Os Caça-Fantasmas.



Ele acenou uma mão.

– Não a versão de Hollywood. Os reais, e pra sua sorte, eu por acaso conheço alguns.

– Nos de os nomes deles e como contatá-los. – Bones foi direto ao ponto.

O olhar do Tyler ficou mais afiado.

– Eu vou armar um encontro e ir com você. De outra forma, assim como eu, eles não vão acreditar no quão poderoso esse fantasma é, até ser tarde demais, e você pode não ser rápido o suficiente para salvar todos eles.

Meu interior cínico calculou que as chances de os caçadores de fantasmas serem capazes de nos ajudar eram de vinte a um... a favor do Kramer. Ainda assim, eu jurei que iria tentar ver o raio de esperança ao invés das nuvens ameaçadoras, então peguei meu celular do balcão e estendi ao Tyler.

– Faça a ligação.

Tyler levantou. – Logo após eu fazer xixi.

Depois de ele disparar para o banheiro, Bones falou muito suavemente.

– Continue tentando espionar Kramer, Elisabeth. Se há um lugar particular que ele frequenta, ou humanos por quem ele se interessa, eu quero saber.

Bones pode não ter altas esperanças nos caçadores de fantasmas também. Elisabeth acenou solenemente.

– Eu o vi hoje mais cedo. Ele não estava longe da enorme linha de poder em Iowa, na Oktoberfest, em Sioux City, mas ele partiu rapidamente. Muito rápido para eu ver se ele interagiu com algum humano.

– Que horas eram, você sabe?

Bones perguntou, suspeita lentamente tomando suas emoções.

– Logo depois do meio dia. – Ela respondeu.

Por volta das uma no relógio de Iowa deve ser por volta das duas em Washington, D. C. Bem ao mesmo tempo em que Tyler ativou o tabuleiro Ouija.

–Eu acho que Kramer partiu com pressa porque foi bipado. – Eu disse com ironia.



O olhar do Bones estava especulativo antes de retornar sua atenção para Elisabeth.

– Continue tentando encontrá-lo, então o siga quando você conseguir, mas não o deixe te seguir de volta até aqui.

Eu sabia o quão importante era Elisabeth encontrar quem eram as vítimas que Kramer queria, sem mencionar identificar seu cúmplice humano; Mas depois de encontrar seu antigo Inquisidor, eu *realmente* não queria que ele soubesse onde nós moramos.

Claro, eu podia invocar os Remnants para nos defender se Kramer seguisse Elisabeth até aqui apesar dos seus melhores esforços, mas e se ele quebrasse o pescoço do Tyler antes de eu lançar os Remnants nele? Mesmo que eu seja rápida em chamar meus guardas espectrais, só leva uma fração de segundo para matar um humano, como eu bem sei.

E algumas vezes, leva apenas uma fração de segundos para matar um vampiro, também. Não faltam facas de prata pela nossa casa, por razões óbvias. E se aquele fantasma maligno assombrasse uma daquelas através do coração do Bones antes mesmo de nós sabermos que ele estava próximo? Eu tremi com o pensamento.

– O que há de errado, Kitten?

Bones perguntou, seu olhar afiado percebendo aquilo.

Forcei um sorriso. Chega de pensamentos “e se” sobre os piores cenários. *Raio de esperança e copo meio cheio, lembra?*

– Nada.



Capítulo Nove.

Um edifício enorme se agigantou à nossa frente, o exterior escuro parecendo ameaçador mesmo com as muitas árvores com folhas com pontas douradas que cercavam o terreno.

Centenas de janelas refletiam a luz do luar como se em completa rejeição a qualquer iluminação penetrando no interior de sua estrutura. De vez em quando, sombras passavam por aquelas janelas, e vozes eram levadas para fora no ar fresco do outono, mas o antigo hospital estava vazio.

Bem, vazio de qualquer um que fosse sólido. Todos os membros do D.N.I.P, a Divisão Nordeste de Investigação Paranormal que Tyler recomendou, ainda estavam lá fora conosco. Eles haviam acabado de fixar seus equipamentos em vários quartos do antigo Sanatório Waverly Hills.

Agora eles estavam reunidos em uma conversa final de encorajamento antes de começarem sua documentação sobre tudo o que fizesse barulho aqui esta noite.

O sanatório pode ter fechado décadas atrás, mas era uma atração bastante popular, como se provou. Os curiosos pagavam por visitas guiadas pela instalação, ouvindo tudo sobre suas histórias e as muitas piadas sobre encontros fantasmagóricos. Aficionados amadores e profissionais podiam optar por terem o hospital inteiro só para eles mesmos para uma noite de investigação, desde que pago o valor adequado e reservado com antecedência. O Sanatório Waverly Hills tinha uma lista de espera, e os proprietários não davam reembolso se um grupo perdesse seu compromisso agendado.

É por isso que Bones e eu estávamos encontrando os investigadores – eles não gostam do termo “Caçadores de Fantasma,” como descobri – aqui em vez de em um café local ou algum outro lugar normal. Eles planejaram essa noite no Waverly semanas atrás e não iriam perder sua programação – ou seu dinheiro – apenas para conversar com os novos clientes do Tyler, como eles consideravam ao Bones e a mim. Da nossa parte, não estávamos dispostos a perder mais um dia e noite antes de descobrir se eles podiam ajudar com Kramer. Depois de Tyler arranjar nossa conversa, nós saltamos em um carro para uma viagem até Louisville, Kentucky. Pegar um avião teria sido mais rápido, mas nós não iríamos a lugar algum desarmados, e a segurança do aeroporto teria franzido para malas cheias de um arsenal de armas.

Tyler se recusava a deixar Dexter para trás, dizendo que o cachorro nos daria segundos preciosos avisando se Kramer estaria prestes a aparecer.



Dexter parecia ter um radar misterioso para fantasmas; ele começou a lamentar daquele seu jeito estranho assim que estacionamos no Sanatório. Em comparação, Tyler levou alguns minutos depois que chegamos para até mesmo começar a ver as sombras passando pelas janelas. Dos dois, eu tinha que admitir que Dexter parecia ser um médium muito mais qualificado. *Talvez os amigos demonologistas do Spade na verdade recomendaram o Dexter, e de alguma forma a mensagem foi confundida*, eu pensei com tristeza.

– Vamos começar a festa!

Chris, o líder do D.N.I.P, terminou sua conversa motivadora.

– Finalmente.

Bones murmurou, baixo demais para qualquer um ouvir, além de mim.

Nós havíamos prometido não começar com nossas perguntas até todo o trabalho de preparação deles estar pronto, depois de terem nos dito que a instalação era muito crucial para distrações. Mal sabíamos de quanto trabalho de preparação eles estavam falando. Estivemos parados aqui fora umas boas duas horas. Se fosse por ele, Bones teria hipnotizado Chris e os outros para esquecerem sobre sua condição de se preparar primeiro, mas ele sabia que eu iria me opor a isso. Nós estamos aqui porque queremos a ajuda deles, não o contrário. Além disso, duas horas de espera educada não iria mudar nossas circunstâncias com Kramer.

A menos que ele apareça mais cedo em outro humor assassino.

– Então...

Chris disse, nos medindo enquanto se aproximava. Eu não me importava que ele mal tenha olhado na nossa direção antes disso. Toda sua atenção estava em ter certeza de que sua equipe estava preparada, e isso era um bônus no meu livro.

– Qual é o grande e urgente assunto que Tyler me disse que não podia esperar até amanhã?

Bones encarou a van com D.N.I.P pintado do lado, os infinitos cabos para seus equipamentos, e os doze membros da sua equipe se movendo de um lado para o outro antes de responder.

– Você faz isso porque realmente acredita na atividade do outro lado, ou porque você quer fazer algum lucro com os ingênuos?

Chris se enfureceu, as bochechas se ruborizando sobre sua barba enquanto seu cheiro queimava com raiva. Não era nisso que eu estava



prestando atenção. Eram no seu dilúvio de pensamentos.

Estou tão farto de lidar com idiotas ignorantes que não conseguem ver além do que a sociedade os diz para acreditar. Nunca devia ter concordado em deixar Tyler trazê-los aqui esta noite, nós temos muito trabalho a fazer.

– Eu tenho um mestrado de ciências em engenharia pela Stanford, para que eu possa ganhar muito mais dinheiro com a porra de um esforço muito menor em cerca de uma centena de diferentes áreas. – Ele respondeu de forma controlada. – Se isso não responder à sua pergunta, então você está desperdiçando o meu tempo.

Satisfação correu pelas minhas emoções. Alguém esperto que era apaixonado pelo seu trabalho e dedicado à sua equipe era mais do que eu esperava. Talvez Tyler tenha marcado um gol ao nos trazer até aqui.

– Certifique-se de fazer FVEs* e tirar muitas fotos no quinto.

**Fenômeno de voz eletrônica. Usado para capturar sons sobrenaturais.*

Chris falou para uma jovem que passou correndo por nós.

Olhei para o sexto andar, onde eu havia visto a maioria das sombras passarem pelas janelas. Essa instalação continha principalmente fantasmas residuais. Breves, instantâneas repetições de pessoas que há muito haviam falecido, não mais sensíveis do que um slide de um rolo de filme. A julgar pelos níveis de energia emanando do edifício, uma dupla de espíritos conscientes também chamavam Waverly Hills de casa, mas eles não se limitavam a um lugar somente nesse enorme edifício.

O sexto andar renderia a melhor oportunidade para imagens de sombras inexplicáveis ou flutuantes. Nada que faria manchete, mas pelo menos seria algo tangível que o grupo do Chris poderia levar para casa com eles. Eles tinham alugado esse lugar pela noite inteira; Eu poderia muito bem ajudá-los a fazer seu dinheiro valer a pena.

– Tente o sexto, ao invés. – Eu sugeri. – Você terá mais sorte.

Chris estreitou os olhos. – O quinto teve mais casos de incidentes relatados. – Ele respondeu.

Eu sorri suavemente. – O sexto lhe renderá dados mais sólidos, mas hey, é o seu show.

Chris olhou para Tyler, quem acenou em confirmação. Bones apenas cruzou os braços, sua expressão friamente objetiva não revelando nada. A jovem equilibrou sua câmera tripé no quadril, e eu não precisei espiar seus



pensamentos para saber que aquilo estava pesado. Chris deu um último olhar pensativo para mim antes de falar novamente.

– Comece pelo sexto, Lexie.

Esses turistas fodidos deviam apenas manter suas bocas fechadas. Lexie pensou, mas seu “sem dúvida!” foi tão animado quanto falso. Eu não estava ofendida. Ela podia receber ordens e sabia quando manter suas opiniões para si. Novamente minhas esperanças cresceram sobre esse grupo.

– Sigam-me. – Chris falou depois de um silêncio calculado. – Falaremos enquanto eu trabalho.

Nós havíamos coberto a maior parte do primeiro andar quando eu terminei de dizer ao Chris o que estávamos procurando, e por quê. Ele manteve seus comentários verbais ao mínimo; Mas em seus pensamentos, Chris tinha dificuldade em acreditar quem Kramer era, sem mencionar a extensão das habilidades do Inquisidor. Exatamente como Tyler previu. Mas tudo bem. Dois conscientes – e tagarelas – fantasmas estiveram me seguindo, não tão furtivamente, desde o momento em que eu atravessei as portas do Waverly Hills. Pelas suas antigas roupas combinando, deduzi que eram antigos pacientes da unidade. Seus comentários um para o outro revelaram que desde que morreram, eles gostavam de passar o tempo pregando peças nos visitantes, especialmente os investigadores de fantasmas. Perfeito.

Esperei até Chris parar em frente ao que parecia ser um túnel largo e cumprido, antes de pôr meu plano em ação.

– Você, escondido atrás da viga de apoio, qual seu nome?

Eu disse para o fantasma se esquivando alguns metros longe. Ele saiu com uma expressão “flagrado” em seu rosto nebuloso, torcendo as mangas do seu longo pijama pálido.

– Herbert.

– Com quem você está falando?

Chris perguntou, olhando naquela direção, mas é claro, não vendo ninguém.

– Um dos ex moradores do Waverly.

Respondi, pensando que o fantasma era muito jovem e bonito para se chamar Herbert.

–Você pode me fazer um favor, Herbert? Voe através do corpo do



homem barbudo. *Somente o homem barbudo.*

Herbert obedeceu sem hesitação. Dexter latiu uma vez com a abordagem rápida do fantasma, mas antes de Chris terminar de resmungar – Que tipo de piada é essa? O fantasma voou direto através do seu torso e apareceu do outro lado.

Chris ficou absolutamente imóvel. Pensamentos derrapavam pela sua mente quase rápido demais para eu ler. *Seu abdômen estava frio. Formigamento, mas ela não pode realmente ser capaz de ordenar um fantasma para fazer o que ela quiser, pode? Porra nenhuma.*

– O estômago está um pouco estranho? Um pouco gelado e com calafrios, talvez? – Perguntei suavemente.

– Como você sabe disso? – Ele perguntou.

– Ooh, isso parece divertido!

O outro fantasma gritou, abandonando sua tentativa de se esconder nos dutos do teto para mergulhar pelo lado superior direito do Chris. Mais caos soou na mente do Chris. Dexter latiu outra vez.

– Você acabou de ter a mesma sensação gelada e formigante em seu ombro direito dessa vez. – Eu disse, de um jeito trivial. – Há outro fantasma na sala, e ele é um pouquinho brincalhão. Mas se precisar de outra prova de que isso não é uma coincidência, eu posso dizer a eles para fazerem mais demonstrações.

A palavra “não” ressoou em sua mente, mas Chris engoliu em seco e assentiu.

– Yeah. Mais uma.

Tinha que admirar a coragem dele. Chris pode ter estudado atividades paranormais e acreditado em fantasmas por anos, mas eu sabia em primeira mão que ter um fantasma de repente disparando como uma bala através da sua carne era uma experiência perturbadora.

– Herbert, mais uma vez, por favor.

O fantasma cumpriu, escolhendo a panturrilha esquerda do Chris para passar dessa vez. Ele foi rapidamente seguido por seu colega, que foi pelo mesmo caminho. Dois estremecimentos abalaram o Chris antes de seus arregalados olhos cor de avelã encontrarem os meus. Dei de ombros.

– Você sentiu isso na sua perna esquerda. Duas vezes, porque o amigo



dele pensou que parecia divertido, também.

– Quem são vocês, pessoas?

Chris perguntou com um toque de incredulidade.

Bones passou um braço ao redor do meu ombro, sorrindo languidamente para o investigador.

– Nós somos ricos, e com uma agenda apertada. Mais alguma pergunta?

Chris engoliu novamente enquanto sua mente protelava para compartimentalizar tudo o que tinha acabado de acontecer. *E se ela não estiver errada sobre quem é o outro fantasma, e o que ele pode fazer? Ainda assim, mesmo que seja arriscado, há muito a aprender para dizer não.*

–S ó mais uma pergunta. – Ele disse finalmente. – Quando você quer que minha equipe comece a trabalhar no seu problema?

– Amanhã.

Bones afirmou, sua sobrancelha arqueada aconselhando que objeções não seriam aceitáveis.

Chris limpou sua garganta, uma postura de negócios substituindo sua antiga incerteza.

– Então estamos claros, eu não sei como matar um fantasma. Eu nem mesmo sei se é possível. O que eu sei, em teoria, é como aprisionar um, mas para isso você vai precisar me fornecer um monte de pedra calcária, naturalmente água corrente, quartzo e moissanita.

– Sem problema, você terá tudo o que precisa quando começar amanhã.

Bones respondeu sem hesitação.

– Ele vai?

Ok, eu sabia que Bones abordava qualquer desafio com confiança, mas não é como se pudéssemos comprar todas essas coisas no nosso Walmart local essa noite.

Ele me deu um olhar suave.

– Yeah, ele vai, Kitten.

Eu o encarei em confusão até que a compreensão bateu.



– *Oh.*

Eu falei, então sorri para o Chris.

– Realmente não é um problema.



Capítulo Dez

Protegi os olhos do feixe luminoso do capacete de Cris quando ele se virou na minha direção. A claridade era quase dolorosa, mas sem aqueles feixes de luz, Cris e seu time estariam completamente cegos na caverna. Bones e eu não precisávamos de ajuda artificial para ver e, em qualquer caso, conhecíamos esse lugar como palma das nossas mãos. Afinal, foi aqui onde nosso relacionamento começou.

– Calculo que haja pedra calcária e água corrente o suficiente pra você aqui e 230 kg de quartzo e moissanita será entregue mais tarde.

Bones afirmou, seu gesto abrangendo o leito fluvial rochoso subterrâneo onde estávamos reunidos.

– Será suficiente?

O farol de Chris estava apontado para o rosto de Bones, mas diferente de mim, ele não piscou perante o forte reflexo.

– É suficiente, mas no subterrâneo desse jeito, ambientes apertados, nenhuma eletricidade... vou levar um mês pelo menos para construir a armadilha. Claro, o problema real é o que acontecerá se o proprietário dessa caverna descobrir o que estamos fazendo.

– Não se preocupe. Eu sou o proprietário e há eletricidade em alguns lugares.

Bones respondeu.

A resposta de Chris ecoou em minha mente. *Essas pessoas ficam mais estranhas a cada minuto.*

– Ótimo.

Foi o que ele disse em voz alta.

– Então em algumas semanas você terá—

– Duas.

Bones interrompeu com um sorriso agradável. O grito de protesto na cabeça de Chris foi silenciado quando Bones acrescentou.

– A menos que você não esteja interessado em um bônus de trinta por cento para cada um de vocês?



Dinheiro podia não ser seu principal motivador em estar aqui, mas Chris estava interessado naquele bônus e sua equipe também. Mais da metade deles estava de volta na sede para examinarem os dados do sanatório, mas os quatro que Chris achou que eram os mais experientes estavam aqui. Lexie, Fred, Graham e Nancy se cutucaram, mentalmente e verbalmente traçando jeitos diferentes que podiam usar para melhorar sua eficiência.

– Acho que podemos conseguir isso.

Chris respondeu depois de uma pequena conferência em particular com eles.

– Esplêndido. Sem dúvida você adivinhou que esse trabalho é estritamente confidencial, mas aqui vai um lembrete. Nenhuma foto, vídeo, ou mapas da caverna e sem mencionar isso para nenhum de seus colegas.

O puro brilho verde reluziu nos olhos de Bones.

– De fato, você nunca vai falar sobre esse trabalho com alguém quando terminar. Entendeu?

Um coro dominado de afirmativas se seguiu. Eu não tinha dúvida que além de hipnotiza-los sobre isso, Bones também iria dar um jeito de apagar os registros das nossas transações com o D.N.I.P. assim que eles terminassem. Provavelmente todos eles terminariam achando que ganharam o dinheiro em algum bolão de loteria ou algo do tipo.

Pela primeira vez não achei que Bones estava sendo extremista. Essa caverna foi usada como uma emboscada contra mim no passado quando alguns vampiros descobriram sobre ela. Eu os matei, então a importância – e localização – tinham caído na obscuridade. Agora fomos forçados a revelá-la para o time de Chris porque ela era feita de pedra calcária e tinha um rio subterrâneo; duas das quatro exigências para uma armadilha de fantasma. Acrescente o quartzo e a moissanita que iriam entregar por meio de um vampiro de confiança e nós tínhamos todos os ingredientes necessários. Uma caverna antiga qualquer não serviria. Tínhamos que ter certeza de que o lugar que iria – tomara – servir como prisão eterna de Kramer era particular e seguro. Não podíamos meter um fantasma homicida em uma caverna com estudiosos de cavernas curiosos que poderiam libertar Kramer se batessem sobre a rocha errada.

– Certo então.

Bones estalou os dedos.

– Vamos procurar por uma parte que funcione melhor para nossa



armadilha. Vocês não podem ficar vagando por aqui sem a gente. Vocês se perderiam.

E com a umidade da caverna e temperatura interna de uns refrescantes 10°C, qualquer um que se perdesse logo desenvolveria hipotermia. Como eles estariam trabalhando aqui por duas semanas, teríamos que trazer aquecedores para a equipe. Eles me ajudaram quando eu era meio-humana e passei muitas noites aqui com Bones.

– Vocês tem certeza de que podem ver bem sem uma luz?

Chris perguntou, em tom de confirmação.

Tive que morder os lábios para reprimir uma risada. Os dentes de Bones brilharam como pérolas quando ele deu um sorriso para Chris.

– Certeza.

Levantei a perna para fora da água quente cheia de sabão, avaliando meu pé de forma crítica. Depois de um bom molho na banheira, não haviam mais vestígios de sujeira debaixo das minhas unhas dos pés, bom. Ajudar a equipe a montar a armadilha em uma parte rasa do rio subterrâneo para que ela fosse rodeada de todos os lados por água corrente significou que meus pés passaram horas em solo primorosamente lodoso durante a semana que se passou. Bones fez o serviço pesado – literalmente – com transporte de detritos rochosos pra dentro e pra fora para fazer uma plataforma sólida para a armadilha. Chris e os outros membros do D.N.I.P. não perguntavam mais por que eu podia ficar na água gelada por horas sem mostrar algum sinal de efeitos nocivos, ou por que Bones podia puxar grandes blocos sem estourar uma hérnia. Alguns flashes verdes dos nossos olhares cuidaram da curiosidade deles sobre esses assuntos.

Com Bones e eu ajudando o grupo a montar a base da armadilha, que foi a parte mais difícil, Chris disse que estávamos à frente do cronograma. Aquilo era música para os meus ouvidos. Quanto antes terminássemos aqui, mais cedo poderíamos testar a armadilha pra ver se funcionava. Fabian já havia mencionado que a nova grande quantia de quartzo e moissanita fazia com que entrar e sair da caverna parecesse como se estivesse viajando através de uma espessa teia de aranha e eles nem ao menos tinham posicionado os materiais ainda. Chris devia saber do que estava falando.

Bones apareceu na porta do banheiro, deixando o olhar escorregar sobre mim duas vezes antes de falar. Eu estava com a cortina do box aberta, então sua visão era completa.



– Vou sair um pouco, amor.

Não perguntei para que. Bones podia ser meu banquete para toda hora, mas meu sangue não tinha vida suficiente para sustentá-lo. Só sangue humano podia e ele não queria enfraquecer ninguém da equipe do D.N.I.P. se alimentando deles.

E mais, isso me parecia, bem, rude.

– Te vejo quando voltar.

Eu disse, erguendo minha perna toda só para apreciar a rápida mudança em seu cheiro enquanto eu a ensaboava, acariciando minha pele um pouco mais do que o necessário.

– Provocadora.

Ele murmurou com a voz mais rouca agora do que segundos atrás.

Aprendi com o melhor, pensei, mas pisquei como se não soubesse do que ele estava falando.

– Você não disse que estava saindo?

A cor verde começou a substituir a cor de mogno em seu olhar, seu cheiro enriquecendo ainda mais. Quase preguiçosamente, ele acariciou o colarinho, dedos pálidos empurrando entre o tecido e a atraente curva de seu pescoço.

Arrepios percorreram minha pele mesmo que eu estivesse vários graus mais quente do que o normal por estar imersa na banheira. A linha onde seu pescoço encontrava os ombros largos era meu segundo lugar favorito para mordê-lo. Bones se mexeu para se encostar no batente da porta como se estivesse se posicionando de forma mais confortável, mas o que isso fez foi enviar ondas ao longo de seus músculos que nem ao menos o pulôver escuro podia esconder. Uma perna casualmente cruzando sobre a outra chamou minha atenção para a parte de baixo de seu corpo, notando como o tecido se agarrava brevemente a uma coxa firme antes de afrouxar e esconder a forma definida por baixo.

A necessidade queimava dentro de mim, fazendo com que meus mamilos endurecessem e ondas de sensações ardentes apertassem meus quadris. E tudo isso foi antes de eu perceber que seus quadris estavam ligeiramente inclinados, permitindo uma melhor visão da protuberância crescente na frente das suas calças.

– Diga-me Kitten.



Aquela voz profunda e macia me acariciava como um carinho físico.

– Devo partir agora ou esperar até mais tarde?

Seus olhos brilhavam em pura cor de esmeralda, o meio sorriso me fazendo saber o quando ele apreciava esse jogo. Eu também. Se eu admitisse que não podia esperar ele se alimentar, ele se juntaria a mim na banheira, mas então viriam as preliminares até que eu implorasse para ele me possuir. E ele faria isso, rindo da minha impaciência enquanto me possuía com investidas fortes e lentas. Ao pensar naquilo, mais terminações nervosas se apertaram em exigência silenciosa.

Mas se eu dissesse para ele se alimentar primeiro, sua própria luxúria cresceria enquanto ele fosse forçado a esperar e procurar uma veia boa para sugar secretamente. Quando ele voltasse, ele estaria quase implacável em sua paixão – e Bones em seu estado primitivo era realmente algo para se experimentar.

Pensando nisso, o calor tomou conta do meu corpo como se a água tivesse se transformado em chamas. Lambi os lábios e pigarreei, mas minha voz ainda saiu como um ronronar rouco.

– Vá agora.

Então toda aquela luxúria adorável pode crescer até acabar com seu controle.

Raios de poder foram liberados de sua aura, preenchendo o ar para pousar em minha pele como um creme aveludado. Sua boca se entreabriu, raspando as presas em seu lábio inferior até surgirem gotas de sangue. Meu olhar se fixou lá e foi tudo que pude fazer para evitar sair da banheira e pegar aquelas gotas antes que rolassem para fora de seu lábio.

– Tem certeza?

Provocação impiedosa! Beber o sangue de Bones enquanto ele estivesse dentro de mim era a coisa mais incrível de todas – e ele sabia disso. Um barulho de algo rachando me alertou de que eu agarrava a borda da banheira com muita força, ela estava prestes a quebrar sob minha mão.

– Vá.

Nada de ronronar, um rugido agora. Bones não seria o único pegando fogo de desejo não recompensado quando ele voltasse.

Jurei vingança erótica para o sorriso convencido que ele me deu antes de desaparecer pela porta. Um clique suave foi a porta do nosso hotel se



fechando atrás dele logo em seguida. Me reclinei, soltando um suspiro de pura força de vontade. Eu não o chamaria de volta mesmo sabendo que ele estaria se demorando por perto para saber se eu o faria. Eu mostraria para ele que podia provocá-lo com a mesma determinação sensual que ele me mostrava com tanta frequência.

E minha recompensa por minha paciência agora seria um amante que só pensaria em sua dominação sobre meu corpo mais tarde. Mais tremores de antecipação ondularam através de mim. Passei as mãos sobre meus mamilos e nas coxas, tentada a ir mais para baixo e liberar um pouco daquela tensão ardente antes de ele voltar, mas decidi não o fazer. Algumas coisas valiam a pena esperar e Bones era definitivamente uma dessas coisas.

Esvaziei a banheira e estava ocupada enxaguando o condicionador do cabelo quando meu gato soltou um grito prolongado que foi alto o suficiente para ser ouvido do chuveiro. No quarto ao lado, Dexter latia forte, terminando em um choro agudo. Fiquei tensa. Helsing podia ser temperamental sem motivos, mas eu só tinha escutado o cão latir daquele jeito quando—

Algo bateu contra a parte de trás da minha cabeça com força suficiente para fazer meu rosto bater na parede em frente de mim. Eu me virei, piscando para tirar os minúsculos fragmentos de azulejo dos meus olhos graças ao mais novo buraco do tamanho de uma cabeça na parede, mas mesmo eu não podendo ver, eu sabia quem tinha me atacado. Kramer. Como o fantasma tinha conseguido se aproximar de mim sem nenhum dos meus alarmes internos dispararem?

– *Hexe.*

Sibilou a voz com sotaque carregado do Inquisidor.

Arranquei da parede a vara de ferro do chuveiro, segurando-a como uma espada em direção a fonte daquela voz antes de perceber a futilidade do gesto.

Oh, se você tivesse um corpo, eu te arrancaria o couro!

Jurei, jogando a vara para o lado.

Minha visão clareou o suficiente para eu ver a figura vestida de túnica a cerca de dois metros de distância. O tanque de água exposto e os cacos de cerâmica quebrados aos meus pés mostraram que Kramer tinha usado a caixa de descarga do vaso sanitário para atingir a parte de trás da minha cabeça. O filho da puta tinha tirado aquilo tão quieto quanto um rato, não tinha? Eu me preparei para me esquivar de qualquer outro item do banheiro que ele pudesse usar para me bater, mas depois de um momento de náusea, vi que a atenção de Kramer estava focada no ápice da minha posição de luta com as pernas



abertas.

Uma toalha estava ao alcance, mas eu lutei contra a vontade de agarrá-la porque, um, eu não queria dar a ele a satisfação de agir de forma envergonhada e, dois, meu sangue frio praticamente reconheceu que aquela distração era uma arma.

Felizmente, essa não era a única arma que eu tinha.

Esfreguei a mão no buraco que meu rosto tinha formado na parede, a fazendo sangrar nas extremidades dos azulejos quebrados.

– Ataquem-no e não o deixem partir.

Rosnei, chamando pelos Remnants com toda a energia que eu tinha.

Os olhos de Kramer se arregalaram antes de ele começar a desaparecer rapidamente. Mas além da rajada de ar frio que senti, cobrindo minha pele com arrepio da cabeça aos pés, nada mais aconteceu.

– Eu disse, ataquem-no!

Repeti, cortando minha mão com tanta força que o azulejo amassou com minha força.

Nada. A única coisa preenchendo o quarto era meu alarme crescente. Qual era o problema? Eu tinha sangue correndo dos meus dedos, minha pele parecia estar sendo percorrida por formigas congeladas e eu queria pra caramba os Remnants aqui, mas meus espectros da sepultura, diabolicamente letais não podiam ser vistos em lugar algum.

Kramer deve ter ouvido ou sentido que eu não era capaz de evocar ajuda, porque ele voltou a se materializar com tanta clareza que eu pude ver o pelo branco eriçado em seu queixo e os diferentes lugares onde sua túnica estava rasgada pela idade. Mas apesar de cortar minha mão repetidas vezes e me concentrar com força suficiente para fazer meu maxilar ranger, ele ainda era a única aparição no banheiro.



Capítulo Onze.

A pior sensação de déjà vu passou por mim. Eu contei com habilidades emprestadas antes em uma luta apenas para descobrir que elas não estavam mais funcionando. Eu nunca deveria ter cometido o mesmo erro novamente. *Me fiz de boa duas vezes. Que vergonha!*

O Inquisidor arreganhou os dentes em algo muito cruel para ser chamado de sorriso.

– Vê? Deus derruba seus poderes de bruxaria em minha defesa!

– Rapaz, você está errado sobre quem está te protegendo.

Cuspi, tentando me reorganizar. Ok, então eu não podia mais invocar os Remnants em meu auxílio, mas devia haver algo mais que eu pudesse fazer além de me encolher e tremer.

– Minhas instruções são do alto, por “tu não deves tolerar que uma bruxa viva. – Kramer trovejou.

– Você não está sob a lei, mas sob a graça. Não julgueis para que não sejam julgados. Aquele dentre vós que não tenha pecado, que atire a primeira pedra. – Disparei de volta.

– Como você não prestou atenção *nessas* instruções do alto, seu hipócrita imundo?

Surpresa tremulou sobre o rosto do Kramer, mas minha infância foi gasta em uma família onde ir frequentemente à igreja e ler a bíblia eram a norma, então eu podia trocar citações das Escrituras com ele o dia todo. Então aquela surpresa desbotou, e a expressão de Kramer retornou à sua máscara normal de vingança.

Apesar da minha determinação em encontrar um jeito de chutar o traseiro do Inquisidor, medo ainda deslizava pela minha coluna. Eu estava completamente nua em um pequeno quarto com um poderoso fantasma puto que já tinha esmagado meu crânio com uma peça do toalete, e minha única arma efetiva contra ele estava estragada. Pela primeira vez em minha longa história de empasses entre a vida e a morte, eu não tinha a menor ideia do que fazer em seguida. Todo o treinamento em batalhas que eu tinha trabalhando tanto para dominar não me fazia bem algum sob essas circunstâncias. Eu não podia machucar o que não posso tocar, e Kramer não era mais sólido do que uma lembrança assustadora. Como se pudesse sentir minha incerteza, o sorriso do Inquisidor aumentou.



Ouvir a porta do nosso hotel arrebatando quase me fez deslizar em alívio. Bones deve ter voltado. Mesmo que ele também não pudesse aplicar um golpe físico contra Kramer, dois contra um era uma probabilidade que nos compraria algum tempo para pensar em um plano...

– Você mexeu com a garota branca *errada*, filho da puta! – Tyler gritou.

Eu não sabia quem estava mais chocada, eu ou Kramer. O antigo médium inseguro apareceu no batente da porta, segurando uma lata de lixo esfumaçada com o que pareciam vinhas em chamas dentro dela. Seu olhar percorreu o banheiro, procurando o assaltante que ele ainda não podia ver.

Eu não tinha a menor ideia do que Tyler pretendia, mas eu estava disposta a ajudar.

– Ali! – Eu disse, apontando para Kramer.

O fantasma encarou Tyler, sua cabeça inclinada, quase como se ele estivesse curioso para ver o que o Médium estava fazendo. Tyler puxou um punhado daquelas videiras em chamas, amaldiçoando quando elas chamuscaram seus dedos, e as jogou na direção que eu tinha indicado.

Kramer gritou assim que as primeiras voaram através do lugar que ele ocupava. Sua forma dissolveu, mas uma grande parte da bancada foi arrancada e arremessada na direção do Tyler. O médium se abaixou com uma velocidade que eu não esperava dele, e os mísseis improvisados aterrissaram na parede do banheiro, ao invés dele.

Eu não sabia o que estava na lata de lixo. Não era alho e maconha, pelo cheiro, mas qualquer coisa que machucasse Kramer era algo que eu queria utilizar. Pulei para frente, agarrando as videiras em brasas do chão do banheiro, e as atirando na confusa forma do fantasma.

Kramer gritou novamente quando as vinhas passaram através dele. O que quer que aquela coisa seja, *eu a amava*.

– Por aqui.

Apressei o Tyler, pegando outro punhado. Tyler e eu jogamos nossos punhados em chamas no fantasma como um casal de lançadores de beisebol sincronizados. As bordas das plantas esfumaçadas arranharam Kramer antes que ele pudesse se fazer desaparecer. Com um grito final doloroso, o Inquisidor desapareceu completamente de vista.

– Corra, filho da puta, corra.

Gritei, tão aliviada por termos outra coisa para usar como arma que eu



poderia apertar o Tyler até suas costelas estalares. Eu não fiz isso, mas dei um breve aperto que no entanto provocou um “oof”.

– Espaço pessoal. – Tyler censurou, quando o soltei. – E, você sabe, uma toalha é o mínimo que você pode vestir.

Comecei a rir. Por anos, eu estive desconfortável com a atitude blasé da maioria dos vampiros sobre a nudez, ainda assim aqui estou eu, abraçando alguém que conheço a menos de duas semanas, usando nada além de algumas espumas perdidas.

Cobri-me com as roupas que tinha à mão, a jaqueta de couro do Bones, que ficou colada na minha pele molhada.

– Desculpe. Kramer meio que interrompeu meu banho...

Minha voz sumiu porque de repente Bones apareceu no quarto, facas de prata em cada mão e um olhar escuro nos esquadrinhando.

– Eu te ouvi gritar. O que aconteceu?

Tyler ainda estava segurando a lata de lixo, seu conteúdo ardente enchendo o quarto com uma névoa leve. Como se por sugestão, o alarme de incêndio começou a tocar, e água disparou pelos extintores de incêndio na parede. No quarto ao lado, Dexter começou a lamentar no mesmo ritmo que o berro do alarme.

– O que aconteceu é que meus poderes emprestados acabaram, e Tyler realmente é um fodão no disfarce. – Respondi, acenando para o Mèdium. – Olhe só você, rebentando por aquela porta para descer a porrada no Kramer.

O olhar do Bones correu sobre Tyler com nova apreciação.

– Muito bem, companheiro. – Então ele mudou suas facas para uma só mão e correu a outra pelo meu pescoço. – Você está ensanguentada. Está tudo bem?

Ele sabia que qualquer ferimento em um vampiro iria curar quase instantaneamente, mas sua mão continuou passando por mim como se procurasse por lesões. Emoções se misturaram pelo meu subconsciente, vazando pelo seu escudo, de tão intensas. Preocupação, raiva pelo meu ataque, e culpa por não estar aqui quando isso aconteceu.

– Não. – Eu disse, pegando sua mão. – Como nós podíamos saber que Kramer nos encontraria aqui, ou que as habilidades da Marie finalmente seguiriam seu curso?



Uma pequena voz interior me disse que eu devia ter suspeitado que meus poderes emprestados estavam acabando. Na semana passada, nenhum novo fantasma havia encontrado seu caminho até mim, mas eu pensei que todo o tempo que passei na caverna, cercada pela armadilha de calcário, quartzo, e água corrente tinha possivelmente entorpecido meu sinal para o outro lado.

– O que faz eu me perguntar como ele nos encontrou agora.

Bones disse, suas sobrancelhas se juntando.

Dei de ombros. – Ohio é um paraíso para o sobrenatural, e nós temos vagado em público por mais de uma semana. Talvez um dos fantasmas amigos de Kramer nos viu e contou a ele. Talvez aconteceu de ele estar na área porque foi atraído para cá como inúmeros outros fantasmas.

– Ou talvez Kramer seguiu Elisabeth depois de uma de suas falhas tentativas de espionagem. – Bones disse sombriamente.

Aquela também era uma possibilidade, e eu me certificaria de dizer à fantasma para ser extra cuidadosa no futuro.

– Exatamente o que precisávamos.

Murmurei, quando um confuso funcionário do hotel apareceu na nossa porta. O que quer que ele estivesse prestes a dizer morreu em seus lábios quando ele olhou para Tyler, ainda segurando a fumacenta lata de lixo, e Bones e eu ignorando a água pulverizando em nós.

– Pequeno contratempo sobre um cigarro que caiu no lixo, mas está tudo resolvido agora.

Bones declarou enquanto piscava um brilho esmeralda no empregado.

– Volte e diga a eles para desligarem o alarme e os extintores de incêndio.

O empregado se virou sem outra palavra. Esperei até ele estar fora de vista para falar novamente.

– Precisamos checar o Chris e os outros. E se eu não fui a primeira pessoa que Kramer atacou?

Bones acenou, murmurando “Fique aqui” para o Tyler.

– Não, ele precisa vir também.

Era mais seguro estar em grupo caso Kramer estivesse escondido nas



proximidades, esperando para pegar algum retardatário.

– Além disso, ele pode ter mais do que quer que seja isso que assustou Kramer.

– É sálvia*. – Tyler respondeu,ajeitando os ombros. – Deveria ter usado isso no Kramer naquele dia na minha loja, mas eu estava muito ocupado morrendo. Eu tenho mais disso no meu quarto. Além disso, eu não vou à lugar algum sem o Dexter.

**Quando queimada, dizem que essa planta afasta o mal.*

Caí de joelhos ao lado da cama, os batimentos cardíacos acelerados do Helsing me dizendo onde ele estava. O felino esperto havia corrido para se esconder assim que a porcelana começou a voar. Como eu iria lutar contra um fantasma enquanto segurava um gato em pânico era algo que ninguém sabia, mas eu também não correria o risco de deixá-lo sozinho no quarto caso Kramer voltasse procurando um segundo round.

– Vamos lá, gatinho. – Murmurei. – Nós estamos caindo fora daqui.

Larguei minha mala dentro do pequeno quarto que foi meu do nascimento até os vinte e dois anos. Uma fina camada de poeira cobria o peitoril da janela e os móveis, mas eu não tive tempo de começar a limpar. Coisas primárias primeiro, e isso era preparar a casa para os muitos mais hóspedes do que quartos necessários.

– Configure o medidor de EMF na cozinha e na sala. – Ouvi Chris instruir. – Então eu quero infra vermelho e RK2s instalados nos outros cômodos. Nada espectral virá por essas paredes sem nosso conhecimento, pessoal.

– Você faz isso. Eu vou colar no Dexter. Ele vai saber se um fantasma está vindo antes de qualquer uma de suas máquinas.

Tyler murmurou, subindo as escadas.

Dado o histórico do cão, eu tendia a concordar. Até mesmo Helsing tinha provado poder sentir a aproximação de Kramer, mas se os equipamentos que Chris estava fixando podiam fornecer qualquer aviso adicional, quem era eu para desprezar a tecnologia útil? Dexter e Helsing tinham que dormir às vezes.

A boa notícia era que ninguém tinha sido visitado por Kramer no hotel. A má notícia é que não levaria muito tempo para Kramer corrigir esse equívoco se ficássemos lá, então nós precisamos de um novo lugar que ainda era dentro



de um raio de distância razoável da caverna. Além disso, quanto menos espectadores inocentes perto de nós, melhor, caso Kramer nos encontrasse novamente. Ele não provou se importar com o bem estar dos outros.

Isso tornava minha antiga casa de infância, nossa melhor opção pelos próximos dias, até a armadilha estar completa. Minha mãe a tinha vendido após meus avós morrerem e nós nos mudamos com meu novo trabalho secreto no governo, mas eu a comprei de volta depois que um casal simpático foi assassinado aqui por vampiros tentando me encontrar. Desde então, a maioria das pessoas achava que o lugar estava vazio. Normalmente estava. Eu mantive a eletricidade e água ligados, desde que Bones e eu ocasionalmente ficamos aqui quando visitamos Ohio. O pomar em torno da casa não havia sido colhido em anos. Meu avô pão duro devia estar se revirando em sua sepultura com o desperdício de tantas cerejas perfeitamente boas. Ainda assim, os hectares de pomar carregado agiam como uma barreira natural de privacidade, escondendo qualquer luz ou atividades na casa dos nosso vizinhos mais próximos.

Bones entrou no quarto, forrando as janelas e móveis com uma pesada camada de alho picado e maconha. O primeiro foi adquirido após uma rápida parada em um supermercado vinte e quatro horas, mas o último exigiu hipnotizar um traficante local para que ele nos desse seu estoque inteiro. Eu queria poder dizer que foi difícil encontrar alguém vendendo maconha na minha cidade natal, mas foi preciso apenas alguns minutos dirigindo por uma vizinhança abandonada para detectar o cheiro característico e o seguir até a fonte.

Agora eu podia adicionar roubar um traficante de drogas à minha lista de crimes, mas o que mais eu podia fazer? Reembolsá-lo? Aquilo de alguma forma parecia igualmente errado, sem mencionar que ia contra a mensagem “o crime não compensa”, mas eu tinha que admitir que ainda me sentia culpada por roubar erva, mesmo que o que eu estava fazendo com ela fosse sem dúvida mais nobre. Folhas queimadas podem funcionar como uma espécie de lança-chamas sobrenaturais contra Kramer, mas o objetivo real era não deixá-lo nos encontrar novamente. Não até termos a armadilha pronta, de qualquer forma.

Puxei alguns cobertores extras do armário e os entreguei ao Tyler, que entrou enquanto Bones saía para espalhar mais daquela mistura fedorenta pela casa.

– Distribua esses lá embaixo. – Eu disse ao Tyler. – Vou pegar mais no outro quarto.

Eles podem não ser suficientes para que todos tenham seus próprios



cobertores, mas graças a Deus o aquecedor funcionava, e eu poderia conseguir mais cobertores amanhã. E colchões de ar. A casa só tinha dois quartos, e éramos oito, mas as preocupações com a segurança haviam anulado as com conforto e conveniências.

Tyler pegou os cobertores e eu procurei por mais no quarto de hóspedes, pegando duas toalhas de mesa no closet também. Ainda não era o suficiente. Voltei para o meu antigo quarto e despi a cama, conseguindo mais dois cobertores e um jogo de lençóis. Bones e eu poderíamos dormir com nossas jaquetas nos cobrindo. Como vampiros, não corríamos perigo de pegar um resfriado.

– Você tem alguma coisa para beber aqui?

Ouvi Graham perguntar, sua voz desanimada.

– Apenas água da torneira, desculpe.

Respondi, descendo as escadas com meu enorme pacote.

– Vou conseguir alguma comida e bebida amanhã.

Graham suspirou. – Sem problema.

No entanto, seus pensamentos desmentiram suas palavras.

Eu realmente espero que essa cadela não esteja inventando tudo isso como um truque desesperado por atenção. Nós estivemos nesse trabalho por mais de uma semana, e ainda temos somente a palavra dela que esse fantasma existe, muito menos que é uma ameaça para alguém. Ela pode apenas ter deixado de tomar o remédio dela ou estar menstruada.

– Hey!

Graham gritou de repente, sua mão voando para o seu rosto.

– Algo acabou de me bater!

Fiquei tensa. Estrias vermelhas marcavam a bochecha do Graham como a marca de uma mão invisível, e o ar estava crepitando com uma nova e raivosa energia, saltando pela minha pele como lixa. Olhei para o Dexter, mas o cão estava em silêncio, e embora eu não tenha visto onde Helsing estava, nenhum distinto rosnado felino dividiu o silêncio repentino após a declaração de Graham.

– Cheque o EMF, o infravermelho, e o medidor de temperatura. – Chris ordenou, lançando seu olhar ao redor. –Podemos não ser mais os únicos aqui.



Lexie, Fred. E Nancy correram para fazer o ordenado. Mas então encontrei a fonte daquela energia pulsante e fervente, e meu queixo caiu.

Bones estava no corredor, os punhos cerrando lentamente e esmeralda resplandecendo do seu olhar enquanto ele encarava Graham.

– Nunca mais desrespeite minha mulher dessa forma novamente.

Cada palavra foi um rosnado baixo e furioso, que fez toda a atividade na sala parar de uma vez. Cada cabeça balançou na direção do Bones, então o meu queixo não era mais o único caído quando a equipe percebeu suas presas e seus olhos inflamados em verde. Apenas Tyler manteve a calma, mas, novamente, ele não tinha acabado de descobrir uma nova verdade chocante como o resto de nós.

Para Chris, Lexie, Fred, Graham e Nancy, foi a descoberta de que vampiros existem. Para mim, foi a compreensão de que foi *Bones* quem atingiu Graham, e ele fez isso sem sair do lugar.



Capítulo Doze.

Chris conseguiu falar antes de mim

– Que diabos está acontecendo aqui?

Ele soava preocupado, mas não histérico. Bom para ele, pensei, ainda espantada por descobrir que Bones tinha estapeado Graham usando só o poder de sua mente. Até agora, só outro vampiro no mundo podia fazer a mesma coisa e esse vampiro tinha mais de quatro mil anos de idade. Bones não tinha nem alcançado seu aniversário bicentenário ainda.

Mas aquele ex faraó, Mencheres, era o co-regente de Bones e ele tinha compartilhado alguns de seus incríveis poderes com Bones quando eles fundiram linhagens há algum tempo. Imediatamente após receber aquela transfusão sobrenatural, a força de Bones tinha triplicado e ele ganhou a habilidade de ler mentes humanas. Com frequência eu me perguntava se alguma outra habilidade poderia surgir conforme o tempo passasse. Acho que eu não devia mais me perguntar isso.

Mas por que ele não me disse antes disso? Tipo, *oh, por acaso, Kitten, sou telecinético agora. Imagine só, hum?*

– Então foi você?

Tyler relaxou quando descobriu que as palavras de Bones combinadas com seu olhar furioso significava que não foi Kramer que atingiu Graham.

Bones olhou para mim, um pouco do brilho deixando suas feições.

– Parece que sim.

Meu rompante de irritação derreteu. Bom Deus, essa habilidade era novidade pra ele também?

– Você não sabia?

Perguntei suavemente.

Sua boa se torceu.

– Não tinha certeza até agora.

– Vou embora daqui agora mesmo se alguém não começar a dar explicações.

Chris jurou. Notei que ele não era o único que começava a ir em direção



a porta da frente.

– Fantasmas não são as únicas coisas estranhas que existem.

Tyler resumiu antes que eu pudesse expressar uma resposta mais gentil. O médium acenou para mim e Bones.

– Conheçam os vampiros.

Lexie soltou uma risada nervosa. Graham parecia querer vomitar. Pelos seus pensamentos, Fred e Nancy estavam pensando em discar para 911. A mente de Chris pendia entre negação e um estranho senso de triunfo, como se ele suspeitasse que havia mais no mundo sobrenatural mas não sabia o que era.

– Não há necessidade de se preocupar.

Eu disse enquanto me perguntava se eu teria que impedir algum deles de ligar para a polícia.

– Não matamos pessoas – bom, não pessoas que não merecem, isso é, e –

Graham gritou, tentando correr para a porta. Bones o tinha pendurado pela frente de sua camisa num piscar de olhos, me lançando um olhar sarcástico.

– Melhor não mencionar qualquer matança em um discurso revelador, amor.

– Certo.

Suspirei, apanhando Lexie e Fred quando eles também tentaram correr.

– Não se preocupem.

Ordenei, acendendo as luzes no meu olhar.

– Não vamos machucá-los!

Eles relaxaram como se eu os tivesse atingido com um dardo cheio de Valium. Bones sussurrou algo que não entendi para Graham, mas ele logo também tinha uma expressão vidrada e submissa. Chris observou tudo em silêncio e imóvel, suas cambalhotas mentais eram a única indicação de que ele estava muito longe da calma que parecia.

– O jeito como vocês se movem... os dois são apenas um borrão.

Ele disse finalmente.



Dei de ombros.

– Os mitos têm algumas coisas certas. Supervelocidade é uma delas.

– O que os mitos erram?

Ele perguntou imediatamente.

– Incontrolável necessidade de matar, estacas de madeira, explodir na luz do sol, aversão a cruzes, falta de reflexo e, oh, e as capas de colarinho duro. Quero dizer, honestamente, *quem* sairia em público usando uma daquelas?

– Tragédia fashion.

Tyler concordou.

Chris continuou a nos encarar.

– Você esqueceu controle de mente.

– Viu isso por si mesmo, não foi?

Bones respondeu. Seu tom era leve, mas não tirou o olhar do de Chris.

– Você e sua equipe não se lembrarão de nada disso assim que a armadilha estiver completada, mas até lá, eu quero que vocês saibam com o que estão lidando. Então, talvez, um de vocês não me provoque novamente com seus pensamentos.

Apesar do redemoinho em seus pensamentos, o queixo barbudo de Chris se empinou para frente.

– Não ameace minha equipe.

Bones ergueu a sobrancelha.

– Ou você fará o que?

Ele perguntou suavemente.

Chris engoliu seco.

– Não vou terminar a armadilha na qual você está tão interessado.

Ele respondeu. Se eu não tivesse escutado suas preces mentais para que essas não fossem suas últimas palavras, eu juraria que ele tinha bolas de aço.

Bones deu um tapinha no ombro de Chris de forma amigável que



mesmo assim fez o outro homem hesitar.

– Eu poderia hipnotiza-lo para fazê-la, mas você possui bravura e lealdade, duas coisas das quais eu prezo. Mantenha sua equipe na linha e vocês não terão com o que se preocupar.

– Eles não podem evitar seus pensamentos, Bones.

Apontei. Claro, eu tinha ficado irritada com as reflexões grosseiras de Graham, mas claramente não tão puta da vida quanto Bones se elas desencadearam uma resposta telecinética que ele não sabia que era capaz de ter.

Apesar de que a raiva geralmente tinha sido o gatilho com minhas habilidades emprestadas e isso foi antes de eu saber que as tinha também. Talvez a raiva fosse somente o jeito normal de novas habilidades se manifestarem. Como eu podia saber?

– Agora eles foram avisados de que seus pensamentos não são particulares, então eles só podem culpar a si mesmos se não mantiverem uma coleira neles.

Foi sua resposta dura.

– Eles deviam estar focados na tarefa que têm em mãos, não em ponderações insolentes sobre você criar contos sobre um fantasma porque negligenciou sua medicação, por estar desesperada por atenção ou enlouquecida por causa de suas regras.

– Jesus, Graham.

Chris murmurou.

– Parece que toda vez que algo acontece com uma mulher vocês, rapazes, sempre trazem a tona sua menstruação.

Lexie disse, acompanhada por um resfolego de Nancy concordando.

Graham ficou corado.

– Eu não disse em voz alta.

– E agora sabe que isso não importa.

Bones afirmou suscitadamente, o verde brilhando em seus olhos novamente.

Pigarreei para diminuir a tensão.



– Ok, todo mundo relaxe e lembre-se de que só temos que completar a armadilha. Então vocês irão prosseguir com suas vidas com um bônus bem gordo e haverá um assassino terrível a menos flutuando por aí. Acho que todos podemos concordar que isso é um objetivo pelo qual vale a pena continuar trabalhando.

Murmúrios cautelosos concordando soaram, mas eu não estava esperando um coro fervente de “whoohoo’s!” então isso era bom o suficiente para mim.

– Bones.

Olhei para fora da janela com um olhar cansado, onde o sol estava começando a aparecer no horizonte.

– Vamos dormir um pouco. Temos muito a fazer mais tarde.

Eu tinha acabado de descarregar as compras de mantimentos quando meu celular tocou, sua cadência musical rompendo o silêncio. Estávamos só Bones e eu na casa no momento. Deixamos os outros na caverna enquanto providenciávamos suprimentos suficientes para manter meia dúzia de humanos confortáveis durante sua estada aqui.

Eu esperava ver o número do celular de Tyler ou de Chris quando agarrei meu celular, mas ao invés disso apareceu a palavra BLOQUEADO. *Telemarketing*, pensei de forma irritada, e eu estava prestes a apertar IGNORAR quando parei. E se fosse alguém ligando em nome de Fabian? O fantasma tinha que contar com os outros para fazerem ligações para ele já que ele não tinha a habilidade física de discar e sua voz só vinha como uma estática através do telefone. Fabian deve ter aparecido no hotel na noite passada só para descobrir que fechamos nossa conta e não havia informação alguma de para onde tínhamos ido. Mesmo que ele tivesse pensado em tentar a caverna e tivesse ouvido de Tyler onde estávamos ficando agora, com todo aquele alho e maconha que eu estava carregando em minhas roupas, sem mencionar o que estava ajeitado ao redor da casa, Fabian podia não ser capaz de me alcançar.

Só pelo caso de ser um vendedor, porém, atendi o telefone com um alô não muito amigável.

– Crawfield?

Uma voz igualmente abrupta perguntou.

Nenhum atendente de telemarketing teria meu nome correto já que esse



número era listado com um dos meus nomes de disfarce. Mas apesar daquela voz ser vagamente familiar, eu não pude dar um nome a ela.

– Quem é?

– Jason Madigan.

Ah, o infame novo consultor de operações do time. Pelo tom dele, o humor azedo dele não tinha melhorado desde nosso primeiro encontro.

– A que devo essa honra?

Perguntei secamente.

– Você deve a uma completa falta de discrição sobre informação sobrenatural sensível.

Foi sua resposta fria e calculada.

Eu precisava dessa atitude como eu precisava de um par extra de tetas no meu traseiro.

– Não sei do que você está falando. Se importa de ser mais claro?

Ou é pedir muito, Sr. Pragmático? Acrescentei mentalmente.

– De onde seu celular está transmitindo, adivinho que esteja em sua antiga residência de infância.

Ele afirmou, me irritando mais do que devia por ter começado a rastrear meu sinal assim que atendi.

– Um helicóptero estará aí para te pegar em trinta minutos.

– Desculpe-me, mas você terá que me dizer o que está acontecendo por telefone. Tenho outros planos para essa noite.

Eu disse, acenando para Bones e balbuciando Madigan enquanto apontava para meu celular.

– Se você se recusar a vir, seus privilégios de visitas ao complexo serão revogados permanentemente.

Um clique distinto encerrou a frase. Uma boa coisa também, já que eu tinha respirado fundo para que pudesse dizer ao consultor em termos explícitos onde ele poderia enfiar seu ultimato e isso não teria sido inteligente. Provavelmente ele poderia revogar meus privilégios de visitas se ele falasse de mim para seus superiores que eu o xinguei do jeito que eu estava prestes a fazer.



– O que ele quer, Kitten?

– Ser morto por uma presa se ele continuar com isso.

Falei com desprezo, minha irritação transparecendo apesar de meus esforços de contê-la.

– Eu não sei.

Corrigi, suspirando fortemente.

Mas agora eu sei o quanto Chris se sentiu frustrado quando você indicou que ele não poderia impedir se você decidisse fazer algo que ele não gostasse. Karma é uma merda, certo?

As sobrancelhas do Bones se arquearam.

– Vai detalhar o que você quer dizer?

– Se eu não largar tudo e me deixar ser levada para o complexo, para que Madigan possa me repreender com severidade por sabe-se lá Deus o que, então eu só conseguirei ver minha mãe e os rapazes quando eles estiverem fora da base. O que, como você sabe, não é tão frequente.

Bones não reagiu com raiva instantânea como eu tinha feito. Ao invés disso ele deu batidinhas no queixo de forma pensativa.

– Uma boa forma de descobrir se seu tio descobriu alguma coisa importante sobre o cara, então deixe que ele sinta que ganhou esse round. Será só para o nosso benefício.

Claro. Se eu não deixasse Madigan me irritar de forma tão eficaz, eu teria chegado a mesma conclusão. Don também não sabia que ele não podia mais ir rapidinho para o meu lado sempre que quisesse. Além de ver se ele descobriu alguma sujeira em Madigan, também era importante deixar meu tio saber sobre minha mudança no status sobrenatural.

– Você vai ter que ficar aqui, Bones. Caso contrário, não estaríamos de volta a tempo para buscar todos da caverna.

Não seria certo pedir para o time de Chris esperar em uma caverna fria e úmida a maior parte da noite, especialmente já que eles tiveram que acampar no chão sem comida na noite passada. Mas eu seria amaldiçoada se pedisse para nosso helicóptero de escolta pegar a gangue primeiro, antes de nos levar de volta para a casa. Madigan pode saber sobre minha antiga casa de infância, mas eu não ia entregar a localização da caverna para ele também.

O cheiro de Bones e o arranhar de suas emoções através das minhas



me fizeram saber o quanto ele não gostou da ideia de eu ir sozinha, mas finalmente, ele assentiu.

– Você levará folhas secas para o caso de Kramer conseguir te localizar de novo.

Claro, porque eu não podia aparecer para ver Madigan coberta por maconha e alho. Mesmo que isso não fosse ser motivo para um monte de perguntas, o que seria, aquela mistura manteria Don afastado de mim, destruindo metade do propósito da ida.

– Eu vou te ligar quando estiver voltando.

Eu disse, esfregando suas maçãs do rosto esculpidas com as pontas dos meus dedos.

– Mantenha folhas secas por perto também, e se Helsing começar a chiar, acenda-as.

– Oh, não se preocupe comigo.

Bones sorriu, mas algo frio passou por seu rosto.

– Estou ansioso para fazer aquilo de novo.

Ele deve estar saboreando a chance de se vingar do ataque de Kramer sobre mim no banho, mas se eu pudesse escolher, nenhum de nós veria o Inquisidor até estarmos batendo a porta da armadilha nele.

– Eu te amo.

Eu disse, porque era o melhor uso das palavras ao invés de uma interminável repetição para ele tomar cuidado. Pela lógica, sabia que Bones era mais do que capaz de se cuidar se Kramer viesse atrás dele, mas o pensamento de ele sendo atacado enquanto eu estivesse fora me fazia sentir enjoo.

– Eu também te amo, Kitten.

Sua voz mudou, se tornando quente, aquela que me fazia derreter um pouco cada vez que eu escutava. Então seus lábios roçaram minha testa, de forma tão suave e macia como uma pena, era mais uma provocação do que um beijo.

– Não deixe aquele jogador do Madigan te tirar do sério, ele só vai apreciar isso.

Ele murmurou contra minha pele.



– Sua força de vontade é mais forte do que a dele. Mostre isso a ele.

Tracei meus dedos do seu rosto para seus ombros, o puxando para mais perto até que a firme superfície plana de seu corpo se pressionasse ao longo do meu. Madigan tinha desligado na minha cara dez minutos atrás. Isso significava que o helicóptero não chegaria nos próximos vinte minutos.

Deixei minhas mãos deslizarem dos seus ombros para o vale apertado do seu estômago, então mergulhei uma dentro da parte da frente de suas calças.

– Por que você não me ajuda a me deixar com um humor mais calmo?

Sussurrei.

Eu estava no chão, a boca de Bones esmagando a minha, antes da última palavra sair dos meus lábios.



Capítulo Treze.

Madigan olhou para mim de forma furiosa enquanto eu entrava no que costumava ser o escritório do meu tio. Retornei o olhar do mesmo modo, somente a força de vontade fazia com que meus olhos não brilhassem verdes e as presas não ficassem salientes em meus dentes. Madigan não só ignorou minhas observações anteriores sobre a inutilidade de verificar identidade no telhado; ele também instalou um scanner de corpo inteiro que transmitiu imagens explícitas do meu corpo em uma tela, agentes da A.S.T (Administração de Segurança de Transportes) em todo lugar iriam chorar de inveja. Então tive todo pedaço de metal em mim confiscado, exceto meu anel de casamento, e tive que discutir por dez minutos antes que os novos guardas me deixassem entrar com meu pacote de ervas secas. Como era de se esperar, eles pegaram minha caixa de fósforos, porque, claro que eles eram armas potencialmente mortais.

Idiotas. Eu era uma vampira, como eles sabiam muito bem. Eu poderia matar alguém dez vezes mais rápido com meus dentes ou minhas mãos. Foi bom Bones não ter vindo comigo ou ele teria trucidado um dos guardas só para provar se ponto de vista sobre todo aquele processo estúpido e insultante. Descobrir que Madigan tinha também confiscado o escritório de Don, ouvir suas repetições mentais do mesmo jingle de seguro de carro tinha sido a cereja em cima do sundae para arruinar meu humor que anteriormente estava bom.

Pela carranca do meu tio enquanto ele flutuava atrás de Madigan, ele também estava com um humor terrível.

– Pena que não houve uma busca em cavidades corporais. – Falei no lugar de um olá. – Meu ego pode nunca se recuperar.

Os olhos azuis pálidos de Madigan se estreitarem.

– Segurança relaxada podia ser aceitável durante o período do meu antecessor, mas não é no meu.

– Você quer dizer o período do antecessor de Tate.

Corrigi imediatamente, não respondendo ao tapa contra Don porque eu estava tentando acalmar meu temperamento ao invés de inflamá-lo. Meu tio já sabia as muitas razões do por que as novas medidas de segurança de Madigan eram sem sentido quando se tratava de vampiros. Tudo que Madigan estava fazendo com seu novo scanner caro era desperdiçar o dinheiro dos impostos dos contribuintes em uma tentativa de parecer competente para superiores do governo sem conhecimento.



Meu tio ergueu a sobrelanceba balbuciando, 'Você não vai acreditar nisso,' ao mesmo tempo em que Madigan sorria.

– Em vigor imediatamente, o chefe de Segurança Interna elevou minha posição de consultor de operações para agir como supervisor dessa operação.

O choque me fez congelar durante o processo de me sentar.

– Besteira. – Eu expressei. – Eles não podem puxar o tapete de Tate sem nem ao menos lhe dar uma chance de obter sucesso!

Oh sim, eles podem, Madigan pensou, interrompendo seu mantra mental do maldito slogan que bloqueava o resto dos seus pensamentos. Ele não respondeu em voz alta, porém continuou a me olhar com aquele sorrisinho triunfante. *Quinze minutos podem te fazer economizar quinze por cento. Quinze minutos...*

Foi Don quem disse, com uma voz muito pesada.

– Foi exatamente o que eles fizeram, Cat.

Senti como se tivesse levado uma marretada. Não era um choque que os poucos oficiais de alto escalão do governo que sabiam sobre esse departamento podiam tomar tal decisão estúpida; eu já tinha visto estupidez governamental em ação antes. Mas eu estava atordoada por eles terem feito isso em tão curto espaço de tempo. Um *'É completamente injusto!'* passou pela minha mente e apesar de soar infantil, ainda era verdade.

– Parabéns. – Foi o que falei, com acidez penetrando em cada sílaba. – Tate ainda trabalha aqui ou você o demitiu em seu primeiro ato oficial como chefe?

Uma parte de mim esperava que Madigan tivesse demitido cada não humano do time. Isso faria Cooper e os outros veteranos humanos membros do time pedirem demissão em desgosto. Então todos nós poderíamos nos sentar e contar os dias até que os poderes que valem aprendessem a loucura que era tentar lutar com os não vivos só com soldados normais. Quando as perdas humanas aumentassem, os mesmos políticos insensatos que o promoveram jogariam fora Madigan e seu traseiro bem vestido, implorando que Tate, Juan, Dave e os outros voltassem. Inferno, eles implorariam para minha mãe voltar e ela nem tinha saído em sua primeira missão ainda, mas ela ainda era mais durona do que noventa e nove por cento de seus melhores soldados humanos.

– Tate foi rebaixado para oficial júnior. – Don respondeu, esclarecendo a resposta intencionalmente vaga de Madigan.



– Claro que ele ainda é empregado aqui.

Oficial júnior. Cravei as unhas na palma das mãos até que o cheiro de sangue me fez parar. Apesar da minha promessa para Bones de não deixar Madigan me irritar, isso era tudo que eu podia fazer para não começar a gritar com ele. Depois de todas as vezes em que Tate arriscou sua vida por essa operação, sem mencionar todas as vidas que ele salvou durante seu exercício no cargo, ele não merecia um rebaixamento só porque Madigan era um babaca com fome de poder que tinha problemas com os não vivos.

– Cat. – Don começou.

– Agora não. – Eu disse, minha atenção tão focada na injustiça de tudo isso que eu respondi para ele em voz alta. *Oops!* – Uh, mais tarde, mas agora você quer me dizer por que estou aqui?

Gaguejei para encobrir meu escorregão.

Felizmente, Madigan não pareceu perceber. Ele ligou um pequeno dispositivo e uma tela plana desceu de uma fenda no teto. *Você realmente ama seus pequenos dispositivos, não é?* Pensei sarcasticamente.

A tela iluminou um número de série e a palavra “confidencial” sumiu para se focar em uma imagem de Chris, entre todas as pessoas, sendo transmitida no que parecia uma visão noturna. Seus olhos brilhavam de forma não natural.

– *Com quem você está falando?*

Ele estava perguntando, olhando ao redor de um porão que eu reconheci com um sentimento de querer afundar. Minha própria voz se seguiu em resposta.

– *Um dos antigos residentes de Waverly. Pode me fazer um favor, Herbert? Voe através do braço esquerdo do homem de barba...*

Não disse coisa alguma durante toda a filmagem, completa com vários closes do meu rosto enquanto eu direcionava um fantasma que não podia ser visto para mergulhar no corpo de Chris. Filho da puta! Um membro do D.N.I.P. deve ter manipulado uma câmera lá embaixo durante o período de instalação, mas como as filmagens tinham chegado em posse de Madigan? Mal tinha uma semana!

Madigan pausou o vídeo quando saímos da vista da câmera.

– Você sabe onde isso estava? No site da Divisão Nordeste de Investigação Paranormal, onde qualquer um com um computador poderia ver uma ex agente secreta tagarelando sobre como o sobrenatural realmente



existe!

Eu queria bater a cabeça contra a mesa, mas não o fiz porque isso daria a Madigan a satisfação de saber o quanto ele marcou um ponto – apesar de fazê-lo, ele revelou um pedaço importante de informação. Se Madigan tinha realmente encontrando isso só porque o D.N.I.P. colocou o clip em seu Web site, então ele tinha minha imagem conectada em uma base de dados especializada em reconhecimento facial que normalmente era usado para os terroristas e criminosos mais procurados do mundo. Por que ele tinha tanta fixação em mim?

– Você vê uma ex agente fazendo a vontade de um investigador crédulo para conseguir fazer com que ele aceitasse pegar um trabalho para um cliente paranoico de um amigo. Eu não tinha ideia que isso estava sendo filmado.

Improvisei, rezando para que minha conversa sobre Kramer tivesse acontecido em um lugar sem câmeras posicionadas.

– Jura? – O olhar de Madigan era azul como aço. – Então você não estava, na verdade, se comunicando com fantasmas e direcionando suas ações?

Eu me forcei a não olhar para Don, que pairava atrás da cadeira de Madigan, perto o suficiente para ser um barbeiro prestes a lhe cortar o cabelo. Eu não havia mencionado fantasmas em nenhum dos meus relatórios enquanto eu trabalhava aqui. Naquela época, minha experiência com eles tinha sido muito limitada, então não havia necessidade. Se Madigan soubesse que alguns fantasmas são tão inteligentes quanto qualquer outra pessoa e podiam se infiltrar em lugares que os agentes mais secretos não podiam, e que podiam ser controlados por certas pessoas... eu reprimi um tremor imaginando como ele exploraria tal informação.

– Pelo que sei, fantasmas são incapazes de se comunicar. Todos os que vi são apenas vagas impressões de suas energias residuais, tão consciente e capazes de interagir quanto uma planta doméstica.

– Lá se vai seu presente de natal. – Don murmurou com uma pontada de humor.

– Verdade?

Madigan deslizou os óculos alguns milímetros em seu nariz para me dar aquele olhar cheio de efeito de sargento, mas eu não me intimidei. Ou ele estava brincando comigo porque ele tinha visto uma filmagem de mim faltando sobre Kramer com Chris ou ele não sabia que eu estava mentindo e eu podia esperar por isso. Se fosse a primeira opção, eu estava realmente tão ferrada



que ser pega mentindo não faria muita diferença.

– Tive especialistas estudando esse vídeo e eles podem ver leves distorções brumosas nos mesmos lugares onde você afirmou que um fantasma tinha iniciado contato com o objeto.

Madigan se inclinou para frente. – Explique isso.

– Eles também disseram que as distorções podiam ser falsas.

Don me informou rapidamente.

– Sem o filme original, isso é impossível de dizer.

Eu faria Chris garantir que o filme original seria destruído hoje a noite. Eu me sentei pela primeira vez, fazendo movimentos enfáticos como se estivesse exasperada.

– Vamos lá, Madigan. Você está comandando uma companhia de investigação paranormal, você vai colocar alguma filmagem no seu Web site que não tenha sido distorcida primeiro? Quem vai contratar caçadores de fantasmas que não tem imagens de fantasmas em sua página comercial? Eles podem acreditar, mas ainda estão tentando fazer dinheiro.

Seu sorriso era fino.

– Plausível. Mas mesmo que alguém adicionasse aquelas distorções no vídeo mais tarde, como você sabia exatamente onde a pessoa sentiu as interações do fantasma na hora em que elas aconteceram?

Ele me pegou ali. Como se fosse para acentuar seu xeque-mate, a palavra “te peguei” saiu entre o bloqueio de intermináveis repetições mentais de Madigan.

E foi assim que me ocorreu como eu podia frustrá-lo. *Obrigada, Madigan, por ser o idiota arrogante que você é.*

– Como eu sabia aquilo?

Fingi estudar minhas unhas por um momento.

– Do mesmo jeito que eu sei que quinze minutos podem te fazer economizar quinze por cento no seguro de carro.



Capítulo Quatorze.

Apenas silêncio recebeu meu pronunciamento, se esticando até a sala estar cheia com uma tensão que era quase palpável. Eu tinha que dar crédito ao Madigan onde ele merecia, porque o que quer que ele estivesse pensando continuou escondido atrás de uma versão agora retumbante do mesmo verso. As sobrancelhas do Don se uniram em confusão.

– O que isso tem a ver com alguma coisa? – Meu tio perguntou.

Falei a próxima parte em atenção à ele.

– Isso mesmo, eu posso ler mentes. Pequena vantagem inesperada e útil. Não muitos vampiros possuem a habilidade.

Don parecia surpreso. Oh, certo, eu não o contei sobre minha habilidade antes. Não é como se eu estivesse escondendo dele antes, apenas não surgiu o assunto. Madigan já suspeitava que Bones fosse telepático e esteve me tratando com o mesmo cuidado, então oferecer a informação era um sacrifício necessário para o impedir de descobrir a real bomba sobre fantasmas.

Finalmente, Madigan falou.

– Eu podia te acusar de violação não autorizada de segurança por tentar colher informações secretas dos meus pensamentos.

Eu bufei.

– Não estou *tentando* nada. A habilidade está lá eu querendo ou não. Se alguém te disser informações confidenciais não autorizadas, você deveria ser culpado por violação de segurança por não se dispor a ficar surdo para não poder ouvir aquilo?

Put, ele pensou, e eu tinha certeza que não foi por acidente que isso atravessou alto e claro sobre o mantra dos quinze minutos.

Apenas dei de ombros. – Pau e pedras*.

**Daquele ditado “paus e pedras não me atingem...” dito quando alguém te ofende.*

– É isso que tudo é para você? – Ele perguntou abruptamente. – Um jogo? A segurança nacional é somente algo que te *diverte*, agora que você não é mais um membro da raça humana? Oh, esqueci. – Sua voz vibrava com um veneno mal disfarçado. – Você nunca foi realmente um membro da raça humana, não é, mestiça?



Eu estava do outro lado da mesa em um piscar, meu rosto tão perto do dele que nossos narizes se tocariam se eu movesse mais um milímetro.

– Quanto do seu próprio sangue você derramou pela humanidade ou a segurança nacional? Porque eu perdi *litros* do meu tentando proteger vidas, ou, quando isso falhava, me certificando que os assassinos e ameaças para a humanidade tivessem o que mereciam. – Me senti com desgosto. – Aposto que o único sangue que você já derramou foi depois de um corte com papel, então não me dê sermão sobre segurança nacional e proteger a humanidade a menos que você alguma vez coloque sua vida em risco por algum deles.

Dois novos pontos luminosos de cor em suas bochechas destacaram o quão pálido Madigan ficou quando eu disparei contra ele. Seu cheiro irradiava aquele distinto odor de fruta podre característico medo, sobre o fedor do excesso de perfume, e pensamentos perdidos escaparam entre seu rugido agora ensurdecedor sobre como quinze minutos podiam economizar no seguro.

Perigoso... não posso deixá-la ver... muita coisa em jogo...

– Caia fora. – Ele disse.

Esforcei minha mente para ouvir além do jingle comercial que eu agora odiava com o fogo de mil sóis. O que Madigan estava escondendo? Algo que eu já esperava, como planos para pôr para fora todos os membros mortos vivos? Ou algo mais sinistro?

– Caia *fora*. – Ele repetiu, pressionando um botão em seu celular. – Eu preciso da segurança. – Ele latiu. – Agora.

Olhei para a porta. Eu deveria tentar hipnotizá-lo antes de eles virem? Alguém com o escudo mental do Madigan poderia necessitar ser mordido antes que eu pudesse quebrar sua mente, e, francamente, eu nunca mordi um humano. E se eu fizesse isso errado e perfurasse sua jugular? Isso deixaria notáveis espirros de sangue em nós dois, sem mencionar que ele poderia morrer de embolia em segundos se alguma bolha de ar chegasse ao seu coração. Ambos seriam difíceis de explicar quando a segurança chegasse.

– Não faça nada, Cat. – Don aconselhou, sentindo minha hesitação. – Aqueles guardas não te conhecem. Eles são recrutas novos, escolhidos a dedo por ele, e todos estão armados com prata.

Ser estaqueada ou alvejada com balas de prata pelos soldados de estimação do Madigan era a última coisa na minha lista de preocupações, mas era muito perigoso por outras razões tentar hipnotizá-lo para tirar todos os segredos dele. Eu teria que deixar Don fazer a escavação por mim, e,



felizmente, Madigan ainda não fazia ideia de que estava sendo seguido de perto pelo próprio homem cujo cargo ele tinha feito de tudo para conseguir.

Levantei com lentidão deliberada, quase passeando até a porta. – Parabéns novamente sobre a promoção.

Passos ressoaram no corredor. A nova unidade de segurança do Madigan, correndo em seu auxílio tarde demais para ajudá-lo se eu tivesse sido realmente uma ameaça à ele.

– Você não vai voltar aqui a menos que eu te convoque. – Madigan rosnou. – Entendeu? Apareça, e eu te prendo imediatamente.

Com grande esforço, me impedi de responder com as frases que estavam nos meus lábios. Como, *você e qual exército? Ou, gostaria de ver você tentar.*

Mas os avisos do Bones ecoaram na minha mente. *Deixe-o pensar que venceu esse round. Vai ser para o seu bem.* Eu não tinha conseguido me impedir de avançar com os insultos do Madigan antes, mas eu podia deixá-lo acreditar que ele tinha o poder de me manter afastada daqui se eu quisesse voltar, e acreditar nisso apenas o deixaria mais vulnerável.

– Espero que você passe mais tempo em sua posição, lendo os relatório do Don sobre mim.

Foi o que eu disse, em um tom que Bones teria aplaudido.

– Ele também não confiava em mim no começo, mas então ele descobriu que ser meio-vampiro não era igual a ser mal. Nem ser completamente vampiro significa. Nós não temos que estar em disputa um com o outro.

A comitiva de capacete e armada chegou, um dos guardas agarrando meu braço de forma rude.

– Mova-se.

Eu os deixei me arrastarem da sala com Madigan assistindo. Don flutuava ao meu lado, murmurando algo baixo demais para eu captar acima da sinfonia de pensamentos dos guardas e a barreira interminável do Madigan dos *quinze minutos...quinze minutos*. Da próxima vez que eu ver esse comercial, eu provavelmente vou abrir fogo contra a minha TV.

Eu tinha acabado de ser empurrada para dentro do elevador quando um



grito perfurou o ruído.

– Catherine!

Minhas mãos seguraram abertas as portas do elevador antes dos guardas sequer perceberem que eu me movi.

– Saia daí!

Um deles ordenou, apontando seu rifle para mim.

– É a minha mãe.

Eu rosnei, impedindo-me de quebrar o cano da arma por absoluta força de vontade.

Sua aparição cortando o que quer que o guarda estava prestes a dizer. Ela os empurrou para entrar no elevador, nada gentilmente, várias mechas do seu cabelo escuro escapando do seu rabo de cavalo. Seu olhar azul afiado, que ainda tinha o poder de me intimidar, disparando no grupo nos cercando.

– Você vai atirar nela, ou apertar o botão para podermos partir? – Ela exigiu.

Sufoquei uma risada pela confusão instantânea que suas palavras causaram. O guarda que tinha sua arma apontada para mim não sabia se devia abaixar, e parecia que ou ele seguia suas ordens, ou mantinha a armada apontada para mim e parecia um idiota. Ele escolheu o caminho idiota, e eu apertei o botão para o terraço, meus lábios contorcidos.

– O que você está fazendo, Justina? – Don perguntou cautelosamente.

Ela olhou primeiro para mim, depois para ele.

– Estou me demitindo. – Ela declarou. – Eu ouvi o que ele disse sobre te prender se você voltar, e ninguém vai proibir minha filha de me ver se ela quiser.

Suas palavras me atingiram direto no coração. Eu sabia o quanto minha mãe queria fazer parte do time apesar das minhas árduas objeções. Ela argumentou que indo atrás de assassinos era sua chance de vingar as vidas que ela não foi capaz de salvar... a dela e a do homem que ela amava. Por ela desistir disso tudo porque Madigan jogava um jogo de poder, me fez querer abraçá-la e o nocautear ao mesmo tempo.

Desde que agora ele estava três andares distante, coloquei meus braços ao redor da minha mãe, apertando gentilmente.



– Obrigada. – Sussurrei.

Rosa brilhou nos seus olhos antes de ela piscar, olhando para longe.

– Sim, bem, tenho certeza que seu marido sente minha falta terrivelmente. – Ela respondeu com ironia pesada.

Minha risada assustou tanto os guardas, que outro deles me cutucou com sua arma. Novamente resisti ao impulso de quebrar a ponta e o acertar com ela. As portas abriram no nosso piso, e eu saí, mordendo meu lábio quando meu braço foi agarrando fortemente mais uma vez.

– Sêrio?

Murmurei sob minha respiração. Minha mãe o encarou, verde cintilando em seu olhar, mas um baixo “não” dito por mim a silenciou. Pela primeira vez.

– Muito obrigada pela ajuda, garotos.

Falei lentamente, já que eles fizeram de tudo, menos me empurrar para o telhado.

A resposta que recebi teria resultado em um massacre instantâneo se Bones estivesse aqui. Novamente, agradei a Deus por ele ter ficado em Ohio. Ele podia ser friamente lógico sob a maioria das circunstâncias, mas Bones tinha uma característica irracional quando se tratava de mim. Eu não podia acusá-lo por isso, porque eu era da mesma forma com ele.

– Alguma coisa interessante aconteceu desde que eu te vi pela última vez?

Perguntei, mas a pergunta não foi direcionada para a minha mãe. Foi para o Don, quem plainava bem atrás dela.

– De alguma forma Madigan sabe que está sendo espionado. – Meu tio respondeu, frustração clara em seu tom. – Mesmo em casa, ele não abaixa a sua guarda. Todos os arquivos de computador que ele acessa são o material confidencial comum, e se ele está no telefone, fala em código, então eu não posso descobrir o que realmente significa.

Meu suspiro foi engolido pelo barulho da rotação das hélices do helicóptero quando o motor foi acionado. Nenhum tempo estava sendo desperdiçado para me tirar daqui, parecia. Eu gostaria de uma chance para falar com Tate e os rapazes antes de partir, mas isso claramente não aconteceria. Eu teria que me contentar com Don entregando para mim a mensagem, mais tarde.



– Eu não gosto *nem um pouco* dele, mas é possível que ele não seja nada mais do que parece... um engravatado arrogante e preconceituoso que pisaria em qualquer um para subir na escada do governo?

O que pode fazer do Madigan um idiota e incompetente para o seu trabalho, mas não faria dele a ameaça que Don acha que ele é.

– Você não o conhece como eu. – Don disse categoricamente. – Ele está escondendo alguma coisa. Eu apenas preciso de mais tempo para descobrir.

– Os rapazes vão ficar tão putos quando descobrirem que Madigan não está deixando você voltar. – Minha mãe observou. – A moral já está baixa depois do que aconteceu com Tate.

Eu tive que sacudir minha cabeça. Ouvir minha mãe falar sobre a moral baixa da equipe era apenas muito estranho para o meu cérebro lidar.

– Você precisa vir comigo.

Eu disse para o Don, com um olhar torto para os vários funcionários me esperando subir no helicóptero. Mesmo que alguém me ouvisse sobre o barulho do transporte ligando, eles pensariam que eu estava falando com a minha mãe.

Don hesitou.

– Mas agora é a melhor hora para eu seguir o Madigan. – Ele disse, se afastando de mim. Realmente se afastando. – Você o sacudi, Cat. Eu posso estar perdendo alguma informação importante enquanto falamos. O que quer que você tenha que me dizer, terá que esperar!

Então ele desapareceu, deixando-me encarando o lugar que ele tinha acabado de ocupar, com o queixo caído. Ele não podia sequer parar de espionar o Madigan por algumas horas para ser atualizado sobre o que estava acontecendo? E se eu tivesse encontrado uma forma para ele saltar alegremente para a eternidade? Isso não era mais uma preocupação para ele?

Eu tinha que me certificar de atormentá-lo para me dizer o que aconteceu no passado deles para o Don ser tão obcecado com Madigan, mas isso teria que esperar até a próxima vez que eu o vir.

Mas graças ao Madigan provar que ele era exatamente o bastardo desconfiado que eu inicialmente disse que era, a primeira coisa que eu teria que fazer seria arrancar todo mundo da minha antiga casa em Ohio. Eu não duvidava que no tempo que levou para eu voar até aqui, Madigan já tinha um time de vigilância cercando o perímetro, prontos para gravar qualquer ação ou palavra incriminadora. Eu tinha que ligar para o Bones e dizê-lo para não levar



o time de volta para lá. Tanto trabalho perdido com os muitos mantimentos e confortos que nós tínhamos acabado de comprar.

– Pronto, Catherine? – Minha mãe perguntou, pulando no helicóptero.

Balancei minha cabeça com o comportamento do Don enquanto pulava atrás dela. Família. Se um membro não estava sendo uma dor no traseiro, outro se certificaria de preencher a vaga.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cm=110566562>

Capítulo Quinze.

Tyler se inclinou diante da entrada baixa da caverna, seus olhos esquadrinhando tudo como se ele esperasse ser atacado a qualquer momento.

– Tem aranhas aqui? Eu odeio aranhas.

– Em uma caverna subterrânea com quase um quilômetro de comprimento? Não, nenhuma.

O olhar que Tyler me deu disse que ele não apreciava o sarcasmo, mas o que ele esperava? Ratos pareciam evitar os vampiros com a mesma aversão natural que outros animais comedores de carniça mostravam com os predadores mais altos na cadeia alimentar; Mas ou as aranhas não possuíam esse tipo de instinto, ou elas nos consideravam primos muito distantes. Hey, ambas as espécies sobrevivem bebendo sangue, então apesar de não estar prestes a convidar qualquer aracnídeo para o jantar de natal, eu também não podia ignorar a semelhança.

– Se alguma daquelas coisas com pernas peludas me *tocar*, eu estou fora daqui. – Tyler murmurou.

Eu não respondi. Sua fixação com aranhas era apenas o seu jeito de controlar o seu medo sobre outros aspectos muitos mais perigosos sobre esse passeio na caverna. A armadilha finalmente estava pronta, mas com meus poderes fantasmagóricos acabados, nós precisaríamos de um médium para convocar Kramer até ela. Tyler gente boa. Ele podia estar estapeando aranhas imaginárias de suas roupas e praguejando, mas seus passos não hesitaram enquanto ele me seguia mais profundamente na escuridão.

– Eu não sei por que os outros estão irritados sobre esperar no trailer. – Tyler continuou em seu resmungo fingido. – Eu amaria trocar de lugar com eles nesse instante.

– Você vê fantasmas o tempo inteiro. A maioria deles nunca pôs os olhos em uma aparição materializada, e eles têm trabalhado como investigadores há anos.

– Eles não querem ver um. – ele reagiu, sério dessa vez.

Eu não podia concordar mais. É por isso que ninguém além de Bones, Tyler e eu ficaríamos na caverna. Chris tinha argumentado ferozmente sobre estar presente desde que observar se sua invenção poderia prender e conter um fantasma poderoso era o culminar de uma importante década de teorização dele. Minhas preocupações estavam em manter todo mundo vivo se



as coisas ficassem feias. Comprometemo-nos com ele esperar na boca da caverna, então ele poderia correr para dentro assim que tivéssemos tudo limpo. O resto da equipe esperava em dois trailers estacionados na rodovia, há mais de um quilômetro e meio de distância da caverna.

Agora que era quase hora do show, eu me arrependi de não ter feito Chris e o resto da equipe esperarem ainda mais longe. Se isso não funcionasse, nós teríamos um fantasma realmente puto em nossas mãos. Felizmente, os ramos de sálvia que nós já havíamos queimado seriam o suficiente para fazer Kramer correr para a linha de poder mais próxima se desse tudo errado, mas esperança não era uma garantia. É por isso que Chris tinha sálvia à mão, e algumas já estavam em brasas em pequenos potes de cerâmica em cada trailer, além de a minha mãe estar lá, pronta para curar qualquer ferido se aquilo não fosse o suficiente.

Quando eu disse ao Bones que Madigan provavelmente estaria vasculhando os hotéis procurando por nós depois de termos escapado da casa, ele tinha conseguido dois trailers para servirem como nosso hotel sobre rodas. Os trailers vieram de seu antigo amigo, Ted, então eles não eram rastreáveis por nenhum canal de locação que Madigan pudesse rastrear... e conhecendo Ted, provavelmente por nenhum canal legal, também. Eu também mantive meu celular desligado pelos últimos dias, enquanto todos nós trabalhávamos arduamente para terminar a armadilha. Manter ele ligado, mesmo sem fazer uma chamada, seria o suficiente para Madigan rastreá-lo. Se tudo correr como planejado, eu vou ligá-lo novamente e sair da caverna, assim que Kramer esteja preso e todos nós estivermos a salvo e fora de Ohio. Madigan seria forçado a admitir que esteve me rastreando regularmente para ser capaz de me repreender por desaparecer com sucesso, e eu não acho que sua arrogância permitiria isso.

Ou talvez ele não estivesse me rastreando coisa nenhuma. Talvez Madigan nem tenha pensado em mim novamente desde que eu fui arrastada do composto. Don ainda não tinha conseguido revelar nada significativo sobre o passado deles para explicar por que ele estava tão convencido de que Madigan não prestava, e apesar de desgostar intensamente dele, Madigan não tinha me dado nada concreto para focar, também. Ele parecia muito interessado em descobrir se haviam fantasmas conscientes, mas qualquer antigo agente da CIA estaria fixado com a ideia de espiões invisíveis e indetectáveis. Sim, Madigan era um idiota preconceituoso que realmente ferrou o Tate, mas se ser intolerante e ferrar a promoção totalmente merecida de alguém era crime, esse país iria precisar construir muitas mais cadeias.

– Eu os ouço, eles estão quase aqui.



Bones disse mais afrente na caverna. Nós tínhamos apenas mais uma borda inclinada e rochosa para atravessar antes de alcançarmos a parte da caverna onde a armadilha estava localizada. Tyler escolheu seu caminho cuidadosamente, murmurando sobre eu estar devendo uma calça nova a ele, quando um pedaço do tecido rasgou em uma borda pontuda de calcário.

– Bem feito. Quem usa Dolce & Gabanna para ir ao subsolo? – Eu aponte.

– Se eu vou encerrar a conta hoje, eu vou fazer isso *bem* vestido. – Ele respondeu.

Eu quis assegurá-lo de que ele absolutamente não iria morrer, mas as palavras entalaram na minha garganta. Eu faria o meu melhor para proteger o Tyler, como ele sabia, mas nós estávamos lidando com um espectro cruel e forte, e uma armadilha que podia ou não funcionar. Ela tinha prendido o Fabian com sucesso, e depois a Elisabeth, quando nos a testamos ontem, mas dizer ao Tyler que ele não estava arriscando a sua vida convocando o Kramer seria uma mentira direta, e eu não iria mentir para alguém que eu agora considerava um amigo.

– Chegamos.

Eu disse, quando a caverna se alargou para um teto de nove metros e um pequeno riacho borbulhando ao longo da parede. Bones estava parado no meio dele, próximo à estrutura retangular de calcário, quartzo e moissanita. Dexter e Helsing estavam em transportadores de animais no banco de areia, Fabian e Elisabeth flutuando ao lado deles. Depois de tudo o que ela passou, era simplesmente certo Elisabeth estar aqui para testemunhar isso. Fabian não ficaria para trás mesmo que entrar na caverna fosse difícil para ele agora, com seu nível de poder inferior e a abundância de calcário, quartzo e moissanita.

Encontrei o olhar do Bones. Se ele estava preocupado, nada na sua expressão ou energia entregava. Ao invés disso, confiança exalava de sua áurea, e seus olhos negros brilhavam em antecipação. Com sua apertada camisa de manga longa e calças de ébano combinando, ele quase se misturava com o fundo da caverna, exceto pelo delicado contraste pálido do seu rosto e mãos. Era bom ele se fundir, também, desde que o plano era o Kramer não o ver até ser tarde demais.

– Pronto, amor? – Ele perguntou.

– Quase, docinho. – Tyler respondeu com uma piscada atrevida.

Rolei meus olhos. Entre a autoconfiança do Bones e o flertar irrepreensível do Tyler, meu breve nervosismo mudou para otimismo. Nós



podíamos fazer isso. Não, apague isso, nós *vamos* fazer isso.

Peguei um pouco de sálvia que nós tínhamos empilhado na beira do córrego e coloquei na minha mochila, Tyler fez o mesmo. Eu já tinha isqueiros em cada bolso da calça e ele também. Tudo o que faltava era ativar o tabuleiro Ouija, e Tyler já estava tirando ele da mochila.

Vamos lá, Inquisidor. Nós temos uma surpresa para você.

– Pronto.

Tyler e eu ficamos em ambos os lados do pedestal de pedra e quartzo, o tabuleiro Ouija deitado entre nós. Dessa vez, a pecinha de madeira não pulou quando eu coloquei meus dedos nela, como se eu precisasse ser lembrada que meus poderes emprestados da Marie tinham sumido.

As sobrancelhas do Tyler levantaram, notando aquilo também.

– Algo que você queira me dizer, Cat?

– Nope.

Eu disse, e essa era a pura verdade. Tyler não sabia que um dos frágeis dentes da engrenagem na paz girando entre vampiros e ghouls vagamente repousava sobre certas pessoas continuarem acreditando que eu tinha conexões especiais com os mortos. Felizmente, ninguém além do Bones sabia o tempo médio de vida dos meus poderes emprestados, então eu poderia ser capaz de esticar a ilusão de que eu podia levantar Remnants ainda por um bom tempo.

O que aconteceria depois que isso se espalhasse, eu me preocuparia depois. Um problema perigoso por vez, obrigada.

– Tudo bem.

Tyler disse, depois de ficar claro que isso era tudo o que eu daria sobre o assunto. Ele limpou a garganta, sombriamente pensando que ele provavelmente teria alfo afiado se alojando nela com o que ele estava prestes a fazer, então colocou os dedos sobre a pecinha.

– Heinrich Kramer, nós te convocamos à nossa presença.

A voz do Tyler ecoou por toda a caverna quando ele falou, sua voz forte e autoritária mesmo que ele internamente se amaldiçoasse por não ter feito xixi antes de começar isso.



– Ouça nosso chamado, Heinrich Kramer, e venha até nós. Nós convocamos seu espírito através do véu até a nossa presença...

A peça de madeira começou a sacudir ao redor do tabuleiro em círculos loucos e irregulares. Tyler prendeu a respiração. Eu aguicei meus sentidos, mas eu sentia vibrações frias e formigamento ao longo da minha pele o tempo todo devido à proximidade do Fabian e da Elisabeth, então isso não estava ajudando.

De repente, Bones mergulhou do seu esconderijo em uma das muitas fendas do teto. Ele esteve lá em cima para poder fechar a tampa da armadilha assim que Kramer aparecer, mas nada serpenteado ou brumoso interrompeu a superfície lisa do tabuleiro Ouija. Ele viu algo que eu não vi?

Não podia ser. Ele colocou o enorme cilindro multimineral ao lado da armadilha, em vez de sobre ela.

– O quê?

Eu perguntei, olhando ao redor.

– Pare a convocação.

Bones ordenou ao Tyler. Seus olhos estavam irradiando verde quando ele olhou para mim.

– Pessoas estão chegando, posso ouvi-los. Um montão de pessoas.

– Merda. – Suspirei.

Nós tínhamos deixado cada uma das nossas armas de prata no trailer, não querendo que Kramer tivesse qualquer meio para nos machucar permanentemente se a armadilha não funcionasse, e ele começasse a arremessar objetos próximos em nós. Agora, com inimigos potenciais entre nós e as únicas armas que nós poderíamos usar além de pedras e paus, o que fizemos como uma medida de segurança se transformou em uma enorme responsabilidade.

Bons estalou as juntas de seus dedos, a áurea letal crescendo até aquilo espetar minha pele com sua energia. Eu estiquei meus sentidos, mas não pude captar nada além das preocupações do Tyler e os sons da caverna. Bones era mais velho e forte, então eu não duvidava que ele estivesse certo. Isso não podia ser uma caminhada de expedição tropeçando na caverna por acidente, também... nós estávamos no meio do nada. Isso tinha que ser uma emboscada, mas como inferno alguém conseguiu nos encontrar?

Então eu ouvi. O murmúrio de vozes na minha cabeça, muito baixo para



eu poder entender alguma palavra específica, muitas para ser o pensamento do Chris.

– Fabian, Elisabeth. – Bones disse em voz baixa. – Descubram o que está lá fora.

Eles desaparecerem em um flash. Tyler olhou ao redor antes de resmungar algumas palavras, então fechou o tabuleiro Ouija com uma pancada.

– Eu o fechei. Ninguém pode vir através dele agora.

– Vê essa sombra à direita?

Bones perguntou a ele, sem virar naquela direção.

– Leva à um pequeno compartimento. Espere lá, e tente ficar quieto.

Sabia que esse dia ia terminar mal, Tyler pensou em resignação enquanto fazia o que o Bones disse.

Os segundos passaram enquanto esperávamos os fantasmas. Eu sentia minhas mãos terrivelmente vazias sem armas, mas me consolei com o conhecimento de que eu estive em lutas antes contra mortos vivos criminosos sem nenhuma prata. Se tivéssemos sorte, e a maioria dos inimigos se aproximando fossem humanos, mãos nuas seriam mais do que suficientes.

Mas se alguém passou por tudo isso para nos encontrar, eu aposto que ele ou ela não seria idiota o suficiente para aparecer com um exército somente de humanos. Eles podem ser muitos, pelo elevado volume na minha mente que indicava que a entrada da caverna estava sendo cercada, mas estes tinham que ser os peões. A questão era, quem era o jogador de xadrez?

Um contorno nebuloso zuniu muito rápido, me levou um segundo para determinar se era Fabian ou Elisabeth.

– Soldados! – Fabian exclamou. – Mas eles são humanos. Podem ser membros da sua antiga equipe, talvez estejam aqui porque precisam da sua ajuda?

Meu impulso imediato de alívio ao ouvir que eles eram humanos mudou para suspeita. Bones e eu trocamos olhares, a tensão na sua áurea dizendo alto e claro que ele pensava que algo estava errado.

– Bem, – Eu disse, finalmente, – Vamos ver quem eles são e o que eles querem.

As palavras mal deixaram os meus lábios antes de o Bones murmurar



“Inferno sangrento”. Por uma fração de segundos, eu estava confusa. Mas então, sobre o mosaico de vozes na minha mente, eu ouvi uma nova, cantando um único verso, uma e outra vez.

Quinze minutos podem te fazer economizar quinze por cento...

Madigan estava lá fora, também.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cm=110566562>

Capítulo Dezesseis

Saí da caverna com Bones ao meu lado. Tyler ficou na retaguarda, carregando ambos os transportadores de animais. A visão que nos recebeu foi a de mais de doze armas automáticas apontadas em nossa direção. Chris de joelhos em um lado distante à direita, um soldado com capacete pressionando uma arma no seu rosto.

E eu o disse que ia ser perigoso esperar na caverna, pensei irreverentemente.

Depois da primeira olhada, eu não olhei mais para o círculo de soldados. Toda a minha atenção estava no inexpressivo “consultor de operações”, quem tinha a forma agitada do meu tio flutuando sobre ele.

– Madigan encontrou a caverna lendo um dos seus antigos relatórios de quando Dave morreu. – Don disse. – Eu tentei te avisar que ele estava vindo, mas parecia que a caverna estava bloqueada, e algo me queimava toda vez que eu tentava voar perto do trailer onde Justina estava!

Eu não deixei nenhum dos meus gemidos interiores escaparem dos meus lábios. Claro. Os trailers tinham sálvia neles, Chris não podia ver o Don para passar a mensagem adiante, e meu tio era muito novo como fantasma para suportar a combinação dos ingredientes da armadilha. Eu disse a ele onde estaria em caso de emergência, mas o que eu estava fazendo o impediu de me alcançar.

– Que surpresa agradável.

Eu disse ao grupo em geral, fixando um sorriso falso no meu rosto.

– Não me digam... Eu esqueci o aniversário de alguém, e essa é a polícia das festas vindo para corrigir meu engano, certo?

Madigan veio para frente, mas não perto o suficiente para ficar na linha de fogo dos seus soldados, notei. Desprezo se misturou com a fúria nas emoções do Bones, mas eu lutei contra um bufar. Por todo o seu papo sobre ler extensivamente relatórios sobre mortos vivos, ele não sabia que muitos Mestres podiam voar?

Bones e eu tínhamos quilômetros infinitos de espaço livre sobre nossas cabeças, agora que estávamos fora da caverna. Apesar de parecerem vistosas, as armas apontadas para nós eram uma ameaça tão grande quanto palavras.



– Crawfield. – Madigan começou.

– Russell. – Eu o interrompi, sorrindo docemente. – Eu sei que você é persistente com fatos, então eu queria te lembrar disso antes que você o coloque errado no seu futuro relatório.

Seu semblante se escureceu com raiva, mas não me importei. Foi ele quem deu um jeito de ter uma barreira de armas apontadas para nós por nenhuma razão, então a delicadeza já tinha saído pela janela. Se não fosse pela minha mãe e os dois trailers cheio de pessoas com muitas informações sobre o que nós estávamos fazendo aqui, eu nem mesmo esperaria para ouvir por que o Imbecil veio. Bones podia carregar o Chris e o Tyler. Eu podia pegar a minha mãe, e nós podíamos voar para longe daqui. Madigan nunca saberia o que nós estávamos fazendo aqui, porque dentro da caverna era como um labirinto. Mesmo depois de duas semanas, Chris e os outros ainda precisavam do Bones ou eu para guia-los até a armadilha, ou se perdiam.

Mas nós tínhamos dois trailers cheios de pessoas, e pelos pensamentos dos guardas, eu podia dizer que eles estavam encarando uma linha de armas automáticas nesse instante, assim como nós. Voar carregando Chris, Dexter, Tyler, os transportadores de animais e dois *deles*? Bones provavelmente conseguiria, mas isso estava um pouquinho além do meu nível de destreza.

– O que há na caverna, *Russell*? – Madigan perguntou com um sarcasmo pesado.

Dei de ombros. – Rochas. Muitas delas.

– Não me menospreze. – Sua voz abaixou até um assovio. – O que mais tem na caverna?

Eu o encarei diretamente nos olhos e disse uma palavra.

– Lama.

Os pensamentos de Madigan explodiram em um montão de maldições antes de ele recuperar o controle e escondê-los atrás do jingle de seguro de carro que tinha que ser o que o inferno tocava como música de elevador.

– Você não quer fazer isso, companheiro. – Bones falou. Seu tom estava macio, mas cada palavra estava afiada com gelo. – Ela se importa em proteger cada um dos que os seus soldados de brinquedo estão mantendo reféns o suficiente para ignorar aqueles insultos. Eu não. Pense qualquer coisa assim para ela novamente, e eu vou te matar aqui e agora.

O zombar do Madigan foi desconfortável. –Qualquer ataque contra mim...



– É o mesmo que um ataque contra o próprio Estados Unidos. – Bones terminou, ainda daquele tranquilo jeito mortal. – Te ouvi na primeira vez... e não dou uma merda por isso, entretanto.

Madigan olhou Bones por outro momento tenso e prolongado antes de voltar sua atenção para mim.

– Nós sabemos que você está aprontando alguma coisa na caverna, e sabemos que isso tem a ver com fantasmas. Será mais fácil para todos se você me disser o que é, mas mesmo que você não diga, eu vou descobrir.

Não se eu puder evitar. – Eu te disse da última vez que te vi. Estou fazendo um favor para o cliente paranoico de um amigo. Ela acredita que essa caverna está assombrada por antigos espíritos indígenas ou algo assim. Eu disse a ela que teria profissionais verificando isso, então aqui estamos nós.

– Ela jura que Tecumseh, Crazy Horse e Geronimo* estão escondidos aqui. A vadia é louca, mas seus cheques são limpos. –Tyler adicionou.

** Tecumseh foi o chefe da tribo Shawnee, que lutou com os britânicos na guerra de 1812. Crazy Horse (cavalo louco), líder dos índios Sioux durante a batalha contra o general Custes, em Little Bighorn. Geronimo, líder da tribo Chiricahua Apache, também teve conflito com os colonizadores.*

– É isso o que você estava fazendo aqui?

Chris não olhou para o Bones ou para mim, mas ele sabia que o estávamos observando. Seus pensamentos dispararam, perguntando-se de quem ele devia ter mais medo: o homem comandando o soldado que tinha a arma pressionada na sua cabeça ou os dois vampiros há quinze metros dele.

– Nós estávamos procurando fantasmas, assim como eles disseram.

Ele sussurrou, sendo vago.

Madigan se aproximou dele. – E você achou algum?

Dessa vez, o olhar do Chris correu para a nossa direção antes de ele falar.

– Há algumas leituras interessantes no EMF, e encontramos alguns pontos frios, mas nada como a cliente descreveu.

– Ah.

Madigan tirou seus óculos e os limpou quase vagarosamente em sua jaqueta.



– Então estamos de volta ao argumento “não existe essa coisa de fantasmas inteligentes”, humm? E o que há com toda a maconha e alho espalhados pela sua antiga casa, Cat?

Dei a ele um sorriso alegre. – Amo puxar uma erva, e alho é ótimo para o sangue.

– Você por acaso sabe como dizer a verdade? – Madigan perguntou afiadamente.

– Você não é ninguém para falar. – Don murmurou.

Eu não disse nada. Madigan continuou me encarando, seus guardas mantendo a posição mesmo que alguns deles estivessem começando a pensar que se eles não iam atirar em nós em breve, eles gostariam de abaixar suas armas pesadas. Eu não achava que fosse um acidente que todos esses homens fossem estranhos para mim. Para essa ocasião, Madigan teve que deixar todos os meus amigos da equipe para trás.

– Donovan. – Madigan chamou, com um sorriso falso vitorioso. – Pegue Proctor e Hamilton e fareje a armadilha de espectros sobre a qual o pessoal dos trailers estavam falando. Então nós veremos sobre não existir essa coisa de fantasmas conscientes.

Porra! Se a armadilha funcionasse, nós pretendíamos apagar as memórias da equipe apara evitar que eles revelassem qualquer informação incriminadora como essa, mas era muito tarde agora. Ainda assim, nós poderíamos ser capazes de enfrentar isso. Esses caras levariam semanas para encontrar a armadilha, isso se eles conseguissem.

Meu alívio durou apenas até os três soldados tirarem seus capacetes e virem até o Bones e mim, farejando profundamente. Eles eram humanos, porque eles estariam fazendo tal coisa?

A razão me atingiu mesmo antes das palavras convencidas do Madigan.

– Esses homens tiveram seus sentidos elevados pelo sangue de vampiro. Agora que eles têm os seus cheiros, eles podem seguir a trilha deles até o grande dispositivo de pedra que nos disseram que está lá.

Porra em dobro! Tomar sangue de vampiro o suficiente realmente os daria a capacidade de farejar nosso caminho até a armadilha, além de os deixar imunes ao controle de mentes. Ao encontrar a caverna por antigos relatórios de missão e aparecer com soldados sobrenaturalmente melhorados, Madigan se provou mais esperto do que eu achei que fosse.

Bones cruzou os braços, seus olhos como um raio de laser enquanto ele



encarava Madigan.

– De quem é o sangue neles? Cada vampiro no seu time devem suas lealdades a mim, e eu não dei permissão à eles para entregar o sangue deles para esse propósito.

O sorriso do Madigan estava frio. – Não se preocupe. Eu não o peguei deles.

Meus olhos se arregalaram antes que eu pudesse me controlar, mas essa notícia me chocou. Se Madigan não tinha furado as veias do Tate ou Juan para abastecer seus seletos guardas, então que outro vampiro, (ou vampiros?) estavam de conluio com ele?

Então encontrei o olhar do meu tio, e outra realização me atingiu. Don não parecia nem um pouco surpreso. Com toda a sua difamação sobre Madigan, ele *nunca* havia mencionado uma conexão com vampiros. Como ele pode deixar uma informação tão importante de fora?

Os olhos do Bones ficaram verdes, e poder crepitou através do ar... Gelado, mortal e se expandindo tão rápido que logo cercou a todos nas proximidades. Fiquei tensa para o que parecia uma explosão iminente. Tyler também deve ter percebido que um interruptor tinha sido apertado. Ele se afastou, pensando, *Esse cara ficou fodido agora.*

Madigan deve ter sentido isso, também. Ele deu um passo para trás, seu sorriso hesitando.

– Vê essas viseiras que meus homens estão usando? Elas não apenas bloqueiam os efeitos dos seus olhos, elas também contêm gravadores transmitindo imagens ao vivo para um lugar seguro. Mesmo que você consiga matar todos nós, outros no governo saberão quem fez isso. Vocês serão caçados pelo resto das suas vidas.

Por um segundo, eu imaginei se Bones se importava. Madigan não tinha a menor ideia de que *não* se provoca um vampiro com a noção de que se está usando outro vampiro contra ele. Mas enquanto o pensamento do Bones matando o Madigan não me incomodava, matar seus guardas por nenhuma outra razão além de eles se sentirem no dever de revidar, isso era repugnante. Além disso, então os nossos argumentos de que preconceito contra vampiros é infundado seriam muito ocos se massacrássemos um agente de elite do governo como Madigan e alguns dos seus guardas ao vivo.

Meus dedos se fecharam ao redor da mão do Bones, seu poder chamuscando meu braço como se eu acabasse de ser eletrocutada.



– Não. – Eu disse calmamente.

Por vários segundos, eu não sabia se ele havia ouvido. Aquele poder perigoso não abaixou, e o olhar que ele tinha fixado no Madigan dizia que o consultor de operações estava apenas alguns momentos longe da morte.

Então algo brumoso voou para fora da caverna, muito rápido para eu ver o que era. Agulhas de gelo espetaram minha pele, e o latido do Dexter foi engolido pelo murmúrio do Tyler. –Isso não é bom.

– Você tentou me prender, *Hexe*? – Uma voz familiar assoviou.

Kramer. Pela sua acusação, o filho da puta deve ter descoberto para que era o largo cilindro de mineral. Tyler tinha fechado o tabuleiro Ouija, mas não antes de o fantasma conseguir atravessar por ele.

Eu tentei alcançar a sálvia no meu bolso, apenas para ter uma dúzia de armas apontadas em minha direção.

– Não se mova nem mais um centímetro. – Alguém latiu.

Minhas mãos congelaram. Eu não queria ser peneirada com balas de prata, porque eu tinha que estar em boa condição para proteger aqueles idiotas.

– Madigan. – Eu disse. –Tire seus homens daqui. Agora.

Ele se enfureceu. – Eu vou te lembrar de que você não está em posição para me dar ordens.

Bones bufou rudemente. – Eu não vou ter que matar eles, Kitten. Esses tolos estão condenando a si mesmos.

– O que você quer dizer com isso?

Madigan rosnou, sem notar o redemoinho escuro se materializando à esquerda de um de seus soldados.

–Você verá. – Bones respondeu.

No instante seguinte, com gritos penetrando o ar quando Kramer atacou, ele viu.



Capítulo Dezessete

O último ferido foi guiado por Medevac, deixando pra trás só os poucos que não estavam feridos e os corpos na floresta. Até mesmo os soldados e os ocupantes do trailer foram agrupados ao nosso redor, Madigan querendo o máximo de pessoas possível ao redor dele até que seu transporte chegasse. Sálvia queimava em potes no perímetro nos rodeando, mas aquele não era o único cheiro no ar. O cheiro de sangue e morte também estava pesado, aderindo às roupas dos sobreviventes assim como emanando dos perdidos.

– Como isso pôde acontecer?

Madigan murmurou, olhando ao redor para a carnificina.

Eu estava do lado da minha mãe, mas o comentário de Maddigan me fez sair do seu lado para marchar até onde ele estava. Mesmo apesar dos homens caídos serem estranhos que tinham ameaçado a atirar em mim, eles não mereciam morrer do jeito que morreram. O fato de que suas mortes podiam ter sido evitadas, só me irritou mais.

– Como isso pôde acontecer? Porque você não ouviu quando alguém lhe disse para *tirar seus homens daqui*.

O coração de Madigan não desacelerou muito desde que Kramer começou a massacrar todos em quem ele podia colocar suas mãos não corpóreas. Tristemente, aquela lista não incluía Madigan, o que se deve em grande parte ao fato de ele ser um covarde. Quando Kramer rasgou sobre os guardas, que atiravam tão selvagememente contra seu atacante invisível que eu levei algumas balas perdidas protegendo Tyler, Madigan engatinhou atrás da barricada de nossos corpos agachados. Bones se jogou por cima de Chris e minha mãe se juntou ao grupo de proteção para oferecer ainda mais defesa contra o fantasma e as balas. Por causa disso, Madigan só ganhou um fio de sangue do lado de sua perna, uma pena.

– Isso é sua culpa.

Ele afirmou, apontando um dedo trêmulo para mim.

– Você disse que fantasmas eram só fracas impressões residuais de sobra de energia, nada mais interativo que uma planta doméstica. Você comprometeu minha segurança e a segurança do...

– Oh vamos. – Interrompi. – Achei que você era estúpido demais para ser confiado com essa informação e eu estava certa! Você não tem que ser meteorologista para saber pra que lado os ventos sopram com você, Madigan.



Mentir para você era o melhor interesse *da segurança de todos* e eu gostaria que não houvesse uma pilha de corpos ao redor de mim para provar isso.

Seu rosto ficou roxo e eu quase podia ouvir sua pressão subindo.

– Como ousa? Vocês terão sorte se não forem incluídos como cúmplices das mortes desses homens!

Bones o ignorou, agarrando pelos ombros um dos soldados caídos e olhando diretamente para seu capacete.

– Você, do outro lado dessa transmissão de vídeo. Você autorizou a substituição de um sujeito decente e inteligente pelo possivelmente maior idiota do mundo – e na minha época, conheci muitos idiotas, então estou falando com certa autoridade no assunto.

Madigan urrou.

– Solte-o!

– Ele está morto, não se importa mais com quem o está tocando.

Bones respondeu brevemente.

– Uma pena que você estava mais interessado em juntar munição contra ela do que valorizar a vida dele enquanto ele a tinha. Você entrou em uma situação que era demais para sua cabeça e então ignorou os avisos para sair. Hoje, dois vampiros fizeram mais para proteger seus homens do que o líder humano que era responsável por eles. O que seus superiores do outro lado desse vídeo vão pensar sobre isso, eu me pergunto?

Madigan abriu a boca, seu rosto ficando ainda mais vermelho, quando de repente ele parou. Então ouvi seus pensamentos escapando através da parede de raiva e slogans. *Ele está certo. Tenho que consertar isso.*

– Essa foi uma tragédia terrível.

Madigan disse, soando triste ao invés de prestes a explodir como estava antes.

– Sempre que uma vida é perdida, no final das contas a responsabilidade cai sobre a pessoa que está no comando e essa pessoa sou eu. Vou pedir para que cada aspecto dos eventos de hoje sejam avaliados para que algo desse tipo nunca aconteça de novo, mesmo que eu seja repreendido como resultado.

– Você só está tentando livrar seu rabo de todas as formas possíveis.



Don disse com aversão. Então se virou para mim.

– Vê por que não confio nele?

Oh sim. Eu não tinha ouvido tanta merda desde a última vez que passei dirigindo por um monte de carros usados e captei a conversa do vendedor. Madigan até caminhava vagarosamente para mais perto dos homens mortos enquanto ele falava, arrastando a perna mais do que o ferimento superficial na perna merecia. Ele se inclinou como se fosse tirar um pouco de sujeira do soldado caído. O que fez com que a câmera captasse cada nuance de sua nova expressão sombria e a lágrima que, de alguma forma, encontrou um caminho por sua bochecha. *Seu sem sentimentos, IDIOTA manipulador*, pensei sem acreditar no que estava vendo.

Bones soltou um bufo.

– Que figura você é.

Madigan comprimiu os lábios, mas ele se recompôs rapidamente, se endireitando o máximo que pode enquanto colocava a maior parte do seu peso e uma perna.

– Entendo que vocês dois estão chateados. Eu realmente permiti que minha raiva colorisse meu julgamento e não ouvi seus avisos. Aquilo foi um erro.

– Essa é sua ideia de desculpas?

Perguntei, incrédula.

– Eu não devo nada a vocês.

Madigan esbravejou antes de assumir aquele tom calmo e controlado de novo.

– Se você tivesse vindo a mim falar sobre esse fantasma antes, sem nenhum subterfúgio, essa tragédia podia ser evitada.

– Não precisávamos vir até você porque tínhamos a situação *sob controle*.

Esbravejei.

– Pelo menos, tínhamos até você me rastrear e nos interromper no momento de aprisionar esse maldito por toda a eternidade, e agora você quer colocar a culpa disso em mim?

Deus, se eu ficasse aqui mais um minuto ouvindo essa versão distorcida



dos fatos, eu ia bater nele até ele sangrar internamente.

Bones deve ter tido o suficiente também, porque ele pegou meu braço.

– Vamos Kitten, vamos. Estamos desperdiçando nosso tempo com esse sujeito.

– Vocês não podem ir embora ainda.

Madigan disse, aquele tom em sua voz novamente. Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Bones.

– Oh?

Estávamos no ar antes que Madigan pudesse esbravejar uma exigência para que ficássemos lá. Eu podia voar bem o suficiente para me lançar na direção que eu queria ir, mas me faltava a fineza que Bones tinha quando voava. Então enquanto eu decolava com meu próprio poder, eu o deixava nos dirigir para onde Tyler, minha mãe e os transportes de animais estavam localizados. Um rápido pega daqui agarra dali depois e eles também estavam planando acima do chão. Fabian e Elisabeth não precisaram ser informados para nos seguir; eles voaram atrás de nós, suas formas se transformando em meros borrões.

Don ficou pra trás com Chris e sua equipe, que não foram feridos graças a sálvia queimando no trailer. Mesmo se Madigan os interrogasse novamente, eles não poderiam dizer mais nenhuma informação que nos causasse mais prejuízo do que já tinham feito. E mais, Madigan iria garantir que eles não repetissem nada que viram para fontes externas. Vampiros não eram os únicos especialistas em ocultar informação incriminadora. O governo também tinha grande prática quando se tratava disso.

Fomos direto de Ohio para a casa dos nossos melhores amigos Spade e Denise, em St. Louis. Não, não voamos todos durante todo o caminho. Desde que uniu as linhagens com um vampiro de vários milênios de idade, Bones agora tinha pessoas responsáveis por ele espalhadas pelo mundo todo. Tudo o que precisou foi uma ligação para o seu co-regente, Mencheres, dizendo que precisávamos de uma pick-up para sermos pegos em uma hora. Boa coisa, também, desde que não podíamos alugar um carro. Nós deixamos nossos cartões de crédito e nossas identidades nos trailers. Tolice não termos pensado em Madigan confiscando os trailers e nos cumprimentando com armas miradas do outro lado da caverna. Se Madigan pensava que podia nos rastrear através daqueles nomes falsos ou faturas de cartão de crédito, ele estava enganado. Bones tinha tudo passando por tantos canais falsos, que Madigan apenas



ficaria correndo atrás do próprio rabo. Eu esperava que ele tentasse isso, porque a ideia de frustrá-lo me alegrava de um jeito vingativo e mesquinho.

Quando chegamos à casa deles, eu nem precisei sair do carro para ver que não éramos os únicos visitantes. Se a visão do Maserati não fosse pista suficiente para eu saber quem estava aqui, a placa customizada GR8BITR* era a confirmação.

**Great Biter – Excelente mordedor.*

– Ah, Ian está aqui.

Bones disse, com nenhum do meu desânimo com o prospecto.

– Eu vejo.

Respondi, não expondo nenhuma opinião porque Ian podia me ouvir, e isso apenas o divertiria. Algumas pessoas se ressentiam em serem consideradas uma dor no traseiro. Ian não apenas tomava isso como um elogio, ele se *deleitava* com isso. Se ele não fosse o criador do Bones, eu podia ter “acidentalmente” estaqueado Ian à essa altura.

– Cat!

Denise exclamou, abrindo a porta de uma vez. Ela quase correu para me abraçar, sussurrando. – Graças a Deus você está aqui. Ele está me deixando louca! – Durante seu abraço de boas vindas.

Eu sufoquei uma risada, sabendo que ela não estava falando do Spade. Bom saber que eu não era a única que achava o Ian irritante. Como Bones e Spade o tinham suportado pelos últimos séculos, eu nunca saberei.

– Cat. Justina. Crispin. – Spade disse atrás da Denise, chamando Bones pelo seu nome humano. – Como vão?

– Não tão bem quanto esperávamos, Charles.

Bones respondeu, também se dirigindo à ele com o nome com o qual nasceu ao invés do apelido da ferramenta à qual Spade foi designado enquanto era um prisioneiro no New South Wales.

Tyler carregou Dexter para fora do carro e o colocou no chão. O cachorro olhou uma vez para a porta da frente aberta da casa e correu para dentro. Minha mãe fez o mesmo depois de trocar um rápido olá com Denise e Spade, e receber as direções sobre o quarto de hóspedes mais próximo. Estava quase amanhecendo, e como um vampiro novato normal, minha mãe estava murchando em seus pés. Eu não estava preocupada sobre Spade ter



quartos o suficiente para todos nós. Ele era um ex nobre do século dezoito, e a abundância de espaço nas várias casas que ele tinha refletia isso.

Tyler deslizou até o meu lado, encarando Spade com nova apreciação.

– Quem é o Senhor Alto, Moreno e Delicioso?

– Marido dela. – Repeti, meus lábios tremendo. – Tyler, essa é a Denise, e esse é o Spade.

Tyler soltou um suspiro dramático enquanto olhava a mão da Denise.

– Todos os bons são ou heteros ou casados, mas eu não vou me ressentir contra você por ele ser ambos.

Denise riu. – É ótimo te conhecer. Cat me contou tudo sobre você.

– E alguma dessas coisas provavelmente deve ser verdade. – Ele implicou.

Então sua atenção ficou fixa em alguém atrás da Denise, seu queixo caindo antes de sua expressão se transformar em um encarar abertamente lascivo.

Pensamentos começaram a correr através da sua mente, que eram tão explícitos que eu desejei poder levar um murro na minha cabeça para bloquear minhas habilidades telepáticas.

– Tyler, conheça Ian.

Eu disse, sem me incomodar em me virar para ver quem era.

– Papai *gosta*. – Tyler disse sob a respiração.

Ele ajeitou os ombros, fixando seu sorriso mais conquistador enquanto faltava me puxar para fora do caminho. O empurrão que ele me deu me virou o suficiente para pegar uma visão do outro vampiro. Ian estava encostado contra o marco da porta, seus cabelos castanhos farfalhando com a brisa e seus olhos turquesa assistindo a tudo com seu diabolismo usual.

– Eu pensei que Bones parecia um pedaço do paraíso, mas você é o bolo todo, não é, docinho? – Tyler disse, estendendo sua mão.

Ian aceitou o elogio como merecido, disparando um sorriso para o Tyler que fez o médium quase tropeçar em sua aproximação. Quando ele apertou a mão do Tyler, este deixou escapar um suspiro que deixaria uma adolescente apaixonada orgulhosa.



Esse rosto, esse corpo... e você sabe que ele tem um pacote, olhe esse ângulo! Eu ouvi antes de começar a gritar *la-la-la* uma e outra vez na minha mente.

– O fantasma assassino ainda está livre.

Anunciei para tentar me distrair das reflexões perplexas do Tyler sobre o Ian.

– A armadilha não funcionou?

Spade perguntou, estreitando seus olhos.

– Fantasma assassino? – Ian se animou, gentilmente afastando Tyler com uma observação “Sim, sim, eu sou realmente maravilhoso, mas isso me interessa.”

– Vamos entrar, e eu te conto tudo sobre isso.

Acenei para Fabian e Elisabeth, que hesitavam quase timidamente perto do nosso carro.

– Vocês também, pessoal. Estamos todos juntos nisso.



Capítulo Dezotto.

Uma semana se passou desde o fiasco na caverna. O lado bom foi que não fomos visitados por Kramer durante aquele tempo, provavelmente por causa das quantidades abundantes de maconha e alho que Spade colocou ao redor de sua casa. Era tão abundante que Elisabeth e Fabian escolheram assombrar a casa do vizinho ao invés de ficarem na de Spade conosco. Os vizinhos eram humanos; eles não iriam se importar. Eles nem iriam saber.

A má notícia era que estávamos em oito de Outubro. Elisabeth percorria as linhas de poder todos os dias procurando por Kramer, mas ela só o viu rapidamente uma ou duas vezes antes de ele desaparecer. Até agora, não havia indicações de que ele tinha se fixado em alguma mulher em particular, mas se ele ainda não o tinha feito, logo faria. O relógio estava correndo e nós estávamos atrás no placar. Simplesmente construir outra armadilha não ia funcionar. Kramer tinha visto e ouvido o suficiente para saber que estávamos atrás dele, então mesmo que encontrássemos uma caverna diferente e igualmente ideal, ele estaria nos esperando tentar pegá-lo.

Estávamos indo pra casa amanhã, assim Don seria capaz de nos alcançar se ele precisasse. Ele não sabia onde Spade e Denise moravam quando estavam nos Estados Unidos, mas ele saberia tentar minha casa se algo surgisse. Eu esperava que Madigan mantivesse as coisas fora do conhecimento público enquanto tentasse desfazer o dano que ele causou a si mesmo com o incidente na caverna, então provavelmente poderíamos esperar mais antes de ir para casa; mas Denise estava começando a espirrar. Ser marcada com essência demoníaca e metamorfa pode tê-la feito ser praticamente imortal, mas aparentemente não podia curar sua alergia a gatos.

– Vou pegar uma fatia de bolo. Tyler, você quer?

Denise perguntou, ele sendo a única outra pessoa aqui que não se alimentava primariamente de uma dieta líquida. Nós seis estávamos relaxando na sala de estar depois do jantar, uma das minhas primeiras noites normais na semana.

Tyler a olhou com uma cara engraçada.

– Estou implorando para você me contar seu segredo. Se eu comesse metade do que você, eu perderia esses quadris em uma semana.

Seu sorriso escondia um toque de crueldade.

– Eu te contaria, mas então eu teria que te matar.



E se ela não matasse, Spade mataria, conclui mentalmente. Poder de se transformar em qualquer coisa, habilidade ilimitada de cura e um metabolismo que queimava calorias mais rápido do que Denise podia consumi-las não foram os únicos efeitos das marcas do demônio. Seu sangue agora era literalmente uma droga para vampiros e se uma palavra disso vazasse, cada morto vivo criminoso que quisesse fazer um dinheiro viria rastejando de seus caixões atrás dela.

– Eu vou comer um pedaço de bolo.

Gritei. Posso ser uma vampira, mas isso não significava que eu ia desperdiçar um bolo de chocolate escuro e húmido.

– Mas, hum, vou comer no meu quarto, se estiver tudo bem.

Eu emendei, tendo uma ideia sobre aquela cobertura gelada.

– Estou indo para a cama.

Bones se levantou perante essas palavras, seus olhos cintilando quando encontrou meu olhar. Acho que ele imaginou outra utilidade para aquele bolo também.

– Pessoal, vejo todos vocês amanhã.

Ele disse. Então foi para a cozinha, pegou o prato que Denise tinha acabado de servir uma fatia generosa de bolo e começou a subir as escadas.

– Já se recolhendo, Crispin? Não é um tanto cedo?

Ian perguntou com um sorrisinho perverso.

– Cai fora, companheiro.

Bones respondeu, me poupando o trabalho de dizer algo parecido.

Estávamos na metade da escada quando Dexter soltou um latido agudo. Fiquei tensa, mas então a voz de Elisabeth se seguiu, me deixando saber qual fantasma tinha aparecido repentinamente na casa.

– Eu sei onde Kramer está!

Eu me virei em direção ao som de sua voz. Elisabeth estava no vestíbulo com Fabian ao seu lado. Bones colocou o prato de bolo nos degraus com um suspiro.

Ian riu.

– Momento infeliz você teve, boneca.



Ele disse para Elisabeth e eu estaria mentindo se não admitisse que uma parte pequena e egoísta em mim também gostaria que ele ela aparecesse com essa boa notícia algumas horas mais tarde.

Seu sorriso diminuiu.

– É algo inadequado?

– Nada.

Disse para ela enquanto sorria para Bones de forma triste enquanto descia as escadas.

– Onde ele está?

– Sioux City, Iowa. – Ela respondeu. – Eu o vi quatro vezes até agora. Muitas vezes para ser mera coincidência. Deve ser onde ele irá selecionar suas vítimas.

– Ele escolhe *todas* as suas vítimas da mesma área? Achei que você disse que Kramer garantia nunca utilizar o mesmo lugar duas vezes.

– Ele escolhe uma nova localização a cada véspera de dia de Todos os Santos, muito longe de qualquer um dos lugares onde as queimadas anteriores aconteceram. Ano passado, ele estava em Hong Kong. Com frequência ele esconde os corpos para evitar que as autoridades percebam os mesmos tipos de assassinados que ocorrem a cada ano. Mas o cúmplice e as três vítimas são sempre escolhidas do mesmo lugar.

Ele escondia os corpos?

– Por que ele iria se importar se a polícia estivesse em cima dele? Não é como se eles pudessem colocar algemas nele.

– Por causa dos cúmplices.

Elisabeth respondeu.

– Se eles aprenderam o padrão dos assassinatos anteriores através de jornais ou noticiários modernos, eles iriam perceber que assim que tivessem concluído sua utilidade, Kramer os matará também.

– Ele elimina cada laço com seus crimes, mesmo aqueles que o auxiliam?

Ian assobiou.

– Começando a admirar a sabedoria desse sujeito.



– Você deveria.

Eu reagi.

Elisabeth não disse nada, mas um espasmo passou por seu rosto que eu notei até com ela sendo parcialmente transparente. Fabian flutuou até ela, colocando as mãos em seus ombros.

– Você deveria dizer a eles.

As sobrancelhas de Bones se ergueram.

– Nos dizer o que?

Denise perguntou, esperando que ele ou eu respondesse.

Elisabeth fechou os olhos, parecendo se recompor. Se ela fosse sólida, eu teria pedido para ela se sentar, porque ela parecia, bem, *fantasmagórica*.

– Kramer não mata seus cúmplices meramente para eliminar laços com seus crimes.

Ela disse, sua voz mal podia ser ouvida.

– Ele sempre escolhe aqueles que são fanáticos em suas crenças de que estão fazendo o trabalho de Deus o auxiliando na eliminação de bruxas. Mas muitos deles, quando vêm o que ele faz quando possui corpo, percebem que é tudo uma mentira.

A expressão de Bones ficou sombria. Até mesmo Ian parecia ter engolido algo desagradável. Denise parecia tão sem pistas quanto eu sobre a afirmação oblíqua de Elisabeth, mas então eu entendi o que ela quis dizer e meu estômago se apertou de um jeito que me fez achar que eu ia vomitar meu jantar líquido em toda mesinha de centro.

– Ele as estupra.

Afirmei, um ódio profundo se espalhando por mim.

Elisabeth ergueu a cabeça que antes estava baixa. Ela olhou direto pra mim quando falou as próximas palavras.

– Elas não foram as primeiras.

Dessa vez, eu sabia de imediato o que ela queria dizer e mais daquela fúria cresceu em mim. Não devia ser surpresa que esse não era um novo método para Kramer. Eu li o suficiente do *Malleus Maleficarum* para saber que depois do seu ódio pelas mulheres vinha a obsessão depravada com a sexualidade feminina. Estupro seria, porém, outra ferramenta que ele usava em



seus interrogatórios para destruir as mulheres física e emocionalmente antes de matá-las e, na época de Elisabeth, eram dados aos Inquisidores poder absoluto sobre o acusado – e acesso sem supervisão.

Elisabeth tinha prolongado seu terrível pesadelo, então observou Kramer continuar no mesmo padrão desprezível como fantasma. Porém aqui estava ela – contínua, sem medo e se recusando a desistir de sua busca por justiça não importando de qual lado da eternidade ela tinha que lutar por isso.

– Você é incrível, sabe disso?

Eu disse, sentindo respeito por sua força.

Aquilo a fez curvar a cabeça de novo.

– Não, mas fora todos que Kramer assassinou, só eu ainda existo. Eu devo isso aos que se perderam, não desistir.

O silêncio encontrou sua declaração. Pelo canto do olho vi minha mãe passar a mão no rosto como se estivesse limpando lágrimas. Isso trouxe uma lembrança terrível; ela, coberta de sujeira e sangue, me implorando para matá-la porque não podia viver com o que tinha feito durante seus primeiros poucos dias de loucura por sangue como uma vampira nova. Todos os meus argumentos de como os vampiros que tinham jogado aqueles humanos com ela – *sabendo* o que aconteceria e fazendo isso só para atormentá-la – eram os verdadeiros assassinos tinham caído em ouvidos surdos. Só Bones dizendo com severidade para minha mãe que ela não tinha permissão de morrer porque seria desonrar o sacrifício que Rodney fez quando deu sua vida durante seu resgate que a atingiu.

Algumas vezes, continuar em honra dos que foram perdidos era tudo que uma pessoa tinha.

– Sioux City, Iowa.

Bones pronunciou as palavras lentamente.

– Vamos lá amanhã.

Afastei os sofrimentos do passado. Para parar Kramer, eu precisava estar focada no presente. Provavelmente era o que tinha mantido Elisabeth sã e no caminho todos esses anos.

– Vamos voltar ao padrão de Kramer. Se ele está tão preocupado em cobrir seus rastros, você sabe por que ele escolhe suas vítimas na mesma cidade?



Talvez seu motivo fosse algo que pudéssemos usar contra ele. Se prender a mesma área era comum o suficiente se estivéssemos falando de humanos, vampiros ou ghouls assassinos em série, mas como um fantasma, Kramer podia circular o mundo inteiro em horas se ele continuasse saltando em linhas de poder o suficiente.

– Por que ele se limitaria desse jeito?

Continuei a me perguntar.

– Ele sabe que você está atrás dele, Elisabeth, mas ele está se fazendo mais fácil de encontrar ao se prender a uma área quando ele caça suas vítimas.

Desolação contraiu suas feições.

– Talvez seja porque eu provei não ser uma ameaça real para ele com o passar dos anos.

– Não é por isso.

Bones declarou.

– Kramer pode voar rapidamente para dentro e fora de cidades em um piscar de olhos, mas seu cúmplice é de carne e osso. Muito mais limitado, então se as vítimas pretendias estão todas localizadas em uma pequena área geográfica, elas estão mais fáceis para o cúmplice as pegar quando chegar a hora.

Certo, Kramer não podia sequestrar aquelas mulheres ele mesmo a menos que esperasse até estar sólido e isso só acontecia por uma noite. Não deve ser tempo o suficiente para o bastardo fazer todas as coisas horríveis em sua lista de desejos antes de queimá-las vivas. Mas enquanto o cúmplice for o bem mais valioso de Kramer, ele também seria o calcanhar de Aquiles do Inquisidor. Se encontrássemos o cúmplice a tempo, Kramer passaria a noite de Halloween com corpo, mas sem ninguém para torturar ou queimar. O pensamento me encheu de satisfação selvagem.

– Precisamos matar o cúmplice assim que descobrirmos quem ele é.

Declarei.

– Não.

Todas as cabeças se viraram na direção de Bones, incluindo a minha. Ele dava batidinhas no queixo, seu olhar escuro frio e calculista.

– Se descobrirmos quem é o cúmplice, nós o pegamos. O hipnotizamos



para nos dizer exatamente onde Kramer pretende realizar sua fogueira imunda. Então, na véspera do dia de Todos os Santos, vamos lá, salvando as mulheres enquanto capturamos os dois sujeitos ao invés de um só. Kramer estará sólido então e ele não pode escapar tão facilmente quando está sólido, pode?

Olhei para o perfil do meu marido, nada como suas maçãs do rosto esculpidas, sobrancelhas escuras curvadas e pele como cristal delicado para ressaltar a crueldade em sua expressão.

– Então nós vamos para Sioux City e encontramos o cúmplice.

Eu disse suavemente.

Sua boca se curvou em um sorriso que foi meio predador, meio amante sonhador.

– Realmente.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110566562>

Capítulo Dezenove.

Recolhi o bolo de chocolate em meu caminho para o quarto, porém fiz mais porque eu não queria deixá-lo na escada do que por algum desejo por ele. Meus pensamentos estavam mais focados em homicídio justificável do que em comer bolo, de forma pervertida ou não. Eu não era a única em um humor mais sombrio. Minha mãe murmurou que ia sair para dirigir e deixou a casa sem mais nenhum comentário. Ela poderia estar saindo apenas para encontrar alguém de quem beber, mas eu não achei que fome fosse seu motivador sólido. Eu provavelmente nunca vou querer saber o quanto do tratamento de Elisabeth ela mesma havia sofrido durante o tempo em que foi sequestrada, assassinada e forçada a se transformar em vampira, tudo porque outro vampiro estava tentando me ter de volta. Fabian e Elisabeth também partiram depois dela, sem precisar de um carro para fugir, claro.

Contemplar todas as coisas doentias que Kramer e outros como ele fizeram me deixou sentindo como se eu estivesse coberta de uma camada invisível de sujeira, fazendo-me ir direto para o banho antes de entrar no quarto. Eu não podia lavar do mundo a maldade do Kramer (ainda), mas eu podia me lavar antes de deitar, pelo menos.

Quando saí do banheiro, vinte minutos depois, Bones estava sentado na beira da cama, distraidamente alisando meu gato. Ele estava sem sapatos, sua camisa em uma pilha no chão ao lado deles, mas ele não havia se despedido mais do que aquilo. Congelei com a toalha no meu cabelo. Normalmente, Bones não faz nada pela metade, mas ele apenas sentou ali, como se tivesse ficado sem energia para tirar as calças.

– Tudo ok? – Perguntei, aproximando-me.

Ele sorriu um pouco, abandonando a atenção ao meu gato para estender as mãos para alcançar minha cintura.

– Estava apenas me lembrando quando eu disse que se ficasse mais relaxado sobre as circunstâncias, eu precisaria de um cigarro. Falei cedo demais, como se viu.

Dei outro passo até o tecido do meu robe quase encostar no rosto dele.

– Yeah, bem. O destino tem um senso de humor sombrio algumas vezes, certo?

– Precisamos discutir algumas coisas, Kitten.

Ele soou tão sério que o nervosismo me fez ficar quente por dentro.



– O quê?

– Limites. – Ele disse, firmemente. – Eu quero deter Kramer. Seu tipo é o motivo de eu ter aceitado ser um assassino contratado, em primeiro lugar, como eu te disse, muito tempo atrás. Mas, apesar do muito que admiro sua coragem, eu não quero vê-la se tornar a Elisabeth.

Eu me afastei para olhar para ele, colocando um cacho escuro atrás de sua orelha.

– O que você quer dizer com isso?

– Ela nunca vai parar de caçá-lo. Ela aceitou isso como seu propósito na vida, mas há uma muito real possibilidade de que não sejamos capazes de prendê-lo. Vamos tentar como o inferno, mas...

Bones tamborilou os dedos, expirando bruscamente ao mesmo tempo.

– Ele é ar exceto por uma noite ao ano, então estamos literalmente perseguindo o vento. Não estou dizendo que vamos desistir se não o capturarmos nesse Halloween, mas estou dizendo que um dia, mesmo que Elisabeth não pare, nós vamos ter que parar.

– Mas ele não pode simplesmente continuar se *safando* disso. – Argumentei ao mesmo tempo. – Como podemos pensar sobre desistir? Você ouviu o que ele fez! E ele vai continuar fazendo isso a mesmo que seja detido.

Bones pegou minhas mãos, seus olhos escuros intensos.

– É exatamente isso o que eu quis dizer sobre você se transformando na Elisabeth. Ela gastou cada momento dos últimos quinhentos anos com Kramer, de um jeito ou de outro, e houve um preço por isso, não é? Ela divide sua vida somente com seus planos de vingança, e ela mais do que merece essa vingança, mas eu não quero ver você ir pelo mesmo caminho. Algumas vezes, pessoas que merecem vingança, não conseguem, e pessoas que não merecem, são punidas.

Ele suspirou e soltou minhas mãos, um músculo pulsando em sua mandíbula antes de ele falar novamente.

– Não estou dizendo que vamos tentar nesse Halloween e parar se falharmos. Estou disposto a me empenhar nisso por anos, porque eu quero esse cara preso em uma caixa para que ele possa saber para sempre o terror e impotência que ele causou nos outros, mas eu posso aceitar que isso pode não acontecer. Você também precisa aceitar isso, porque saiba disso... Eu não vou deixar você se sacrificar em uma busca sem fim para derrotar alguém que pode não ser capaz de ser pego.



Meus punhos se fecharam.

– Você pode fazer isso? Virar suas costas para Elisabeth e todas as futuras vítimas do Kramer, sabendo o que vai continuar acontecendo? Você deixaria aquele idiota assassino vencer...

– Isso não é um jogo, Kitten. – Ele interrompeu. – É a vida, e sempre vai haver injustiça não importa o quão frustrante isso seja para aceitar. Vamos dar nosso melhor tiro no Kramer, mas se falhar, falhamos. E então seguimos adiante.

Suguei o ar para dizê-lo o que eu pensava daquela mentalidade desistente, mas sob o duro olhar conhecedor do Bones, eu o expeli não em insultos, mas em um longo suspiro. Kramer era um caso tão claro de “mal rondando à solta” que admitir que ele poderia usar seu status fantasmagórico para fugir de sua punição para sempre parecia uma traição à tudo o que aquelas mulheres sofreram. Minha resposta automática seria gritar “*Foda-se isso, eu vou te pegar mesmo que seja a última coisa que eu faça!*”

E foi assim que Elisabeth deixou a perseguição por ele encher sua vida até não haver espaço para nada mais. Parte de mim ainda continuava querendo chamar Bones de bastardo com coração frio por sequer considerar desistir de caçar Kramer um dia, mas seria apenas a minha negação falando. Eu não queria realmente dizer aquelas palavras feias, e elas não seriam verdadeiras; Apesar disso, elas estavam espumando perto da superfície. A ideia de que eu estive prestes a atacar o homem que eu amo porque ele apontou o fato muito óbvio de que vivemos em um mundo onde por vezes, o bem *não* vence o mal, e os mocinhos não cavalgam para o pôr do sol, me fez perceber o quão longe na estrada da Elisabeth eu já tinha ido.

Eu ainda a admirava por sua força de vontade sob seguidas circunstâncias devastadoras, mas agora, eu também sentia pena dela. Quão ricos os muitos anos de sua vida teriam sido se ela além de procurar uma maneira para deter Kramer, tivesse também escolhido *viver* por algo mais, como amizade ou amor?

– Você não vai me perder para isso. – Eu disse, finalmente. – Derrotar Kramer é meu objetivo, e eu vou tentar como o inferno cumpri-lo, mas você, Bones... você é minha vida, e sempre vai ser.

Ele levantou, pegando minhas mãos. Lentamente, ele as levou aos lábios, beijando o anel que ele colocou no meu dedo pela primeira vez há dois anos. Então sua boca subiu até a minha mão, arrastando pelo meu pulso antes de continuar subindo pelo meu braço, seu olhar nunca deixou o meu. Quando ele finalmente alcançou meu ombro, eu estava tremendo com desejo e outras



emoções profundas. Eu queria chorar por todos os anos em que deixei as circunstâncias nos manter separados, e queria arrancar suas calças com os dentes para que ele pudesse estar dentro de mim, nos trazendo mais perto do que duas pessoas podem estar.

Um gemido me escapou quando sua boca acariciou meu pescoço, seus lábios e presas provocando a pele sensível. Ele agarrou meu pulso quando tentei deslizar minhas mãos para suas costas, segurando-os gentilmente ao meu lado. Agora meu gemido era de leve frustração. Mesmo que ele estivesse tão perto que sua aura corria sobre mim como uma bruma quente e invisível, nossos corpos não estavam se tocando. O único contato que tínhamos era sua boca no meu pescoço e suas mãos prendendo meus pulsos, e aquilo não era o suficiente. Ainda assim quando me movi para frente, ele deu um passo para trás, sua risada suave abafada pela minha garganta.

– Ainda não.

Sim, agora sim. Cheguei mais perto novamente, mas Bones me evitou mais uma vez. Eu não podia nem deslizar meu robe para tentá-lo com carne nua, porque ele ainda tinha meus pulsos em um aperto gentil, mas inflexível.

– Bones... – sussurrei. – Eu quero te tocar.

Seu rosnado baixo retumbou contra a minha garganta.

– E eu quero te tocar, Kitten. Então fique quieta e me deixe tentar.

O que ele queria dizer com tentar? Eu estava bem aqui, tentando juntar nossos corpos, e era ele quem estava me frustrando. Tudo o que ele tinha que fazer era soltar meus pulsos, e estaríamos tocando cada centímetro um do outro em cerca de dois segundos...

Eu arfei, surpresa e êxtase queimando em mim com o puxão repentino nas pontas sensíveis dos meus mamilos. Eles endureceram em expectativa de outro toque, e ele veio, deixando-os doloridos com a necessidade de mais. Mas as mãos do Bones não haviam deixado os meus pulsos, e sua boca ainda estava pressionada no meu pescoço, língua e presas alisando a área que me deixava mais fraca com o desejo.

– Como?

Consegui falar, a pergunta terminando com um gemido quando as duas pontas pareciam estar sendo lenta e sensualmente beliscadas.

Suas mãos apertaram meus pulsos.

– Porque eu quero tanto te tocar, e apesar disso não estou me



permitindo. Então minha mente está fazendo isso por mim. Sinta onde eu queria te tocar nesse instante...

Não tive tempo para estar maravilhada com este exercício do seu novo poder, antes de uma longa e íntima carícia me fazer estremecer em êxtase. Senti meus quadris se apertarem, avidamente exigindo mais. O pensamento de que ele tem que ter praticado sua habilidade telecinética às escondidas para controlá-la tão habilmente agora passou pela minha mente, antes de outro golpe tentador apagar quaisquer outras reflexões da minha mente, sob uma maré de necessidade. Bones continuou beijando meu pescoço, sua língua dando pancadinhas para limpar as escassas gotas de sangue que ele tirou quando suas presas romperam minha pele. Um gemido bruto e afiado deixou meus lábios, minhas pálpebras abaixando com a sensação erótica, até minha visão ser reduzida a duas fendas pelas minhas pálpebras pesadas.

Foi por isso que me levou um segundo para perceber o pequeno objeto bem atrás dele, mas meus instintos assumiram antes da minha mente despertar do seu estado de êxtase sensual. Chutei as pernas do Bones um instante antes do Helsing vaiar alto, atirando-me para frente para proteger o Bones do movimento em arco da faca.

Fogo cortou um caminho da minha bochecha até o meu pescoço. Bones girou no ar, batendo para longe a lâmina que continuava a rasgar para baixo pelo meu corpo.

Através do véu de cabelo vermelho que balançou pra frente do meu rosto, eu vi a forma diáfana e escura começar a tomar forma no quarto.

– Kramer! – Eu gritei.



Capítulo Vinte

Bones se lançou para a sálvia e isqueiro no nosso criado-mudo, mas o fantasma o arreventou antes que ele pudesse chegar nele. O isqueiro voou pelo quarto, a sálvia se enterrou debaixo dos restos da mesa. A faca se agitou em minha direção novamente, mas antes de ela me atingir, Bones me abraçou forte, nos rolando para fora do caminho. A dor se elevando em meu subconsciente me disse que ele não rolou rápido o suficiente, mas eu não podia ver onde ele foi atingido. Empurrei seu peito, mas ele não me soltou, mantendo seu corpo, assustadoramente, entre eu e a faca de prata que continuava a nos cortar não importando o quão rápido nos movíamos.

Nossa porta se escancarou. O cabelo castanho de Denise voava ao redor dela enquanto ela entrava segurando um monte de sálvia e um isqueiro. Antes que ela pudesse juntar os dois, entretanto, a cama se lançou através do quarto e bateu nela. Ela segurou a sálvia, mas o isqueiro caiu de sua mão devido ao impacto da cabeceira batendo contra seus dedos. Ele escorregou pelo quarto, não muito longe de onde Helsing estava amontoado, seu pelo de arrepiado e sons de gemidos vindo dele.

Mais barulho de passos vindos pelo corredor se encontraram com a cama e as outras mobílias do quarto batendo de encontro com a porta, efetivamente a bloqueando. Sobre o barulho da porta sendo bloqueada, ouvi um som ainda mais arrepiante – o barulho metálico da nossa bolsa de armas sendo aberta. Antes que eu pudesse gritar um sinal de alerta, uma enorme quantidade de prata voou como torpedo para nós.

Bones deve ter ouvido também, porque ele nos movimentou rápido como um raio para a esquerda, de forma tão violenta que atravessamos a parede divisória para o banheiro. Uma risada feia nos alcançou sobre uma série de xingos que Spade proferia para o fantasma.

– Não entre aqui, há uma porrada de prata!

Denise gritou.

– Ela está certa, fique longe.

Bones gritou quando o som de algo grande se quebrando parecia com Spade usando seu corpo como um aríete contra a porta e toda a mobília que a bloqueava. Se ele estivesse pensando claramente, ele perceberia que podia se mover em alta velocidade através da parede de pedras sem cimento no quarto do lado muito mais fácil, mas eu não o queria aqui, então eu não ia mencionar isso.



– Comece a queimar sálvia do lado de fora do quarto.

Bones continuou de forma urgente.

– O sujeito não será capaz de suportar por muito tempo.

Então ele agarrou a borda da bancada cheia de adornos, a arrancando com uma selvageria suficiente para enviar pedaços grossos e grandes pelos ares.

– Mantenha isso na sua frente, Kitten.

Ele ordenou, me entregando o escudo improvisado de mármore. Então arrancou um pedaço menor para si, o sangue pintando suas mãos de vermelho, devido as arestas cortantes.

– Você vai morrer, mulher.

Kramer sibilou. Pensei que ele estivesse falando comigo, mas eu não vi sua forma nebulosa e nojenta nem na parede quebrada ou na entrada normal do banheiro. Então um som de algo batendo coincidiu com o grito de Denise.

– Denise!

Spade urrou.

– Fique afastado, você sabe que ele não pode me matar!

Ela gritou, sua voz mais aguda devido a dor.

Bones e eu irrompemos de volta ao quarto, segurando nossos escudos feitos com a bancada para afastar o bando de facas que imediatamente voaram na nossa direção. Múltiplas explosões de dor me atingiram quando a prata perfurou minhas pernas e braços, mas eu mantive o coração protegido e todo o resto iria se curar.

Denise estava no lado oposto do quarto, tom carmim ensopando seu cabelo de uma ferida na cabeça e vários cortes menores escurecendo suas roupas de sangue. Eu hesitei, lutando contra a urgência de correr para a frente dela. Se eu o fizesse, eu só estaria enviando mais facas em sua direção, porque Kramer estava atrás de mim e Bones. Denise somente tinha ousado interferir em seus planos para nós.

– Denise, tente sair. – Sussurrei.

– Sou a pessoa mais segura nesse quarto. – Ela reagiu.

Kramer se virou para nos encarar, dando a Bones e eu apenas um



segundo para erguer nossas barreiras de mármore antes que mais facas fossem lançadas em nossa direção.

– Pare! – Denise gritou.

O fantasma a ignorou.

– Vocês tentam me destruir? – Kramer sibilou em nossa direção. – Eu vou destruir vocês.

Bones respondeu algo em alemão. Eu não sabia o suficiente do idioma para traduzir, mas o que quer que ele tenha dito fez o fantasma uivar de indignação. Mais facas foram voando, mas dessa vez só se dirigiram a ele.

– Aprese-se com aquela sálvia.

Gritei desesperadamente. Spade havia sido gentil o suficiente para nos suprir com muitas armas para nossa viagem para casa, mas agora aquilo significava que Kramer tinha mais munição contra nós. E mais, ele iria reutilizar as facas, as lançando tão rápido quanto elas podiam cair ou pular dos nossos escudos.

Os poderes do fantasma pareciam ainda maiores do que antes. Era por causa da proximidade do Halloween ou porque ele ainda estava muito, muito, muito puto da vida devido nossa tentativa de prendê-lo na caverna? Abaixamo-nos perante outra onda de prata, tentando alcançar um pouco de sálvia que estava do outro lado do quarto demolido. Não podíamos nos dar ao luxo de desviar nossa atenção das facas que pareciam vir em nossa direção por todos os lados. Ou no fantasma que podia surgir em qualquer lugar ao nosso redor em um piscar de olhos, chicoteando nossos corpos com o que pareciam dolorosas explosões de energia. Mesmo com a forma rápida com a qual nos movíamos, não sabíamos de qual direção viria o próximo ataque. Tudo que Kramer precisava era um golpe de sorte com uma lâmina de prata e Bones ou eu estaríamos murchos.

– Você precisa dar o fora da porra minha casa.

Denise falou rangendo os dentes.

Eu não tinha tirado a atenção do ninho de vespas de facas de prata ao nosso redor e nem do fantasma que podia, de alguma forma, reunir energia o suficiente para me fazer sentir como se estivesse lutando dez rounds com um Mike Tyson morto vivo, mas então algo grande e negro preencheu minha visão periférica. Olhei de relance para onde Denise estava – e encarei.

Bones me abaixou bem a tempo de evitar uma faca de prata direcionada bem ao meu rosto. Ao invés disso, ela cravou na parede atrás de nós. Helsing



emitiu um chiado assustado e tentou com mais vontade se esconder na pilha de cama e mobília.

– Bones, ela está... ela está...

Eu não falei mais, mas aponte. Ele desviou o olhar e então o arregalou como se nem mesmo seu instinto defensivo afiado pudesse levá-lo a desviar o olhar do que era agora uma incrível massa crescendo rápido. Quase distraidamente, ele ergueu seu escudo para a próxima leva de facas jogadas em sua direção.

Sons do teto se quebrando alertaram Kramer para se virar. Quando ele o fez, as facas que ele levitava para um ataque iminente caíram no chão e o fantasma congelou como se tivesse sido soldado no lugar por mágica.

– *Drache**.

**Dragão, em alemão.*

Ele conseguiu grasnar.

A metade de baixo de uma criatura imensa agora ocupava a maior parte do quarto que uma vez foi espaçoso, parte de seu pescoço e toda sua cabeça desapareciam no buraco que foi feito no teto. Escamas curvas que pareciam mais duras do que pele de crocodilo formavam um desenho preto e verde sobre o corpo da criatura, escurecendo quando chegavam as suas pernas do tamanho de quad-runner*. Uma cauda mais larga do que meu tronco surgiu, derrubando os pedaços quebrados de mobília espalhadas pelo quarto antes de estacionar na minha frente e de Bones como uma barricada viva e flexível. Duas corcovas espessas surgiam das costas da criatura, revelando asas verdes escuras que ocupavam o que restava do quarto mesmo estando estendidas só pela metade. Suas extremidades cravadas no chão faziam buracos no carpete enquanto a criatura parecia usá-las para balancear seu grande corpo. Então mais madeira e gesso caíram sobre nós e um buraco novo e grande apareceu, rapidamente sendo preenchido por uma cabeça sólida e alongada que atravessava o teto. Suas mandíbulas eram tão grandes quanto a cama, olhos vermelhos do tamanho de pires brilhavam em direção ao fantasma que estava em silêncio enquanto escamas como um cocar saíam de trás dele.

**Um quadriciclo esportivo.*

– Denise, *você se superou.* – Bones murmurou com espanto.

Eu ainda não podia formar palavras. Sim, eu tinha visto Denise se transformar antes, uma vez em um gato e uma vez em uma réplica de mim quando ela agiu como isca. Mas eu não tinha ideia de que ela podia manifestar



algo dessa *magnitude*. A menos de três metros a minha frente estava o que eu podia descrever simplesmente como um grande dragão. Um que parecia saído direto do filme *Reino de Fogo* – só que um pouco menor, porque esse dragão parecia ter só dois andares de altura e eu acho que o do filme tinha o dobro desse tamanho.

Se ela conseguir soltar fogo, pensei com um respeito paralisante, *provavelmente eu desmaio*.

Kramer permaneceu congelado onde ele estava, quase como se ele pensasse que ficando imóvel faria com que ele ficasse invisível. Ele parecia ter esquecido que tinha a habilidade de desaparecer, porque pela expressão dele, ele não queria estar em lugar algum perto do enorme dragão olhando para ele com dentes brilhando de uma boca raivosa. Porém, com o tamanho da criatura, Kramer estava praticamente no colo do dragão.

Vidro explodiu com uma peça de mobília arremessada pela janela do quarto. Ela não foi muito longe, quicando na perna do dragão e quase esmagando meu gato, que se encolhia com terror atrás dos restos da cama.

– Serviço de quarto!

Ian cantarolou, aparecendo na janela quebrada. Ele tinha montes de sálvia acesa nas duas mãos, mas quando viu o dragão, ele congelou do mesmo jeito que Kramer, ficando de boca aberta com as presas de fora.

– Aquele porre me deixou cego e de pernas *bambas*!

Não fique aí parado, jogue a sálvia. – Bones esbravejou.

Ian balançou a cabeça como que para clarear as ideias, então jogou a sálvia no fantasma, que uivava como se finalmente tentasse desaparecer do caminho.

Mais gesso e madeira caíram no quarto no instante seguinte. Então Spade apareceu no enorme buraco que ele tinha feito na parede perto da porta do quarto que estava bloqueada. Eu me arrastei para proteger meu gato bem a tempo, agarrando Helsing antes da barricada de cama e mobília cair em cima dele. Spade, também, estava carregando sálvia e entre o dragão enorme pelo qual Kramer não parecia querer atravessar e os dois vampiros jogando plantas acesas no seu caminho, Kramer não podia se esquivar dos mísseis de plantas rápido o suficiente. Com uma enorme quantidade de palavras rudes em alemão, ele desapareceu.

– O que no santo inferno é isso?

Tyler olhou ao redor de Spade, com mais sálvia queimando em suas



mãos, para então ficar boquiaberto olhando para o dragão. Seus pensamentos balançavam entre descrença, medo e fascinação enquanto a forma de dragão estremecia, começava a encolher, então finalmente culminava em Denise vestindo nada além de algumas manchas de sangue.

Ian parecia ter se recuperado de sua surpresa. Ele olhou Spade com um olhar quase acusatório.

– Você está transando com uma mulher que pode se transformar em um dragão? Maldito, Charles, estou doente de inveja!

– Agora não.

Spade murmurou, tirando a camisa e colocando sobre Denise. Eu tentei arrancar o cobertor dos restos da cama, mas ele estava preso muito firmemente com as outras mobílias e eu só acabei rasgando um longo pedaço.

– Kitten, primeiro isso.

Bones disse. Então começou a puxar as facas de mim, onde as lâminas de Kramer tinham encontrado seu alvo. Eu me contraía a cada puxão afiado, a prata parecia tentar arrancar grandes pedaços da minha carne.

– Tyler, pegue um cobertor no outro quarto?

Sugeri, focando minha atenção na prata ainda incrustada no corpo de Bones. Sua boca se apertou quando comecei a puxar as múltiplas lâminas dele, mas ele não emitiu som algum mesmo eu sabendo que o feria tanto quanto o que ele fez doeu em mim.

Tyler foi pegar o cobertor, murmurando que isso era a merda mais louca que ele já tinha visto. Spade aninhou Denise, que parecia um pouco mais fraca do que o normal depois de uma transformação. Ou talvez fosse seu corpo levando um tempo para se recuperar depois de brevemente se tornar uma criatura mística de meia tonelada que parecia tão intimidante, ela até fez um fantasma homicida se borrar de medo.

Tyler tossiu quando voltou e passou um cobertor para Denise. Fumaça enchia o quarto vindo das muitas plantas acesas, combinado com o carpete começando a queimar devido as pilhas de sálvia em brasa jogadas sobre ele.

– Fogo.

Notei, afastando Bones das tentativas de tirar as últimas pratas de mim. Eu já tinha acabado de tirar a cobertura de prata dele, aparentemente ele foi mais eficiente de se esquivar das lâminas do que eu. Corri para o banheiro, rapidamente molhei várias toalhas debaixo do chuveiro e então as joguei sobre



os piores focos de queimada. Bones, Spade, Denise e Ian estavam pisando nos lugares menores. Logo todo o fogo tinha se dissipado, deixando só algumas sálvias queimando em superfícies não inflamáveis, como segmentos de metal retorcido da cabeceira da cama e os pedaços da bancada do banheiro que tinham servido como escudos temporários para Bones e eu.

Olhei ao redor para a mobília destruída, vidro quebrado, buracos no teto, parede e banheiro, múltiplas facas de prata espalhadas ou encrustadas onde foram jogadas e o carpete queimado antes de balançar a cabeça.

– Spade, você nunca mais deveria nos deixar ficar com você de novo. Essa é a segunda vez que acabamos destruindo um de seus quartos.

Ele deu de ombros, parecendo mais preocupado em garantir que tínhamos sálvia queimando o suficiente em lugares seguros do que nas ruínas de sua casa.

Ouvi um carro estacionando na garagem. Parecia que minha mãe estava de volta. Com certeza, alguns segundos depois ela estava de pé no enorme buraco na parede do quarto, sua expressão era uma mistura de choque e preocupação quando ela viu o dano.

– Catherine, o que aconteceu?

– Estão todos bem?

Fabian gritou e o som parecia vir do pátio. Fui para a janela arruinada, vendo ele e Elisabeth flutuando bem do lado de fora da nuvem de fumaça de sálvia que era carregada pelo vento.

– O que aconteceu?

Bones repetiu, sua voz dura quando se juntou a mim na janela. Ele olhou para os fantasmas, seus olhos brilhando cor de esmeralda.

– O que aconteceu é que vocês dois foram seguidos.



Capítulo Vinte e Um

Enruguei o nariz quando coloquei o transportador de animais no chão da pequena sala de estar da casa geminada. Os antigos moradores devem ter sido fumantes. O persistente cheiro de tabaco penetrou nas paredes e carpetes, mas isso era melhor que o cheiro de alho e maconha que havíamos nos cercado na casa do Spade. Não que isso tenha feito algum bem. Kramer era obviamente muito poderoso para aquilo ser um impedimento. Mas, desde que era para eu estar olhando para o lado bom das coisas, a última noite significava que nós não precisávamos começar a procurar por chefs italianos e traficantes de drogas para cobrirmos esse lugar com um monte de alho e erva. Como era aquela perspectiva do Copo Meio Cheio?

A primeira coisa que fiz, antes mesmo de deixar meu gatinho sair, foi acender a sálvia e colocá-la em um dos muitos defumadores e jarros de vidro que adquirimos em nossa viagem de St. Louis para Sioux City. Não tiramos nem um cochilo entre dirigir, pegar suprimentos e arranjar nossas acomodações aqui, mas dar algumas piscadas na casa do Spade esteve fora de questão depois da visita do Kramer. Spade e Denise fizeram as malas tão rápido quanto o resto de nós. Senti-me culpada por eles não poderem retornar até conseguirmos prender o Kramer. De outra forma, quem sabia se (ou quando) Kramer poderia decidir voltar em outra visita extremamente hostil. Afinal, eles não podiam queimar sálvia em cada quarto da casa pelo resto das vidas deles. Ou até pegarmos ele, o que vier primeiro.

Eu sabia que Tyler estava vindo conosco, e esperava que minha mãe acompanhasse também, mas fiquei surpresa quando Denise e Spade insistiram em virem para Sioux City, também. Minha pergunta do porquê foi recebida com olhares incisivos. Acho que Kramer fez dois novos inimigos em sua incursão, mas eu não sabia se a metamorfose de Denise em um dragão podia fazer algum mal ao Kramer, a assim que ele tenha superado seu terror inicial por ver um, ele iria se lembrar disso.

Ian também veio com o comentário de que não tinha nada melhor para fazer, e que ele queria ver Denise fazer outro trupe de “metamorfose”, como ele chamou aquilo. Apesar do meu desgosto pessoal por ele, Ian era habilidoso, poderoso, e praticamente não tinha medo em uma luta. Pena que tudo isso vinha embrulhado com a consciência de uma barracuda*, mas do jeito dele, ele é leal ao Bones e Spade. Ian pode alegar estar aqui somente por tédio ou pela chance de ver Denise se transformar em algo incomum, mas eu sabia. O Inquisidor tinha fodido tudo quando tentou matar Bones. Com isso, Ian se importava.



**Um peixe carnívoro.*

Ausentes do nosso grupo estavam Fabian e Elisabeth. Os fantasmas pegaram sua própria forma de transporte em uma linha de poder. Mesmo que os dois tenham jurado terem sido cuidadosos, e que Kramer não os tinha seguido de volta até a casa do Spade, parecia ser uma grande coincidência. Agora foram duas vezes que Kramer nos encontrou, e meus poderes emprestados tinham desaparecido, então eles não eram os culpados. Em Ohio, eu culpei o acaso porque o estado era um ponto de encontro sobrenatural que naturalmente atraía muitos fantasmas, mas St. Louis não é, e eu duvido que Kramer tenha sido extremamente sortudo nas linhas de poder que ele pegou na noite passada.

Dessa forma, estávamos na sessão Morningside de Sioux City, mas alugamos um apartamento para Fabian e Elisabeth fora de Kelly Park. Foi necessário dar a eles um lugar próprio, porque arranjamos um novo método de comunicação com eles, e não podíamos correr o risco de ele ser roubado. Os fantasmas não precisavam de móveis ou eletrodomésticos, então o apartamento estava vazio, exceto por um item muito importante: um celular. Elisabeth podia se manifestar por tempo suficiente para usá-lo, e quem disse que não se pode ensinar tecnologia nova à um fantasma velho? Depois de algumas lições, Elisabeth aprendeu como enviar uma mensagem de texto, já que sua voz soaria apenas como um ruído de fundo se ela me ligasse. Eu programei o telefone dela para encaminhar cada mensagem que ela me mandasse, para todos os nosso novos celulares. Dessa forma, Elisabeth e Fabian podiam seguir Kramer sem se preocuparem em estarem levando-o até nós quando precisarem passar alguma informação. Em uma emergência, eles poderiam se materializar onde estávamos, mas a menos que as coisas fiquem feias, eles vão nos alcançar no novo jeito “à moda antiga.”

– Acomodei a sua mãe com o Ian.

Bones falou, entrando na casa geminada.

Spade e Denise estavam hospedados juntos por razões óbvias, e eu não confiava no Ian para se empenhar em proteger o Tyler se Kramer nos encontrar e conseguir suportar a sálvia. Isso deixou Tyler conosco e iam com minha mãe. Bones iria arranjar outro vampiro para ficar na nossa cabana para o caso do meu tio aparecer com notícias importantes, mas minha mãe poderia fazer isso. A perspectiva de refrescar seus calcanhares na cabana calou a boca dela... até o momento de ir para a casa alugada com o Ian, e então eu fiz a coisa mais prática que podia: Mande o Bones cuidar dela.

– Eu juro, aquela mulher tem uma boca muito pior que a sua. – Tyler comentou, seguindo o Bones. – Ian deu o menor tapinha no traseiro dela,



quando ela passou, e ela o chamou de...

– Ian deu um tapa na bunda da minha mãe?

Eu o cortei. Com o aceno do Tyler, parei de acender a sálvia e agarrei uma faca de prata, sentindo minhas presas saltarem por vontade própria.

– Espere aqui, volto logo.

Bones bloqueou meu caminho para a porta.

– Já resolvi isso, amor. Ele não fará nada assim novamente, prometo.

Fiquei parada ali por um momento, debatendo se empurrava o Bones e passava, para poder fatiar e picotar o Ian antes de pendurá-lo pelas argolas de prata que ele tinha perfuradas nas suas partes, quando Bones levantou sua sobrancelha.

– Você não confia em mim?

– Eu confio em você, não nele. – Murmurei.

Ele segurou meus ombros.

– Então se acredita em mim, acredite que isso está resolvido. Se ele me enganar, prometo que eu o seguro e te deixo esfaqueá-lo quantas vezes você quiser.

Aquela imagem trouxe um sorriso ao meu rosto. Fale sobre ver as coisas pelo lado bom! Bones riu.

– Então está resolvido. Agora, eu vou desfazer as malas. Porque você não volta acender sálvia o suficiente para ter certeza de que aquele sujeito fantasmagórico tenha uma recepção apropriada se ele aparecer aqui novamente?

Eu gostaria de acreditar que isso não aconteceria, mas havia duas formas de Kramer poder de fato aparecer para uma visita não desejada. Uma era se ele tivesse voltado para a casa do Spade antes de partirmos, na noite passada, e nos seguido por todo o caminho de St. Louis até aqui. Tentamos evitar assim, saindo muito rápido e fazendo Fabian e Elisabeth vigiarem durante os primeiros cem quilômetros, mas se o fantasma fosse esperto, ele poderia ter dado um jeito.

A segunda possibilidade era mais provável, e era uma merda em muitos níveis.

– Você percebeu que nós podemos precisar de mais do que sálvia se



Kramer ouviu escondido enquanto falávamos na noite passada sobre como planejamos prendê-lo? – Eu falei.

– Am, bem. Eu não pensei nisso. – Tyler murmurou.

– Eu pensei.

Bones disse com um olhar amargo pra mim. Sua voz baixando até ser impossível para qualquer um bisbilhoteiro o ouvir.

– Significa que temos que concentrar nossas atenções nas suas possíveis vítimas ao invés do seu cúmplice. Elisabeth disse que ele nunca se move depois de escolher seus alvos. Isso vai trabalhar a nosso favor.

Meus olhos se arregalaram, mas me certifiquei de falar tão baixo quanto ele, apesar da minha surpresa.

– Como, a menos que usemos aquelas mulheres como vítimas?

– Eu odeio quando vocês sussurram assim. – Tyler murmurou. – Me deixa impaciente.

– É precisamente isso o que faremos. – Bones respondeu, segurando um dedo levantado para o Tyler, no sinal universal de “espere”. – Se Kramer espera que nos concentremos em encontrar e hipnotizar seu cúmplice, ele também será extremamente cuidadoso em ocultar a identidade do sujeito, e nunca descobriremos quem ele é. Ou ele vai mentir para o cúmplice sobre onde ele pretende manter a fogueira, nos enviando em uma perseguição impossível enquanto ele está fora, em algum outro lugar, tendo seu lugar de diversão macabra. De qualquer forma, ele evita nossa armadilha.

– Mas se tivermos as mulheres. – meditei. – Então o Senhor Ninguém Mais Serve, virá até nós e tentará pegá-las. Ou vai mandar seu cúmplice com o mesmo propósito.

Bones acenou.

– E então, de qualquer forma, teremos nossa chance de agarrar Kramer ou seu cúmplice. Em qualquer um dos casos, as mulheres estarão mais seguras conosco do que sozinhas.

Mais seguras, mas não seguras. Dei um suspiro metal. Nada que pudesse fazer sobre isso. Assim que fossem marcadas pelo Kramer, elas não estariam realmente seguras até o Inquisidor estar apodrecendo em uma armadilha em algum lugar. Nós podemos ser capazes de protegê-las nesse Halloween, mas o fantasma provou ser mais do que mortal em sua forma não corpórea, também. Mesmo que entreguemos essas mulheres sãs e salvas para



suas casas no dia 1º de novembro, com instruções estritas para manter sálvia queimando o tempo todo, ela teriam que sair em algum momento. E quando fizessem, Kramer poderia aparecer e mandá-las para o além.

Se não encontrar um modo de trancar o Kramer (que poderia ser malditamente difícil mesmo que ele venha direto para nossa porta) podemos estar salvando essas mulheres no Halloween, apenas para tê-las assassinadas de um jeito diferente mais tarde, e o mesmo padrão iria se repetir no próximo ano, e no próximo, e no próximo...

Soltei um suspiro real dessa vez, fixando um olhar cansado e saturado para o Bones.

– Nós podemos precisar ver a Marie.

O rosto do Bones ficou rígido como granito.

– Não.

– Quem é Marie?

Tyler perguntou. Eu disse a última parte alto o suficiente para ele ouvir.

Gesticulei um “espere” para ele e abaixei minha voz novamente, tentando convencer o Bones que uma audiência com uma mulher que foi tanto uma aliada quanto uma adversária no passado valia a pena tentar.

– Provavelmente ninguém mais no mundo sabe mais sobre fantasmas e a vida após a morte do que a rainha ghoul de New Orleans. E se ela tiver um feitiço que poderia chutar o Kramer direto para fora desse plano de existência?

– Então Marie iria querer muito em troca disso, para não mencionar que praticar magia negra é contra a lei dos vampiros. – Foi sua resposta imediata.

– Desde quando você se preocupa em ser um cumpridor da lei? – Zombei.

Seus olhos escuros estavam firmes.

– Desde que eu me apaixonei por você e assumi a liderança de uma linhagem. Se fosse provado que praticamos magia negra (e eu não confio na Marie para não mencionar isso) os Guardiões da Lei poderiam nos sentenciar a morte. Esse é um risco que eu não estou disposto a correr, Kitten.

Eu não concordava que Marie iria nos delatar, mas eu me lembrava muito bem o quão letalmente eficientes os Guardiões da Lei são quando se trata de sentenças de morte. Eu estive brevemente sob uma dessas, e somente alguns pensamentos rápidos combinados com algumas acusações



falsas impediram que minha cabeça não fizesse mais companhia aos meus ombros, menos de cinco minutos depois que a Guardiã da Lei pronunciar a sentença.

A única outra maneira que Marie poderia nos ajudar seria me dando outra taça de vingo cheia de seu sangue, mas se eu admitisse que meus poderes de convocar Remnants tinha acabado, isso traria consequências inaceitáveis.

Maldição. De volta à estaca zero: tentar pegar alguém que era feito de ar e para todos os fins práticos, imortal. *Você não tem uma maldita chance*, uma traiçoeira voz interior sussurrou.

Foda-se, pessimismo nunca ajudou ninguém, eu disse a ela.

– Tudo bem. – Eu disse, forçando um sorriso. – Concentramo-nos em encontrar as mulheres e deixamos Kramer ou seu cúmplice vir até nós assim que fizermos.

E se não vierem, a voz interna cruel continuou a zombar, *você vai precisar de um caminhão de sálvia em chama para salvar o dia*.

Yeah, eu sabia disso, também. Mas eu resolvi acreditar que as coisas iriam dar certo, e era isso o que eu iria fazer.



Capítulo Vinte e Dois

Em 14 de outubro, enquanto estávamos todos na sala de estar assistindo um filme para quebrar a monotonia de mais espera infrutífera, meu celular finalmente vibrou com uma mensagem de texto. Quase pulei do sofá para ler, orando para não ser um número errado, e então soltei um grito.

– Elisabeth enviou um endereço! Vamos logo.

Bones já estava de pé, Spade e Denise fazendo o mesmo, mas Ian me lançou um olhar magoado.

– Você não quis dizer todos nós, não é? O filme não acabou.

– Você já viu esse antes. – Respondi em descrença.

Ele deu de ombros.

– Assistir o Snape zoar o Harry é minha parte preferida.

– Deixe-o ficar. – Bones disse. – Ele pode vigiar o Tyler enquanto estivermos fora. Você pode levantar daí pra fazer isso se for necessário, companheiro?

A boca do Ian se curvou com a ironia pesada na voz do Bones.

– Provavelmente.

– Eu não vou?

Tyler soou desapontado, mas seus pensamentos indicavam o contrário. *Ian, cuidando de mim? Finalmente, a situação melhorou!*

Rolei meus olhos.

– Yeah, Tyler, você fica aqui com o Ian. Tente não deixar isso te chatear muito.

Não deixarei, ele pensou, mas disse “Darei um jeito”, de forma tão doce que Bones bufou, divertido.

Fui até a geladeira e peguei muitos pacotes de sálvia, estendendo-os para Spade, Denise e Bones. Parecia estranho se abastecer de plantas, ao invés de pratos, antes de uma situação potencialmente perigosa.

Minha mãe avançou, estendendo sua mão com um brilho desafiador nos olhos.



– Você não espera que eu fique para trás, espera?

– Hum... – Eu hesitei.

Realmente, eu esperava, pensando que Tyler estaria melhor com minha mãe aqui para protegê-lo se por acaso Kramer aparecesse. Inferno, se o fantasma atacasse durante uma cena clímax com Snape, Harry e Dumbledore, Ian pode nem mesmo parar de assistir ao filme para curar qualquer ferimento mortal que o médium receba.

– Tyler se sentirá melhor com vocês dois... – Eu comecei.

– O inferno que vou. – Tyler me cortou, irritado. – *Empata foda!* Retumbou pela minha mente.

Se eu ainda fosse humana, minhas bochechas estariam em chamas. Eu fui chamada de muitas coisas na vida, mas nunca disso.

– Ok. – cerrei os dentes, esperando que o tesão do Tyler não terminasse sendo a morte para ele.

– Mãe, você vem. Tome um pouco de sálvia.

Ela pegou a sálvia, quase em surpresa, como se estivesse esperando que eu fosse argumentar. Eu queria, mas entre a censura mental do Tyler, e o fato de eu não querer deixar minha mãe apenas com Ian para protegê-la se Kramer aparecesse, eu fiquei quieta.

Em seguida, distribuí isqueiros até todos terem vários. Então fui pegar a proteção final contra um possível ataque espectral: Helsing, que me deu um olhar cruel quando o empurrei no seu transportador.

Sálvia, isqueiros, e um gatinho irritado podem não parecer o arsenal mais convencional para se pegar fantasmas, mas até agora, eles se provaram os mais eficientes.

Elisabeth e Fabian flutuaram para dentro do nosso carro antes de Bones terminar de estacionar.

– Você deve se apressar, ele acabou de sair!

Ela disse, seu sotaque mais carregado devido a sua agitação.

– Qual apartamento? – Perguntei.

Ela apontou para o lado esquerdo do edifício. – Um daqueles no topo.



Bones arqueou uma sobrancelha. – Você não sabe o número?

– É difícil pegar tais detalhes enquanto se tenta ficar invisível.

Fabian disse, argumentando em defesa de Elisabeth.

– Quantos eles podem ser? – Perguntei ao Bones, com um dar de ombros filososal.

Ele saiu do carro. – Parece que vamos descobrir. Charles, – ele disse, quando Spade nos alcançou. – fique aqui e mantenha um pouco de sálvia queimando. Com sorte, logo estaremos de volta. Fabian, Elisabeth, continuem vigiando Kramer, caso o sujeito retorne enquanto estamos aqui.

– E quanto a mim? – Minha mãe perguntou do banco de trás.

– Você vai ficar no carro. – Eu lhe disse enquanto saía, carregando o transportador de animais comigo. – Sem ofensa, mãe, mas seu jeito de lidar com as pessoas é uma droga.

Ela bufou, indignada. Bones me deu um sorriso apreciativo que ela não pôde ver.

– Mantenha o carro ligado, Justina. Podemos precisar que você nos tire daqui de pressa. – Ele disse, seu tom muito tranquilo.

Aquela explicação a tranquilizou, até que a ficha dela caiu, o que não aconteceu até estarmos quase no segundo lance de escadas do prédio de apartamentos.

– Você pode correr mais rápido do que o carro! – Eu a ouvi gritar do outro lado do estacionamento.

A resposta do Spade foi engolida pelos sons dos ocupantes do prédio, mas ouvi um pouquinho do seu riso, o que significava que ele caiu na gargalhada, sem se conter.

– Ela deve estar fumegando. – Eu observei com humor.

O sorriso do Bones estava desavergonhado. – Que lamentável.

Terminamos o último lance de escadas do terceiro piso. Vários apartamentos estavam agrupados na área geral que Elisabeth indicou. Porque era justamente hora do jantar, soava como se todos estivessem ocupados, também. O que não encurtava a busca.

– Bem, como você quer fazer isso? – Perguntei. – Fingindo sermos membros do Vizinhos Vigilantes reportando uma onda de vandalismos de



carros, ou agentes da loteria com um grande cheque? – Isso pelo menos faria menos portas baterem na nossa cara. Talvez.

– Dê-me um momento. – Bones murmurou. Ele fechou os olhos e sua aura se dilatou, enchendo o ar com correntes invisíveis. Após vários segundos, ele apontou para duas portas distantes sem abrir os olhos.

– Ela está em uma daquelas unidades.

– E você sabe disso porque de alguma forma agora você pode usar A Força? – Perguntei, tentando limitar a incerteza na minha voz.

Ele abriu os olhos, dando tapinhas na lateral da cabeça.

– Ouvindo. Você provavelmente apagou os pensamentos de todos, mas eu me concentrei em um deles. Uma mulher muito traumatizada está atrás de uma daquelas portas, e eu aposto que isso é porque Kramer acabou de sair.

É isso que eu ganho por duvidar dele. Bones estava certo sobre eu erguer meus escudos mentais contra a avalanche de pensamentos que vinham dos apartamentos, mas fazendo isso, negligenciei uma ferramenta importante para encontrar nosso alvo.

– Que bom que você está aqui. Isso é muito prático para ter me ocorrido. – Adicionei ironicamente.

Ele pegou minha mão quando eu estava prestes a bater na porta rotulada “B”.

– Não se repreenda. Eu fiz a mesma coisa quando adquiri esse poder, mas eu o tenho há muito mais tempo, então minha resposta à ele mudou. Você ainda não está acostumada à isso, mas estará, e então, acessá-lo será uma segunda natureza para você também.

Talvez, mas pra começar, nem mesmo era meu poder. Se eu parasse de beber dele, essa habilidade de leitura de mentes, como qualquer outro poder emprestado, logo desapareceria. Uma breve depressão correu por mim. De muitas formas, eu era uma impostora, minha força e dons significantes eram apenas produtos da minha esquisita dieta sobrenatural. Sem a capacidade de drenar poderes através da alimentação, eu provavelmente não seria mais durona que minha mãe. *A verdadeira Red Reaper poderia, por favor, se levantar?*

Então empurrei aqueles pensamentos de lado e bati na porta. Eu podia ter minha crise pessoal de identidade depois, quando a vida de mais alguém não estivesse em perigo. Se alguém merecia uma festa de piedade, era a mulher que estávamos aqui para pegar, e pelo choro abafado do outro lado



dessa porta, parecia que eu estava prestes a conhecê-la.

– Quem é? – Uma voz tensa gritou. *Não posso lidar com ninguém agora*, seguiram aquelas palavras, discernível mesmo através da minha barreira mental.

– Acabamos de nos mudar. – Eu disse, tentando soar amigável. – Encontrei esse gato passeando por ai, e estava me perguntando se você conhece o dono dele.

Pareceu mais plausível do que minhas outras ideias, considerando que eu estava parada aqui com um transportador de animais. A porta se abriu, a corrente de segurança ainda engatada. Precaução, bom pra ela, mas nenhuma tranca ou corrente podia manter fora o que estava atrás dela. Tive um vislumbre de um cabelo loiro emaranhado emoldurando um rosto manchado por lágrimas antes de estender o transportador, mostrando a ela o meu gatinho.

– Espere um segundo. – Ela murmurou. A porta fechando ao mesmo tempo em que a corrente era removida. Ela a abriu mais dessa vez, olhando para o Helsing.

– Nunca o vi aqui antes... – Ela começou.

Esmeralda cintilou dos olhos do Bones, brilhante como um sinal de trânsito. Tão rápido quanto ela pôde ofegar, ela estava presa nas profundidades deles, silenciosamente caminhando para trás quando Bones disse a ela para nos deixar entrar.

Fechei a porta atrás de nós, recuando quando vi a destruição no seu apartamento. Seu sofá estava virado, luminárias e mesas esmagadas, armários de cozinha meio arrancados de suas dobradiças, e múltiplos pedaços de louças quebradas espalhadas pelo chão. Ou isso era trabalho do Kramer, ou ela tinha sérios problemas com seu temperamento.

– Quem fez isso? – Bones perguntou, ainda prendendo o olhar dela.

Angústia se destacou nas expressões dela.

– Eu não sei o nome dele. Eu nem mesmo posso vê-lo, a menos que ele queira que eu veja.

Isso era confirmação suficiente para mim, mas Bones fez mais uma pergunta.

– Há quanto tempo ele vem até você?



– Mais de três semanas. – Ela sussurrou.

Troquei um olhar amargo com Bones. Isso era mais cedo do que esperávamos. Se Kramer tinha começado a aterrorizar suas futuras vítimas no final de setembro, fazia sentido que ele já tenha escolhido seu cúmplice. Apenas beneficiaria Kramer se seu pequeno ajudante sujo estivesse familiarizado com onde ele deveria sequestrar as mulheres, afinal. E se Kramer estava cobrindo seus rastros bem o suficiente para fazer Elisabeth levar mais de três semanas para encontrar a primeira das três mulheres, ela seria capaz de encontrar as outras duas em apenas dezessete dias?

– Não tenha medo, mas precisamos que venha conosco. – Eu disse a ela.

Uma única lágrima deslizou pelo seu rosto, mas ela não protestou quando comecei a levá-la para a porta da frente. Bones me parou, gesticulando para o que eu assumi que fosse o quarto dela.

– Deixe-a pegar algumas coisas, e se certifique que ela pegue o que é mais precioso para ela. Isso vai ajudá-la a se sentir mais confortável mais tarde. Eu vou queimar um pouco de sálvia, só para o caso.

Deixe com o Bones saber como fazer uma garota se sentir melhor, mesmo sob a circunstância mais estressante.

– Vamos lá, vamos empacotar realmente rápido. – Eu disse a ela, certificando-me de dizer isso com os faróis acesos nos meus olhos. – Não se esqueça de pegar o que quer que tenha mais valor sentimental para você.

– Não posso. – Ela disse, outra lágrima correndo pelo seu rosto.

– Claro que pode. – Murmurei de forma encorajadora. Então, depois de outra olhada para o tapete, eu a ergui. De outra forma, seus pés descalços seriam retalhados com todo aquele vidro quebrado. Pelo cheiro de cobre vindo dela, ela tinha alguns cortes nos pés, por nos deixar entrar. Porque ela não colocou algum sapato antes de atender a porta?

Assim que estávamos no quarto dela, que estava tão detonado quanto o resto do apartamento, eu tive minha resposta.

– Bastardo. – Sussurrei com uma nova onda de ódio.

Pela aparência do seu closet, Kramer havia destruído todas as suas roupas. Terninhos, vestidos, blusas, calças... não se podia distingui-los da pilha de tecidos retalhados. Gavetas estavam viradas, mais pedaços irregulares de tecidos derramavam delas. Ele havia destroçado até mesmo seus sapatos.



– Não sobrou nada importante para mim. Ele quebrou tudo... – Ela disse, as palavras mais desoladoras devido à aceitação em seu tom.

Ódio fez minhas mãos tremerem. Desde que morreu, Kramer não tinha mais a habilidade de arrancar mulheres de seus lares, levando-as embora para uma prisão cruel. Então, para compensar isso, ele transforma os lares delas em suas prisões. Essa mulher (e eu ainda não sabia o nome dela) não seria sequer capaz de sair do seu apartamento a menos que usasse aquele robe como roupa.

– Não se preocupe, vamos te levar para um lugar seguro. – Prometi, levantando-a novamente.

Eu tinha acabado de passar pela porta do quarto quando Helsing soltou um rosnado longo.



Capítulo Vinte e Três

Bones estava na minha frente em um piscar de olhos, segurando dois punhados de sálvia em brasas. Segurei a mulher com um braço e tentei alcançar meu próprio monte de sálvia com o outro, mas então algo pesado me atingiu na parte de trás da cabeça com força suficiente para me fazer perder o equilíbrio. Bones se moveu rapidamente, agarrando nós duas e nos colocando contra a parede, seu corpo e aquela barreira era um escudo protetor de qualquer ataque adicional.

– Porta.

Murmurei, olhando por sobre o ombro dele com o que meu crânio tinha sido esmagado dessa vez.

– O filho da mãe me bateu com a porta do quarto!

– Saia. – Uma voz enfurecida sibilou.

Sangue molhava meu cabelo antes da ferida se fechar sozinha, mas aquele momento de tontura inicial tinha passado, me deixando boa e furiosa. Isso só aumentou quando todos os pratos quebrados começaram a voar e atingir o corpo de Bones como facas de vidro.

A mulher não gritou, mas ela emitiu um ruído agudo horrível, fechando os olhos bem apertados.

– Não, não, não. – Ela começou a entoar.

Consegui libertar meus braços do aperto que Bones exercia sobre nós o suficiente para pegar um pouco de sálvia e acendê-la. O tempo em que levei pra fazer isso, Kramer tinha jogado o sofá em Bones. Senti sua dor em meu subconsciente quando o impacto fez com que cacos de vidro entrassem mais fundo em suas costas, mas Bones só se preparou, absorvendo o impacto sem se desequilibrar nem um centímetro. Então ele sorriu de forma selvagem para o fantasma invisível.

– Isso é tudo que você consegue?

Kramer uivava furioso, revelando sua posição mesmo que ele não tivesse manifestado sua aparência ainda. Mirei e atirei, usando força suficiente para que a sálvia atravessasse o quarto. Soou outro uivo, dessa vez de dor, me fazendo sorrir com cruel satisfação. Atirei outro punhado naquela direção, mas Kramer deve ter se movido, porque os únicos sons que se seguiram foram a agitação das portas do armário que ele arrancou e começou a jogar em nós.



Uma delas atingiu a caixa de transporte de Helsing, fazendo meu gato gritar, mas ela era feita de material resistente e o protegeu do impacto.

– Gatinho.

Supliquei a Bones, ainda presa fortemente contra a parede para pegá-lo eu mesma.

Bones não se moveu, mas ele olhou para a caixa, sua aura faiscando como se ele tivesse acabado de soltar fogos de artifício. A caixa escorregou ao longo da parede, empurrando a madeira e o vidro em seu caminho, até estar perto o suficiente para Bones a puxar com o pé e enfiá-la sobre o abrigo de nossas pernas.

Eu não tive tempo de admirar o uso de seu poder antes que a pancadaria começasse na porta do apartamento, seguida pela voz de uma mulher gritando.

– Isso é demais, Francine. Dessa vez vou chamar a polícia!

Em seguida Elisabeth explodiu através de uma das paredes, Fabian a seguindo de perto, atrás dela.

– Kramer – ela gritou – Onde você está, seu *porco*?

O ar serpenteou em círculos pequenos perto da cozinha, ficando mais escuros, até a forma alta e magra do Inquisidor aparecer.

– Aqui, *hure*.

Ele sibilou para ela.

Fiquei chocada quando Elisabeth voou em direção a Kramer e começou a tomar impulso. Diferente do que aconteceu quando Bones ou eu tentamos isso, seus golpes não o atravessaram de forma inofensiva. A cabeça do Inquisidor foi jogada para o lado com o soco que ela proferiu. Em seguida ele foi quase colocado de joelhos pelo chute sem misericórdia que ela deu em sua virilha. Kramer não podia ser atingido por alguém com corpo, mas claramente aquela mesma regra não se aplicava quando se tratava de outro ser não corpóreo o atingindo.

Durante tudo isso, a mulher – Francine? – parecia estar perdida em seu próprio inferno particular, murmurando, “Não, não, não” em uma ladainha irregular sem fim. Sobre o ombro de Bones, vi que Kramer tinha começado a virar o jogo com Elisabeth. Ele acertou um chute cruel e central que a fez se dobrar. Fabian pulou nas costas do Inquisidor, chutando e socando, mas Kramer o agarrou e o arremessou tão facilmente, Fabian desapareceu através



da porta do apartamento. Acho que fantasmas eram parecidos com vampiros, com a idade contando para uma força maior. Elisabeth e Kramer eram quase iguais em anos espectrais; mas Fabian era muito mais jovem e pelo que pareceu, não dava nem pro cheiro do Inquisidor.

– Precisamos sair.

Bones disse baixinho.

– Agora, enquanto ele está distraído. – Então Bones virou a cabeça, gritando.

– Charles, para a casa! – Alto o suficiente para fazer meus tímpanos vibrarem.

Mas vendo Elisabeth levar uma surra me fez hesitar quando Bones apertou os braços ao nosso redor com óbvia intenção.

O olhar de Elisabeth emparelhou com o meu por um breve seguindo. Então ela jogou os braços ao redor de Kramer, dando um abraço de urso nele apesar dos socos brutais que ela recebia de volta. Fabian flutuava ao redor, desesperadamente tentando intervir, só para ser jogado para o lado como uma mosca.

Captei a mensagem, agarrando a caixa de Helsing e sussurrando, “Agora!” para Bones.

A porta da frente abriu no instante em que chegamos até ela, nos permitindo que saíssemos sem fazer um buraco na parede. Eu não a tinha aberto. Eu tinha um braço ao redor de seu pescoço e o outro agarrando a caixa do gato. As mãos de Bones estavam igualmente cheias, segurando a mim e a mulher enquanto nos tirava dali mais rápido do que eu podia voar. Devíamos ter sido só um borrão escuro para a vizinha no corredor do lado de fora da porta, que parecia estar em seu celular descrevendo os ruídos no apartamento da mulher para a polícia.

Em seguida estávamos bem longe do edifício, me dando só um momento para notar que o carro de Spade e o que usamos para chegar não estavam mais no estacionamento antes de irmos alto demais para eu distinguir os diferentes veículos. Agora havia ainda menos chance de Kramer nos seguir. Pelo jeito que Bones parecia ter ligado o turbo, só precisávamos de mais um minuto ou dois antes que o fantasma não fosse mais capaz de discernir em qual direção voamos.

A desvantagem é que isso tinha tirado a mulher de seu estado de transe. Ela gritava tão rápido quanto sua respiração permitia, mas com seus olhos



fechados bem apertados, eu não podia hipnotizá-la para um estado mais calmo em sua mente.

– Você está bem, você está bem!

Gritei sem efeito. Ou ela não me ouvia sobre o barulho do vento devido a velocidade de Bones ou ela discordava fortemente. Com tudo que tinha acontecido a ela, eu não podia culpá-la. Quando voltássemos para o apartamento, prometi a mim mesma, eu daria a ela um copo bem grande de qualquer bebida alcoólica que ela quisesse. Ou melhor, a garrafa inteira.

Porém mesmo assim, não seria o suficiente para amenizar as notícias devastadoras que eu tinha para dar: que o pesadelo que ela viveu não ia acabar a menos que pegássemos Kramer e ela seria parte da isca que usaríamos para tentar isso.

Francine se sentou no sofá, uma vela de vidro cheia de sálvia queimando em uma mão e uma garrafa de vinho tinto quase vazia na outra. A garrafa estava cheia quando comecei a explicar sobre Kramer, as outras mulheres que estavam agora mesmo passando pelo que ela passou e a parte sobre Bones e eu sermos vampiros. Levar Francine voando para fora do apartamento meio que mostrou que não éramos humanos, então não havia motivo em tentar manter segredo enquanto contava todo o resto para ela. Spade, Denise e minha mãe chegaram aqui cerca de uma hora depois de nós, então assim Francine não se sentiu como se estivesse encurralada, só Bones, eu e Tyler estávamos com ela a princípio. Todos os outros estavam em suas respectivas casas geminadas.

Eu não sabia se era o álcool ou a sugestão que Bones tinha plantado anteriormente em sua mente de que ela podia confiar em nós, mas Francine estava muito mais calma do que eu esperava que ela estivesse perante essas revelações. Era possível que ela estivesse em choque e que a maior parte do que disse não tivesse sido registrada, mas seus pensamentos não estavam mostrando isso. Ela teve alguns poucos momentos de “vampiros não existem” e “isso não pode estar acontecendo”, mas acima de tudo ela parecia aceitar que o que estávamos contando era verdade. Três semanas sendo atormentada por uma entidade invisível evidentemente fez com que ela corrigisse a concepção errada de que o paranormal não existia.

– Eu sabia que não era louca. – Foi o que ela disse quando terminei de falar. – Ninguém acreditava em mim eu dizia o que estava acontecendo. Por um breve momento tentei fingir que eles estavam certos. Que eu estava fazendo todas essas coisas a mim mesmas através de desordem de múltipla



personalidade ou qualquer outra psicose aplicada, mas eu sabia.

Francine olhou para baixo, para a garrafa de vinho e soltou uma risada embriagada.

– Essa é minha primeira bebida desde que tudo isso começou. Meus amigos já pensaram que eu tinha surtado por causa de – de outros eventos. Eu não queria acrescentar alcoolismo em suas argumentações de que o que eu descrevia não podia estar acontecendo comigo.

– Que outros eventos?

Bones perguntou imediatamente.

Ela hesitou e eu me apressei para acrescentar.

– Não queremos nos meter em assuntos alheios, mas pode nos ajudar a encontrar as outras duas mulheres antes que seja tarde demais.

Francine soltou um longo suspiro, passando a mão por seu cabelo cor de raios de sol antes de falar.

– Minha mãe morreu cerca de seis meses atrás. Papai faleceu quando eu era realmente pequena, então ela era tudo que eu tinha. Isso realmente bagunçou comigo, o que foi drama demais para o meu namorado, então ele se mudou para pastos mais verdes. Então, pouco antes de ele começar a aparecer, alguém invadiu meu apartamento e matou minha gata. Quero dizer, que tipo de psicopata faz isso? Eles nem roubaram nada, só a mataram e saíram!

– Isso é *horrível*.

Tyler suspirou. Ele abraçou Dexter enquanto falava, o cão eu seu lugar de costume, no colo de Tyler.

– Sinto muito por tudo.

Murmurei. Eu falava sério, mas a parte clínica em mim analisava isso contra o que eu sabia sobre assassinos em série em geral e Kramer em particular. Francine e Elisabeth não pareciam exatamente parecidas tirando o fato das duas serem caucasianas, com seus vinte e poucos anos, então aquela não era uma pista a seguir e tirando a morte da gata, todo o resto que Francine relatou era, tristemente, o que eu esperaria. Francine não tinha muitos laços sobrando, fazendo com que ela fosse mais atraente para um caçador como Kramer. Era mais difícil isolar e aterrorizar alguém que tinha uma forte rede de apoio ao seu redor.



– Olhando para o que aconteceu, você acha que Kramer pode ter sido o atual culpado por trás da morte da sua gata? – Bones perguntou, concentrando a atenção na mesma coisa estranha que me incomodava.

Francine esfregou a testa de forma cansada.

– Acho que não. A pessoa arrombou a fechadura da minha porta da frente para entrar. Fez isso enquanto eu estava no trabalho e a maioria das pessoas no meu prédio não estão durante o dia também, então ninguém viu acontecer. Kramer nunca quebrou nada para entrar. Ele só... aparecia. – Um sorriso amarelo. – E então quebrava tudo lá dentro, mas nunca a fechadura.

– Destruição dos familiares das bruxas.

Bones murmurou. Sua boca se contorceu.

– Animais como familiares eram um dos preceitos constantes nos julgamentos das bruxas e gatos eram geralmente associados como um familiar. Isso podia não ser mais do que uma coincidência... ou talvez seja o primeiro teste de lealdade do cúmplice.

Invasão, mais assassinar algo inocente sem motivo além de superstição distorcida? Sim, parecia o tipo de aquecimento que Kramer podia usar para seu aprendiz humano. Além do mais, Kramer sabia que animais podiam sentir sua presença. Ele tentou matar Dexter da primeira vez que Tyler o evocou. O pobre cão ainda tinha aquele gesso em sua pata traseira e Helsing estaria ainda pior se não fosse por alguns golpes de sorte. Se livrar de qualquer bicho de estimação que seus alvos possuíssem significava que aqueles animais nunca avisariam seus donos da presença de Kramer antes que ele quisesse que soubessem.

Imbecil.

Francine piscou para espantar as lágrimas.

– Então é por minha causa que minha gata foi morta?

– Você não é responsável por *nada* disso.

Falei para ela firmemente.

– Kramer é. Ele e qualquer outro merda que o esteja ajudando.

– Mas você vai impedi-lo, certo?

Tive que desviar o olhar da esperança penetrante no rosto de Francine antes que eu promettesse todo o tipo de coisa que eu não tinha certeza se conseguiria cumprir.



– Com certeza vamos tentar.

Eu falei, encontrando o olhar firme e sombrio de Bones.

– E você acabou de nos dar uma nova pista para começarmos.



Capítulo Vinte e Quatro

– Esse é o lugar.

Eu disse, protegendo meus olhos da luz da manhã.

Posso ter perdido acesso ao banco de dados da Segurança Interna graças a nova posição de chefe de Madigan, mas muita da informação que nos levou até aqui foi tudo uma questão de registro público se você estivesse disposto a pagar uma taxa. Um pouco de acesso ilegal no banco de dados do Departamento de Polícia de Sioux City providenciou o resto. Nos últimos dois meses, aproximadamente 106 famílias na área metropolitana de Sioux City informaram arrombamentos. Era um grande número se fossemos fazer uma busca de porta em porta, mas dentre eles, só trinta e oito foram informados por mulheres morando sozinhas. Filtre ainda por mulheres entre as idades de dezoito e quarenta e cinco morando sozinhas onde os arrombamentos resultaram no ferimento ou morte de um animal de estimação e aquele número caía para um.

Se estivéssemos certos sobre a conexão entre animais de estimação mortos e Kramer, tínhamos encontrado uma das duas mulheres que restavam em menos de seis horas depois de Francine nos contar sua história. Talvez essa nova mulher pudesse nos dar informação que poderia nos levar até a vítima final de Kramer. Então poderíamos começar a parte realmente difícil: construir outra armadilha para Kramer para que pudéssemos atrair o fantasma pra dentro dela. Tínhamos todos os materiais. Só precisávamos de um novo lugar com um fluxo de água doce para armar tudo.

Mas nós tínhamos que fazer tudo isso sem Madigan nos encontrar e ferrar com tudo de novo. Partindo do princípio que eu tinha prometido ser otimista, eu não ia calcular nossas chances.

Uma coisa já estava à nosso favor. Alguém com batimento cardíaco estava na casa de Lisa Velasquez. Olhei para o relógio do carro – 10:17 da manhã, miseravelmente cedo para vampiros mas tarde para a maioria das pessoas que tinham que estar no trabalho. Talvez Lisa tivesse tirado o dia de folga. Talvez ela trabalhasse em um segundo turno.

Ou talvez ela estivesse sendo tão atormentada por um fantasma que tinha sido despedida de seu emprego por comportamento bizarro e frequentes faltas, assim como Francine tinha sido.

– Devíamos ter trazido o gato.



Bones murmurou, olhando para a casa térrea onde Lisa morava. Se estivéssemos certos, Kramer podia estar espreitando por ali, só esperando que cruzássemos a soleira da porta.

– Helsing quase foi morto algumas vezes. Não vou arriscá-lo, especialmente quando estamos bem certos de que aqueles últimos ataques foram deliberados e, de qualquer forma, nós só tivemos um chiado de aviso dois segundos antes de Kramer me atacar.

– Ele te atacar primeiro nas últimas três de quatro vezes é o que me preocupa.

Bones respondeu, com o tom aguçado.

– O que posso dizer? – Sorri de forma irônica. – Sou irresistível.

Bones me lançou um olhar que dizia que meu senso de humor foi desperdiçado nesse assunto, me entregando dois copos cheios de sálvia já queimando. Então ele pegou mais dois para si, deixando outros dois recipientes acesos no carro. Nós dois tínhamos mais sálvia nos casacos, e mais os isqueiros necessários, mas dessa vez, não iríamos esperar para acender. Claro, pareceríamos um pouco estranhos para quem quer que abrisse a porta, mas aquela era a última de nossas preocupações.

– Escuta algo interessante?

Murmurei, enquanto andávamos para a porta. Eu tinha meus escudos mentais baixados o máximo possível sem que as vozes me subjugassem, mas eu não era tão boa em filtrar através daqueles não familiares ainda, e Lisa morava em uma subdivisão que fazia fronteira com uma área comercial bem agitada.

Ele fechou os olhos, seu poder se expandindo por um instante.

– Quem quer que esteja lá está dormindo. – Ele afirmou.

Aquilo tornava as coisas mais fáceis. Olhei ao redor, não notei nenhum vizinho nos observando, então marchei para a janela mais próxima, espiando lá dentro. Nenhuma sorte, as cortinas estavam abaixadas. Tentei a janela seguinte. A mesma coisa. Bones entendeu minha intenção e contornou a casa em direção aos fundos.

– Aqui.

Ele gritou depois de um tempo.

Pelo seu tom de voz, ele tinha encontrado algo. Nos poucos segundos



que levei para chegar onde ele estava, Bones tinha a porta de vidro de correr aberta. Ou ele tinha usado sua mente para destrancá-la ou se inclinado e puxado no ângulo certo; as duas coisas teriam levado o mesmo tempo.

Eu o segui para dentro, apertando a boca perante a destruição que Lisa tinha tentado esconder com as cortinas abaixadas firmemente. Bones seguiu os sons constantes de batimento cardíaco para o quarto de Lisa, que parecia tão similar ao que Kramer tinha feito ao de Francine que não precisávamos acordá-la para questioná-la para obter nossa confirmação. Além do mais, velocidade era tudo.

Bones colocou de lado a sálvia queimando para colocar sua mão sobre a boca da mulher dormindo, sufocando seu grito instantâneo quando ela acordou. Eu me senti culpada por sua aceleração cardíaca repentina e o terror que passou por sua mente, mas assim que Bones terminou de lhe dizer que a estávamos levando para um lugar seguro e que não iríamos feri-la, seu ritmo cardíaco diminuiu quase ao ritmo normal e seus pensamentos espelhavam a sugestão que ele implantou com seu olhar.

Quando ele a pegou e as cobertas caíram, vi que ela estava vestindo uma camisola que estava tão rasgada que mais pele era revelada do que coberta. *Bastardo*, silenciosamente xinguei Kramer, tirando meu casaco.

– Não. – Bones disse, a voz baixa, mas afiada. – Ela pode vestir o meu, mas você vai manter essa sálvia por perto.

Discutir com ele só tomaria mais tempo e Kramer podia aparecer a qualquer momento. Bones tirou o casaco e o entregou a Lisa. Ela o vestiu, ainda mecanicamente obediente graças ao poder em seu olhar. Eu odiava a necessidade de sequestrar sua vontade própria, mas naquele momento, sua obediência imediata era o melhor para ela.

Entreguei a Bones alguns pacotes extra de sálvia e dois isqueiros que ele colocou nos bolsos da calça antes de pegar os recipientes acesos novamente.

– Direto para o carro, Lisa.

Ele a instruiu, olhando com cuidado ao redor enquanto andávamos do quarto para a porta da frente. Eu estava tensa o caminho todo, esperando um dos pedaços quebrados de mobília ou louça levitarem repentinamente e bater contra nós, mas nada aconteceu.

Abrimos a porta da frente e todos os meus músculos se contraíram novamente, esperando que ela fosse arremessada para trás e batesse em nós, porém somente o sol brilhante esperava do outro lado. O carro parecia



intocado lanternas iguais de sálvia ainda queimando nos porta copos da frente e enchendo o interior com um leve véu de fumaça.

Entrei no assento traseiro com Lisa, abrindo um pouco a janela o suficiente para que ela não engasgasse com o nevoeiro, mas não demais para que toda a fumaça repelente de fantasma escapasse. Então Bones se mandou do bairro rápido o suficiente para fazer com que duas donas de casa ficassem olhando quando passamos correndo, e mesmo assim, nenhum sinal de Kramer.

Meu alívio foi misturado com suspeita.

– Você acha que ele está em outro lugar nesse momento? Ou que ele está nos deixando sair ilesos porque ele quer que o guiemos direto a Francine?

– Não importa. – Bones disse, olhando para mim. – Não vamos dirigir direto para a casa geminada.

– Não?

Aquilo era novidade para mim.

Sua boca se curvou.

– Não, por isso que você vai ligar o brilho no seu olhar e dizer para ela permanecer *realmente* calma, caso contrário, daqui dez minutos, ela vai fazer nossas malditas orelhas caírem de tanto gritar.

Deixamos o carro no fim de um campo de milho e Bones nos levou voando o resto do caminho com a explicação de que fantasmas não podiam seguir depois de certa altura. Agora que ele mencionou isso, percebi que Fabian e qualquer outro fantasma que eu tinha visto sempre se mantiveram bem perto de construções ou do chão quando viajavam, a menos que eles estivessem pegando carona em um avião ou algo similar. Bones nos levou tão alto quanto Lisa poderia aguentar sem estar com frio demais ou desprovida de oxigênio. Naquela altura, seria difícil nos identificar contra o céu claro da manhã, mas Bones tinha pego um lençol azul claro que enrolamos ao nosso redor para uma camuflagem ainda melhor. Talvez quando eu estivesse mais acostumada a voar, eu trataria isso com a mesma eficácia que ele, mas por enquanto, eu ainda estava indo bem se não batesse quando pousasse.

Assim que acomodei Lisa e expliquei tudo sobre Kramer, sua história acabou sendo assustadoramente similar a de Francine. Ela era divorciada, sem irmãos e enquanto seu pai ainda era vivo, ele estava mal de saúde em um lar para idosos. Ela também tinha tido uma recente maré de má sorte, como por



exemplo, perder seu emprego onde ganhava bem há vários meses atrás por causa de um corte de gastos na companhia e sua casa indo para o último estágio de execução de hipoteca. Trabalhar em dois empregos de meio período não foram suficientes para pagar a hipoteca e trabalhando, de maneira alguma acabou com seu desemprego. Acrescente um roubo mal sucedido onde seu gato foi morto e os amigos de Lisa pensavam que suas alegações de algo invisível a atacando em casa eram um claro caso de stress se manifestando na forma de delírios paranoicos.

Lisa parecia contente por conhecer Francine mesmo apesar de ela ter sentido nojo ao ouvir que a aparição que a atormentou estava fazendo a mesma coisa com outras mulheres. Porém, eu entendi por que era um alívio para Lisa encontrar alguém que não só acreditava nela, mas que sabia exatamente que ela tinha passado.

O mesmo aconteceu com Francine. Toda a empatia que Bones e eu podíamos dar não era o mesmo quanto ao que Francine obteve quando falou com Lisa. Elas eram sobreviventes de uma batalha que nós só podíamos tentar imaginar, mas não tínhamos atravessado como elas, então nossa compreensão era limitada.

Depois que respondemos todas as perguntas delas, Bones foi até a casa ao lado para atualizar o resto do nosso grupo e eu escoltei Lisa para o andar de cima, para o quarto de Francine, onde havia outra cama e uma muda de roupas limpas esperando por ela. Mais tarde eu iria pedir roupas novas para as duas, mas por enquanto, eu as deixei sozinhas. Francine só tinha dormido poucas horas e Lisa parecia que precisava de um longo descanso também. Eu não imaginava que nenhuma das duas tivesse tido um sono decente desde que Kramer as fez de alvo, mas com sálvia queimando em suas mesas de cabeceira e dois vampiros aqui para protegê-las – mais dois por perto – elas estavam tão seguras quando podiam estar.

Tyler perambulou para a cozinha, vestindo calça de moletom e uma camisa sem mangas. Pelos vincos fracos em sua bochecha, ele tinha acabado de sair da cama. Desde que começou a ficar conosco nas últimas semanas, a programação de Tyler de quando ele estava acordado e quando estava dormindo tinha alterado drasticamente.

– Dia. – Ele resmungou, apesar de que já tinha passado das duas horas da tarde. – Quer café?

Eu bebia com ele para ser sociável, mas eu nunca gostei da coisa mesmo antes do sangue de Bones se tornar minha escolha de bebida.

– Não dessa vez. Não fomos para a cama desde ontem de manhã,



então estamos prestes a dormir por algumas horas. Oh, e nós temos uma nova hóspede.

Um sorriso largo deslizou por seu rosto.

– Você já encontrou outra das mulheres?

Tyler tinha caído no sono antes de conseguirmos a informação sobre Lisa e ao invés de acordá-lo quando saímos, pedimos para minha mãe vigiar ele e Francine. Retribui o sorriso, me sentindo mais alegre do que estive em tempos.

– Seu nome é Lisa e ela está lá em cima com Francine.

Tyler levantou o punho e eu o toquei com o meu.

– Bom trabalho, gatinha.

– Eu não fiz isso sozinha.

Protestei, mas eu estava feliz com o elogio.

Pelo menos estávamos fazendo progresso. Elisabeth e Fabian ainda estavam tentando encontrar Kramer para determinar quem era o alvo final, mas enquanto isso, não tínhamos que sentar sobre nossas mãos e olhar, de forma preocupada, para os dias passando no calendário. Os relatórios de polícia não eram o único jeito que podíamos procurar pela última mulher. Podíamos checar enterros recentes em cemitérios de animais de estimação, clínicas veterinárias, companhias de cremação de animais, inferno, até mesmo registros municipais de vacinação contra raiva para ajudar a estreitar nossa lista. Em algum lugar naquela maçaroca tinha que ter um rastro levando até ela.

No andar de cima, Dexter emitiu um meio choro, meio latido. De algum lugar da casa, Helsing miou. Tyler e eu ficamos tensos. Eu puxei um pouco de sálvia dos bolsos da minha calça e acendi antes que Bones viesse irrompendo de volta para a casa.

– Onde ele está?

Ele exigiu saber, segurando um punhado de sálvia para o alto.

– Não sei.

Sussurrei, disparando escadas acima para o quarto de Francine e Lisa. Deus, e se Kramer estivesse lá agora, machucando aquelas mulheres depois que eu tinha acabado de dizer que elas estavam finalmente em segurança.

– Cat!



Gritou uma voz masculina do lado de fora da casa.

Congelei no ato de escancarar a porta do quarto delas. Eu conhecia aquela voz e apesar de pertencer a um fantasma, não era nenhum dos que eu esperava.

O barulho da porta se abrindo só enfatizou o efeito das palavras de Spade.

– Cat, seu tio está no quintal.



Capítulo Vinte e Cinco.

Murmurei uma desculpa para Francine e Lisa por entrar pesadamente em seu quarto e correr de volta escadas abaixo quase tão rápido quanto subi.

– Charles, espere lá dentro com as mulheres.

Bones murmurou, passando por Spade para ir lá fora. Fiz o mesmo, largando minha sálvia no candelabro mais próximo no caminho para fora.

Don flutuava sobre um monte de arbustos, esfregando os braços como se estivesse tentando apagar algo deles.

– Você pode colocar essa coisa longe de mim?

Ele disse para Bones, que ainda segurava dois punhados de sálvia.

– Ela queima. Nem pude entrar na casa por causa disso.

– Como você chegou aqui?

Perguntei, incrédula. Arranjamos para um vampiro cuidar de nossa casa em Blue Ridge para o caso de Don passar procurando por nós, mas era só para que ele pudesse nos ligar e transmitir qualquer mensagem que Don tivesse. Para o meu conhecimento, o vampiro não sabia que estávamos em Iowa, muito menos em Sioux City.

– Como você acha que cheguei aqui? Enviando-me pelo correio?

Don disse irritadamente.

– Agora não é hora para seus famosos gracejos, Cat...

– Responda a maldita pergunta.

Bones interrompeu, ainda não largando a sálvia, mas também não chegando mais perto de Don.

Don bufou o que pareceu um suspiro exasperado.

– Me *concentrando* antes de pular em uma dessas estradas de energia malucas que Fabian falou a respeito. A propósito, não foi nem de perto tão fácil quanto ele disse que seria. Você não acreditaria os lugares onde fui parar antes de encontrar vocês...

– Quando Fabian disse isso?

Bones exigiu saber. Eu apenas encarei meu tio, sentindo como se meu



corpo estivesse se enchendo de gelo.

Don lançou um olhar irritado para Bones.

– Poderia parar de me interromper? E você sabe quando Fabian disse isso. Você estava lá.

– Você me encontrou sem ninguém dizendo a você onde eu estava?

Mas meus poderes emprestados de Marie tinham ido embora! Isso foi provado quando falhei em erguer Remnants, e nenhum outro fantasma tinha encontrado aleatoriamente o caminho até mim, sem mencionar minha habilidade, não mais existente, de controlar ações de fantasma.

– Sim, Cat.

Don respondeu, com uma tensão em seu tom de voz.

– Você disse que eu podia fazer isso depois que morri, lembra? Agora você está chocada que tenha funcionado?

Yeah, eu estava. De fato chocada e sem fala. Bones se virou ao redor e entrou sem falar nada. Uma vez lá dentro, o ouvi murmurar algo baixinho para Spade, mas não consegui entender as frases exatas. Spade saiu para voltar para sua própria casa logo em seguida.

Meu tio não se importou com o que os vampiros estavam fazendo. Ele me encarou, repuxando uma sobrancelha não existente.

– O período de falso arrependimento de Madigan acabou e ele implementou uma série de novas medidas de segurança contra adivinhe o que? Fantasmas. Ele duplicou tudo que você fez na caverna e na sua antiga casa, sufocando o complexo com maconha, alho e sálvia acesa, sem mencionar câmeras infravermelho e gravadores. Isso me impediu de segui-lo, muito menos de falar com Tate...

– Você pode sentir alguma coisa especial em mim agora?

Eu o cortei, ainda vacilando sobre as implicações de ele me encontrar por conta própria.

– É demais terminar uma frase sem alguém me interrompendo? – Don repreendeu.

Marchei em sua direção, meu choque dando lugar ao medo.

– Isso é importante, então responda a pergunta!



Meu tio soltou outro daqueles ruídos exasperados, mas então passou a mão brevemente através do meu braço.

– Você... vibra. Eu não sei o que mais posso chamar isso. Outras pessoas não fazem isso, sejam humanos, vampiros ou ghouls.

Então Don franziu o cenho, passando a mão através de mim novamente.

– Mas está mais suave agora. Era muito mais forte da última vez que te vi.

– Fagulhas, mas não fogo. – Sussurrei, finalmente entendendo.

Ele fez uma careta.

– Como é?

– Assim como antes, como minhas mãos soltavam fagulhas, mas eu tinha perdido o suficiente do poder pirocinético do sangue de Vlad para transformar aquelas fagulhas em grandes labaredas.

Eu me virei e comecei a andar em direção a porta, parei quando percebi que Don não podia me seguir, então girei novamente.

– Os outros lugares onde você foi parar quando estava tentando me encontrar, algum deles era em Nova Orleans?

Sua carranca se aprofundou.

– Sim. Fui direto para essa casa grande, com aparência de ser anterior a guerra civil americana, mas não pude entrar porque ela tinha uma barreira ao redor como esse lugar tem.

A proteção de Marie contra visitantes fantasma indesejados, completei mentalmente. Don não sabia que ele tinha feito um voo sobre a rainha ghoul de Nova Orleans, atraído pela fonte original de poder do qual só me restavam traços agora.

Mas aqueles traços, apesar de não serem o suficiente para evocar Remnants ou dobrar fantasmas pela minha vontade, eram obviamente suficientes para um determinado fantasma me encontrar, como evidenciado pela aparição de Don. Se ele foi capaz de seguir aquela fraca corda restante de poder, então outro fantasma que fosse realmente perspicaz saberia onde eu estava, considerando que eu tinha pego duas de suas vítimas.

– Você tentou entrar na casa, então voou de volta porque a sálvia te queimou? – Perguntei, olhando ao redor para o quintal iluminado.



Don assentiu quase que cautelosamente.

– Sim.

Os dois animais de estimação haviam reagido a um fantasma tentando entrar na casa, mas agora que meu tio estava a quinze metros de distância da casa, no quintal, Helsing e Dexter estavam quietos. Avancei lentamente para mais perto da porta da frente, percebendo que havia uma chance para que Don não fosse o único fantasma dentro do perímetro.

Elisabeth e Fabian tinham dito a verdade, pensei com raiva. Eles não tinham sido seguidos nenhuma vez por Kramer. Não, o Inquisidor nos encontrou na casa de Spade do mesmo jeito que deve ter nos encontrado naquele hotel em Ohio – seguindo a trilha sobrenatural que conduzia de Marie Laveau de volta pra mim. O pobre Fabian provavelmente nem percebeu que aquela conexão ainda estava ativa porque ele não tinha precisado procurar por mim. Ele e Elisabeth sabiam onde eu estava o tempo todo.

O poder escorregando ao longo das minhas costas era Bones aparecendo na porta atrás de mim. Olhei de relance, em silêncio, notando os dois grandes punhados de sálvia queimando que ele entregava para mim. Tyler permaneceu por perto, Dexter firme em seu colo e meu gato em uma caixa de transporte aos seus pés. Ou Bones tinha escutado minha conversa com Don ou descoberto por si mesmo.

– Todos eles precisam sair daqui. – Eu disse.

A boca de Bones roçou meu ouvido quando ele se inclinou para sussurrar sua resposta.

– Eles vão embora logo, Kitten.

Bom. Eles precisavam estar longe de mim ou eu guiaria seu atormentador direto a eles, se já não tivesse feito.

– Já volto.

Murmurei, então andei até Don, desconfiando de cada ruído ou oscilação de movimento ao meu redor. Ele estava somente a dezoito metros de distância da porta da frente, mas a distância parecia aumentar com cada passo que eu dava.

– Preciso que você vá agora. – Eu disse assim que cheguei perto o suficiente para tocá-lo. – Encontre-me novamente amanhã.

Então sussurrei onde, tentando manter minha voz baixa o suficiente para que só ele pudesse me ouvir.



– O que está acontecendo? – Don perguntou, assim que terminei.

– Escute sua sobrinha e vá. – Bones afirmou bruscamente.

Don abriu a boca como se fosse argumentar, mas o “Aqui estamos nós, Crispin!” de Ian o distraiu. O vampiro de cabelos castanhos passeava pela calçada como se não se importasse com nada no mundo. Minha mãe seguia atrás dele, seu pijama sugerindo que ela tinha acabado de acordar. Spade e Denise redobram a atenção, ambos dando ao quintal o mesmo olhar cauteloso que eu fiz. Eu estava tentada a correr de volta para casa, mas esperei, não querendo levantar suspeitas se alguém além deles estivesse olhando.

Bones deu um passo para o lado na entrada da porta, deixando todos eles entrarem. Menos de dez segundos depois, Francine, minha mãe e Ian saíram. Minha mãe tinha os braços ao redor de Francine como se a estivesse abraçando por trás. Ian nos deu um sorriso, então agarrou minha mãe com os dois braços, se lançando ao céu com um rompente de velocidade nosferatu.

O “Onde eles estão indo?” de Don mal saiu de seus lábios antes dos arbustos do jardim explodirem com movimento, como se uma grande força invisível tivesse os esmagado.

Não havia mais necessidade de fingir estar calma! Corri em direção a casa, uma nuvem de fumaça inundando a porta da frente para me envolver antes de eu chegar lá. Era tão espessa que flutuava para o quintal. Meu tio pulou como se tivesse sido escaldado quando um pouco dessa fumaça o tocou.

– Disse para você sair, meu velho.

Bones murmurou. Então ele me puxou para dentro, o que quer que Don tenha dito se perdeu no urro em alemão que surgiu do quintal. Tyler estava na sala de estar, uma pilha de sálvia queimando no ladrilho e um ventilador jogando aquela fumaça como uma metralhadora para a porta. Com Bones batendo a porta para fechar, Tyler desligou o ventilador, tossindo um pouco com o nevoeiro cinza que começou a se formar na sala.

Algo parecido com um estouro de percussão soou pouco antes das janelas explodirem. Eu tinha Tyler deitado de costas, meu corpo protegendo o dele, antes do vidro terminar de cair. No andar de cima, Lisa gritava, rapidamente seguido um som parecido com algo pesado batendo contra as paredes da casa geminada.

– Charles.



Bones disse em tom de advertência, enfiando almofadas na frente das janelas estouradas. Eu estava dividida, querendo ajuda-lo a conter a fumaça dentro da sala e com medo de que se eu saísse de cima de Tyler, Kramer entraria e o mataria.

– Agente firme agora.

Ouvi Spade murmurar, em seguida outra explosão reverberou pela casa. Lisa gritou de novo, mas dessa vez, o final diminuiu, ficando mais fraco, como se estivesse vindo de uma distância muito maior.

Voe, Spade, voe! Pensei, sabendo que ele estaria carregando Denise para a segurança também.

Alemão mais furioso veio do lado de fora da casa, as batidas aumentando até as paredes tremerem. Ouvir isso me fez selvagemente feliz, porque provava que Kramer não podia segui-los pelo ar. Se ele pudesse, ele não estaria do lado de fora tentando soprar a casa pra baixo.

– Bones, você tem que tirar Tyler e Dexter daqui também. – Sussurrei.

Ele podia voar muito mais rápido que eu, sem mencionar que eu tinha toda aquela coisa transmissora de “Aqui estou eu!” ainda funcionando.

– Não vou partir. – Tyler falou por entre os dentes. – Mas saia de cima... do meu maldito rim.

Movi meu joelho para longe de suas costas. Eu não tinha intenção de atolar o joelho nele, mas eu meio que estava com pressa de protegê-lo antes.

– Você tem que ir. Ele vai me encontrar onde quer que eu vá por pelo menos um mês ou mais. – Eu respondi, me lembrando de quanto tempo levou para minhas mãos pararem de soltar fagulhas. – Você quer ser morto?

– Não. Por isso que não vou sair.

Tyler respondeu mais enfaticamente, porém de forma tão suave que se eu não estivesse em cima dele eu podia não ter escutado com a confusão lá fora.

– Se você vai prendê-lo, você vai precisar de mim e eu *preciso* que você o prenda.

Ele encerrou. *Idiota*, passou por sua mente, mas ele não terminou sua frase com essa última parte em voz alta.

Apesar de um fantasma batendo nas paredes e Dexter latindo alto o suficiente para fazer meus tímpanos doerem enquanto me escondia sobre uma



mesa próxima, eu não pude deixar de rir. Idiota? Era Tyler quem estava se recusando a ir para um lugar seguro. O Sujo falando do mal lavado.

Bones se aproximou, vidro sendo esmagado debaixo de seus pés a cada passo.

– Os vizinhos estão chamando a polícia. Fique com ele. Vou pegar o que precisamos e então temos que ir.

Nós tínhamos alugado o trio de casas geminadas para garantir que nenhuma unidade estava ligada a nossa, mas nem isso tinha sido o suficiente para passarmos despercebidos com o ataque que Kramer estava lançando.

– Parece que você vai sair afinal de contas. – Falei para Tyler.

Ele resmungou.

– Eu odeio voar com vocês, eu já te disse isso?

Olhei rapidamente para o lado de fora, onde parecia que Kramer estava agora arrancando o gramado em sua ira.

– Desculpa. Muitos truques de vampiros levam tempo para se acostumar.



Capítulo Vinte e Seis

Bones e eu esperamos ao lado da Catedral da Epifania, um de seus altos campanários lançando a sombra de uma cruz sobre onde estávamos. Disse a mim mesma que era um bom presságio mesmo que eu não pudesse apartar minha tensão. Às oito da noite, a área não estava tão movimentada, mas pessoas o suficiente estavam em volta, o que me preocupava mais do que a segurança de Tyler se Kramer aparecesse. Hoje, mais cedo, colocamos Dexter e Helsing em um canil; não era uma solução a longo prazo, mas era a melhor escolha até Spade poder buscá-los. Os animais, assim como Francine e Lisa, estariam mais seguros longe de mim.

Para esse fim, passamos a noite passada em uma instalação de frigoríficos, mantendo sálvia queimando no chão frio de cimento a noite toda. Apesar de ter sido miserável e nenhum de nós ter dormido, não poderíamos justificar pegar um quarto de hotel e colocar em perigo qualquer um azarado o suficiente de estar nos quartos próximos ao nosso. Bones fez algumas ligações e essa noite estaríamos em uma casa alugada sem vizinhos por perto, mas não até falarmos com meu tio. Havia algumas questões importantes que só Don poderia responder. *É melhor ele aparecer*, pensei, olhando para o relógio do meu celular. Eu não ia colocar isso acima do meu tio para me erguer se uma oportunidade surgisse para ele seguir Madigan sem ser detectado.

Minhas preocupações foram colocadas de lado quando vi uma figura de fantasma flutuando sobre as colinas do parque. Eu não sabia o que fazia certas roupas aparecerem nos fantasmas – Don não morreu em um terno executivo, afinal de contas – mas isso não era o que eu estava queimando pestanas pra descobrir. Ele mal chegou ao alcance da minha voz e já comecei a falar.

– Quanto tempo levou de quando você começou a procurar por mim até quando você apareceu em nosso gramado ontem?

– Olá para você também, Cat.

Meu tio respondeu com um leve balançar de cabeça. Tyler se esgueirou, olhando na direção em que eu encarava. Ele deve ter percebido pela minha pergunta que um fantasma estava aqui mesmo que ele ainda não pudesse vê-lo.

– Vidas dependem da sua resposta.

Bones disse rapidamente para o meu tio.

Don repuxou a sobrancelha algumas vezes de forma pensativa.



– Era por volta das cinco da manhã, horário do Tennessee, quando comecei a me concentrar em você como você tinha me dito. Que horas eram quando você me viu?

– Um pouco depois das duas da tarde.

Com a mudança de horário, isso era por volta de dez horas. Muito, muito mais tempo de quando eu tinha o sangue de Marie e Fabian tentava me encontrar. Ele levava menos de uma hora para aparecer do meu lado, dependendo do quanto distante eu estava.

Bones olhou Don de forma especulativa antes de voltar sua atenção a mim.

– Ele não está acostumado a navegar pelas linhas de poder e não é nem de longe tão poderoso quanto Kramer. Melhor presumir que o Inquisidor levaria metade desse tempo.

Cinco horas. Deus, não era tempo suficiente para conseguir fazer nada significante antes do fantasma nos encontrar.

– Nós ficamos nas instalações do frigorífico mais tempo do que isso na noite passada.

Apontei para isso, esperando que Bones estivesse errado.

– E ele podia estar lá, esperando para ver se Spade e os outros se juntassem a nós.

Ele respondeu.

Bem pensado. Por que Kramer iria inclinar a mão se não tinha nada na rede que ele queria? Bones e eu não éramos seus alvos principais; aquelas mulheres eram. Kramer certamente não revelou que encontrou a casa da cidade até que Ian sumisse com Francine. Não é de admirar que nada aconteceu quando Bones e eu pegamos Lisa de sua casa. Kramer já sabia para onde estávamos indo. Provavelmente o idiota estava rindo o tempo todo em que nos observava, pensando que estávamos facilitando para ele ao manter as duas mulheres sob o mesmo teto.

Bom, pelo menos ele não estaria rindo agora. Se Kramer estivesse nos observando a noite passada inteira, ele saberia que os outros não tinham se encontrado conosco e não levaria muito tempo para ele descobrir que eles não iam. Quando aquilo acontecesse, eu esperava que ele expressasse seu desprazer do jeito de costuma – tentando matar todos nós.

– Oh, lá está ele.



Tyler observou.

– Você é o velho da caverna em Ohio. Como vai?

– Estou morto, como acha que estou?

Meu tio respondeu de mau humor antes de flutuar para mais perto de mim.

– O que aconteceu ontem, Cat?

Soltei uma risada curta.

– O mesmo fantasma daquele dia na caverna apareceu e como você pode ver, seu humor também estava do mesmo jeito.

O olhar suspeito que Don me deu foi um que eu lembrava bem dos tempos em que eu trabalhava para ele e eu não sabia sobre nossos laços familiares.

– O que você fez para deixá-lo tão nervoso?

– O que eu *fiz*?

Esbravejei, tão ultrajada pela pergunta que eu não podia nem ao menos começar a formular uma resposta.

– Não tenho paciência para isso hoje.

Bones rosnou, passando a mão pelo cabelo.

– Tudo que você precisa saber, Williams, é que vamos nos rodear de sálvia em brasa até pegarmos esse sujeito novamente ou você não poder localizá-la ao se concentrar, o que vier primeiro.

Ainda que minha reação não fosse o suficiente, o tom de voz de Bones devia ter mostrado a Don para pegar leve porque nós dois estávamos no limite, mas meu tio pareceu ignorar o aviso.

– Isso não vai funcionar.

Ele afirmou.

– Cat sabe que eu preciso de um jeito de chegar até ela caso algo aconteça no complexo. Como vou fazer isso se cada lugar que vocês ficaram estiver defumado como um presunto de Natal?

Ele percebeu o que aconteceu na casa geminada ontem? Eu me perguntei sem acreditar.



– Não temos escolha. Se Madigan aprontar outra merda, Tate e os rapazes terão que lidar com ela eles mesmos. Se for uma emergência de vida ou morte vá para nossa cabana. Tem um vampiro lá que pode nos dar o recado.

Era o melhor que eu podia fazer. Eu não esperava que Madigan fizesse algum movimento letal contra os rapazes, mas se ele fizesse, eu agiria. Enquanto isso, Don simplesmente teria que aceitar que ele não podia cair sobre mim até a última dose de poder de Marie estar fora do meu sistema e não precisássemos mais queimar sálvia vinte e quatro horas por dia.

Meu tio me olhou como se tivesse crescido duas cabeças em mim.

– É assim tão fácil para você me enxotar? Posso não ser sólido, mas *pensei* que você ainda me considerasse sua família.

Suspirei, me sentindo como se tivesse levado um soco no estômago. Antes que eu pudesse soltar o ar em minha defesa, a voz de Bones o atacou.

– Não ouse atacá-la. Se você tivesse compartilhado o que sabia sobre Madigan, é muito provável que não tivéssemos que manter sálvia acesa ao nosso redor porque aquele fantasma estaria trancado na armadilha.

Don se enfureceu.

– Agora espere um minuto...

– Não, não espero.

Bones disse, sua raiva soltando faíscas.

– É óbvio que você sabia que Madigan tinha ligação com outros vampiros e mesmo assim você não nos informou. Se você tivesse sido honesto, poderíamos ter antecipado suas ações ao invés de sermos pegos desprevenidos na caverna. Mas não, você escolheu se manter em silêncio sobre isso.

– Você não entende. Eu... não posso te dizer tudo sobre ele. Não ainda.

Don disse de forma rude.

Bones enfiou o dedo através do peito do meu tio.

– Guarde todos os segredos que quiser sobre coisas que não coloquem a vida dela em perigo, mas está claro que Madigan tem interesse nela e planos além da escalada na escada corporativa. Ou nos diga tudo que sabe sobre ele ou fique longe da sua sobrinha.



Don se afastou perante a veemência no tom de voz de Bones. Assim como Tyler. Admito ter me acovardado porque sua aura crepitava com poder suficiente para me fazer sentir como se estivesse em uma tempestade de areia. Eu só tinha visto Bones mais irritado uma vez e aquele incidente ainda queimava em minha memória.

Bones se virou para mim em seguida, seu olhar sombrio e firme.

– Sinto muito pelo quanto isso vai te machucar, mas eu não posso tê-lo por perto quando ele está ocultando informação que pode fazer com que sejamos mortos. E se Madigan tivesse aparecido na caverna com seus vampiros associados ao invés de humanos aditivados? E se ele tivesse informado nossos inimigos onde estávamos? Não tínhamos ideia de que o sujeito tinha conexões com o nosso mundo além dos membros do time que eu criei, porém Don sabia e ele manteve isso para si.

De volta a caverna, eu também percebi que Don não parecia surpreso quando Madigan provou ter soldados estimulados por sangue de vampiro que não vinha de Tate ou Juan. No meio de tudo o que aconteceu, não tive a chance de questioná-lo sobre isso para ver se eu estava certa, mas agora não havia necessidade. A expressão culpada, porém desafiante, do meu tio confirmava tudo.

– Você precisa contar tudo o que sabe antes que mais alguém saia ferido, ou pior.

Eu disse, o fuzilando com o olhar.

– Se eu te disser tudo, *ele vai* simplesmente matar Madigan porque isso é tudo o que ele sabe fazer.

Don falou por entre os dentes, com um gesto acusatório para Bones.

– Mas matá-lo antes de eu descobrir o que preciso saber pode acabar custando a vida de inocentes. Você quer esse tipo de sangue em suas mãos?

A risada de Bones cortou o ar com uma chicotada.

– Sabe com qual sangue eu me importo? O dela. E daquelas mulheres das quais o fantasma está atrás, eu me importo com o sangue delas também. Então você está certo que eu vou matar Madigan se ele for uma ameaça para elas. Na verdade, se não estivéssemos tão ocupados, eu estaria tentado a matar o sujeito para que ele não pudesse nos interromper da próxima vez que tentarmos aprisionar aquele fantasma.

A expressão de Don era cautelosa agora, como se aquelas palavras despejadas sem rodeios tivessem mostrado a ele o quanto Bones estava



falando sério.

– Você não pode fazer isso. Cat, me prometa que você não vai deixar ele fazer isso.

Pensei nos anos em que conheci Don. Ele tinha algumas qualidades verdadeiramente nobres e eu sabia que ele me amava, mas ele sempre foi cheio de segredos e, de alguma forma, Maquiavélico em suas ações. Eu ficava de boa com isso quando eu trabalhava com ele, mas eu não estava de boa agora, considerando como isso colocou eu e Bones em perigo nesse último incidente.

Bones estava certo – os laços desconhecidos de Madigan com vampiros significava que ele podia ter levado companhia muito mais perigosa com ele para a caverna. E mais, se soubéssemos que Madigan era mais do que um engravatado pomposo, teríamos escolhido um lugar que não tivesse laços com minha ex equipe. Pensei em tudo que li no *Malleus Maleficarum* sobre o que Kramer fez àqueles que estavam a sua mercê. Sobre o rosto de Elisabeth quando ela descreveu seu estupro, tortura e morte e Francine e Lisa sendo as últimas em uma longa linha de mulheres que ele marcou para o mesmo destino horrível.

Minha boca se endureceu.

– Ou você joga limpo conosco sobre Madigan ou Bones está certo. Você precisa ir.

– Como você pode dizer isso?

Odiei o tom de traição na voz de Don. Eu o amava como o pai que nunca tive, então o golpe me atingiu direto no coração, assim como o olhar de nojo que ele me lançou.

– Todo Halloween, três mulheres são sequestradas, estupradas, torturadas e queimadas vivas pelo fantasma que a interrupção de Madigan evitou que prendêssemos.

Respondi, encontrando seu olhar cinza que era idêntico ao meu.

– Bones e eu podemos não ter outra chance de prender o fantasma e se não tivermos, muitas outras mulheres irão morrer.

Respirei fundo para adquirir coragem.

– Eu te amo, Don, mas você não pode continuar me tratando como uma funcionária que só pode saber o que for preciso. Mesmo que você não confie em Bones para agir racionalmente ao que quer que você saiba sobre Madigan



– e eu discordo com isso – depois de tudo que passamos, você devia pelo menos confiar em *mim*. Eu mais do que mereci isso.

Bones colocou os braços ao meu redor, sua aura mudando de redemoinhos perigosos de raiva para força, orgulho e compaixão. Aquelas emoções fluíram sobre e através de mim, se infiltrando em cada fibra do meu ser até que pareceu como se estivéssemos fundidos em uma mesma pessoa.

A expressão de Don se endureceu em uma máscara de teimosia que eu conhecia muito bem e eu sabia, com profundo pesar, que minhas palavras haviam caído em ouvidos surdos.

– Posso lhe dizer isso – Madigan não tem laços com o mundo dos não mortais como você está pensando. Qualquer vampiro de que ele esteja conseguindo sangue são seus prisioneiros, não seus aliados, e não, eu não sei quem eles são ou onde eles estão.

Ele não disse mais nada. Somente se dissipou com uma mistura de teimosia e “como você pôde” ainda estampada em suas feições. Soltei um longo e lento suspiro, me recostando mais no abraço de Bones.

– Parece que esse é outro problema com o qual temos que lidar.

Eu disse. Se esses vampiros prisioneiros fossem assassinos aleatórios sem Mestres, então Madigan podia mantê-los e instalar uma torneira em suas veias como troncos de árvore até onde me diz respeito. Mas se eles fossem vampiros inocentes arrebatados enquanto cuidavam das suas próprias vidas ou pertencessem a um Mestre poderoso que pode se vingar de suas capturas exterminando toda minha antiga equipe, precisávamos agir.

Logo depois de encontrar um jeito de trancar um fantasma homicida, era isso.

– Realmente. Madigan está jogando em terreno perigoso, assim como seu tio.

Bones disse, seu tom ainda com uma pontinha de raiva.

Tyler deu um tapinha em seu ombro de um jeito confortador.

– Família. Eles não são uns filhos da puta às vezes?

Isso resumia tudo tão bem, realmente não havia nada mais a dizer.



Capítulo Vinte e Sete.

Uma nuvem de fumaça espessa envolveu o ar, seu ardor ferindo meus olhos. O porão não tinha janelas, e a única porta que abria para a despensa da casa da fazenda estava sempre fechada quando Bones e eu estávamos aqui embaixo. Se eu fosse humana, teria desmaiado em uma hora, mas claro, oxigênio não era mais um problema para mim. Nem a escuridão. A única luz vinha das auréolas laranja ao redor das sálvia quando as chamas faziam as plantas enrolarem em restos de cinzas enegrecidas, mas Bones e eu não tínhamos problema para enxergar enquanto colocávamos juntos pedaços de calcário, quartzo e moisanita dentro de outra armadilha. Passamos a maior parte dos últimos cinco dias aqui embaixo, trabalhando naquele único objetivo. Foi bom termos ajudado Chris e a equipe a fazer a última armadilha então sabíamos o que estávamos fazendo e se passássemos a próxima semana aqui embaixo, terminaríamos a tempo.

Então tínhamos que nos preocupar em encontrar um meio de forçar Kramer para dentro dela. Não importa o quanto eu revire o problema em minha mente, sempre caía na nossa melhor chance sendo quando ele estivesse sólido. Eu não podia forçar vapor para dentro da armadilha. Nem Bones, mesmo considerando que ele trabalhava em expandir seus poderes telecinéticos quase tanto quanto trabalhava na armadilha, mas eles eram inúteis para uma forma sem corpo. Porém esperar até Kramer estar sólido significava esperar até a noite de Halloween e ainda não tínhamos encontrado a terceira mulher, então a vida dela estava em risco. E mais, o Inquisidor talvez só aparecesse se usássemos Francine e Lisa como iscas para atraí-lo. Todas as diferentes coisas que poderiam dar errado me assombravam sempre que eu considerava essa opção, sem querer fazer trocadilho.

Uma batida soou na porta do porão.

– Ele está de volta. – Tyler gritou.

Bones se levantou, mas eu acenei para ele antes de afastar uma mecha de cabelo que se soltou do meu rabo de cavalo.

– Você foi nas últimas duas vezes. Minha vez.

Os lábios dele se apertaram, porém ele não fez comentário algum, sabendo que levaria a uma discussão que eu ganharia. Eu não ia deixá-lo arcar com toda a personalidade repugnante de Kramer e o fantasma só ficou mais puto da vida quando foi ignorado. Considerando o estrago que ele tinha feito a essa casa, teríamos que comprá-la quando isso estivesse acabado.



Subi as escadas, notando que os degraus de madeira vibravam devido às múltiplas pancadas que ressoavam pela casa. O que ele estava usando agora? Eu me perguntei. Kramer não podia entrar, não com toda a sálvia que mantínhamos queimando em cada cômodo, mas ele fez bom uso de tudo nas proximidades. O carro que usamos para vir até aqui foi impressionantemente destruído, suas janelas e pneus não passaram da primeira noite, o resto dele batido e espancado nos dias que se seguiram. A velha casa de fazenda perdeu as janelas na primeira noite também, assim como uma parte da varanda da frente. Pregamos madeira onde costumava ter vidro, o que provou ser muito mais durável e passamos algumas horas assistindo TV até Kramer arrancar a antena e jogá-la contra o para-brisa do carro.

Graças a Deus não haviam vizinhos por perto para ouvirem a algazarra inacreditável, mas foi por isso que escolhemos essa propriedade. A terra ao redor tinha sido um campo de soja, mas claramente fazia algum tempo que não tinha sido plantada ou colhida. Eu não sabia quais circunstâncias tinham feito os donos da fazenda partirem e, não conseguindo vender a casa, escolheram alugá-la, mas era o lugar perfeito para Bones e eu construirmos a armadilha sem Kramer bisbilhotando o que estávamos fazendo. Todo o material foi entregue e colocado no porão antes de eu chegar aqui, então Kramer não foi capaz de nos seguir até esse lugar até depois que eles estavam seguramente fora de vista. Eu não tinha dúvidas de que o fantasma sabia que Bones e eu estávamos ocupados com alguma coisa, mas ele só podia adivinhar o quê.

Tyler se sentou na despensa, meu iPad perto dele e uma lata aberta de espaguete a direita. Abastecemos a geladeira quando viemos pra cá, mas então Kramer arrancou as linhas elétricas que conduziam a casa e isso significava sem energia elétrica para manter as coisas refrigeradas. Ele se atingiu no processo, toda aquela eletricidade passando por ele o fez sólido por cerca de dez minutos, mas chutar seu traseiro enquanto ele estava canalizando alta voltagem só teria resultado no Bones e eu sendo eletrocutados também. Pena que a armadilha não estava pronta ainda. Isso teria feito valer a pena levar um baita choque.

Tyler vinha comendo enlatados desde que a comida estragou e sua expressão funesta dizia alto e claro que ele não desenvolveu um gosto por eles durante o processo. Eu não o lembrei que Bones podia levá-lo voando até Spade, onde haveria muita comida boa. Tyler estava determinado a nos ajudar a pegar o fantasma e qualquer menção de ele partir era recebida com plena recusa.

– Quer um pouco? – Tyler disse, levantando uma garfada de uma mistura de macarrão com carne.



– Quer um pouco? – Tyler disse, levantando uma garfada de uma mistura de macarrão com carne.

Consegui não fazer uma careta por pura força de vontade.

– Ah, não, obrigada.

– Nem eu. – Ele disse, tossindo um pouco antes de prosseguir.

– Eu te falei sobre todos os bifes que você vai me comprar quando isso acabar?

– Kobe, filés, costeletas, você escolhe.

Prometi a ele.

– Alguma sorte em sua pesquisa.

Enquanto Bones e eu estávamos no porão cortando várias pedras e minerais para colocar juntos na armadilha, Tyler esteve vasculhando a Internet por qualquer referência que parecesse autêntica sobre uma arma contra fantasmas. Isso consumia uma nova bateria reserva por dia, maldita falta de eletricidade, mas enquanto o tempo se aproximava eu ficava mais ansiosa em encontrar algo que pudesse nos ajudar empurrar Kramer para dentro da armadilha. Sim, tínhamos sálvia queimada, mas aquilo fazia Kramer desaparecer – útil quando queríamos que ele se fosse, mas não tanto se quiséssemos forçá-lo para dentro de uma jaula para fantasma. Até agora, Tyler não tinha aparecido com nada com que pudéssemos testar em Fabian ou Elisabeth, mas ele estava determinado de que a informação existia e só precisava ser encontrada.

– O que você acha disso?

Tyler perguntou, girando o iPad para que eu pudesse ver a tela.

Olhei para a página exibida, me perguntando por que Tyler estava me mostrando isso. Ele devia estar começando sua lista de Natal cedo porque esse item não tinha nada a ver com sobrenatural. Então olhei mais de perto, pensei... e comecei a sorrir.

– Eu amo isso.

Eu disse, cuidadosa em minha resposta porque eu sabia que Kramer estava ouvindo.

– Quero dez. Não, duas dúzias. Bones tem o número do cartão de crédito memorizado, leve até ele mais tarde. Vamos pedir para entregar onde Spade está.



Tyler riu.

– Claro que irei. Diga oi para o velho Michael Myers por mim.

– Hun? Oh, porque Kramer é um assassino em série de Halloween, entendi. Claro, mas garanta que você vai ficar aqui e não vai sair.

Ele revirou os olhos.

– Amiga, você pode estar morta, mas eu não quero estar ainda. Aposte seu traseiro de que vou ficar aqui.

Outro som de coisas se quebrando soou por perto da parte da frente da casa, mais alto do que os outros. Meu palpite era que Kramer estava ficando impaciente. Eu adoraria deixá-lo lá cozinhando em seu próprio ectoplasma, mas tínhamos que manter a casa de pé por mais uma semana, então poderíamos terminar a armadilha. Tirá-la daqui sem o fantasma ver seria complicado o suficiente. Não precisávamos acrescentar a isso o problema de ter que mudar a armadilha para um novo local só para terminá-la.

Deixei a despensa, passando pela cozinha com seus armários abertos e vazios – aquelas portas serviram como ótimas coberturas para janela – e pela sala de estar onde colchões eram a única mobília. Quando cheguei na entrada principal da casa, peguei uma das jarras de vidro cheias de sálvia queimando e arremessei pra fora, por força do hábito, assim que abri a porta.

Com certeza, um pedaço de galho de árvore foi direto na minha direção, seguido imediatamente por dois espelhos laterais do carro. Eles caíram na sala de estar, um deles pousando no colchão, os outros repousando do lado do resto de coisas que Kramer havia jogado em Bones mais cedo. Fiz uma nota mental para levá-los para fora mais tarde e reapareci na soleira da porta.

– *Bom dia.*

Eu disse, levantando a jarra de sálvia brindando.

– Fique onde eu possa te ver ou vou voltar para dentro.

Eu sabia que ele ia obedecer porque, por algum motivo distorcido, Kramer gostava de fazer seus xingamentos e ameaças direto em nossas caras. Resmungos em alemão vieram do lado da varanda que estava mais estragada. Se Kramer continuasse arrancando as tábuas da varanda e as jogando na casa, não sobraria mais nada dela nos próximos dias. Mas a sálvia que fazia com que Tyler tossisse continuamente evitava que Kramer entrasse na casa. Tudo que ele podia fazer era lançar coisas nela enquanto nos xingava numa mistura de Alemão e Inglês, possivelmente com algumas jogadas de Latim na medida certa.



Redemoinhos escuros apareceram ao lado da varanda, então o cabelo branco familiar saindo como uma pilha de feno esbranquiçada cobrindo o topo das feições altas e magras do fantasma. Esperei, não dizendo nada, batendo na lateral do vidro em um aviso silencioso.

– *Hexe.*

Kramer sibilou assim que se manifestou por completo.

– Uh-huh.

Respondi, reconhecendo a palavra alemã para bruxa e me perguntando quanto tempo ele ia divagar dessa vez.

– Sou uma mulher, então é assim que você me vê. Assistir ao movimento feminista nessas últimas décadas deve ter realmente te deixado passado.

O Inquisidor não respondeu com uma série de xingamentos como de costume. Ele somente sorriu amplamente, o suficiente para revelar os dentes que eram melhores serem mantidos escondidos. *Eww* nem começava a cobrir a minha repulsa perante aqueles tocos marrons e tortos.

– Passado? Não, isso não é o que fica passado*.

**Se referindo as mulheres que ele queima.*

Ele respondeu, sua expressão mostrando que saboreou cada palavra

Seu eu não soubesse que Bones estava no porão trabalhando na armadilha desse assassino idiota enquanto falávamos, eu teria me virado pra voltar pra dentro. Mas isso só significaria mais estrago para a casa e que teríamos que perder tempo além do de fazer a armadilha para reparar; e mais, isso faria Kramer saber que me atingiu. Meu grande motivador para ficar, entretanto, era simples: Cada segundo que Kramer estava aqui fora me enchendo o saco significava que ele não estava atormentando a última mulher que tinha escolhido. Elisabeth ainda não a tinha encontrado e nossos esforços em pesquisa também não a tinham descoberto. Eu não estava sozinha, com ninguém acreditando em mim sobre a tormenta que o fantasma exercia, assim como ela estava. Eu podia ficar aqui e lidar com ele porque era tudo que eu podia fazer por aquela mulher até descobrirmos quem ela era e trazê-la para Spade e Denise.

– Você vai ter um Halloween solitário esse ano, com Francine e Lisa fora de alcance.

Apontei friamente.



– E o que você *vai* fazer quando encontrarmos a última mulher – e nós vamos, meu amigo de dentes nojentos. As únicas coisas que você vai estar deixando bem passadas com suas patas de carne e osso temporárias são marshmallows.

Com isso ganhei os xingamentos que eu esperava mais cedo. Alguns deles eram em inglês, alguns em alemão, mas eu estava ficando perita em reconhecer certas palavras, então eu entendi a essência deles.

– Blá, blá, blá, sou uma bruxa piranha e os fogos do inferno esperam por mim, blá. Você realmente precisa de material novo. Minha mãe pode me xingar melhor que isso.

Uma tábua da varanda foi voando na minha direção. Eu a joguei para o lado com uma mão, a outra ainda em volta da jarra de sálvia. Kramer não ousaria usar um daqueles socos de energia enquanto eu estivesse com aquilo por perto e aqueles socos doíam muito mais do que objetos aleatórios caso ele tivesse sorte e o próximo que ele jogasse me atingisse.

– Estive pensando no que vou vestir nesse Halloween.

Eu disse, como se uma tábua sendo lançada em mim não valesse a pena para interromper minha linha de raciocínio.

– Eu não me fantasio faz anos, mas você me inspirou. Acho que vou de Elphaba de Wicked*. Ela era uma bruxa incompreendida que tinha uma multidão atrás dela, mas ela os enganou e venceu no final. Emocionante, certo?

**Elphaba Thropp é o nome dado a Bruxa Malvada do Oeste em Wicked: A vida e os tempos da Bruxa Malvada do Oeste por Gregory Maguire, assim como na adaptação da Broadway, Wicked. No livro original de L. Frank Baum, O Mágico de Oz, a bruxa não tem nome e sabemos pouco sobre sua vida. Elphaba é feita de modelo depois da bruxa mostrada no clássico filme de 1939, O Mágico de Oz. Pele verde, vestido todo preto e usando um chapéu alto e pontudo. Maguire tirou o nome do nome de L. Frank Baum. L. Frank Baum se tornou Elpha-ba. Nas duas adaptações, Elphaba também é chamada por vários apelidos incluindo Elphie, Fabala e Fae.*

Mais xingamentos, dessa vez não insultando apenas a mim, mas o ventre onde fui gerada e o senhor das trevas que foi meu pai. Essa parte, pelo menos, Kramer acertou. Meu pai era um imbecil Classe A. Ele e Kramer tinham isso em comum. Eles teriam tudo em comum em breve se eu achasse um jeito. Meu pai estava atualmente cumprindo uma sentença perpétua que consistia de punições verdadeiramente cruéis e incomuns pelo que eu ouvi.



– Eu simplesmente amo nossas conversas.

Prossigui, evitando as três novas tábuas que ele empurrou pra mim.

– Não tenho muita certeza do que você tira delas, mas elas são boas para mim. Porque, na noite passada, peguei alguns retalhos de cortina e algumas lascas de madeira e fiz uma pequena boneca Kramer. Então eu arranquei seus braços e pernas antes de enfiar uma unha em seu rabo. Quero dizer, se você não tivesse vindo ontem, eu nunca teria pensado nisso...

– Você vai morrer em chamas!

Kramer urrou, voando para tão perto de mim que a fumaça da minha jarra de sálvia roçou nele antes de ele se conter e se afastar. Eu não me movi, não dando a Kramer a satisfação de nem ao menos piscar. Seu olhar perfurou o meu com uma crueldade profunda demais para ser loucura e quando ele mostrou aqueles dentes repulsivos para mim, não pude evitar pensar que quando ele estava vivo, seu hálito devia feder o suficiente para eu sentir a metros de distância.

– Acho que não.

Minha voz era firme e eu não pisquei quando o encarei de volta.

– Sou uma vampira, então é possível eu morrer com fogo se for grande o suficiente e eu não posso me livrar, mas eu acho que vou morrer algum dia pelas mãos de algum vampiro Mestre que seja mais forte, mais rápido e que tenha sorte com uma faca de prata. Você, por outro lado, nunca irá morrer, vai? Vai ficar preso aquela nuvem de ar que você chama de corpo, olhando o mundo passar por você enquanto você não pode fazer nada exceto se enfurecer com ele e, na maior parte do tempo, ninguém pode te ouvir. Eu? Eu preferiria estar morta do que isso.

Kramer não se moveu, mas senti sua fúria na frieza que passou por minha pele, como se o ar tivesse caído uns dez graus nos últimos segundos. Então, uma ondulação fluiu através de seu corpo como uma pedra jogada em um rio, fazendo com que ele ficasse brumoso por um breve momento antes de ficar em cores vívidas. Sua túnica não era marrom, era cinza com respingos de lama por toda ela, seus olhos eram verdes mais profundos do que a cor pálida que pareciam antes. Ele tinha marcas de acne na pele que a nebulosidade e a barba branca tinham encoberto e seu cabelo prateado ainda tinha finos traços de loiro.

Sem esticar a mão, eu sabia que ele estava tão sólido quanto eu agora. Elisabeth pareceu muito mais vívida quando estive sólida, assim como seu assassino.



– Essa lama é da velha ideia equivocada de que carne putrefata se iguala a santidade ou de você cair em uma grande poça quando Elisabeth fez seu cavalo te jogar e você quebrou o pescoço?

Perguntei suavemente.

– Eu me pergunto quanto tempo você pode se manter assim antes de desaparecer. Dois minutos, talvez três.

Fiz a pergunta, silenciosamente o desafiando a se mover. *Por favor, oh, por favor, tente me atingir. Eu quero tanto te mostrar o que posso fazer contra um oponente que não seja feito de ar!*

Kramer sorriu. Aqueles dentes eram mais vívidos também e isso não era uma coisa boa.

– O que você deve se perguntar é quantas bruxas mais devo queimar antes de eu ser poderoso o suficiente para ser sólido todos os dias ao invés de meramente um. – Ele destilou cada palavra como uma gota de veneno pingando. – Acho que não muitas.

– Você acha que queimar mulheres vivas vai fazer você voltar a ser um menino de verdade?

Deus, ele era um bastardo doente.

Aquele sorriso nauseante se alargou.

– O medo me alimenta assim como sangue alimenta sua espécie miserável. Eu extraia força de mortais aleatórios até eu ser capaz de aparecer para quem quer que eu escolhesse. Levaram séculos até que eu pudesse ser sólido novamente e durava só alguns minutos. Porém depois que queimei meu primeiro trio de bruxas no Samhain, eu fiquei sólido por uma hora. Agora cada bruxa que eu mando para as chamas me fornece tal banquete de terror que me dá forças como nada que você poderia imaginar. Com o tempo, não serei limitado a andar na terra só no Samhain, mas vou estar sólido sempre que eu quiser.

Mesmo sabendo que Bones iria me comer viva por deixar a fumaça de segurança pra trás de mim, não pude resistir a me inclinar para frente e acertar meu punho no queixo de Kramer o mais forte e mais rápido que pude. Foi tão satisfatório que dei outro antes que eu pudesse pensar, quebrando a jarra de sálvia em seu rosto porque eu ainda a tinha firme na outra mão.

Kramer desapareceu antes dos cacos de vidro caírem na varanda. Porém, a dor irrompeu em minhas entranhas, me permitindo saber que ele não tinha ido longe. Eu me afastei, batendo no batente da porta em minha pressa,



agarrando um punhado de sálvia queimando antes que Kramer pudesse dar outro golpe. Ou antes da varanda pegar fogo, o que seria ainda pior.

– Se você terminou de brincar com esse sujeito, se importa de se afastar da porta? Ou vai me fazer te derrubar?

Uma voz com sotaque britânico soou.

Estive tão concentrada em Kramer, esperando por um vislumbre daqueles redemoinhos escuros ou – ainda melhor – outra chance de dar um golpe em seu corpo temporariamente sólido que eu deixei meus outros sentidos relaxarem. Ian atravessou o campo de restos de grãos, uma mão agarrando firme o braço da minha mãe e a outra segurando um monte de sálvia queimando. Ele deve ter trazido os dois voando. Bom, porque se ele tivesse dirigido, Kramer teria outro carro para destruir antes da noite terminar.

– Kramer está aqui. – Eu o avisei, olhando ao redor, mas ainda não vendo onde o fantasma tinha ido.

Ian bufou.

– Por isso que eu disse que você precisa se mover.

Então ele levantou minha mãe, voando em direção a porta como se eles tivessem sido disparados por uma arma. Sai do caminho bem a tempo de evitar ser atropelada.

– Tire suas mãos de mim. – Minha mãe esbravejou assim que ficou na vertical ao invés de na horizontal.

– Agora que estamos aqui, eu tiro.

Ian respondeu, a soltando. Ela se afastou vários passos, mas Ian só espanou alguns fiapos de sua roupa como se não estivesse dando a mínima. Então ele olhou ao redor para o que costumava ser a sala de estar, mas que agora parecia mais um ferro velho com colchão, tábuas, galhos de árvore e partes de carro espalhados ao acaso pelo chão.

– Eu digo, Reaper, que esse lugar parece quase tão terrível quanto onde eu cresci. Tudo isso é daquele fantasma ridículo

– Exatamente.

Eu disse secamente. Kramer começou uma nova série de xingamentos devido a essa interrupção, revelando que ele ainda estava na varanda, mas Ian e minha mãe não estavam aqui porque eles sentiam nossa falta, então algo devia estar acontecendo.



– Vamos para o portão onde nós três podemos ter um pouco mais de... privacidade.

O sorriso que Ian me deu me deixou aliviada por ver dentes brancos e retos novamente, mas eu devia ter notado que era cheio de malícia.

– Já tive mães e filhas ao mesmo tempo antes, mas você é a esposa de Crispin, então eu devo recusar respeitosamente.

– Você é um *porco*! – Minha mãe exclamou, me poupando o trabalho de dizer.

Outro dilúvio de inglês e alemão veio da varanda. Parecia que Kramer também achava Ian um porco. Nisso e somente nisso, estávamos de acordo.

– Tchauzinho imbecil.

Eu disse ao fantasma. Então fechei a porta da frente, Kramer ainda xingando do outro lado e eu acenei com a mão para o Ian.

– Siga-me. Assim que estivermos lá embaixo, você pode dizer ao Bones e a mim o verdadeiro motivo de vocês estarem aqui, além do motivo de você se divertir com observações vulgares.

– Oh, vou te dizer agora mesmo.

Ele respondeu suavemente.

– Sua querida mãe tentou comer uma das mulheres que você está tentando salvar.



Capítulo Vinte e Oito

A adaga parecia muito menor com nós quatro lá dentro. Tyler sentado no topo das escadas, a porta um pouco aberta para ele poder pegar ar puro o suficiente para respirar, mas não totalmente aberta porque não queríamos que um certo fantasma intrometido ouvisse nossa conversa.

Eu não precisava perguntar para a minha mãe se o Ian estava certo. A culpa instantânea que cruzou seu rosto quando ele fez aquela declaração inacreditável era resposta suficiente para mim. O que eu esperei para perguntar quando todos estivéssemos no subterrâneo era uma simples pergunta.

– Mas que porra aconteceu, mãe?

– Foi um acidente. – Ela murmurou, olhando para a parede de madeira lisa ao invés de mim. – Não vai acontecer novamente.

– Sim, vai, e se você morder a Denise na próxima vez, Charles vai te matar, não importa de quem você seja mãe. – Ian disse.

Esfreguei minha testa contra a imagem metal que Ian descreveu. Se minha mãe morder a Denise e provar seu sangue tóxico demoníacamente alterado, Spade a mataria. Ele faria mesmo que isso fosse causar uma enorme fissura entre Bones e ele por minha causa, para não mencionar no quanto isso horrorizaria Denise. Mas o territorialismo de um vampiro focaria em proteger sua esposa, superando todos os outros laços.

– Você fez bem em trazê-la aqui. – Bones disse ao Ian, e eu tive que concordar. Pensei que mantê-la com o Spade e Denise seria mais seguro, mas não se ela ainda está lutando contra a sua fome o suficiente para tentar se alimentar de pessoal que estão fora do menu.

– O que desencadeou isso, mãe? Você sabe, para que possamos impedir que aconteça novamente?

– Ah, e aqui está a melhor parte. – Ian disse, acotovelando minha mãe.

Ela deu um tapa no braço dele, ainda não fazendo contato nos olhos de ninguém na sala.

– Eu tenho isso sob controle agora.

Ian riu alto com aquilo. – Nenhum vampiro pode parar de se alimentar e estar sob algum controle por muito tempo, minha linda imbecilzinha.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cmm=110566562>

Ian estava tão atônito com a declaração dela que eu não reagi ao insulto. – Você não tem se alimentado? Mas e todas aquelas vezes que você saiu dizendo que estava indo...

– Mentiras, mentiras, mentiras. – Ian disse alegremente. – Sou a única pessoa para julgar por isso, mas ela na verdade pensa que pode se sustentar sugando o sangue de pacotes de carne crua... e ao mesmo tempo em que isso é engraçado de uma dúzia de formas diferentes, não é nem um pouco prático.

Bones manteve suas emoções sob controle, um sinal de o que quer que ele estivesse pensando sobre ela nesse instante não era algo que ele queria compartilhar comigo. Se fosse algo parecido com as minhas emoções, ele estaria querendo sacudi-la enquanto grita *“Você perdeu a porra da sua cabeça? Com tudo acontecendo, você tinha que decidir que seria a única vampira vegetariana no mundo? Por acaso te ocorreu o que aconteceria se o seu plano brilhante não FUNCIONASSE?”*

Mas eu não disse nada disso, parcialmente porque estava claro que Ian já tinha lhe dado sua opinião não editada sobre o seu plano destinado ao fracasso, e também porque ela parecia a ponto de chorar. Eu podia contar nos dedos de uma mão as vezes que vi minha mãe chorar, e não era algo que eu queria ver novamente, muito menos causar.

– Ok. – Eu disse, respirando fundo para controlar a parte de mim que ainda queria usar a abordagem “sacuda e grite.” – Há quanto tempo você está tentando viver com o sangue de carne empacotada?

– Desde que deixei a equipe, – Ela resmungou. – Tate costumava me dar plasma ensacado, mas depois que parti, eu soube que isso não aconteceria mais, então tentei encontrar uma alternativa.

Meus olhos se esbugalharam enquanto tentava calcular o tempo. Bones continuou não dizendo nada, seu rosto cuidadosamente sem expressão e sua aura reprimida como uma catacumba. A reação do Tyler não foi tão contida. *Putá, você é TÃO sortuda por não ter tentado comer meu cachorro*, correu pela minha mente.

– Ok. – Minha voz foi quase um grunhido com a minha incredulidade. – Isso não funcionou, então, ah, quem você tentou comer?

Ela não disse nada, mastigando seu lábio inferior entre dentes que agora estavam inofensivamente planos.

– Francine se assustou com um barulho e se cortou depois de apertar muito forte um copo de sálvia. – Ian ofereceu. – Sua mamãe pulou nela e começou a sugar tudo. Seria estimulante, se não fosse por toda a gritaria.



– Ian. – Bones disse em tom de alerta.

Ele deu uma risada. – Você tem razão. Fiquei excitado mesmo assim.

Eu o soquei no peito sem nem ao menos pensar a respeito. O lábio inferior da minha mãe tremeu.

– Não foi minha intenção. Eu apenas não pude me impedir.

– Claro que você não pode. Você é uma vampira.

A declaração exasperada não veio de mim, embora eu estivesse pensando isso, nem dos outros dois vampiros na sala. Ela veio do Tyler, quem começou a descer as escadas mesmo que a fumaça espessa o fizesse tossir.

– Você sabe: presas, brilhantes olhos verdes, e super velocidade? Tudo isso já chamou a sua atenção? – Quando ela desprezou aquilo, ele acrescentou – Então porque você pensou que podia optar por ignorar a parte “beber sangue humano”?

– Eu me recuso a romper a carne de alguém, agarrá-los e roubar seu sangue...

Algo escuro passou por sua expressão antes de suas feições se contorcerem em for.

– Eu não vou fazer isso novamente. Nunca.

Seu tom endureceu com a última palavra, e eu soube que ela estava relembrando seus primeiros dias como vampira, quando o idiota que a criou jogou humanos perto dela. Isso acabou com qualquer raiva em mim, apesar de ainda ter um balde de frustração.

– Não há necessidade de machucar ninguém enquanto se alimenta, Justina. – Bones disse. – Mas como você descobriu, você não pode fazer desaparecer a sua necessidade de sangue, e sangue de animal não vai ser o suficiente por muito tempo.

– Talvez eu só precise de mais dele. Não há muito naqueles pacotes de carne. – Ela insistiu.

Uma imagem mental da minha mãe se esquivando a noite para sugar gado ou cabras passou pela minha mente. E se essa fosse a fonte real da lenda do Chupacabra, e eles fossem, na verdade, vampiros em negação como ela? Nada me surpreenderia agora.

– Você pode drenar um matadouro, e ainda vai desejar o primeiro humano que você encontrar. – Ian respondeu cruelmente. – Seria mais fácil pra



nossa espécie se não precisássemos de sangue humano, mas precisamos, e você não é exceção.

– Mesmo que eu não vá machucá-los, eu me recuso a forçar alguém a me dar o seu sangue, roubando sua força de vontade. – Minha mãe disse. – Então a menos que eu comece a roubar de bancos de sangue, eu não vejo outra solução.

– Beba de mim.

Minha cabeça se virou para a direção do Tyler quase com a mesma quantidade de descrença que a minha mãe. Tyler deu de ombros.

– Nenhuma das preocupações dela se aplicam a mim, porque estou me oferecendo, então ela não estará roubando minha força de vontade, e de jeito nenhum ela vai me segurar e romper nada em mim.

– Você tem certeza? – Eu odiaria que ele se sentisse pressionado por ser o único aqui com um pulso. Nós podíamos fazer outros arranjos. Muitos vampiros têm doadores dispostos. Algumas ligações, e podíamos ter um doador aqui, embora a pessoa teria que partir imediatamente por causa do Kramer e toda a sua mania de “matar primeiro, dizer olá depois”.

– Eu prefiro que ela beba de mim agora, com alguém aqui para controlá-la, do que ficar por aí esperando ela perder o controle novamente. – O olhar do Tyler ficou afiado enquanto ele olhava para minha mãe. – E você vai perder o controle novamente. Você já está me olhando como se eu fosse um grande bife suculento. Não podemos te chutar daqui, também



Capítulo Vinte e Nove.

As luzes de Sioux City brilhavam à distância como diamantes lançados no chão. Abaixo de nós, quilômetros e quilômetros de fazendas se esticavam, interrompidas de vez e quando por casas, estradas, e fábricas. Eu não estava preocupada sobre ser reconhecida. Primeiro, era noite, e com nossas roupas pretas nessa altura, estávamos praticamente invisíveis. Segundo, estávamos fora dos limites da cidade, nos municípios rurais, onde havia mais culturas do que pessoas.

– Essa foi uma boa ideia. – Eu murmurei.

Eu pensei que nós fôssemos apenas esperar na sala de estar demolida até Ian anunciar que estava tudo limpo, mas Bones me pegou nos braços e nos explodiu para fora antes de Kramer sequer poder assombrar algumas tábuas em nós. Agora estávamos há quilômetros de distância da casa, alto o suficiente para eu ter nenhum outro pensamento na minha cabeça, além do meu, e éramos só nós dois. Finalmente, pela primeira vez em semanas, estávamos sozinhos, ninguém do outro lado da nossa porta ou flutuando ameaçadoramente ao redor da casa.

Bones apertou a mão na minha. Estávamos estendidos como dois pássaros... braços abertos, pernas retas, o vento correndo ao nosso redor como uma cachoeira invisível. Essa foi a primeira vez que voamos sem termos algum compromisso urgente para cumprir, e apesar de ser frio aqui em cima, eu não me importava. Eu me sentia maravilhosamente livre. O arrepio no ar era um preço muito pequeno para se pagar por isso.

– Antes de nos conhecermos, eu voava por horas para clarear a mente.
– Bones disse, sua voz me alcançando mesmo sobre o barulho do vento. – Era o mais perto que eu chegava de sentir paz, mas embora vários dos meus companheiros pudessem voar, eu sempre vinha sozinho. Eu nunca quis compartilhar isso com ninguém, até você.

Eu olhei para ele, impressionada com mais do que a perfeição das suas feições ou como o vento fazia suas roupas se colarem nele como uma segunda pele. Sua boca se curvou em um tipo de sorriso que eu não tenho visto nele em muito tempo... despreocupado, e as emoções deslizando pelo meu subconsciente estavam cheias de uma alegria que me fez querer mover céus e terra para que ele pudesse sentir isso o tempo inteiro.

– Eu estou tão feliz em estar aqui com você, assim. – Sussurrei. Levou mais anos de provações e dor do que eu pensei que pudesse suportar, para me trazer ao ponto em que eu pudesse voar ao lado dele, mas eu faria tudo



novamente, mil vezes, para dividir esse momento com ele.

Ele sorriu. – Fale mais alto, amor. Não posso te ouvir com esse vento.

Eu me enrolei sob seus braços estendidos, ao invés, não parando até ter me colocado sob seu corpo. Ele envolveu seus braços ao meu redor, nossos corpos ainda pairando através do céu colorido da meia noite. Bones estava vestido da mesma forma que eu, em uma camisa preta de manga longa com calças e botas combinando, mas seu pescoço estava nu. Pressionei minha boca ali, saboreando o seu gemido quando minha língua deslizou para provar a pele dele.

– Você lembra a primeira vez em que fiz isso? – Murmurei, escorregando meus braços ao redor dele.

– Estávamos dançando. – Sua voz estava mais rica com o desejo que eu sentia crescendo nele. – E você estava me provocando com o quanto eu te desejava.

Sorri contra sua pele, traçando outro ponto sensível com a minha língua e aproveitando o seu tremor resultante.

– Eu não sabia disso, na época. Apenas pensei que você fosse fácil.

Seu riso foi retumbante, braços duros me apertaram. – Eu era, mas eu ainda te queria mais do que eu acreditava que fosse possível. Você não sabe o quanto me deixou louco naquelas primeiras semanas. Atormentava-me te ver todo dia e não ser capaz de te tocar porque você me odiava.

– Eu me odiava mais. – Outro sussurro, mas esse ele ouviu. – Você me mostrou como me aceitar, e eu te amei muito antes de poder admitir isso para você.

Sua cabeça mergulhou, lábios frios cobrindo os meus. Abri minha boca, procurando seu sabor, gemendo com a maciez aveludada da sua língua e as duas presas afiadas que agora se projetavam de seus dentes. As minhas deslizaram para fora também, aranhando ele quando nosso beijo se aprofundou, e ele inclinou a boca sobre a minha.

Seu poder me envolveu, escovando meus sentidos com uma profundidade que ia bem além da luxúria. Nossas línguas se contorceram, aquela dança profunda enviando ondas de sensação através das minhas terminações nervosas. Envolvi minha perna ao redor dos quadris dele, me esfregando nele em um convite silencioso e faminto. Ele moveu as mãos para baixo, prendendo-me mais perto, e a fricção quando ele arqueou as coxas causou uma explosão nos meus quadris. Seu corpo era tão duro, tão suave,



tão cheio de energia pulsante, e o berço de ar ao nosso redor apenas me excitava mais. Isso não seria como aqueles momentos roubados na adega com Tyler na dispensa no topo das escadas e um fantasma furioso lançando ameaças e maldições do lado de fora. Esse momento era nosso, e nós tínhamos o tempo que conseguíssemos voar na expansão do céu aberto para aproveitar isso.

A menos, claro, que esse tipo de coisa não possa ser feita durante o voo. Pelo grosso comprimento pressionado contra mim, combinado com a forma devastadora com a qual Bones movia seus quadris, ele não estava só provocando. Ele tinha poder mais que suficiente para nos manter no alto, mas voar também requer concentração. Eu não achava que me suportaria no ar por muito mais tempo. Eu estava muito focada no jeito sensual que a sua língua se enrolava na minha e a explosão de prazer que se desenrolava toda vez que a sua ereção roçava meu clitóris. Eu teria provavelmente despencado do céu se não fosse por seus braços ao meu redor.

Mesmo que ele pudesse nos manter no ar o tempo inteiro, isso tinha seu próprio conjunto de complicações. Colidir com alguma pequena aeronave particular porque a atenção do Bones estava focada no radar abaixo da sua cintura ao invés de em o que acontecia ao nosso redor seria trágico para todos. Talvez procurar um lugar em um daqueles campos abaixo fosse uma ideia melhor. Ainda assim, havia algo tão eletrizante sobre nos tocar enquanto pairamos através do ar que me deu vontade de continuar aqui em cima.

– É possível... aqui em cima? – Perguntei, arrastando minha boca pra longe da dele.

– Sim. – Um silvo fervoroso que eriçou meu desejo.

Puxei sua cabeça para baixo novamente, tudo em mim se tencionou em expectativa quando ele alcançou dentro do meu jeans, seu outro braço ainda me suportando. Então um gemido rasgou pela minha garganta quando seus dedos procuraram pelos pontos que me faziam queimar. Arqueei-me contra ele, suspiros se derramando entre nossos beijos, abaixando-me para agarrar a luxuriosa carne dura sob seu zíper. Ela transbordou na minha mão, muito larga para eu fechar meus dedos ao redor, pulsando com seu poder e o sangue que Bones direcionou para lá. Eu o friccionei no mesmo ritmo das estocadas que ele usava, sua boca absorvendo meus gritos sem palavras.

Aquela doce dor interna começou a ficar mais intensa a cada penetrante estocada dos seus dedos. Eu o queria dentro de mim, mas quanto mais abria minhas pernas, mais meus jeans subiam.

– Eu te quero agora, Kitten. – Ele rosnou, mordendo meu lábio inferior e



sugando as gotas gêmeas de sangue que suas presas derramaram. Então ele arranhou a língua contra as presas antes de fechar a boca sobre a minha, temperando nosso beijo com a ambrósia do seu sangue.

Em um movimento plano, Bones me virou de costas. Seu braço atravessou meus seios para suportar a parte de cima do meu corpo, e ele passou seus pés sobre os meus tornozelos para impedir que minhas pernas caíssem. Então afastou meu cabelo selvagemmente açoitado pelo vento para beijar minha garganta, usando sua mão livre para abaixar meu jeans e calcinha até as coxas. A explosão de ar congelante nas minhas partes mais sensíveis foi esquecida quando senti a ponta de carne dura atrás de mim. Bones se abaixou, guiando a longa e larga extensão ao meu centro. Eu ofeguei, arqueando para trás, contra ele, mentalmente amaldiçoando o tecido amontoado ao redor das minhas coxas, que me impedia de me abrir inteira para ele.

Sua boa se fechou sobre o ponto no meu pescoço que estaria saltando furiosamente com meu pulso, se eu ainda tivesse um. Movi-me para trás novamente, tentando encaixá-lo dentro de mim, frustração e êxtase cresceram quando ele apenas me provocou com a cabeça do seu pênis.

– Abra seus olhos. – Ele exigiu, as palavras vibrando contra a minha garganta.

Eu não sabia como ele soube que eu os tinha fechado (eu estava de frente para o outro lado), mas eu os abri, como pedido. Entre as chicotadas vermelhas do meu cabelo, vi vastos milharais se estendendo sob nós, mais escuros e menos distintos na nossa altura, mas visivelmente balançando na brisa. Eles eram mais impressionantes vistos de cima porque a distância escondia a vista de cascas secas e talos quebrados, fazendo-os parecer como quilômetros de um oceano dourado. Ver aqueles campos gentilmente oscilantes me encheu de uma forma de paz que não sentia há muito tempo. Minhas raízes vêm do campo, não de selvas de concreto ou asfalto, e aqui em cima, não havia fantasmas nos perseguindo, literalmente ou metaforicamente.

O absoluto esplendor da vista fez meu peito apertar e lágrimas arderem nos meus olhos. Toda a escuridão recente tornou fácil esquecer que o mundo tem mais do que pessoas tentando machucar outras pessoas. Ele tem beleza, também, se você souber onde procurar... e lembrar de abrir seus olhos. A boca do Bones continuou a acariciar o meu pescoço, me fazendo tremer com um desejo tanto apaixonado quanto agudo. Eu podia sentir sua fome em mais do que na larga extensão de carne intimamente pressionada contra mim. Sua aura me envolveu, paixão e necessidade combinadas para queimar meus sentidos, mas ele esperou para me ter até eu ver algo que ele sabia, de alguma forma,



que curaria um pedaço de mim que eu nem sabia que estava quebrado.

Haviam palavras para o que ele significava para mim, mas se eu estudasse todas as línguas já faladas nos próximos milhares de anos, eu ainda não encontraria o suficiente delas para descrever isso.

Eu me estiquei, envolvi minhas mãos ao redor das dele e apertei, desejando que ele ainda pudesse ler minha mente, para que ele soubesse ao menos uma porção do que eu não conseguia pôr em palavras. Seus lábios se moveram sobre a minha garganta no que pareceu um sorriso.

–Eu te amo, Kitten. – Ele sussurrou.

Eu estava prestes a responder da mesma forma, mas apenas um arfar saiu porque ele afundou suas presas no meu pescoço enquanto me penetrava profundamente. O duplo impacto incendiou meus sentidos, deixando minhas terminações nervosas incandescentes. O aperto que eu tinha em suas mãos aumentou, mais sons ásperos me escaparam quando ele saiu muito, muito lentamente... e então empurrou pra frente forte o suficiente para arrancar um grito de mim.

A temperatura do corpo de um vampiro não aumenta, e o ar ao nosso redor provavelmente significava que eu estava marcando em menos que a temperatura ambiente; ainda assim, eu me sentia esquentando. Outro retrocesso lento aumentou aquela sensação de calor, e quando ela foi seguida por um rápido e profundo empurrão, eu senti que minha pele ia começar a soltar faíscas. O monte de tecido contra minhas coxas mantinha minhas pernas juntas, mas isso significava que eu podia apertá-lo mais forte, e eu fiz. A extra explosão de prazer se elevando sobre minhas emoções me deixou saber o quanto ele gostou daquilo, então eu continuei fazendo, apertando-o com cada músculo que eu tinha quando sua carne deslizava centímetro por dolorosamente lento centímetro.

– Não pare. – ele grunhiu.

Tentei manter meus olhos abertos, para olhar as impressionantes telas sob as quais estávamos pairando, mas o êxtase crescente continuava fazendo eles se fecharem. Aquilo cresceu, começando com o menor movimento do seu corpo, aumentando com aquelas ferozes e entusiasmadas investidas, até meu corpo inteiro estar tremendo com a intensidade dele. Seus braços eram como barras de metal ao meu redor, me moldando à ele forte o suficiente para machucar, mas eu queria que ele me segurasse ainda mais perto. Cada deslizar de suas presas no meu pescoço parecia enviar mais calor através de mim, cada impulso acumulava mais prazer nos meus quadris. Eu também não queria que ele parasse. Precisava sentir a carne dele se unindo a minha,



tentando segurá-lo ali com cada músculo da minha coxa e cada músculo interno. Seu gemido me inflamou, mas isso não foi nada comparado a sua aura correndo sobre mim, unindo os sentimentos dele com os meus. Através disso, eu sabia exatamente quando me mover mais rápido. Quando soltar suas mãos e agarrar as suas coxas para prendê-lo em mim, e então eu não sabia nada exceto tremer de prazer quando ele perdeu o controle e me levou além dos limites com ele.

Por vários momentos depois, eu não podia me mexer. Eu podia apenas me agarrar à ele, saboreando até o último tremor do clímax e as contínuas ondulações formigando através de mim. Finalmente, minhas pálpebras se abriram. Em algum momento, eu devo ter fechado meus olhos novamente. Não estávamos mais sobre o dourado milharal oscilante, mas em uma colcha de retalhos de estradas, felizmente muito alto dos postes para causar qualquer colisão, ou iluminação embaraçosa.

– Você sabe onde estamos? – Murmurei, me esticando para correr minha mão pelos seus cabelos.

Ele virou a cabeça, acariciando meu braço com o nariz, através do tecido da minha manga.

– Não faço ideia.

Meu sorriso foi sem fôlego. – Você pode ser um navegador ruim, mas você é um inferno de piloto.

Sua risada se misturou com a minha. O som raivoso de uma buzina passou por nós, lembrando-nos que o mundo real esperava para se intrometer, mas fechei meus olhos e descansei minha cabeça contra ele.

O mundo real pode esperar mais alguns minutos.



Capítulo Trinta

Em 26 de outubro, nem quatro horas depois de Bones e eu darmos os toques finais na nova armadilha de pedra calcária, quartzo e moisanita, meu celular apitou com uma mensagem de texto. Eu estava no chuveiro, tirando a espuma do meu cabelo e tentando ignorar como a água parecia ficar mais gelada a cada dia. Sem eletricidade significava sem água quente. Se o monóxido de carbono expelido não matasse Tyler, eu instalaria um gerador dentro da casa só pra ser capaz de tomar um banho quente novamente.

Continuei enxaguando meu cabelo, sem me apressar para ler a mensagem porque estava na hora de Denise enviar suas atualizações diárias, fazendo com que eu soubesse que tudo estava bem na parte dela. Se fosse urgente, ela não mandaria mensagem de texto. Para conservar a bateria do meu telefone nós não conversávamos verbalmente e, para ser honesta, era mais fácil mandar uma mensagem de texto de volta “sem novidades” do que admitir em voz alta que ainda não tínhamos encontrado a última mulher. Todos nós observamos a contagem regressiva dos dias no calendário com um temor crescente.

Kramer não tinha aparecido tanto quanto na última semana. O conhecimento de que ele estava, provavelmente, dividindo seu tempo entre preparar seu cúmplice para o sequestro da mulher e expandir sua tormenta sobre ela era suficiente para fazer eu me sentir em um permanente estado de náusea. A menos que a encontrássemos, aquela mulher tinha somente umas cem horas de vida.

Éramos só eu e Bones na casa agora. Ian, Tyler e minha mãe estavam no shopping Southern Hills. Ian rondava para procurar sua própria versão de comida e minha mãe vigiava Tyler para o caso de Kramer tropeçar neles por acaso. Com esperança, logo minha mãe seguiria a orientação de Ian e iria variar sua dieta. Eu meio que me perguntei se era por isso que ele insistia em sair com tanta frequência e levar eles, porém também fosse só um caso de tédio combinado com febre de cabana.

Depois de sair do chuveiro e me secar de forma rápida e eficiente, peguei o celular da bancada e li a mensagem. Meu primeiro pensamento foi que era ilegível. Letras, símbolos e números colocados juntos sem espaços, alguns repetidos, alguns não. Talvez o telefone de Denise tivesse chacoalhado dentro da bolsa ou do bolso da calça e meu número foi rediscado por engano; eu já tinha discado por engano, com a bunda, para pessoas. Mas essa não vinha do celular de Denise. Era do número de Elisabeth. Olhei a mensagem mais de perto.



6THST5360#(SC5360WEST^THSC5360WEST6THSTSC

Precisei ler mais duas vezes antes de entender o padrão.

– Cinquenta e três sessenta Oeste Rua Seis, Sioux City.

Falei em voz alta. Então mais alto, com o excitamento correndo pelas minhas veias como um relâmpago.

– Cinquenta e três sessenta Oeste Rua Seis, Sioux City. Puta merda, ela conseguiu! Elisabeth a encontrou!

Mas porque sua mensagem estava uma bagunça? Quando Elisabeth mandou uma mensagem com o endereço de Francine semanas atrás, tinha sido limpa e distinta. Essa parecia que ele tinha tentado digitar enquanto fazia malabarismo ao mesmo tempo. O que a faria mandar uma mensagem tão truncada que corria o risco de eu não entender?

Assim que Bones entrou no quarto, eu descobri, e encontrei seu olhar com uma mistura de esperança e raiva.

– Elisabeth a encontrou.

Repeti.

– E parece que ela mandou a mensagem de texto com o endereço da mulher enquanto tentava afastar Kramer, então Kramer sabe que ela a encontrou, o que significa que ele também sabe que estamos a caminho.

Mesmo com a rota aérea direta que tomamos, ainda levariam uns bons vinte minutos até chegarmos em Prospect Hill, o bairro em Sioux City ao qual pertencia aquele endereço. Bones podia voar mais rápido, mas eu não, e se ele queimasse seu poder nos levando até lá mais rápido, isso significaria que ele estaria com pouca reserva quando fosse a hora de fazer nossa saída com velocidade. Já tivemos que gastar energia garantindo que estávamos alto o suficiente para evitar ser detectador por pessoas passando no trânsito de hora do rush depois do trabalho. Estaria completamente escuro dentro de uma hora, mas mesmo que o finalzinho de tarde ainda estivesse claro o suficiente para mostrar nosso perfil, esperar não era uma opção.

Parecia uma eternidade antes de localizarmos o monumento branco que marcava a área de Prospect Hill. Dar uma olhada no MapQuest antes nos deu



uma ideia de onde pousar, mas obviamente as pessoas não tinham números das casas convenientemente expostos nos telhados. Bones nos levou acima de onde achávamos ser a rua dela e descemos em linha reta, aterrissando no meio de cercas vivas altas. O chão tremeu e nossos pés afundaram até o tornozelo na terra devido ao impacto mais forte que de costume. Eu imediatamente me agachei em uma posição de joelhos, ajudando a distribuir um pouco da força. Ainda assim, doía pra burro, mas com a área que circundava o centro da cidade e muitas pessoas olhando vitrines, procurando lugares para jantar ou passeando, não podíamos nos dar ao luxo de planar para um pouso mais fácil e sermos vistos. Com quase cada celular tendo capacidade de gravação, estaríamos nos noticiários e Internet antes que você pudesse dizer segurança sobrenatural comprometida. Então não só estaríamos numa bela enrascada com os Guardiões da Lei, mas Madigan, com seu programa de reconhecimento facial programado para encontrar minha imagem, também saberia exatamente onde estávamos.

– Tudo bem, amor?

Bones perguntou, se livrando de qualquer ferimento do equivalente a ser largado como uma bola de boliche de uma altura de mais de 1500 metros mais rápido do que eu poderia.

– Bem. – Falei por entre os dentes, estremecendo devido a dor que senti nas costas quando levantei. Posso ter poupado minhas pernas quando ajoelhei, mas meu ângulo deve ter sido errado, porque eu ouvi várias coisas estalarem em minha espinha enquanto eu me levantava. Algumas agulhadas depois e a dor se foi. Nada superava um vampiro quando se tratava de habilidade de se curar.

Bones pegou um pouco de sálvia do bolso e acendeu. Fiz o mesmo, cuidando para não deixar nenhuma ponta com fogo cair no chão. Havia folhas secas e amassadas por todo lado e começar um incêndio seria um belo modo de atrair um monte de atenção indesejada para nós.

Saímos das cercas vivas e começamos a andar em direção a interseção mais próxima como se fôssemos um casal normal saindo para um passeio. Pelos murmúrios que captei, as pessoas próximas ao ponto onde pousamos estavam se perguntando sobre o ruído e a vibração momentânea que sentiram, mas ainda bem que eles não associaram essas coisas a duas pessoas caindo do céu. Com a velocidade que descemos, não fomos nada mais do que um breve traço para alguém que estivesse olhando diretamente para aquele ponto.

– Aquela é a Rua Cook. – Bones disse em voz baixa, indicando a placa da rua na nossa frente. – A Seis deve ser a próxima...



Sua voz sumiu, a tensão envolvendo sua aura como alarmes de incêndio invisíveis. Segui a direção de seu olhar, o temor subindo pela minha espinha.

Um homem vestindo uma túnica flutuava no meio da rua, o cabelo branco não se movimentando com a brisa. Os carros passavam através dele, os motoristas sem ter conhecimento de que tinham acabado de ter contato com um dos assassinos em série mais produtivo da história. E mesmo que ele estivesse longe demais para eu ver seus olhos, eu sabia que o Inquisidor estava olhando diretamente para nós.

Nossa chegada na vizinhança não passou despercebida para todos.

– Bones. – Eu disse suavemente. – Vou tirá-lo daqui. Você vai pegá-la e então se encontre comigo.

Seus lábios mal se moveram, mas eu ainda podia ouvir sua resposta silenciosa.

– Não vou deixar você.

Tínhamos apenas alguns segundos antes de Kramer atacar. O fantasma já estava começando a vir em nossa direção e eu sabia que não era para apertar nossas mãos e dizer “Como vai, vizinhos!”

– Você é homem; não é tentador suficiente para ele. – Suspirei rapidamente. – Mas você é mais rápido e mais forte que eu, então você é a melhor chance daquela mulher se ela ainda estiver viva. Agora pare de discutir e vá.

Assim dizendo, entreguei minha sálvia para Bones e corri na direção de Kramer, fazendo questão de balançar os braços para que ele visse que eu não carregava mais nenhum daquele lança-chamas de fantasma. Atrás de mim, Bones soltou um xingo, mas eu não me virei. Eu estava certa e ele sabia disso. Ele podia não gostar, mas isso não mudava a realidade.

Agora, fazer Kramer vir atrás de mim ao invés de proteger seu alvo final. A menos que ele já a tivesse matado, o que aconteceu com Francine podia ter mostrado a ele que não podia nos impedir de pegá-la. Eu esperava que ele decidisse soltar um pouco de sua frustração sobre mim ao invés de passar aqueles poucos momentos com ela.

– Hey, Gasparzinho o Fantasma Feio! – Gritei quando Kramer parecia mais focado no que Bones estava fazendo do que na minha aproximação dele. – Aposto que posso bater nesse queixo barbudo antes de você poder me pegar!

Isso fez as pessoas vivarem as cabeças para a calçada, mas minha



atenção era toda para a figura brumosa em túnica de monge. Agora eu estava perto o suficiente para ver as duas narinas de Kramer inflarem perante minha lembrança dos dois socos que dei nele durante seu breve tempo em que esteve sólido. Ele olhou novamente para trás de mim, como se ainda estivesse decidindo quem atacar. *Pegue a isca!* Eu pedi, então andei os últimos metros de distância entre nós.

– Aqui vem a bofetada número três!

Anunciei, girando minha mão através de seu queixo.

Ele não estava sólido então meu punho voou através dele sem causar dano, mas ou o gesto ou as palavras o fizeram se decidir. Kramer soltou um xingamento e se virou para mim, lançando o próprio braço.

Eu me abaixei, mas não rápido o suficiente. A dor queimou na lateral da minha cabeça, a energia que ele conseguiu juntar fazendo com que eu sentisse mais do que um soco de alguém sólido. Eu me detive antes de ir com tudo em uma vitrine frontal de uma loja, batendo na parede ao invés disso. Pelo menos isso só arrancou um pouco de argamassa ao invés de estilhaços de vidro. Então me virei para encarar o fantasma.

– Isso foi patético. – Rebatí. – Eu nem ao menos preciso de sálvia para lutar com você. Você é uma menininha o suficiente por conta própria.

Seu rosto se contorceu de raiva, e uma torrente de alemão veio de sua boca. Peguei aquilo como meu sinal para correr até ele, indo em direção a multidão de pessoas cuidando dos seus próprios assuntos nessa adorável noite de outono.

Cheguei até uma barra de esportes ao ar livre quando senti uma bola de demolição bater nas minhas costas. Ela me mandou voando pra frente, completamente sem equilíbrio. Eu consegui me virar o suficiente para evitar a família com a criancinha e espatifei em uma mesa com vários rapazes curvados sobre jarros de cerveja e asas de frango. A mesa quebrou com o meu impacto, líquido espumoso, copos e partes de frango manchadas de laranja caíram sobre mim. Os quatro homens que estavam sentados ao redor da mesa olharam para mim sem poder acreditar, dois deles ainda segurando frango em suas mãos.

– Qual o seu *problema*, moça?

Um deles arfou.

Eles não podiam ver que um fantasma tinha me arremessado pra cima deles, mas eles realmente acham que eu teria feito o voo do cisne sobre a



mesa deles por tédio? Do meu ponto de vista do chão, pude ver Kramer se aproximando, sua forma desaparecendo cada vez que ele tinha que atravessar alguém em seu caminho. Olhei de novo para o quarteto de rapazes, desesperadamente tentando pensar em algo que faria eles e os outros clientes fugirem antes do fantasma chegar aqui.

– Estou na TPM e desesperada por atenção. – Improvisei, lembrando dos pensamentos ridículos de Graham naquele dia em minha antiga casa. – Então, se vocês querem viver, saiam de perto de mim!

Com isso, joguei os restos da mesa neles, fazendo isso devagar o suficiente para que eles pudessem desviar. Eles pularam pra fora do caminho e começaram a recuar. A área externa com mesas rapidamente começou a ficar sem pessoas.

– Cadela louca.

Eu escutei, mas minha atenção era toda para o fantasma. Ele estava só há alguns metros de distância agora, sua boca aberta mostrando os dentes. Eu precisava tirá-lo de perto dessas pessoas antes que ele começasse a matar alguns deles só por diversão.

– Venha me pegar, pinto mole!

Gritei, saltando por cima do muro. Do outro lado tinha uma seção de lojas menos lotadas, carros estacionados ao longo da rua, mas seus proprietários em outros lugares. Não olhei pra trás para ver se Kramer tinha mordido a isca, mas continuei com a enxurrada de insultos enquanto corria o mais rápido possível.

– Eu sei que toda aquela coisa de bruxas privarem os homens de seus membros viris era só sua desculpa por não ser capaz de ficar de pau duro a menos que você pudesse...

Algo bateu em minhas costas, enviando uma explosão de dor através de mim. Também me fez perder o equilíbrio de novo. Acabei derrapando na calçada de cara, minha velocidade me fazendo deslizar vários metros antes de o que quer que ele tivesse feito nas minhas costas se curar o suficiente para eu ficar de pé. Assim que me levantei, uma martelada invisível atingiu meu estômago, me fazendo cair de joelhos.

Alguém gritou. Não pude ver quem porque minha visão estava embaçada e vermelha. Cuspi sangue, ruídos nauseantes vindos de minha mandíbula quando a movimentava. Meu rosto queimava como se tivesse sido posto fogo, mas eu levantei novamente, me preparei para o golpe que eu sabia que viria. *Se afaste das pessoas, afaste das pessoas*, eu repetia para mim



mesma. Não importava o que ele fizesse a mim, eu iria me curar. Eles não.

Consegui andar alguns metros, mal vendo onde eu estava indo porque apesar de eu sentir meu rosto melhorando eu ainda tinha sangue nos olhos. Então escutei uma explosão sinistra metálica e uma dor quente explodiu por todo meu corpo. Luzes piscavam e em meus ouvidos soavam sons de metal esmagado e estilhaços de vidro. Agora eu realmente não podia ver, mas o cheiro de gasolina e o tremendo peso sobre mim me fez diagnosticar o que tinha acontecido.

O filho da puta do fantasma jogou um *carro* em mim!

Não tive tempo de ficar atordoada com o quanto mais forte Kramer tinha ficado com a proximidade do Halloween porque o cheiro ácido me alertou que eu precisava me mover agora. Provavelmente o fantasma estava ocupado tentando acender um isqueiro ou fazer várias fagulhas para incendiar todo aquele líquido inflamável que estava no tanque de combustível em cima de mim. Tive uma explosão de carro perto de mim uma vez, e quase me matou. Estar presa debaixo de um se ele fosse pelos ares? Eu estaria mortinha, sem dúvida nenhuma.

Tencionei cada músculo em meu corpo, ignorando as labaredas de dor que vinham de múltiplos ossos quebrados tentando se unirem, e me levantei com toda minha força. A agonia tomou conta de mim, me fazendo ficar momentaneamente tonta, mas o peso se moveu assim que meus braços e pernas puderam se esticar. Outro movimento doloroso para me levantar e eu me arrastei debaixo do carro, o deixando cair com um estrondo assim que eu fiquei livre.

Várias piscadas depois, eu pude ver o suficiente para ficar assustada com o aglomerado de pessoas reunidas por perto, cada uma delas apresentando vários níveis de choque. Eu não vi nenhum telefone sendo levantado para capturar a cena, de qualquer forma, então eu tinha que ficar grata por isso. Então avistei outra pessoa olhando para mim. Kramer flutuava no espaço vazio ao longo da rua onde o carro esteve estacionado, seu olhar preso sobre mim com uma dura intensidade.

Eu não sabia por que ele não estava se preparando para outro daqueles golpes de energia de quebrar ossos, mas dane-se que eu ia ficar aqui e posar pra ele até ele ter tempo de se preparar pra isso. Eu me virei na direção menos povoada da rua e comecei a correr. Mais ossos esmagados e minha pele parecia estar sobre um formigueiro antes de terminar de se curar, mas eu não parei de correr, esperando pela próxima explosão de dor que era sinal de que Kramer estava se aproximando de mim.



Ouvi um sopro de vento forte e rápido, então algo duro pressionou em minhas entranhas. Minha primeira reação defensiva se tranquilizou quando reconheci o poder me inundando, fazendo o ar crepitar com correntes ocultas. O chão deixou meus pés quando fui puxada para cima, um braço forte ao redor da minha cintura, o outro firme em torno de alguém gritando em plenos pulmões, uma voz feminina.

Aquele grito era a música mais doce que eu tinha ouvido porque significava que Bones tinha chegado até a última vítima de Kramer a tempo de salvá-la.



Capítulo Trinta e Um

Assim que estávamos alto e longe o suficiente para Kramer não poder nos seguir, Bones mandou um torpedo para Spade e lhe disse para nos encontrar no War Eagle Park, no ponto da Interestadual 29 mais próximo do rio Missouri. Já se passou mais de uma hora desde que deixamos Kramer furioso no chão, mas ainda assim não arriscaríamos levar a mulher diretamente à casa do Spade e dar ao fantasma até mesmo a menor chance de rastreá-la através de mim.

Seu nome era Sarah, e ela não se acalmou muito desde que Bones a levou da sua casa, não que eu a culpasse. Se esse voo não tivesse sido o suficiente para fazê-la desmaiar, bastou apenas cinco minutos conversando com ela para perceber que Kramer havia atormentado Sarah até a beira da insanidade.

Com Francine e Lisa fora de seu alcance, ele claramente compensou o tempo perdido com ela, assim como temi que fizesse. Os pensamentos de Sarah eram uma mistura de ruído de fundo, terror, e repetições da mesma merda que Kramer recitava para mim sobre não tolerar que bruxas vivam e que ele era invencível.

Bones e eu dissemos a ela que ela podia confiar em nós, nos certificando que nossos olhos estavam acessos enquanto falávamos, mas ela parecia além do ponto de ser tranquilizada por nossos olhares.

Algumas pessoas, por razões de anomalia genética, trauma, ou força de vontade sólida, precisavam ser mordidas antes que o controle de mentes vampírico funcione, mas eu não podia me obrigar a mordê-la com tudo o que aconteceu. Ela não tentou correr, então talvez um pouco do que dissemos a ela estava penetrando mesmo que a pobre mulher pulasse com qualquer barulho, olhando em volta como se esperasse que Kramer aparecesse e continuasse seu abuso. Eu só podia esperar que alguns dias com Francine e Lisa ajudariam a trazer Sarah de volta do que parecia um esgotamento nervoso iminente.

Claro, o que realmente ajudaria Sarah e as outras mulheres seria nós conseguirmos entalar seu algoz nessa armadilha de pedra e minerais. Então elas poderíamos gastar o tempo que precisassem para curar os danos emocionais que ele infligiu nelas. Raiva queimou através de mim. A maioria dos assassinos que encontrei, enquanto maus até os ossos, procuravam apenas destruir os corpos das pessoas, mas isso não é o suficiente para Kramer. Ele tem que destruir suas mentes, corações e espíritos também.

Spade desceu do véu da noite, e Sarah recuou, o fedor do medo



explodindo de seus poros. Imagino que ver outra pessoa caindo do céu foi demais para ela nesse momento. Eu a segurei, murmurando que ele era um amigo, e que ela estaria segura com ele. Apenas quando disse a ela que ele a levaria até Francine e Lisa ela se acalmou o suficiente para parar de tentar se afastar. Eu disse a ela sobre as outras duas mulheres em quem Kramer tinha posto os olhos, e em como elas estavam seguras. Palavras eram legais, mas vê-las por si mesma faria mais para provar para a psique gravemente ferida dela que Kramer não era o castigador todo poderoso que ele se denominava do que qualquer garantia que eu desse a ela.

Bones caminhou até seu amigo, com um último olhar piedoso na direção dela, levando Spade para um lado para adverti-lo sobre o frágil estado mental dela, presumi. Após um minuto de conversa sussurrada, eles voltaram. O outro vampiro estendeu uma trouxa para ela que eu reconheci com gratidão como um casaco. Bones e eu partimos tão rápido para resgatá-la, que não pensamos em pegar os nosso próprios casacos, muito menos um extra para ela.

– Sarah, esse é o meu melhor amigo, Spade. – Bones disse, chamando-o por seu nome de escolha ao invés do que ele normalmente usa. – Ele vai cuidar muito bem de você.

Ela pegou o casaco, mas então foi se aproximando de mim. – Ele? Você não vem, também?

Seu olhar de topázio escuro estava suplicante, pensamentos fragmentados revelando que ela não queria ir sem mim. Podia ser porque eu era outra mulher, e isso fazia eu parecer segura para ela, ou porque Spade parecia particularmente imponente com sua grande altura e casaco negro ao seu redor. Nossa proximidade do rio fazia até mesmo seu cabelo na altura do ombro explodir dramaticamente ao redor do seu rosto, aumentando o efeito, mas além de ser confiável, Spade também tinha uma profunda característica cavalheiresca.

– Não posso ir agora, mas vou te ver logo. – Prometi a ela, trocando um olhar com Bones. Realmente logo, considerando que tínhamos que entregar a armadilha na casa do Spade nos próximos dois dias, então esperar que meu sinal interno guiasse Kramer direto para nós.

Espere até Sarah descobrir isso. Então ela vai ficar extra, extra nervosa.

Ou talvez tenhamos sorte, e ela saiba quem é o cúmplice. Duas das três mulheres se encaixaram no mesmo padrão antes de Kramer começar a atacá-las, e eu apostava que Sarah não seria exceção.

– Sarah, você tinha um gato recentemente, não é? – Perguntei a ela. –



Um que morreu? Você por acaso sabe como isso aconteceu, ou quem fez isso?

Medo dominou seus pensamentos com aquela pergunta, tornando difícil captar os coerentes dos menos estáveis e dispersos. Peguei palavras como “enforcado” e “quebrado”, entretanto, confirmando minha crença. Os gatos da Francine e da Lisa foram enforcados, também, seus pequenos corpos deixados à mostra. Passo um no começo do reinado de tormento do Kramer.

– Você sabe quem fez isso? Pressionei.

Ela balançou a cabeça, ficando tão visivelmente puta que Bones me cutucou. – Deixe-a se estabilizar primeiro, Kitten. – Ele murmurou. – Ela estará mais hábil a responder perguntas com a Denise e as outras.

Ele estava certo. Era muito cedo, e era pouco provável que ela soubesse quem matou o gato dela, de qualquer forma. Dei um rápido abraço de tchau na Sarah, dizendo novamente que isso logo estaria resolvido, e ela estaria a salvo.

Deus, faça com que isso seja verdade, eu orei.

Spade estendeu o braço para Sarah como se estivesse se oferecendo para escoltá-la à um baile. – Por favor, venha comigo. – Ele disse.

Ela olhou para mim. Eu acenei, forçando um sorriso. – Ele vai te levar até as outras, e eu vou te ver logo.

Com relutância óbvia, ela pegou o braço do Spade. Spade deu um último aceno para o Bones e para mim, então lançou Sarah para cima e a transportou com todo o estilo daqueles antigos filmes do Drácula que o real Vlad Tepesh odeia. Um grito se arrastou atrás deles, ficando mais fraco, até a voz da Sarah ficar perdida na escuridão.

Virei para o Bones com um sorriso leve. – Leve-me para cima, Scotty*.

**Slogan famoso pela série Star Trek. Frase que o Capitão Kirk usava para pedir ao seu engenheiro-chefe, Scotty, quando precisava voltar para a Enterprise.*

Seu bufo foi suave com diversão. – Você não precisa de mim para isso. Você pode lançar a si mesma agora.

– Eu sei. – Eu disse, deslizando meus braços ao redor dele. – Mas eu prefiro voar assim.

Seus braços me circularam, fortes, duros e infinitamente deliciosos. – Eu também, Kitten.



Muito mais tarde, ouvi o distinto ruído de tábuas na varanda que dizia que alguém estava lá fora. Tinha que ser Kramer. Fiquei sentada no chão da sala de estar com as costas apoiadas na parede e debatendo sobre ignorá-lo. Se eu me movesse, Bones poderia acordar, e ele tinha acabado de pegar no sono. Era o meu turno de garantir que toda a sálvia ficasse acessa enquanto todo o resto dormia. Kramer ficou famoso por atirar pedaços de tábuas em jarros de sálvia para apagá-los, tentando ou nos queimar ou eliminar a fumaça repelente. Nenhuma era uma opção que queríamos explorar, daí os turnos.

Se fosse pelo Bones, ele dividiria os turnos entre ele e o Ian, mas isso não era justo. Minha mãe não podia evitar seu cansaço assim que a manhã atacava, mas eu podia ficar acordada tanto quanto os homens. Todos nós dormíamos na sala de estar, dividindo os quatro colchões que trouxemos dos quartos. Pode não ser confortável (e certo como o inferno que não era romântico) mas era seguro. Acaso a pessoa em vigília caísse no sono e Kramer conseguisse contornar a sálvia e entrar, ele não seria capaz de distinguir o mais vulnerável de nós sem acordar o resto. Não do jeito que dormíamos, grudados um no outro.

Outro rangido das tábuas soou do lado de fora, mas dessa vez, ele foi seguido por um sussurro que eu não pude entender. Franzi. Isso era incomum para o Kramer. Ele normalmente gostava de bater por tudo enquanto lançava maldições tão alto quanto ele pudesse gritar. O fantasma sabia quando estávamos dormindo, também, então ele frequentemente aparecia ao amanhecer para maximizar o efeito dor no traseiro. Mas sussurros? Isso me deixou curiosa o suficiente para levantar. Podia ser Fabian ou Elisabeth, incapazes de se arriscar a entrar por causa da sálvia, e tentando serem atenciosos em não acordar todo mundo com uma saudação alta.

Eu me arrastei até a porta, mantendo-me tão quieta quanto podia. Não há necessidade de todos acordarem para investigar o sussurro estranho. Bones se moveu, mas seus olhos permaneceram fechados. Minha mãe estava morta para o mundo, os roncos do Tyler continuaram ininterruptos, e Ian nem sequer se mexeu. Não pude evitar balançar a cabeça quando olhei para ele. Ian dorme como um bebê toda manhã (bem, um bebê que sempre mantinha uma mão na parte de baixo da sua calça). Acho que seus erros não incomodam a sua consciência o suficiente para custá-lo um momento de cochilo.

Cuidadosamente, ainda tentando não acordar os outros, abri a porta da frente. Para minha surpresa, era o Kramer flutuando sobre o outro lado da varanda arruinada ao invés de Fabian ou Elisabeth. Ele largou uma das tábuas soltas quando me viu, acenando para eu me aproximar com um gesto quase amigável.



Ah, claro, vou me aproximar sem pegar nenhuma sálvia primeiro, pensei. Será que ele pensou que jogar um carro em mim tinha danificado o meu cérebro?

Eu lhe dei o dedo, então peguei duas das jarras de sálvia mais próximas, decidindo ir alguns passos longe da porta apenas porque eu queria dar a todos mais alguns minutos de sono. Se Kramer manter seus hábitos, ele estará amaldiçoando e atirando tábuas na casa cedo o suficiente.

O Inquisidor não respondeu à minha opinião de dedos. Ele simplesmente esperou sem se mover ou falar enquanto eu me aproximava sem fazer um ruído nos destroços bambos da varanda. Mantive a porta aberta, embora tenha ido para longe dela, me certifiquei de estar a apenas uns dois bons saltos de distância.

– Maravilhoso te ver novamente. – Disse, mantendo minha voz baixa.

Aquele olhar verde musgo me sondou da cabeça aos pés, mas não do jeito desprezível que ele fez em outras ocasiões. Dessa vez, foi o olhar de um inimigo medindo seu oponente e descobrindo suas fraquezas.

– Você realmente acredita que você, uma mera mulher, pode me derrotar?

Além do insulto sexual, esse foi o jeito mais racional que eu já vi o Kramer. Ele soava genuinamente pensativo e sua voz estava tão baixa quando a minha (um enorme desvio da sua normal gritaria retumbante sobre como bruxas-vão-queimar). Eu podia responder a questão dele listando todos os outros bastardos arrogantes que eu derrubei ao longo dos anos. Ou apontando que eu já derrotei seus planos com a Francine, Sarah e Lisa, tirando-as do seu alcance por enquanto, mas eu preferia permanecer subestimada. *Não se preocupe em me fazer parecer uma menininha, grande monstro mau. Eu sou indefesa.*

– Falar é insignificante. Saberemos quem derrotou quem quando tudo isso tiver acabado, e só haver um de nós em pé. – Respondi.

Pelo fraco som de fricção, alguém na casa tinha acordado e estava se dirigindo para a porta da frente. Antes de ele chegar lá, eu sabia que era o Bones pelo toque da sua aura. Mesmo sussurros tinham perturbado seu sono leve. Kramer pareceu não notá-lo. Sua atenção não se desviando de mim.

– Apesar de ser uma mulher, você é forte. – O fantasma disse, ainda do mesmo jeito pensativo. – Você empurrou aquele carro para o lado como se ele não tivesse causado nada.



Na verdade, machucou como o inferno. Sob outras circunstâncias, eu teria ficado embaixo dele dizendo coisas como “Ai, ai, aiiii!” enquanto esperava curar, mas eu não tinha o luxo do tempo.

– Você não é a primeira pessoa que tenta me matar com um carro. – Foi o que eu disse, encolhendo os ombros como se em nenhuma das vezes isso tenha sido grande coisa. Eu podia sentir que Bones estava na entrada da porta, mas ele não saiu, mantendo-se escondido do fantasma nas sombras do marco da porta.

Kramer sorriu, frio e calculista. – Eu sabia que isso não iria matar você.

Interessante. Agora que ele mencionou isso, ele não se apressou em tentar incendiar o tanque de combustível enquanto eu estive brevemente presa sob ele. Não ocorreu a ele tentar explodir o carro? Ou ele estava mentindo sobre saber que o carro não me mataria?

Longe de mim entender o funcionamento da mente de um maníaco.

– Qual o lance da conversa tranquila ao invés do seu escândalo normal? – Perguntei, mudando o assunto. – Você está solitário porque Francine, Lisa e Sarah estão fora do seu alcance, então você não tem ninguém para conversar?

Por favor, fique puto e me diga quem é o seu cúmplice, eu o encorajei silenciosamente. Vá em frente, impressione-me com quanto tempo você passa com quem quer que seja o idiota!

Mas ele não disse. Ele me deu outro daqueles olhares pensativos ao invés. – Porque você arrisca tanto por elas? Elas não são nada para você.

– Não, elas não são nada para você. – Corrigi imediatamente. – mas elas significam algo para mim porque estão em problemas e eu posso ajudar. Se eu colocasse meu rabo na reta somente por pessoas que eu amo, eu não seria melhor que a metade dos monstros que eu caço. Até mesmo pessoas más se arriscam pelos amados. Só porque você escolheu mulheres que eu não conheço não significa que eu vou me sentar à distância e assisti-las morrer.

Seu sorriso cresceu, mostrando aqueles molares acastanhados entre os espaços da gengiva. Não pude evitar pensar se não era uma justiça poética que ele irá manter essa boca desagradável pela eternidade, felizmente trancado em uma cadeia caseira.

– Você ainda acredita que pode me deter, Hexe, mas não pode. Você não me teme, mas logo, irá.

– Não, não irei. – Respondi severamente. – Você não vai tirar qualquer força de mim porque eu tenho o seu número, Inquisidor. Você pode ser difícil



de matar com a sua completa falta de um corpo físico, mas você não é mais assustador do que todos os outros imbecis que agora estão mortos enquanto eu permaneço de pé.

– Até o Samhain. – Foi o que ele disse, então desapareceu.

Encarei o lugar onde ele esteve, meu próprio sorriso torcendo minha boca.

É com isso que estou contando, filho da puta.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cm=110566562>

Capítulo Trinta e Dois

Em 30 de outubro, assim que o véu acobertador da noite caiu, Ian, Bones e eu voamos para longe da casa de fazenda esfarrapada. Cada um de nós estava carregando um largo objeto ensacado. Minha mãe e Tyler estavam ficando para trás, partindo para a casa do Spade amanhã à tarde em um transporte mais convencional: taxi. Desse jeito, caso minhas habilidades emprestas tenham desaparecido até o ponto de Kramer não conseguir me localizar somente se concentrando, ele poderia segui-los até a casa do Spade. Eles tinham um montão de sálvia com eles no caso de o fantasma fazer mais do que segui-los, mas eu apostava meu dinheiro que Kramer iria tentar ser esperto e ficar invisível. Afinal, eles não eram os alvos que ele tinha escolhido tão cuidadosamente. Francine, Lisa e Sarah eram as que Kramer realmente queria, e ele iria querer se certificar de encontrar o seu caminho até elas.

Assim que tivéssemos tudo no lugar, de qualquer forma.

Foi por isso que não voamos com nossos largos pacotes direto para a casa do Spade. Ao invés disso fomos para uma construção extinta que antigamente foi um conjunto de galerias de esgoto em Ottumwa. Sob a construção, uma série de bueiros, tuneis, e vários encanamentos conduziam ao rio Des Moines. Não era um ambiente tão perfeito quanto a nossa caverna com seu rio subterrâneo (e cheirava malitamente pior mesmo tendo sido desativado há anos), mas era o suficiente. Bones fez seu co-regente, Mencheres, adquirir os edifícios e as propriedades ribeirinhas que o cercavam pelas últimas semanas usando uma empresa fictícia. Não podíamos arriscar que mais alguém destruísse o prédio para construir um novo negócio e perturbar o que nós esperávamos que fosse o descanso final de Henrich Kramer. Agora, nós tínhamos apenas que esculpir um buraco na base da galeria de esgoto, profundo o suficiente para alcançar o nível de água do rio para garantirmos um fluxo de água fresta onde pretendíamos estabelecer a armadilha.

Precisou de Bones, eu e a equipe do Chris para colocar no lugar a antiga armadilha. Nós tínhamos exatamente cinco horas para montar essa, e tínhamos a cavação da base da galeria de esgoto para lidar, também. Eu não queria calcular até onde nossas chances iam, tentando, ao invés disso, focar em quão poderosos Bones, Spade e Ian eram. Eu faria o meu melhor, também, e ou nós terminaríamos, ou não. A única coisa certa é que não havia tempo para lamúrias.

Pousamos no lado de fora da construção vazia, e eu coloquei a minha parte pesada da armadilha no chão assim que meus pés atingiram o solo. Voar



uma hora carregando aquele volume me fez apreciar o quão facilmente Bones me carrega quando voamos juntos. Claro, eu peso menos que esse pedaço de rocha, mas ele também já voou carregando a mim e pelo menos mais uma pessoa, e ele fez isso parecer fácil mesmo indo mais longe e mais rápido.

– Excelente pouso. – Ian comentou, dando um olhar incisivo para o longo sulco que eu entalhei na terra quando toquei o chão. – Estamos tentando não chamar a atenção, e aqui vai você e faz isso parecer um impacto de meteorito.

Eu estava orgulhosa de mim por não ter explodido através da lateral do prédio (ficar no ar era *muito mais* fácil que aterrissar!) então levantei meu nariz para ele de forma esnobe.

– Eu tenho menos de dois anos como morta viva, e já estou voando. Quando tempo levou para você encontrar as *suas* asas, garoto bonito?

Bones bufou com a indignação no rosto do Ian. Ele não era nada além de competitivo. – Você sabia que isso ia acontecer, companheiro.

– Poder de sanguessuga. – Ian replicou amargamente.

Ele me pegou ali, mas Bones gargalhou. – Você daria suas duas bolas para ter essa habilidade, para não mencionar que ela voou antes de se tornar vampira, então isso é só dela.

– Se vocês já pararam de discutir. – uma voz suave chamou de dentro do prédio. – Talvez vocês possam começar a proteger essa armadilha?

Spade já estava aqui, bom. Olhei para o meu largo pacote de rocha e para a entrada do prédio. Então estalei meus dedos. Coisas primárias primeiro, e isso seria fazer uma nova porta larga o suficiente para todos os pedaços passarem. Eu apenas esperava que os túneis que levavam à base do esgoto fossem largos o suficiente para não precisarem de sua própria remodelagem.

A contagem regressiva de cinco horas acabou de começar.

Quatro horas e vinte e dois minutos depois, Ian encarou a armadilha remontada segura no fundo da base das galerias de esgoto, água borrifando sobre ela através do outro buraco que nós abrimos para alcançar o rio Des Moines. Um fôlego de riso me escapou.

– Você fez isso parecer como um enorme caldeirão. Isso foi espetacularmente cruel da sua parte, Reaper.



Limpei um pouco da água fria e salobra do meu rosto antes de responder. Todos os outros esperavam no túnel acima, mas eu queria checar a base da armadilha mais uma vez para me certificar de que estava sólida. Sim, me chame de paranoica. Se tudo correr bem amanhã, assim que Kramer estiver na armadilha, nós poderíamos fazer um melhor trabalho de acabamento na entrada que nós escavamos na parede da galeria de esgoto e na base da armadilha, para ter extra certeza de que o tempo e a erosão não perturbariam a prisão do Kramer; mas por agora, parecia que iria funcionar.

– Kramer é obcecado com bruxaria, por isso eu queria que ele ficasse em um ambiente familiar. Nunca deixe dizerem que eu não sou sentimental.

Apesar das palavras cínicas e me sentir mais exausta do que eu podia me lembrar, eu também queria berrar de alegria. Nós conseguimos! A armadilha estava montada, água corrente jorrava sobre a metade da sua base, com tempo de sobra. Não muito tempo, verdade, mas eu não iria criticar. Eu podia até dar um grande beijo molhado no Ian pelo quão rápido e duro ele trabalhou. Ele pode ser um arrogante pervertido insolente, mas maldição, ele pode fazer qualquer coisa quando coloca isso na cabeça.

Eu nunca duvidei do poder e dedicação do Bones ou Spade, mas Ian me surpreendeu.

– Vamos embora antes que o seu espectro encontre esse lugar. – Spade disse, desaparecendo de vista dentro do túnel. Sua voz flutuou atrás dele – Denise vai ficar tão aliviada em ouvir que nós terminamos.

Eu escalei a parede da galeria, aceitando a mão que Bones me ofereceu para me puxar os últimos poucos metros. – Você trouxe um carro, certo? – Gritei atrás do Spade, esperando que a resposta fosse sim.

– Claro. – Sua resposta ecoou de volta. – Sabia que nenhum de nós iria querer queimar mais energia voando de volta, e amanhã, vamos precisar de tudo o que pudermos reunir contra Kramer.

Tão verdade. Então dei uma olhada em quão enlameados e molhados estávamos, e dei ao Bones um olhar triste. – Nós vamos estragar as coisas do Spade de novo.

Ele riu. – Não se preocupe, tenho certeza de que é um lugar alugado.

Spade dirigiu, Ian reclamou o assento da frente, e Bones e eu pegamos os assentos de trás. Eu estava tão feliz em me encostar nele e simplesmente fechar meus olhos que nem me importei em estar molhada, fria e suja. Spade ligou o aquecedor, então não demorou muito para eu começar a me sentir quente também. Depois de gastar duas semanas em uma casa sem



eletricidade e com o frígido ar noturno explodindo pelas incontáveis frestas das janelas lacradas com ripas, o calor parecia o paraíso para mim.

Na verdade, eu estava tão relaxada que devo ter cochilado, porque quando dei por mim, o carro estava sacudindo para parar, e a paisagem ao nosso redor estava completamente alterada.

Estávamos em uma estrada estreita de cascalho que nos levava ao que parecia ser uma bonita casa de dois andares azul e branca no final dela. Campos de feno se estendiam por acres atrás da propriedade, e um celeiro estava vazio ao longe, à direita da casa. Era maravilhosamente silencioso, sem vizinhos visíveis nas mediações e portanto nenhum barulho invasivo dos pensamentos deles para encher minha psique.

– Cristo, não. – Spade sussurrou ao mesmo tempo em que eu percebia que aquela completa falta de pensamentos de outras pessoas era um sinal muito, muito ruim. Eu deveria estar captando quatro mentes na casa em frente. Ao invés disso, havia apenas um silêncio sinistro.

Spade não abriu a porta do carro... ele a empurrou para o lado tão violentamente que ela voou para longe do veículo com um som de metal rasgando. Então ele era nada além de um borrão indo para a casa. O resto de nós partiu, mas não tão rápido, Ian empurrou o carro para estacionar, para impedir que ele continuasse seguindo. Horror me fez sentir como se o sangue em minhas veias tivesse acabado de ser substituído por água gelada. Eu corri para a casa, uma corrente de negações ressoando em minha mente.

Denise não. Por favor, não. Ela é minha melhor amiga. Seria horrível o suficiente se algo aconteceu com Lisa, Sarah e Francine, mas eu não posso suportar se Denise foi... foi...

Spade arrancou a porta da frente também, desaparecendo dentro da casa. Nós três estávamos bem atrás dele. Latidos agudos vieram dos andares de cima, tornando impossível detectar qualquer batimento cardíaco, e o som fez Bones pausar depois de entrar, me puxando para me fazer parar com ele. Talvez Dexter esteja latindo por causa do barulho que a porta fez quando Spade a arrancou das dobradiças.

Ou talvez seja porque Kramer ainda esteja na casa. Ele tinha conseguido manifestar carne um dia mais cedo? Pegadas ensanguentadas mostravam que alguém tinha descido as escadas e saído pela porta, e eu não cheirava nenhuma sálvia queimando. Denise era imune a maioria dos tipos de mortes, mas Spade sempre mantinha algum osso de demônio à mão no caso de qualquer amiguinho infernal daquele que a marcou aparecer procurando vingança. Será que a faca de osso que era feita da única substância que podia



matar Denise foi usada contra ela? *Oh Deus, o que Kramer fez com elas?*

Ian não esperou, mas entrou na casa com um brusco – Ascendam alguma sálvia antes de seguirem. – No andar de cima, Spade gritou, um áspero som de tristeza que fez meus joelhos quase se renderem. Lágrimas embaçaram minha visão, agarrei um punhado de sálvia encharcada que eu mantinha nas calças e ascendi, me apressando para dentro e então escada acima carregando meu maço esfumaçado. Pelos sons e cheiro, Bones estava reascendendo e reabastecendo os jarros na casa, tentando formar uma barreira protetiva embora pudesse ser tarde demais.

Eu não precisei seguir as pegadas ensanguentadas que levavam ao primeiro quarto à direita.

A voz sufocada do Spade era um doloroso indicador. Eu irrompi no quarto, angústia me rasgando com o primeiro sinal que me recebeu com uma confusão de sangue, ossos, e coisas que eu nem mesmo queria nomear respingados na parede do closet aberto. Ian estava em pé ao lado dele, Spade no chão daquela horrenda montagem, embalando uma forma ensanguentada que não se movia. Dexter estava no canto distante, rosnando e latindo enquanto farejava pegadas carmesins no carpete.

– Eu estou bem. – Ouvi uma voz feminina dizer sob o latido e as ásperas repetições que Spade fazia do nome da Denise.

Engoli o choro de alívio que subiu pela minha garganta. Ian foi mais prático, puxando Spade pelos ombros.

– Solte-a, Charles. Você provavelmente a esta segurando muito forte pra ela respirar.

Spade se inclinou para trás, revelando a parte de cima da minha amiga que eu não tinha visto antes, e eu cambaleei onde estava. Denise tinha três buracos em seu suéter que pareciam feridas de balas. Ela foi baleada nas costas vezes o suficiente para matar qualquer pessoa normal, pelos lugares muito perto do seu peito, mas não o suficiente para *derrubá-la*. Ela deve ter se virado e ido atrás do seu atirador. Foi por isso que o assaltante mirou no seu rosto em seguida. Pela parede, suas feições ainda desfiguradas, e o que parecia uma torta de cerejas na parte de trás da sua cabeça, ele esvaziou o pente nela.

O cúmplice de alguma forma encontrou esse lugar e atacou quando o resto de nós estava longe tentando martelar o último prego no caixão do Kramer.

Como ele entrou? Eu me perguntei, ainda chocada pela visão da Denise.



Ela sabia que não era para deixar ninguém estranho entrar, e ela não é muito fácil de derrubar, como a carnificina no quarto prova.

Bones apareceu, furiosamente percebendo o closet ensanguentado e a condição da Denise.

– Não há mais ninguém na casa. – Ele disse, confirmando o que meus sentidos já haviam suspeitado. – Não vejo qualquer sinal de que Kramer esteja aqui agora... ou que esteve antes. Nenhum dos jarros de sálvia foram derrubados ou mexidos. Ele simplesmente queimaram até o fim, mas não muito tempo atrás pelo jeito deles.

Spade escovou uma mecha bagunçada do cabelo da Denise para trás, e eu recuei com o que ficou grudado na mão dele.

– Você pode nos dizer o que aconteceu, querida?

Pelo jeito que seu olhar parecia rolar pelo quarto, ela estava tendo problemas em se focar. Nenhuma surpresa aí. Eu estava encantada que ela estivesse até mesmo consciente. Ela deve ter sido baleada umas duas horas atrás para ter se curado tanto, mas até mesmo com suas habilidades regenerativas do seu sangue demoníaco, ela ainda estava em péssimo estado. Eu não tinha certeza de que um vampiro ou ghoul poderia ter sobrevivido a todo o dano que ela sustentou, ainda assim, apesar do fato de ela parecer ter pulado de cabeça em um picador de madeira, ela conseguiu murmurar uma resposta.

– Lisa e Francine... dormindo. Ouvi... barulho horrível. Vim até aqui... vi Helsing...

Meu gatinho não estava no quarto no momento, pelos dois únicos batimentos cardíacos que eu ouvia agora que Dexter tinha parado de latir. Helsing provavelmente estava se escondendo no andar de baixo. Todo o recente desentendimento com o Kramer ensinaram ao gatinho a procurar um esconderijo ao primeiro sinal de barulhos altos, portanto os tiros devem tê-lo feito correr.

Denise ergueu uma mão tingida de vermelho e vagamente apontou para a parede atrás dela.

– O tirei... do laço... então senti os tiros.

Laço? Aquilo desviou minha atenção para o cinto pendurado no trilho do closet, a parte de baixo dele moldado em um círculo. Todas as roupas foram empurradas para ambos os lados, deixando aquele único item no meio, mas com os restos do sangue da cabeça da Denise por sobre toda a parede, eu não



tinha focado naquilo á primeira vista.

Bones avançou ao redor do Spade e Denise para puxar o cinto, um músculo em sua mandíbula flexionado enquanto ele o cheirava.

– Como ele entrou, Denise? – Perguntei, ajoelhando-me para ficarmos ao nível dos olhos. – Você pode nos dizer qualquer coisa que pode nos ajudar a descobrir quem ele é?

Seu olhar girou ao redor novamente, e ela piscou várias vezes, como se estivesse lutando para ficar consciente. Foi Bones quem falou, e sua voz estava mais seca que cinzas.

– Ele não, Kitten. Ela.

Denise conseguiu acenar, enquanto seus olhos giravam para trás em sua cabeça. – Sarah, – ela murmurou logo antes de desmaiar. – Sarah atirou em mim.



Capítulo Trinta e Três

Eu não queria acreditar, mas mesmo com partes de sua cabeça ainda não regeneradas completamente, eu não duvidava da declaração de Denise. A mulher que pensávamos estar protegendo das intenções diabólicas de Kramer deve ter sido realmente sua *cúmplice*.

– Vou matar a cadela. – Spade falou por entre os dentes, brilho esmeralda em seus olhos e presas saindo de seus dentes superiores.

Pela fúria imensa emanando da aura de Bones, Spade teria que pegar uma senha e entrar na fila.

– Limpe Denise, Charles. – Bones disse. – Ela passou por maus bocados para acordar coberta em seu próprio sangue e cérebro novamente.

Spade pegou Denise, a carregando para fora do quarto enquanto ainda resmungava baixinho sobre todas as formas diferentes que ia matar Sarah. Eu ainda estava muito chocada para começar a planejar sua morte, mas eu sabia que minha própria fúria assassina viria logo.

– Kramer odeia mulheres, por que ele faria parceria com uma? – Eu quis saber, meio que tentando entender essa bomba.

– Fácil. Ele sabe o que pretende fazer com ela assim que ela cumprir sua utilidade. – Bones respondeu imediatamente.

De fato, ela tinha sido útil, fazendo seus inimigos a levarem direto para Lisa e Francine. Não é de se admirar que Kramer parecia tão convencido da última vez que o vi. A culpa me queimava por dentro. Prometemos a Lisa e Francine que a protegeríamos. Ao invés disso, ajudamos o conspirador em seus assassinatos a orquestrar o pior tipo de traição bem debaixo dos nossos narizes.

– Onde ela conseguiu a arma? – Ian perguntou.

– Mantivemos três delas aqui na esperança de o cúmplice acompanhar Kramer em seu ataque. – Spade respondeu de outro cômodo na casa. – Mostramos a cada uma das mulheres onde elas estavam, como usá-las... embora Sarah já soubesse atirar, vadia maldita.

Ela deve ter forçado Lisa e Francine a irem com ela sob a mira da arma. Depois do que viram o que ela fez com Denise, eu não tinha dúvida de que as mulheres tinham ficado horrorizadas demais para recusarem.



Bones me deu outro daqueles olhares indecifráveis antes de falar. – Ela não saiu com Lisa e Francine a pé. Você tinha outro carro aqui?

– Sim. – A amargura na voz de Spade era claro apesar dos sons de um chuveiro ligando. – Eu o deixei para Denise no caso de uma emergência.

O invés disso, Sarah o usou para levar Francine e Lisa, provavelmente as enfiando no porta-malas depois de amarrá-las e amordaçá-las. Se ela realmente quisesse garantir uma viagem tranquila, ela as teria golpeado na cabeça e nocauteado para a viagem. Só de pensar nisso me fez querer golpear a mim mesma na cabeça de frustração. Pela aparência de Denise, elas tinham ido embora há horas, tempo o suficiente para estarem bem longe agora. Provavelmente Sarah colocou seu plano em ação logo depois de Spade sair para nos encontrar na instalação.

Talvez ela tenha deixado alguma coisa que nos desse uma pista de para onde ela as estava levando. Duvidei disso, mas só ficar ali de pé estava me deixando louca. Deixei o quarto arruinado e desci as escadas, procurando por latas de lixo. *Por favor, que Sarah seja estúpida o suficiente para ter anotado informação incriminadora em alguma coisa e então jogada fora.*

– Estou surpreso que você não tenha escutado os planos dela em seus pensamentos, Crispin. – Ouvi Ian dizer.

– Elas eram dispersas, instáveis e frequentemente incoerentes. Achei que fosse por causa do abuso de Kramer, não intenções maliciosas. – Foi a resposta calculada de Bones. – Acredite, gostaria de ter prestado mais atenção.

Eu também, mas o pouco tempo que passamos com Sarah foi, na maior parte, enquanto estávamos voando. Aquilo a ver gritar mentalmente e verbalmente – sem muita coerência lá. Então enquanto esperávamos por Spade, ela só tinha mostrado um medo de vampiros – compreensível em noventa e nove por cento do tempo com pessoas que tinham acabado de descobrir sobre sua existência – e um desejo de encontrar Lisa e Francine.

Cara, estávamos errados sobre suas motivações por trás *daquilo*. A outra parte que causava náuseas de toda essa situação era saber que se Sarah era a cúmplice de Kramer e não sua terceira vítima, aquela mulher ainda estava lá fora. Como se fosse um lembrete impiedoso do quanto o tempo estava passando rápido, passei por um relógio em meu caminho para a cozinha. 3:05 da manhã, fazendo ser oficialmente 31 de outubro. Halloween estava sobre nós, e nós fomos os enganados, ao invés.

– Um de nós devia voar sobre a área para ver se podemos avistar o carro enquanto os outros ficam aqui e procuram por pistas.



Declarei, indo em direção a lata de lixo no canto.

– Alguém devia ir até o apartamento de Elisabeth também. Kramer deve ter danificado o telefone depois que ela enviou aquela última mensagem e ainda há uma terceira vítima para ser encontrada. Talvez Elisabeth tenha notado outra mulher que Kramer esteja rondando...

– Eu sei quem é a terceira mulher. – Bones declarou.

Aquilo me fez parar no processo de tirar pedaços de comida, papel e embalagens da lata de lixo da cozinha. Ele desceu as escadas, sua expressão congelada em uma superfície plana inflexível, esculpida de forma bela.

– Você sabe? Como? Quem é ela?

Aquele olhar castanho escuro não se moveu apesar do monte de perguntas que joguei nele. – É você, Kitten.

– Eu? – Exclamei em descrença. Toda a atividade no andar de cima parou com o súbito silêncio. – Não sou eu. Por que você pensaria...

– Você é a única que se encaixa. – Ele me cortou. – Em quem mais Kramer se fixou nessas últimas semanas? Você. Ele te seguiu por aí mesmo antes de saber que estávamos armando uma armadilha para ele, sempre atacando você primeiro, exceto a vez em que eu estava te beijando e ele tentou me matar por isso. O período em que ele escolhe suas vítimas se encaixa porque ele encontrou você justamente quando Francine e Lisa disseram que ele começou a atormentá-las. Você sofreu tragédias recentes como elas. Você está na área de Sioux City. Ele até fez Sarah tentar enforcar seu gato! Por que ele faria isso a menos que considerasse Helsing ser seu familiar como ele fez com os gatos de Lisa e Francine?

– Ele sabe que animais podem pressenti-lo. – Sussurrei, vacilando perante todos os pontos que Bones trouxe à tona.

– Sarah não fez nada com Dexter, fez? – Ele notou. – Você se encaixa perfeitamente no perfil de Kramer exceto por uma coisa – você não é solteira. Mas ele tem um plano para separar você de mim, e te digo agora, não vou permitir que isso aconteça.

Eu zombei para encobrir que percebi que tudo que Bones disse fazia sentido. Qual foi a primeira coisa que fiz quando encontrei Kramer? Disse a ele que eu tinha bruxaria em minhas veias e incitei um punhado de Remnants sobre ele. Ele me chamou de bruxa daquele dia em diante, entre outros nomes e falou sobre como eu iria queimar, mas eu desconsiderei, tratando aquilo como divagações sem sentido. Tarde demais, percebi que nada que Kramer



fazia era sem sentido.

Eu estava tão certa de que eu o venceria porque ele me subestimou. Parece que foi eu quem o subestimou.

– Kramer sabe que não pode nos separar. – Comecei, então a realização final me atingiu, fazendo eu fechar a boca.

Não, a menos que eu pensasse que indo até ele sozinha, eu poderia salvar Francine e Lisa.

O sorriso de Bones era mais um torcer de lábios. – É isso, amor, por isso que eu espero que não vá demorar até você ser visitada por um fantasma.

Ian deixou a casa para sobrevoar as áreas ao redor na hipótese de que Sarah fosse idiota o suficiente para estacionar o carro de Spade onde pudesse ser visto. Spade ficou no andar de cima com Denise, limpando-a e acelerando sua cura lhe dando um pouco de seu sangue. Pelo que eu pude ouvir, ela estava dormindo quase de forma normal agora, seu pulso não estava mais fraco ou inconstante. Bones estava no notebook de Spade, invadindo cada conta de Sarah que ele pudesse encontrar, para ver se ela possuía ou alugava alguma outra propriedade onde ela possa ter levado Francine e Lisa. Poderíamos esperar que ela fosse estúpida assim, mas se ela foi direcionada por Kramer, eu duvidava. O fantasma tinha provado ser mais do que esperto e haviam tantos lugares vazios e abandonados que eles podiam usar que não deixariam pistas levando até Sarah, seria um milagre se encontrássemos alguma coisa assim.

Encontrei Helsing escondido debaixo do sofá da sala de estar, achatado para caber no espaço estreito. Tive que erguer o sofá para ele sair, então passar vários minutos o adulando em meu colo. Ele sibilava se minha mão esbarrasse em seu pescoço quando eu fazia carinho, ou por más lembranças ou por ferimentos. Ou ambos. Dexter ficou perto dos meus pés, buscando garantia de proximidade, mas não ousando pular sobre o sofá onde ele estaria ao alcance das patas afiadas.

Tyler e minha mãe estavam a caminho. Não havia mais necessidade de eles esperarem até mais tarde. Bones colocou de volta no lugar a porta da frente, usando pregos para segurá-la já que as dobradiças estavam estragadas sem conserto. Qualquer um vindo ou indo teria que usar a porta dos fundos, evitando qualquer tipo de viagens espectrais. Ainda assim, a presença de Kramer parecia envolver a casa, zombando de nós pelo cheiro de sangue permeando através da porta do quarto fechado onde Denise tinha sido atingida, até os jarros de sálvia que tínhamos que continuar repondo e acendendo.



Quando eu ouvia o ruído das folhas do lado de fora, causado pelo vento ou os sons naturais da vida selvagem, eu não ficava surpresa. Tirei meu gato do colo, com cuidado para não empurrá-lo já que ele tinha que estar dolorido devido ao tratamento brusco de Sarah, e fiquei de pé.

Bones permaneceu no sofá, o notebook em sua frente, energia passando através de seus escudos por um momento.

– Veja se você pode juntar qualquer informação útil. – Ele disse, cravando um olhar firme sobre mim. – Mas você *não* vai partir com ele.

Aquela última parte foi dita com vontade de aço. Eu assenti, não discutindo porque eu não tinha intenção de ir a lugar algum com o Inquisidor. Pelo menos, não ainda.

Sai pela porta dos fundos da casa, indo em direção ao celeiro vazio onde ouvi aqueles sons de farfalhar. Eu não tinha trazido nenhuma sálvia acesa comigo, mas eu não esperava que Kramer tivesse vindo aqui para me atacar. Não, meu dinheiro estava no fato de ele vir aqui por dois motivos: para se alegrar com a desgraça alheia e para me fazer uma oferta que ele não achava que eu poderia recusar.

Como previsto, uma criatura vestida de túnica pairava cerca de meio metro do chão perto das portas abertas do celeiro. Estiquei minhas mãos para mostrar que elas estavam sem sálvia e parei há uns vinte metros dele.

– Se você me tocar nem que seja uma vez, essa conversa está encerrada. – Foram minhas primeiras palavras.

Pelo jeito que seus olhos brilharam, aquela declaração agradou o Inquisidor. – Você finalmente me teme, *Hexe*?

– Tenho pouca paciência. – Respondi. – Então jogar nossos joguinhos de costume está em último lugar na minha lista de coisas que quero fazer.

Ele veio perto o suficiente para que se esticasse seu braço, ele me tocaria, mas eu não me afastei. Não estava brincando sobre meu aviso. Se ele colocasse nem que fosse um dedo cheio de energia em mim, nossa conversa estava acabada e ele podia se enfurecer comigo enquanto eu voltava para dentro da casa cheia de sálvia.

– Minha serva trouxe as outras para mim. – Ele disse, claramente saboreando cada palavra.

Mesmo com nem um músculo em mim se movendo, a confirmação me atingiu como um soco no estômago. *Francine, Lisa, sinto muito.*



– Você veio até aqui para me contar algo que eu descobri depois de ver o cérebro da minha amiga decorando a parede? – Minha única risada estava cheia de escárnio. – Vamos lá, Kramer. Até mesmo você não é tão arrogante.

– Você não se importa mais com a vida delas? – Ele perguntou, estreitando aquele olhar verde para mim.

Eu dei de ombros como se não soubesse o que estava por vir. – Não há mais nada que eu possa fazer por elas agora, há?

A mesma brisa que ergueu meu cabelo ao redor dos meus ombros não fez nada ao fantasma na minha frente. Nem um centímetro da túnica manchada de lama de Kramer farfalhou e seu cabelo branco continuou a emoldurar aquele rosto enrugado e angular como palha esbranquiçada ao redor de couro velho.

– Você ainda poderia salvá-las... se você me derrotar em batalha essa noite.

E lá estava. Kramer sabia que eu teria que ir até ele voluntariamente. Ele não podia mandar sua cúmplice humana para me sequestrar, não com o jeito que Sarah teria sua garganta rasgada imediatamente.

Prometi a Bones que não sacrificaria minha vida, mas eu não podia virar as costas porque as apostas foram feitas. Porém eu não ia facilitar para o imbecil que era responsável por tudo isso. Ergui o queixo.

– O que te faz pensar que eu seria louca o suficiente para deixar a segurança de toda a sálvia que eu puder ter me rodeando para encontrar com você em algum lugar essa noite?

Kramer sorriu, devagar e confiante. – Porque, *Hexe*, você ainda acredita que pode me derrotar.

Certo como o inferno que eu posso! Eu queria gritar de volta para ele. Em seguida queria arrancar a tapas aquele sorriso arrogante de seu rosto e fazê-lo engolir aqueles restos de dentes marrons. Mas eu não podia fazer nada disso porque em seu estado sem forma, ele tinha toda vantagem e eu nenhuma.

Mas assim que o sol se pôr essa noite, ele seria sólido e as regras mudariam.

– Mesmo que eu pensasse isso. – Eu falei friamente. – Meu marido pode não querer que eu tente. Ele é do tipo protetor, como tenho certeza que você percebeu.



Pareceu que Kramer bufou. – Você não reconhece nenhuma autoridade masculina sobre você. Mesmo que ele se opusesse, você o desobedeceria.

As palavras “autoridade masculina” irritaram meu feminismo, como ele pretendia, sem dúvida. Mas eu aprendi da forma mais difícil – duas vezes – que era um erro virar as costas para Bones com a ideia errada de que alguns desafios só podiam ser superados se fossem encarados sozinhos ao invés de juntos.

Kramer não podia entender isso porque tal lógica era fixada em amor e respeito próprio, coisas totalmente diferentes para o homem cheio de ódio flutuando na minha frente. Então eu o deixei acreditar que estava certo.

Baixei a voz para sussurrar. – Eu faço o que precisa ser feito e se alguém não gostar, não importa quem seja, problema deles.

Satisfação passou rapidamente pelo rosto do fantasma e quando ele falou, sua voz era igualmente baixa.

– Sarah vai te encontrar na entrada do Parque Grandview em Sioux City. Ela terá instruções para te levar até mim, mas ela não vai saber onde as outras mulheres estão, então suas manipulações de mente serão inúteis nela.

Sorri ligeiramente. – Você não está esquecendo de me dizer para vir sozinha e desarmada?

Seu olhar me sondou com absoluto desprezo. – Traga qualquer arma que escolher, mas você já sabe que se não vier sozinha, nunca terá a chance de descobrir se pode me derrotar.

– Não toque nessas mulheres até você me ver novamente. – Falei para ele com um toque insolente do meu próprio olhar. – Não quero você cansado demais para uma luta antes de eu te colocar do outro lado da eternidade.

Sua boca se curvou com cruel antecipação. – Se você não aparecer ao anoitecer, saiba que aquelas mulheres irão sofrer mais do que todas as outras antes delas.

Então ele desapareceu sem querer ver se eu tinha uma resposta para isso. Eu não tinha. Implorar para ele ser misericordioso com Francine e Lisa só iria garantir que ele dispensasse uma tortura ainda pior. Tudo que eu tinha era minha esperança que Kramer tentaria poupar sua energia para mim – e que ele não confiava em mim o suficiente para ir realmente embora. Eu não podia mais vê-lo, mas isso não significava que o fantasma ainda não estava por perto. Ele podia estar vagando por ali para garantir que eu não corresse para dentro e contasse para Bones quando e onde eu devia me encontrar com Sarah. Ele



pode estar se perguntando se Bones tentaria fisicamente evitar que eu saísse.

Curiosidade matou o gato; eu esperava que isso faria um fantasma ficar por perto. Se ele estivesse aqui, então não estava brutalizando Francine e Lisa. Eu me virei e comecei a andar em direção a casa. Agora tudo que eu precisava fazer era persuadir meu marido a colocar de lado todo seu instinto protetor e seu senso inato de territorialismo de vampiro. Não era uma tarefa fácil, mas se eu não pudesse sugerir motivos lógicos do porquê essa era a decisão certa, então, afinal de contas, talvez eu não devesse ir até Kramer essa noite.



Capítulo Trinta e Quatro.

– Não. – Bones disse assim que eu entrei pela porta. Ele não estava mais no sofá e sim caminhando para a entrada, seus olhos brilhando verdes.

O sorriso mais ínfimo se repuxou em minha boca. Acho que Bones decidiu por um golpe preventivo. – Não o quê?

– Não, você não vai se trocar por elas. – Ele respondeu, caminhando até mim. – Eu te conheço muito bem e por mais que eu deteste a ideia de deixar Francine e Lisa morrerem, se é uma escolha entre você ou elas, é você.

Eu não disse nada sobre isso, somente andei pela casa e comecei a puxar as cortinas. Bones tinha suas emoções trancadas atrás de uma parede de ferro, mas pelo chiado de poder no ar, ele estava pronto para lutar comigo com unhas e dentes.

Estava tudo bem. Eu não esperava nada menos do homem por quem eu tinha me apaixonado. Assim que todas as cortinas estavam fechadas contra qualquer olhar indiscreto fantasmagórico, eu peguei uma caneta da cozinha e comecei a escrever no pedaço de papel mais próximo que encontrei, que era um recibo de mercado.

Kramer provavelmente está escutando, continue discutindo.

Sua risada foi curta e sem humor. – Sem problema, amor, porque isso não vai acontecer.

– É bem típico de você tentar me dizer o que fazer. – Eu disse enquanto escrevia *Kramer não quer uma troca, ele está me desafiando a sair e lutar com ele sozinho.*

– Você acha que eu deixaria você em qualquer lugar perto daquele fantasma quando ele tiver o corpo que precisa para sua intenção determinada de te estuprar e então te queimar viva? – Ele bufou. – Mesmo que eu não te amasse, eu não permitiria que isso acontecesse.

Eu não tinha mais espaço no recibo do mercado, então encontrei um livro que alguém tinha deixado na ilha na cozinha e arranquei algumas das páginas mais vazias do começo e do fim.

Comigo, seu corpo será sua fraqueza, não sua força.

– Eu posso me cuidar. – Disse em voz alta, exatamente como Kramer esperaria que eu fizesse. – E você não fique por aí me dando ordens.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110566562>

– Você é tão tola que preferiria morrer do que ouvir a razão?

Raiva e frustração fluíram ao meu redor, vindo de sua aura, mas apesar de suas palavras serem frias, ele leu a página que entreguei a ele. Se ele realmente queria dizer o que disse, ele não ia se importar.

Vá para o apartamento de Elisabeth. Diga a ela que Sarah irá me encontrar na entrada do Parque Grandview em Sioux City ao anoitecer. Ela pode nos seguir de lá, então dizer a você onde Kramer e eu estaremos. Eu o seguro tempo suficiente para você chegar lá. Então o pegamos na armadilha. O mesmo plano de antes, só que eu o levarei até ele ao invés das mulheres levarem ele à nós.

Kramer achou que eu cairia de vítima do meu orgulho e, com isso, concordaria em encará-lo sozinha, mas com duas outras vidas inocentes em risco, eu queria apoio. Não lutaria limpo e eu não tinha intenção alguma em ser a única jogando pelas regras.

– Há risco demais, coisa que você veria se não estivesse cega pela sua própria arrogância. – Bones disse asperamente.

Eu não sabia se era ele atuando ou eu falhando em fazer progresso em meus argumentos, então eu escrevi minha resposta àquela acusação.

Kramer não seguiu Elisabeth até a casa de Spade. Ele seguiu meu sinal e nos encontrou. Ela é uma perita em se esquivar dele. Isso vai funcionar.

Em voz alta eu disse – Arrogante? Você deve saber já que parece achar que pode tomar todas as decisões por mim! Não sou uma criança, Bones. Você não pode me dizer o que fazer e simplesmente esperar que eu obedeça.

Eu tive que te deixar ir sozinho quando foi desafiado para um duelo, escrevi, olhando para ele assim que terminei. Foi mais difícil do que o inferno, mas eu o fiz.

Ele murmurou uma maldição enquanto passava a mão pelo cabelo. – Não é a mesma coisa.

Minha caneta voou pela página. *Sim, é, e assim como Gregor não teria parado se você recusasse seu desafio, Kramer não irá parar também. Ele nunca hesita quando escolhe um alvo e ninguém pode se esconder dos mortos para sempre! E se ele me atacar enquanto eu estiver em uma luta com outro vampiro? Estou em maior perigo se eu NÃO for.*

– Essa não é a primeira vez que encarei a morte e eu não pretendo que seja a última. – Eu disse, repetindo as mesmas palavras que ele me disse antes de lutar naquele duelo fatídico. – Escolhi viver uma vida perigosa, mas é



quem eu sou e isso não mudaria mesmo que nós não tivéssemos nunca nos conhecido.

O sorriso mais revelador tocou sua boca mesmo que sua aura mostrasse perigosos pulsos de energia guiada por emoção.

– Golpe baixo, Kitten.

Sustentei seu olhar com um sorriso fraco. – Alguém uma vez me ensinou a levar todo golpe sujo e baixo para uma briga.

Seu olhar era tão intenso que eu meio que me perguntei se ele podia, de alguma forma, enxergar dentro da minha mente. Isso seria de grande ajuda. Então ele saberia que não era meu orgulho falando. Era minha experiência. Eu não era como as outras mulheres que Kramer escolheu ao longo dos séculos. Nenhum sistema de leis arcaico estava contra mim, eu não fui abandonada por amigos e família e posso ser de carne e osso, mas eu não era humana. Assim como o Inquisidor não tinha sido humano por um longo, longo tempo. Comigo, Kramer iria finalmente estar escolhendo alguém do seu próprio tamanho.

Kramer só tinha me visto correr antes. Ele nunca tinha me visto fincar o pé e lutar. Essa noite, eu mostraria a ele por que o mundo dos mortos vivos se referia a mim como a Red Reaper.

Bones me agarrou de repente, sua boca batendo sobre a minha com um beijo tão forte que senti gosto de sangue quando ele levantou a cabeça. Mas isso não me incomodava. Lambi o sangue dos meus lábios com uma fome que combinava com o fogo em seu olhar, querendo jogá-lo no chão e o possuir com força suficiente para deixar buracos na madeira. *Eu te amo*, balbuciei, puxando sua cabeça para baixo para outro beijo arrebatador e violento.

Ele puxou minha boca para seu pescoço, quase forçando minhas presas em sua pele com o jeito que se esfregou contra mim. Eu o levantei na exigência silenciosa e mordi, bebendo profundamente quando seu sangue veio, sem gemer de prazer porque eu não sabia o quanto Kramer estava perto para poder ouvir. Suas mãos passaram sobre mim em um carinho poderoso e possessivo enquanto eu bebia, absorvendo a força tanto como os nutrientes daquele líquido. Quando o vermelho fluiu lento como em gotas apesar da minha sucção e Bones disposto a mandá-lo para mim, eu parei, lambendo seu pescoço livre de qualquer traço demorado. Eu me sentia pesada e satisfeita, meus sentidos zunindo pelo excesso do meu banquete. Normalmente eu bebia metade daquilo quando me alimentava dele, mas eu sabia por que ele queria que eu o drenasse. Ele podia repor, mas assim que ele se fosse, eu não podia.

Ele segurou meu rosto quando me afastei, olhando fixamente em meus olhos enquanto baixava seus escudos e deixava sua aura fluir sobre mim,



entrelaçando em minhas emoções até eu não poder dizer onde meus sentimentos terminavam e os dele começavam. Pela frustração, amor, luxúria e preocupação emanando dele, eu adivinhei que ele queria fazer amor comigo até nenhum de nós conseguir pensar... e então me amarrar e empilhar rochas pesadas sobre mim até depois do sol nascer. A intensidade em todos aqueles sentimentos me disse que a última coisa que ele queria fazer foi o que ele fez em seguida.

– Não vou ficar aqui e ouvir mais nenhuma das suas ideias ridículas. – Ele disse, nada além de frieza em sua voz. – Você quer jogar sua vida fora? Ótimo, mas você fará sem mim. Está acabado.

Se eu não estivesse amarrada tão profundamente em suas emoções, ouvir isso teria acabado comigo. Mas eu sorri, apertando suas mãos e sentindo meu coração transbordar. Ele retribuiu o aperto antes de levá-las aos lábios e dar um beijo silencioso e fervente nelas.

Em seguida ele as soltou, se virou e saiu andando, batendo a porta atrás dele.

Ian entrou na casa logo depois de Bones sair. Kramer não deve ter sido o único do lado de fora escutando. Ele olhou para mim, ergueu uma sobrancelha, então pegou uma das páginas com minhas palavras escritas apressadas e leu.

– Já que você e Crispin terminaram agora e eu ainda tenho algumas horas para matar, que tal aquela transa? – Ele perguntou com uma pesada ironia.

– Me morde. – Suspirei, recolhendo as páginas.

Ele piscou. – Claro. Minha segunda coisa favorita para se fazer na cama.

Não respondi por que eu sabia que Ian não estava falando sério. Ele leu o suficiente para perceber que nosso rompimento foi encenado, mas confie no Ian para não perder uma chance de ser um idiota. Spade desceu a escadaria em seguida. Sua expressão cautelosa quando olhou para mim dizia que ele não estava ciente de que o que ouviu era falso. Ele testemunhou um rompimento real entre mim e Bones antes e teve que colocar juízo na cabeça de nós dois mais tarde, então provavelmente ele estava pensando, *Cara, de novo não.*

Entreguei a ele as páginas e fiz um sinal positivo com o polegar. Depois de um breve momento, sua carranca suavizou, substituída por uma presteza letal quando olhou para mim. Então ele pegou a caneta e escreveu três palavras no espaço que restava na página.



Eu vou também.

Eu não disse nada. Depois do que Sarah tinha feito a Denise, nenhum argumento que eu fizesse, verbalmente ou qualquer outro tipo, iria persuadi-lo a não ir.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cm=110566562>

Capítulo Trinta e Cinco.

O motorista de taxi parou ao longo da rua e eu olhei de relance a distância até o teatro ao ar livre em forme de uma enorme meia concha.

– Aqui estamos. – Ele disse alegremente.

Verifiquei o taxímetro e tirei do bolso a quantia apropriada de dinheiro. – Obrigada e fique com o troco.

– Tudo bem. Feliz Dia das Bruxas.

Era por isso que eu estava esperando também. Sai, vendo as luzes traseiras desaparecerem enquanto ele ia embora. Então apertei minha jaqueta de couro ao meu redor e me inclinei contra a placa de boas vindas, esperando.

Quinze minutos mais tarde, quando o céu tinha mudado de índigo para negro e estrelas substituíram os últimos fracos raios de sol, um brilhante Mercedes classe E sedan encostou, o tipo e modelo do carro que Spade deixou para Denise. Como previsto, a janela escura desceu para revelar Sarah na direção, seu cabelo preto puxado para trás no mesmo tipo de coque simples que Elisabeth normalmente usava. Em Elisabeth, aquele estilo destacava suas feições que eram adoráveis sem o menor toque de maquiagem. Em Sarah, só servia para fazê-la parecer mais cruel, chamando atenção para as sobrancelhas espessas que precisavam de uma boa depilação e uma boca que estava comprimida em uma linha fina e apertada.

– Se você me matar, nunca irá encontrar as outras mulheres. – Foram suas primeiras palavras quando abri a porta do passageiro.

Seus pensamentos eram aquela mesma mistura de medo e ódio contra um ruído de fundo mais amplo que agora eu reconhecia como sendo uma marca da insanidade. Quando nos conhecemos, achei que tinha sido Kramer quem a deixou louca. Agora eu percebia que provavelmente foi a instabilidade de Sarah que levou o Inquisidor até ela em primeiro lugar.

– Oh, eu não vou te matar agora. – Eu disse a ela, escorregando para o assento. – Você vai morrer essa noite, não se engane, mas é melhor você esperar que seja pelas mãos de outra pessoa e não de Kramer.

Seu olhar cor de topázio passou rapidamente pelo meu antes de ela desviar o olhar rapidamente. – Ele me disse que você mentiria para mim, mas eu já sabia que bruxas eram incapazes de dizer a verdade.

Bufei amargamente. – Eu não sei o que te corrompeu, Sarah. Talvez



tenha sido uma educação de merda, talvez tenha sido um cara que você amou te abandonando por outra mulher, mas lembra, “O que você fizer, voltará para você”? Você vai descobrir o que isso significa e, uau, você vai desejar não ter descoberto.

– Não vou ouvir mais suas mentiras, coisa suja. Ela sibilou. Então dirigiu cerca de cem metros antes de encostar e estacionar em uma parte mais escura fora do acostamento. Ergui as sobancelhas. Kramer não podia ser tão idiota para nos encontrar aqui, podia?

– É esse o lugar ou você esqueceu onde devemos ir?

Sarah pegou as chaves e saiu, as batendo no teto do carro em um ritmo nervoso. – Kramer diz que você me levará voando para onde ele está.

Oh-oh. Eu não olhei em volta para o fantasma que eu sabia que Bones tinha enviado aqui, mas esse foi meu primeiro instinto. Se eu voasse, Elisabeth não seria capaz de me seguir e isso iria bagunçar o resto dos nossos planos.

Sarah tinha me visto voar? Não, Bones tinha me arrancado daquela rua e voado com nós duas para o Parque War Eagle. Kramer não deve ter me visto voar também, porque Bones tinha voado comigo quando pegamos Francine também. Talvez ele estivesse apenas enviando Sarah para uma sondagem.

– Nem todos os vampiros podem voar. Sou muito nova para já ter esse poder. – Eu disse a ela, não me movendo do assento.

Aquelas chaves bateram mais forte no teto. – Você está mentindo de novo. Kramer me disse que viu você voar perto de uma caverna em Ohio. Você vai me levar voando até ele ou ele vai saber que você o enganou e aquelas outras bruxas vão pagar pelo seu crime.

Cerrei os dentes. Aquilo estava certo; voei com Bones quando evacuamos minha mãe, Tyler e nossos animais da caverna em Ohio. Pensamos que Kramer tivesse partido porque o massacre aos soldados de Madigan tinha parado, mas o merdinha ordinário deve ter ficado por perto nos observando. E ele obviamente suspeitou que eu tivesse aliados fantasmas me seguindo essa noite para insistir que eu voasse até ele ao invés de deixar Sarah me levar de carro. Talvez eu estivesse errada e ele não achasse que eu estava cega por um desejo vil de derrotá-lo sozinha. Era isso ou ele era cuidadoso demais para arriscar.

Assim que eu chegasse, levariam várias horas para Elisabeth e Fabian me localizarem se concentrando em meu fraco poder. Kramer devia saber quanto tempo levou para ele me alcançar daquele jeito, então ele sabia que tinha um bom tempo para trabalhar. Maldito fantasma estava se cercando por



todos os lados.

Pensei no quanto minhas habilidades emprestadas tinham enfraquecido. Então pensei sobre todos os perigos válidos que ouvi se não conseguíssemos derrotar Kramer quanto mais cedo melhor. Devia existir um meio de enfrentar Kramer sem virar as costas para Bones e os outros.

Sarah bateu novamente no teto. – Não vou esperar mais. Se você não fizer como ele diz, vou embora.

Oh, eu queria levá-la bem alto no céu, tudo bem. E então largá-la para que eu pudesse apreciar ouvir seus gritos antes de ela se espatifar no chão. Mas se eu mantivesse Kramer esperando muito mais tempo, eu tinha certeza de que ele colocaria seu novo corpo em uso repulsivo. Frustração me fez apertar os punhos. Se eu tivesse mais daquele poder emprestado dentro de mim, mas não, eu estava presa no estágio final de “faíscas, mas nenhum fogo” de minhas habilidades.

Embora... talvez meus poderes de Marie ainda funcionassem se eu desse a eles o próprio acelerador.

– Esgotou seu tempo. – Sarah disse friamente, se inclinando para me encarar através da janela do lado do motorista.

Sai do carro e dei de ombros. – Tudo bem, eu posso voar. – Então abri um sorriso cheio de dentes para ela. – Mas eu não posso pousar tão bem e essa é honestamente a verdade. Então seria melhor você se preparar na descida, porque provavelmente vai doer.

Voei sobre os vastos campos intercalados por casas e na maioria estradas vazias, procurando pela fazenda Pumpkin Town que Sarah me falou. Claro, eu já devia ter passado por ela várias vezes. A área toda era uma Meca agrícola, com soja, feno e campos de milho rodeando casas de fazenda, celeiros e várias instalações de armazenamento. A essa altura, os campos de milho dourados me lembraram da noite que Bones me levou voando e o arrependimento apertou um nódulo na minha garganta. Bones ficaria tão preocupado quando Elisabeth lhe desse a notícia de que eu tinha voado para o meu encontro com Kramer, mas se ele usasse aquela lógica infalível dele, ele perceberia que eu ainda tinha a habilidade de deixar um rastro de migalhas de pão levando até mim. Apesar de esse não ser o plano que ele e eu discutimos anteriormente, podia ainda se tornar o mesmo. Estaria só cortando para mais perto do que qualquer um de nós preferia.

Coloquei minha culpa e todas as minhas emoções mais frágeis de lado.



Eu não precisava delas agora. Eu precisaria delas mais tarde quando estivesse com Kramer.

Mais luzes do que o normal se juntavam cerca de um quilômetro e meio à frente. Voei em direção às elas, notando, com zombaria, que Sarah tinha os olhos fechados bem apertados. Nenhuma ajuda da parte dela.

Então voei mais baixo para ver se um daqueles campos de milho tinha um grande labirinto esculpido nele. Isso seria mais fácil de visualizar do que procurar por um sinal que estaria virado para a rua e não para o céu. Como era de se esperar, do lado de fora do círculo de árvores que rodeavam uma casa pitoresca, celeiro, canteiro de abóboras e estábulo estava um campo de milho com um padrão abstrato distinto esculpido nos caules. Diferente da maioria das outras casas pelas quais sobrevoei, esse lugar estava também pulando com atividade. Dúzias de carros estavam estacionados ao longo de uma parte limpa do campo. Música, efeitos sonoros assustadores e vozes vieram até mim. Uma análise mais detalhada revelou que o labirinto tinha pessoas fantasiadas passando por ele.

Pelos gritos, era uma celebração de Halloween com famílias e crianças. Melhor esse não ser o lugar que Kramer escolheu para seu pequeno evento horrível.

– Abra os olhos. – Eu disse, dando uma forte sacudida em Sarah. – É esse?

Ela só precisou abrir um pouquinho os olhos antes de balançar a cabeça. – Sim. Leve-nos ao segundo campo a oeste do labirinto.

– Oeste? Diga-me direita, esquerda, para cima ou para baixo.

Eu repreendi. Tinha sido difícil o suficiente encontrar o lugar considerando que eu estava alto demais para ver as placas na rua. O que era provavelmente uma viagem de apenas quarenta minutos de carro do Parque Grandview tinha me custado mais de uma hora porque eu não estava acostumada a navegar pelo equivalente a imagens de satélite. Eu tinha olhado mapas suficientes das áreas ao redor de Sioux City para saber que Orange City estava para cima e para a direita dela, mas todos os meus repetidos sobrevoos não tinham sido protelação. Eles tinham feito eu me perder.

– Você não sabe onde é oeste? – Sarah perguntou com descrença.

Eu não ia soltá-la no chão. Eu ia *arremessá-la*. – Eu pareço ter uma bússola em mim?

Sarah acenou com a mão para o céu. – Você não pode usar as estrelas



para navegar?

– Tenho 29 anos, não duzentos e vinte e nove. Eu navego com GPS, MapQuest ou TomTom. Não com a porra das estrelas, ok?

Ela suspirou com irritação. – Tente o segundo campo a direita do labirinto. Se não for ele, andaremos até ele nos encontrar.

Seus pensamentos ainda estavam muito dispersos para eu detectar se ela estava ou não mentindo. Se Kramer realmente estivesse aqui, eu não precisaria mais dela; mas para o caso de isso ser algum tipo de teste, eu a manteria viva. A mulher estúpida não percebia que ao matá-la, eu estaria lhe fazendo um favor.

Eu me dirigi para o segundo campo de milho que não foi danificado a direita do labirinto e descí. Mesmo com pessoas a menos de um quilômetro de distância, a falta de luzes sobre essa parte combinada com nossas roupas escuras contra o céu noturno devia nos deixar invisíveis. Reduzi o melhor que pude e rolei assim que atingi o chão, soltando Sarah. Aquela rodada significou que arranquei quase dez metros de vegetação seca em meu pouso, mas também significava que amorteci o impacto. Sarah não rolou e um grito agudo de dor escapou dela quando ela bateu em meio ao milharal.

– O bebê fez dodói? – Perguntei, resistindo a vontade de chutá-la enquanto ela estava se retorcendo no chão segurando com força o tornozelo.

– Sua vaca, você quebrou meu tornozelo! – Ela esbravejou para mim.

Com a música próxima, efeitos sonoros, risadas e gritos de prazer devido aos sustos armados ao redor daquela parte da fazenda, nenhum dos festeiros de Halloween iria ouvi-la. Então eu não hesitei em me aproximar, calmamente pegando seu pé ferido em minha mão e então girar para o lado com força o suficiente para eu sentir o osso quebrar.

– Agora eu quebrei seu tornozelo. – Eu disse a ela.

Sarah chorou pra valer, mas apesar de eu não estar preocupada em sermos descobertas, aquilo estava ferindo meus ouvidos. Coloquei uma mão sobre sua boca.

– Pare de chorar antes que eu realmente lhe de motivos para isso.

Aquela velha ameaça de pais funcionou. Ela engoliu seu choro alto e tentou se agarrar em meu braço para levantar. Eu ponderei em empurrá-la, mas decidi que isso levaria mais tempo para chegar até Kramer se ela estivesse pulando e saltitando em um pé, então eu a deixei se apoiar em mim. Ela não falou, mas seus pensamentos eram uma mistura odiosa de estática e



prazer loucos quando contemplava a forma como eu ia queimar, primeiro na terra e depois no inferno.

Encantador.

– Ou você prossegue ou eu te deixo para trás, não me importa o que. – Eu disse e comecei a andar. Eu não estava certa se estava indo na direção certa, mas se Kramer estivesse lá, ele deve ter visto nosso pouso forçado. O fantasma saberia por estar olhando para o céu, diferente das famílias no labirinto e ao redor da área da casa da fazenda. Eu não tinha visto outras luzes no campo fora de onde a festa estava acontecendo, então se ele estivesse lá, ele estava se escondendo.

Sarah mancava do meu lado, seus dedos afundando no meu braço e soltando pequenos uivos a cada passo. Entre isso, o barulho de papel crepitando que as milhares de espigas de milho secas faziam quando batiam umas nas outras e a alegria da outra parte da fazenda eu não podia ouvir se mais alguém estava aqui conosco.

Maldito Kramer. Eu me perguntei por que ele escolheria um lugar como esse para seu encontro. Agora eu sabia. Eu não podia focar em nenhum movimento suspeito que o detectasse porque tudo ao redor de mim se movia. O milho era mais alto que eu e tudo parecia igual, fazendo com que eu fosse incapaz de dizer se estava andando em círculos ou não. Ruídos eram engolidos por sons naturais e artificiais e todas as pessoas do outro lado dos campos me impediam de sobrevoar baixo a área para ver se eu podia localizar a ele, Francine ou Lisa daquele jeito. Meu pouso pode não ter sido visto, mas uma mulher voando por aí como um morcego, devagar e baixo o suficiente para detectar qualquer coisa nessa enorme tela mutável eventualmente seria.

Por isso que eu não tive aviso antes de uma dor pura e quente romper em minhas costas. Uma, duas, três vezes em rápidas sucessões, transformando meu peito em algo que parecia um lago derretido de agonia. Eu balancei, derrubando Sarah, que gritou quando pisei em seu tornozelo tentando me manter de pé. Seu movimento me fez perder o equilíbrio, até mesmo meus reflexos naturais de vampiro foram incapazes de evitar que eu caísse. Eu me virei no último momento, ainda batendo no chão, mas o fazendo sem ser de cara.

Eu queria ficar de pé, mas não podia. A lentidão pouco comum em meus membros e a queimação contínua em meu peito me disse que eu não tinha sido atingida por balas normais. Elas eram de prata.

Tive uma fração de segundo para ver um homem de cabelos brancos se aproximar de mim, uma túnica preta de monge se agitando com a brisa e uma



mão muito corpórea apontando uma arma para mim. Então ouvi outro estrondo, senti minha mente explodir em dor, mas não pude ver mais nada.



Night Huntress

Equipe Oficial de Tradução:

<http://www.otkut.com.br/Main#Community?cm=110566562>

Capítulo Trinta e Seis

Minha cabeça palpitava como se alguém tivesse enfiado fogos de artifício em meu cérebro e os estivesse tirando. Essa foi a primeira coisa que fiquei ciente. A segunda era a queimação em meu peito, tão intensa que enviava pulsações de dor para o resto do meu corpo. A terceira foi que minhas mãos e pés estavam amarrados a alguma coisa alta e dura atrás de mim. A quarta foi a mais preocupante de todas: eu estava molhada e não era de água. O forte cheiro de gasolina encheu minhas narinas sem eu precisar aspirar o ar.

– Queime-a. Queime-a agora, antes que ela acorde! – Uma voz familiar encorajava.

Sarah. Eu devia tê-la matado quando tive a chance. Era sempre bom aprender com os erros.

Abri os olhos. Kramer estava há alguns metros de distância no meio de uma clareira triangular entre os altos pés de milho. Sarah estava ao lado, mas fora, mas Lisa e Francine completavam os outros dois cantos do triângulo. Elas estavam acorrentadas como eu a postes altos de metal cravados no chão, mordanças em suas bocas, olhos arregalados de horror quando olharam para mim. Apesar de que, diferente de mim, nenhuma delas tinha uma grande faca de prata enfiada em seu peito. A lâmina parecia emitir uma fonte constante de ácido, escaldando minhas terminações nervosas e drenando minha força. Mas apesar de estar perto do centro do meu peito, ela não estava em meu coração. Ou Kramer tinha errado deliberadamente porque ele não queria arriscar em me dar uma morte fácil ou sua pontaria não era tão boa quanto ele pretendia.

Kramer puxou um grande livro amarrado com couro das dobras de seu novo manto preto com capuz. Acho que ele cansou daquela velha túnica enlameada à qual era preso a ela quando estava na forma de vapor. Seu olhar parecia brilhar com um triunfo malicioso quando ele abriu o livro e começou a ler em voz alta.

– Eu, Henricus Kramer Institoris, Juiz nomeado no interesse da fé, declaro e pronuncio a sentença de que vocês que estão aqui são hereges impenitentes e assim como tais devem ser entregues a justiça. – Ele entoou e apesar da versão original do *Hammer of Witches* em latim, ele fez questão de falar em Inglês para que nós entendêssemos.

Eu não tinha uma mordança, provavelmente porque Kramer sabia que eu não ia me incomodar em gritar por socorro, mas isso não significava que eu ia ficar em silêncio.



– Eu li isso, sabe. Sua prosa era chata e repetitiva e seu uso exagerado de letras maiúsculas para ênfases dramáticas era no máximo juvenil. Ah inferno, vou dizer de uma vez – é uma porcaria. Não é de se imaginar que você teve que falsificar seu endosso.

Agora seu olhar brilhava de ultraje. Ele fechou o livro com um estrondo, se aproximando de mim. Escritores eram tão sensíveis quando se tratava de crítica.

– Deseja morrer agora, *Hexe*? – Ele sibilou para mim. Então se inclinou pegando algo fora do meu campo de visão. Quando ele se levantou, tinha uma lanterna à óleo em sua mão, a chama laranja dourada acariciando o vidro que a rodeava como se implorasse para ser libertada.

Olhei sobre seu ombro, para Sarah, que estava praticamente vibrando com excitação com a possibilidade de ele tacar fogo em mim.

– Ela pode não saber qual é sua rotina, mas eu sei. – Eu disse suavemente. – Então baixe a lanterna. Você não vai me queimar ainda e nós dois sabemos disso.

– O que ela está dizendo? – Sarah quis saber, andando apressadamente até lá.

Suas sobrancelhas brancas se uniram e eu permiti que um pequeno sorriso brincasse em meus lábios. – Terrivelmente mandona com você, não é? Mais uma vez faz sentido. Ela veste as calças e você é quem usa vestido.

Ele deu um soco, mas não me atingiu. Ele atingiu Sarah bem quando ela se inclinava para se firmar em Kramer. Ela caiu, vermelho jorrando de seu nariz. Agora que ela tinha cumprido sua utilidade, ele não ia mais esconder suas intenções em relação a ela.

– Por quê? – Ela falou engasgada.

Sua mágoa e confusão eram claras em seu rosto, mas só depois me ocorreu que eu não poderia ouvir isso em seus pensamentos. A mesma coisa com Lisa e Francine. Elas tinham que estar gritando em pânico em suas mentes, mas tudo que eu ouvia delas eram seus batimentos cardíacos disparados e a respiração rápida através de suas mordanças.

A bala de prata que Kramer atirou em minha cabeça não só tinha me feito apagar por tempo suficiente para ele me amarrar e molhar com gasolina. Ela também deu um curto circuito nas minhas habilidades de ler mentes. Mais um ou dois rounds e eu estaria mortinha, mas claro, Kramer ainda não me queria morta. Olhando pelo lado positivo, eu podia me concentrar melhor sem



ouvir os pensamentos nervosos de todo mundo.

– Não fale mais nem uma palavra, *hure*. – Kramer rosnou para Sarah.

– Isso significa prostituta. – Eu informei. – É como ele vê todas as mulheres. Acostume-se a ouvir isso pelo resto de sua curta vida.

Aquilo me rendeu um tapa no queixo com as costas da mão, mas comparado a ser esfaqueada e baleada, isso era um tapa de amor. – Devagar no empurrão, você não quer aquela prata rasgando meu coração e terminando com sua diversão tão cedo. – Eu o provoquei.

Ele olhou para a faca em meu peito e baixou seu punho fechado. Não movi um músculo, mas internamente comemorei. Meu blefe tinha funcionado. *Então você não sabe que tem que atravessar meu coração ao invés de só furá-lo.*

Lágrimas rolaram pelas bochechas de Sarah, ou de dor, por seu nariz quebrado, ou por perceber que Kramer era tudo que eu tinha falado antes. Eu não conseguia sentir pena dela. Ela atirou na minha melhor amiga tantas vezes que ela tinha que acreditar que Denise estava morta. Se não fosse pelo status sobrenatural de Denise de um entre um milhão, ela *estaria* morta. Então Sarah tinha sequestrado Francine e Lisa e as trouxe como presente para esse monstro, esperando vê-las queimar até a morte.

Não, eu não tinha pena por ela estar com os olhos cheios de lágrimas ao descobrir que também estaria a mercê da brutalidade de Kramer. Quando ele deu um chute na barriga de Sarah em seguida, fazendo com que ela se dobrasse ao meio e soltar um grito sofrido, eu ainda não sentia pena dela. Aquilo dói mil vezes menos do que ser queimada, eu sabia por experiência própria e, considerando seus crimes, ela merecia.

Em seguida ele enfiou seu pé com botas em seu tornozelo quebrado. Com seu novo grito ofegante e o farfalhar constante dos pés de milho ao nosso redor, não ouvi os ossos quebrarem, mas provavelmente eles quebraram. Ela se curvou em posição fetal, chorando e implorando por misericórdia que ela nunca encontraria com o Inquisidor. Depois de um último chute em suas costelas, Kramer voltou sua atenção novamente para mim, deixando ela se contorcendo de dor no chão.

Eu não disse nada quando ele se aproximou. Além do livro, ele tinha uma bolsa perto do meio da clareira e eu podia imaginar os vários utensílios de tortura que devia conter ali. Já que Kramer a deixou lá, ele tinha outros planos para mim no momento e eu não precisava ler mentes para adivinhar quais eram.



– Você confessa seu pacto com o Diabo, *Hexe*? – As palavras foram faladas suavemente, um tom quase lisonjeiro. – Se você confessar, eu posso poupar sua vida.

Aquilo me fez bufar. – Mesmo que eu não soubesse por Elisabeth, você esqueceu a parte em que eu *li seu livro*? Isso inclui a parte onde você justifica mentir para as prisioneiras sobre deixá-las viver como parte de ser um bom Inquisidor.

Sua primeira pancada foi em meu queixo, fazendo meu lábio sangrar antes de se curar. – Confesse e renuncie sua aliança com o Grande Enganador!

– A julgar por quanto Sarah ficou surpresa quando você se virou contra ela, eu diria que esse rótulo se encaixa um bocadinho a você, também. –Eu observei.

Ele juntou as sobrancelhas e avançou até aquele hálito fedido me deixar contente por não precisar mais respirar. – Você me provoca como se quisesse que eu continuasse.

Encolhi os ombros tanto quanto minhas mãos amarradas permitiram. Eu tinha um plano, mas não ia deixá-lo saber. Além do mais, quanto mais sua atenção estivesse em mim ao invés de Francine e Lisa, eu aguentaria todo o abuso que ele pudesse proferir.

Bem, dentro dos limites, eu corrigi a mim mesma quando ele agarrou o centro da minha camisa e cuidadosamente afastou o tecido do punho da faca. Ele já tinha tirado minha jaqueta e feito alguma coisa com ela, me deixando com minha simples blusa de botões e jeans. Assim que minha blusa estava livre da lâmina, ele a puxou em direções opostas para abrir com sua força não natural. A lanterna lançava uma luz trêmula sobre seu rosto enquanto ele olhava meus seios. Impacientemente, ele puxou a frente do meu sutiã onde estava o fecho.

Eu apostaria meu anel de casamento de diamante vermelho que um porco como ele só tinha sido capaz de se excitar quando era humano se a mulher estivesse indefesa e apavorada. Agora que ele era um fantasma vestido com um corpo, provavelmente ele não tinha esse problema; mas com o olhar que ele me deu quando abriu meu sutiã, ele queria que eu me encolhesse de vergonha. Eu não fiz isso; só minha pele estava nua, mas era a alma dele que estava exposta com essas ações. Eu não fiquei com vergonha quando Kramer tocou bruscamente meus seios, evitando a faca entre eles. Eu fiquei furiosa. Eu queria fazê-lo em pedaços, então queimar cada um deles até virarem cinzas, mas raiva não era o que eu precisava nesse momento. Para enviar meu sinal



LoJack* sobrenatural, eu precisava de outra coisa.

**LoJack é um dispositivo popular nos Estados Unidos, instalado em alguns carros, que permite que sejam rastreados depois de roubados. O nome "LoJack" é uma brincadeira com a palavra "Hijack", que significa "roubar".*

Não foi difícil espremer culpa e arrependimento suficiente para fazer minha garganta apertar e meus olhos ficarem úmidos. Tudo que eu precisava fazer era lembrar um dia há vários anos atrás, quando beijei Bones, disse a ele que o amava... e então o traiu partindo sem deixar pistas. Naquela época, eu pensava que deixá-lo era o único meio de protegê-lo e Don fez um bom trabalho em me manter escondida por mais de quatro longos anos. Mas isso só serviu para deixar nós dois miseráveis até Bones finalmente me encontrar.

Quatro anos. Estivemos separados por mais tempo do que estamos juntos e isso foi porque eu virei minhas costas quando eu devia ter fincado o pé. Bones pode ter me perdoado por isso, mas eu nunca me perdoaria. A lembrança de um erro que eu gostaria de poder desfazer mais do que qualquer outro fez aquela umidade sair dos meus olhos e se espalhar pelas minhas bochechas. As lágrimas fluíram mais rápido, pingando em suas mãos. Kramer parou de apertar meu corpo para olhar para a umidade rosa com cruel satisfação.

– Chore mais de suas lágrimas de sangue, Hexe. Elas só provam seu vínculo com Satã.

– O que elas provam é que vampiros não tem tanta água em seus corpos como os humanos, idiota. – Eu disse, saboreando o sonoro tapa que ele me deu porque fez com que mais umidade necessária caísse do meu olhar.

Então ele percorreu sua boca mofada pela minha pele, com cuidado com a faca, seus poucos dentes marrons deixando ranhuras no meu corpo. O nojo me arrepiou, mas eu lutei para ignorá-lo, desviando meus pensamentos de náusea e arrependimento para o branco e quieto vazio que senti da última vez em que usei os poderes do túmulo. Não estava bem na superfície como antes. Eu tinha que procurar. Dor pela lâmina e Kramer tateando mais para baixo no meu corpo tiraram minha concentração, mas eu me esforcei para colocar aquelas coisas de lado. Eu precisava encontrar aquela fraca fagulha dentro de mim. A maior parte do meu poder tinha acabado, mas não todo ele. Tinha que estar dentro de mim em algum lugar...

Frio e quietude tranquilizadora pareciam varrer sobre as palpitações da prata e a angústia dos meus arrependimentos, aliviando os dois com aquela única carícia. Apesar das lágrimas ainda saírem dos meus olhos, eu sorri. *Isso mesmo.* Acessar esse poder significava se soltar, não se prender a angústia



física ou emocional. Eu me concentrei no vazio delicioso do qual a carícia que passava rapidamente me dava uma pista e finalmente encontrei a brasa restante que eu estava procurando. Era uma pequena mancha comparada ao que tinha sido meses atrás, mas mesmo assim, ela ressoava. Deus, eu tinha esquecido o quanto era maravilhoso aquele abismo silencioso! Eu me senti como se estivesse indo para casa. Agora as lágrimas que caíam pelas minhas bochechas eram cheias da mais incrível paz. Se o poder se originava em roçar as bordas da eternidade, a morte realmente não era nada para se temer.

Kramer se afastou, olhando para mim com uma mistura de degeneração e confusão.

– Por que você não me implora para parar? Por que você está tão quieta?

Eu me afastei do abraço sedutor do túmulo o suficiente para segurar o poder, mas ainda me focar nele.

– Você só iria gostar se eu implorasse a você, e você me interpretou errado se acha que vou fazer alguma coisa que você goste. Sabe sobre o que mais você está errado? O motivo por trás dessas lágrimas.

A mancha interior parecia estar zumbindo agora, a pureza devorando a dor da faca em meu peito.

– Você acha que elas são um sinal de fraqueza. Que eu desisti, assim como você acha que seu corpo sólido te deixa mais forte. Errado. Seu corpo te faz fraco e essas lágrimas são mais fortes do que qualquer arma que você possa imaginar.

Ele se inclinou para mais perto, o hálito fedido de suas palavras caindo contra o meu rosto. – Você gosta de chorar? Vejo que você não para.

Então Kramer fez uma careta, inclinando a cabeça para o lado. Ele passou a mão sobre mim novamente, mas dessa vez com cautela.

– Você parece... estranha. – Ele murmurou.

– Eu vibro? – Perguntei, minha voz saindo como um sussurro rouco. – Você se sente sendo puxado como sentiu quando seguiu a linha de energia que te levou até mim em Ohio, em St. Louis, em Sioux City e na casa da fazenda? Você sabe por que está sentindo isso tão forte novamente agora?

Ele esticou a mão para dar uma pancada forte em meu rosto, olhando para a umidade rosa se aderindo a ela com grande preocupação ao invés de triunfo.



- Há algo nisso. – Ele falou lentamente.
- Isso mesmo. – Eu disse, acariciando cada palavra. – Poder.



Capítulo Trinta e Sete

Na época em que eu tinha a força total das habilidades emprestadas de Marie em mim, eu podia derramar meu sangue e chamar por Remnants. Mas se eu quisesse evocar fantasmas, eu tinha que derramar lágrimas com meu choro interior. Eu não tinha poder suficiente da rainha do vudu sobrando em mim para que minhas lágrimas compelissem os fantasmas perto e longe a correrem para o meu lado. Mas fantasmas que estavam se concentrando em mim com toda sua força para tentar me encontrar, como Elisabeth e Fabian estariam fazendo?

Sim, eu ainda tinha poder suficiente em mim para isso. A lanterna que Kramer tinha no chão, com a qual ele tentava nos aterrorizar por causa daquela chama tremulando e seu presságio ameaçador, só faria com que fosse mais fácil para nós sermos encontrados por alguém sobrevoando.

Kramer recuou, enxugando a mão em sua túnica como se minhas lágrimas fossem venenosas.

– Vou queimá-las de você, *Hexe*!

Confiei que minha mensagem tinha sido enviada e, agora, era hora de parar de me fazer de morta e chutar algum traseiro diabólico.

– Eu gostaria de ver você tentar isso.

Ele agarrou a lanterna, seu olhar me dizendo que dessa vez ele não estava blefando. O que ele sentiu em minhas lágrimas dever tê-lo alertado de que não valia o risco me estuprar e torturar primeiro. Mas porque ele tinha se afastado um centímetro mais ou menos quando enfiou a faca de prata em meu peito, eu não hesitei em puxar meus braços para baixo, quebrando as algemas de metal que me prendiam. Isso empurrou a faca, mas não o suficiente para rasgar meu coração e antes que Kramer pudesse corrigir aquele erro, eu arranquei a faca. Dois puxões fortes e libertei meus pés das amarras, deixando nada exceto a casca de milho seca na parte de baixo do poste quando Kramer jogou a lanterna em mim.

Elas se ergueram com um ruído, a gasolina que Kramer espalhou sobre mim as empapou também. Saltei para trás o suficiente para evitar qualquer fumaça que pudesse me fazer pegar fogo. Corri para Francine, derrubei seu poste com a coragem de um jogador da defesa de futebol americano arrancando o metal de seus pulsos e tornozelos. Ela arfou de dor por trás da mordaça, mas Kramer não tinha desistido de suas terríveis intenções tão facilmente. Ele pegou as cascas que estavam queimando no chão e jogou uma



em nós.

O ponto onde seu poste estava brilhou com o contato das chamas vorazes amarelas e laranjas, mas eu a arranquei de lá a tempo.

– Corra!

Gritei, lhe dando um empurrão para enfatizar. Os gritos abafados de Lisa me disseram o que eu já sabia – que agora Kramer estava focado nela. Ele deu risada enquanto jogava nela uma casca queimando, parecendo nem ao menos notar que a parte de baixo de sua túnica se arrastava nas chamas.

Eu não tinha tempo de tirá-la do caminho. Havia levado segundos preciosos para libertar Francine e tirá-la com segurança do círculo molhado e inflamável a seus pés. Aquele brilho foi em direção a Lisa e eu sabia, com toda certeza, a única coisa que eu podia fazer para salvá-la. Ao invés de ir em direção à mulher indefesa gritando acorrentada ao poste, eu me joguei no míssil em chamas, o pegando e levando comigo quando caí do lado de fora da clareira triangular.

Chamas subiram por meus braços, resplandecendo em uma avalanche de fogo assim que elas alcançaram minhas roupas empapadas de gasolina. A dor tão intensa que me roubou o pensamento, me escaldando, se espalhando para cobrir meu corpo em um instante. No pouco tempo que levou para que elas alcançassem meu rosto, percebi que eu tinha saltado em direção ao céu, fazendo a pior coisa possível ao voar e ventilar as chamas. Nem tinha sido uma decisão consciente – tudo que minha mente primária sabia era que queria sair dessa tortura. Com a força de vontade que restava em mim, gritando quando a dor explodiu em cada terminação nervosa, eu me forcei a descer para os campos e começar a rolar o mais rápido que pude, longe de Kramer e dos outros.

Você vai se curar, você vai se curar, você vai se curar. Eu me agarrei àquela oração enquanto minha mente explodia com a agonia da minha carne sendo comida por aquelas chamas sem piedade. Eu não podia ver, não podia ouvir, mas eu podia sentir tudo, incluindo a queimadura interna quando gritei novamente e isso levou chamas até minha boca. Todos os meus instintos queriam que eu parasse de rolar, pois fazia parecer que giletes estavam rasgando o que sobrava da minha carne. Para escapar do sofrimento devastador que não poupava nem um centímetro de mim, mas com os últimos vestígios de minha sanidade, ignorei aquela vontade e continuei rolando.

Depois do que pareceram mil anos, percebi que eu podia enxergar novamente. Eu estava dobrada em posição fetal, ainda rolando cegamente através dos campos. Usei minha visão borrada para focalizar os poucos



caminhos de fogo restantes em meus pés onde minhas botas haviam derretido, então bati nelas. O movimento enviou uma onda de aflição no topo do que já era mais dor do que eu podia me lembrar de ter sentido alguma vez, mas continuei golpeando as chamas até elas apagarem e todo o resto de sapato estar fora dos meus pés.

Em um breve momento de confusão, quando olhei pra baixo, para mim mesma, achei que, de alguma forma, ainda estava vestindo meu jeans e blusa pretos. Mas então percebi que os farrapos escuros pendurados em mim não eram roupas – era minha própria pele queimada. Em meio a dor abrasadora, eu queria gritar de completo horror, mas Francine e Lisa ainda estava lutando por suas vidas contra um maníaco determinado a matá-las. Não importava como eu estava ou o quanto doía, eu não tinha a opção de entrar em pânico com a destruição do fogo ou esperar até eu terminar de me curar para me mover. Eu tinha que agir agora, ou me fritar ao correr em direção àquele projétil de fogo tinha sido em vão.

Eu me levantei, incapaz de não arfar pelo que me mover fez a minha pele enegrecida e rachada. *Você vai se curar*, eu repeti brutalmente, então tentei me forçar para o ar. Na primeira tentativa, eu cai imediatamente, cascas de milho rasgando minha pele que ainda estava parcialmente carbonizada quando cai. Com outra arfada de dor, eu me levantei e tentei novamente, me lançando para frente.

Dessa vez, consegui voar uns trinta metros antes de cair, mas foi o suficiente para eu poder localizar onde o brilho âmbar mortal estava. Corri naquela direção, desistindo de voar, a dor começando a aliviar lentamente. Normalmente ferimentos de vampiros se curam quase instantaneamente, mas com a extensão do estrago que as chamas tinham causado tanto a pele quanto ao músculo, a cura estava levando vários minutos. Ou doía tanto que parecia que era isso.

Eu irrompi na clareira triangular bem quando as chamas envolviam a vegetação seca da base do poste de Lisa. Sem diminuir a velocidade, corri na direção dela e para cima ao mesmo tempo. O poste ficou no chão, mas o impacto libertou Lisa das amarras de metal. Quando a gasolina pegou fogo e atingiu o poste, ela já estava há vários metros acima dele, em segurança, livre das chamas.

Aquilo não fez seus gritos abafados diminuir. Pouco antes de cairmos, eu vi que ela me olhou com terror desprezível. Então me virei para que eu recebesse o impacto do pouso, engolindo um grito quando o impacto ecoou através de mim e as cascas pareciam que arrancavam toda a pele nova das minhas costas.



Lisa expressou sua gratidão por eu tê-la protegido contra a pior parte da queda me socando e chutando assim que paramos de escorregar. A queda brusca fez com que a mordança dela caísse, então ela gritava entre grandes arfadas em busca de ar. Normalmente um humano me batendo e chutando teria ridicularmente pouco efeito, mas eu lutei contra a vontade de me arrastar novamente para posição fetal e, ao invés disso, me concentrei em pegar suas mãos.

– Não me bata, no momento isso realmente machuca!

Minha voz estava rouca a ponto de estar irreconhecível. Encher os pulmões de fogo faz isso a uma pessoa, mesmo que essa pessoa seja um vampiro. Lisa parou de lutar comigo, mas ela ainda tinha medo exalando de seus poros mesmo com o cheiro forte de gasolina;

– Cat?

Ela conseguiu falar, soando como se não acreditasse.

– Quem diabos mais seria?

Para me redimir pelas minhas palavras rudes, tentei sorrir, mas então parei quando aquilo a fez se encolher. Um olhar de relance para o meu braço mostrou que eu tinha uma camada de fuligem sobre a maioria da pele curada, mas ainda havia alguns terríveis pontos de carne carbonizada. Ok, então eu parecia um demônio crocante recém-saído do inferno, mas ainda era eu.

Um rio de lágrimas se derramou por suas bochechas.

– M-mas eu vi você queimar.

– Como Bones diria, *certa você está*. – Eu disse a ela com um dar de ombros ao me lembrar. – Eu me curei. A maior parte.

Ela ainda parecia chocada demais para acreditar em mim. – Mas... mas...

– Não há tempo para bater papo, precisamos tirar você daqui e eu tenho que encontrar Francine. – Murmurei, a agarrando novamente. Dessa vez ela não tentou me afastar, mas ela gritou quando a ergui e corri em direção ao pedaço de estrada mais próximo que minha última visualizada aérea me mostrou. Ela estaria mais segura naquela rua, longe do fogo que pode começar a se espalhar ainda mais se não fosse apagado logo.

Assim que vi o asfalto eu a soltei, me lançando novamente ao milharal. A dor tinha quase desaparecido agora, para meu grande alívio. Aquilo permitiu que eu corresse mais rápido, tentando ouvir qualquer som que me levassem a



Francine. Mas assim como quando andei aqui com Sarah, os sons naturais de cascas de milho secas roçando umas nas outras, combinado com os estalidos do fogo que estava próximo e a confusão na outra parte do campo quando as pessoas começaram a perceber as luzes laranjas, meus sentidos estavam efetivamente cobertos.

Eu estava prestes a me impulsionar novamente sobre o campo e tentar voar de novo quando um estalo agudo soou e o caule perto de mim explodiu. Eu girei a tempo de evitar a bala seguinte direcionada a mim, indo em direção a Kramer com cruel presteza. Ele acertou aqueles tiros antes porque eu estava andando muito devagar com Sarah se apoiando em meu ombro, mas ele não teria aquela sorte novamente.

Tirei a arma dele, tendo um prazer brutal em mandá-la para o mais longe que pude jogar. Balas de prata não iriam machucá-lo, então a arma era inútil para mim. Ele rosnou quando tentou me forçar para o chão, mas eu usei seu tamanho contra ele ao golpear meu joelho em sua virilha com força suficiente para pulverizar suas partes.

– Quem está chorando *agora*, filho da puta? – Cuspi, usando aquele mesmo joelho para acertar seu rosto quando ele se curvou. Aqueles impactos me machucaram, mas não tanto quando a ele e saber disso fez minha dor ser doce. Dei outro golpe brutal na lateral de seu corpo, então outro e outro.

Kramer caiu, incapaz de se proteger contra os golpes que vinham mais rápido do que ele podia reagir. O fantasma tinha passado séculos administrando punições, mas pelos seus contra ataques ineficientes, ele não passou tempo suficiente aprendendo como se defender contra isso. Desejo de batalha surgiu em minhas veias, alimentada pela raiva que eu contive enquanto Kramer estava me tocando e por saber de todas as pessoas que foram incapazes de se defender devido a superstição e injustiças da época em que viviam. Meus golpes ficaram mais fortes e mais rápidos, cada truque sujo e eficaz que Bones me ensinou produzindo gloriosos frutos nos gemidos roucos de dor vindo de Kramer quando ele tentava se proteger.

Não, você não escapa! Pensei, aumentando meu ataque quando ele tentou se rastejar para fora do alcance dos meus punhos e pés. *Especialmente não essa noite.*

Justo quando eu estava no auge da euforia em dar uma surra bem merecida, a calamidade se assolou.

...luz lá... é fogo! ...vamos sair daqui... onde estão as crianças... oh meu Deus, a colheita! ... socorro, alguém me ajude!



Centenas de vozes diferentes atacaram minha mente no mesmo instante, tão enfraquecedor quanto um golpe de caratê no rosto. Agarrei minha cabeça com força antes que eu pudesse me impedir, me afastando de Kramer em uma tentativa cega de correr antes que ele percebesse que parei de lhe dar uma surra. Mas aquela cascata impiedosa de vozes me perseguia aonde eu fosse, crescendo como se fosse alimentada pela minha agitação.

Kramer se lançou sobre mim com a mesma determinação única que mostrei com ele. Dessa vez, era eu que não podia me proteger dos golpes rápido o suficiente conforme aquelas vozes martelavam em minha cabeça, tirando meu foco durante os segundos críticos entre desviar de um chute ou soco e levando um que me acertou com efeito devastador. Isso me colocou de joelhos e então um estalo agudo em minhas costas fez eu me dobrar de dor pela minha espinha. Kramer se preparou para me chutar novamente – e sua perna foi puxada para cima. Ele caiu de costas e foi agredido por uma bela morena que, no momento, era tão sólida quanto ele.

– Corra Cat! – Elisabeth me encorajou, espancando seu assassino.

Eu não corri. Eu esperei com enorme gratidão enquanto Elisabeth me deu os preciosos momentos que eu precisava para forçar as vozes baixarem para níveis onde elas não me incapacitariam com distração. Na hora em que Kramer recuperou a vantagem, a jogando ao chão e dando socos em seu estômago, eu estava de pé, uma nova explosão de determinação caindo como uma cascata através de mim. Se Elisabeth estava aqui, então Bones estaria logo atrás.

Eu me lancei sobre o Inquisidor, rasgando a parte de trás de seu pescoço com minhas presas, com força o suficiente para arrancar cada nervo. O gosto mais nojento encheu minha boca – não sangue, mas algo úmido e mofado como se tivesse vindo da terra. Eu cuspi, mas continuei rasgando seu pescoço porque isso o fazia gritar de dor e parar de socar Elisabeth. Ela desapareceu de baixo no segundo seguinte, aparecendo ao meu lado em seu estado brumoso e etéreo de costume.

– Não posso mais te ajudar! – Ela disse angustiada. – Não tenho força para permanecer sólida.

Kramer tentou se levantar, mas eu golpeei meu joelho em suas costas com força o suficiente para incapacitar uma pessoa normal e rasguei um pedaço maior de seu pescoço, cuspiendo antes de responder a ela.

– Você já me deu a ajuda que eu precisava.

Kramer disse algo para ela em alemão, inacreditavelmente capaz de falar apesar do que eu tinha feito ao seu pescoço. Peguei a palavra “hure” em



meio a outras envolvi sua garganta com o braço, puxando com toda minha força.

Senti uma diminuição abrupta de tensão, cai para trás não tendo nada mais para agarrar, mas quando fiquei de pé, Kramer também estava. Não só ainda tinha uma cabeça, mas o estrago que eu tinha feito ao seu pescoço parecia completamente curado.

– Você não pode me matar, *Hexe*. – Kramer disse, o veneno pingando de cada palavra. – Estou além dos seus poderes.

– Vou te mostrar que você não está. – Eu rosnei.

– Por que você luta? – Ele quis saber. – Apesar de você e das outras viverem agora, não podem fugir de mim para sempre e você nunca irá me enganar para entrar em uma de suas armadilhas perspicazes.

Olhei para o céu atrás dele e sorri, sentindo uma onda familiar de poder não adulterado me lavar.

– Você está certo. Não estou em forma para levar você voando 400 km até onde nossa nova armadilha está. – O sorriso vitorioso de Kramer morreu quando eu acrescentei. – Mas aposto que meu marido está pronto para o serviço.

Kramer se virou bem a tempo de uma forma escura ir de encontro a ele com força suficiente para cavar um sulco profundo no chão.

– E eles dizem que eu não posso pousar sem fazer uma bagunça. – Comentei para ninguém em particular.



Capítulo Trinta e Oito

Bones deu uma olhada nas minhas condições e começou a arrancar aquela substância escura e nojenta de dentro do Kramer. Eu mesma tinha feito um belo trabalho nele, mas Bones era muito mais forte e não tinha usado a maior parte da sua energia se curando por ter sido queimado até quase a morte, e muito menos foi oprimido por vozes inesperadas. Eu teria amado continuar assistindo, mas ainda tinha coisas para cuidar.

– Eu tenho que garantir a saída da Francine dos campos. – Eu disse, falando alto para ser ouvida sobre os gritos de dor do Kramer. – Ela está coberta de gasolina, se correr para uma seção errada do campo, isso pode matá-la.

Isso não era mais uma preocupação para mim. Eu tinha bastante certeza que qualquer parte da minha pele que antes tinha gasolina tinha sido queimada.

– Vá. – Bones disse, seu braço tão apertado ao redor do pescoço do Inquisidor, que aquilo o teria matado se ele já não estivesse morto. – Eu estou com ele.

Eu não desperdicei meu tempo correndo pelos campos, mas impulsionei minha fraca energia e voei, certificando-me de ficar baixo o suficiente para ver. Com o brilho do fogo e partes da minha pele aparecendo sob a fuligem, era possível que qualquer um olhando em minha direção me visse, mas, com sorte, eles pensariam que era um truque das chamas.

Com o meu novo ponto de vista, não demorou muito para identificar a trilha cortando pelo milharal, que só podia ser causada por alguém correndo. Desci, não mirando na Francine enquanto descia porque eu já sabia o que aconteceria. Como esperado, lancei-me para um lado em uma aterrissagem que a fez gritar de medo e correr em outra direção, mas eu me levantei e a agarrei antes de ela sumir de vista.

– Francine, é a Cat! – Eu disse, ouvindo, por seus pensamentos, que ela não me reconhecia. Depois de algumas boas sacudidas em seus ombros, ela perdeu aquele terrível vazio em seu olhar.

– Cat? – Seu rosto se enrugou, e eu peguei palavras como “horrível” e “zumbi” enquanto ela tentava absorver minha atual aparência com a que eu tinha antes. – O que ele fez com você?

– Fritou-me como um hambúrguer em 4 de Julho. – Eu disse, feliz por



não ter nenhum espelho de corpo inteiro por aqui. – Parece pior do que é, mas nós precisamos te tirar daqui.

Eu me impulsionei no ar alto o suficiente para ver em qual direção a estrada estava, então desci, estremecendo porque não tinha suavizado minha descida o suficiente para torná-la indolor.

– Tudo bem. – Cerrei os dentes, amaldiçoando o que quer que eu tenha feito nos meus tornozelos. – Vamos lá.

Eu a carreguei enquanto corria na direção da estrada. Ela podia andar, mas assim era muito mais rápido. Assim que ela estava em segurança na estrada, chorando de alívio quando viu Lisa bem, voltei para o Bones. Dessa vez, eu não precisei pairar sobre os campos para identificar onde eu queria ir. Podia sentir seu poder estendendo a mão para mim, atraindo-me para mais perto como um farol.

Quando o alcancei, vi, com alívio, que ele ainda tinha o Kramer em um aperto de aço. Apesar de não achar que o fantasma fosse forte o suficiente para se libertar, estava preocupada sobre ele se desmaterializar, se ele pudesse se transformar de volta a vapor de acordo com sua vontade. Mas então vi o que estava na mão do Bones e ri alto com o olhar de espanto no rosto do Inquisidor.

– Gosta do Taser? Foi ideia do Tyler depois de te ver ficar sólido enquanto você fodia com a nossa eletricidade.

– Eu acho que ele não gosta nem um pouco disso, você acha? – Bones perguntou, pressionando as pontas na lateral do Kramer. O fantasma se sacudiu, seus olhos se esbugalhando de um jeito que confirmava que aquilo doía.

Bem, então aquilo era uma arma efetiva e *divertida*.

Bones arrancou o manto preto do Inquisidor, revelando uma carne pastosa e enrugada que eu preferia que fosse coberta novamente. Kramer libertou uma corrente de maldições com aquilo, mas ambos o ignoramos.

– Você quer vestir isso? – Ele perguntou, estendendo o manto para mim.

Olhei para aquilo com ódio. – Prefiro ficar nua.

Um sorriso enorme tocou a boca do Bones. – Claro. Segure-o por um momento.

Mantive um aperto firme no fantasma enquanto Bones tirava a camisa. Kramer manteve suas ameaças contra mim, minha família, amigos, ancestrais,



e qualquer outro em quem o Inquisidor pudesse pensar. Sem camisa, vi que Bones tinha mais Tasers amarrados ao braço. Nós devíamos ter voltagem suficiente para impedir Kramer de se desmaterializar, se é que ele tenha essa capacidade antes de o sol nascer.

Eu tinha passado Kramer para o Bones e deslizado sua camisa sobre a minha cabeça quando outros dois objetos largos vieram brilhando em nossa direção, do céu. Ian e Spade, notei, o último carregando o Tyler. Não era de se admirar que o médium estivesse gostando ainda menos de voar do que o habitual.

Eles aterrissaram com uma graça suave que me deixou com ciúmes. Diferente de Bones, quem agora tinha penas um par de calças e botas, os três homens tinham longos casacos de couro. Spade deu uma olhada em mim, e tirou seu casaco antes de dar outro passo.

– Obrigada. – Eu disse, vestindo-o mais porque estava com frio do que por qualquer preocupação sobre mostrar minha bunda se a camisa do Bones subisse.

Ian, sempre discreto, tinha outra forma de olá.

– Cristo, Reaper, com sua cabeça careca e toda a fuligem, você parece um manequim que alguém atacou com um maçarico.

– Ian, se eu não estivesse segurando esse sujeito, você estaria no chão agora mesmo. – Bones cerrou os dentes.

– Eu não estou segurando ninguém. – Spade disse, e socou Ian forte o suficiente para fazê-lo cambalear.

Corri minha mão sobre a cabeça e recuei quando tudo o que senti foi pele lisa. Bem, o que eu esperava? Que meu cabelo fosse à prova de fogo?

– Por favor, diga-me que há um truque natural de vampiro que pode me ajudar a fazê-lo crescer rapidamente?

– Há, e você está linda com ou seu cabelo. – Bones disse, realmente fazendo aquilo soar sincero.

Tyler segurou o casaco aberto em um jeito exibicionista, dando risada quando Kramer lançou uma torrente fresca de maldições sobre ele.

– Veja o que eu trouxe para você, fantasminha camarada!

Agora eu não tinha mais preocupações sobre nós termos Tasers o suficiente para a viagem longa. O casaco do Tyler estava lotado daquilo, assim



como os bolsos de sua calça e a faixa de coldre ao redor da sua blusa. – É por isso que eles me trouxeram. – Ele continuou. – Não queriam estar tão sobrecarregados caso precisassem lutar, mas eu estou carregado deles. Agora que parece que você tem as coisas sob controle, vamos distribuir esses bebezinhos.

Eu peguei alguns Tasers, enchendo as dobras e bolsos do casaco do Spade. Ian e Spade dividiram o resto, testando alguns no Kramer só por prazer, pelo que pareceu.

– Precisamos checar a Lisa e a Francine. – Eu disse.

Nós a encontramos bem onde eu as tinha deixado, longe o suficiente, estrada acima, para estarem longe da massa de atividades que agora estava acontecendo na entrada da Fazenda Pumpkin. Eu dizendo a elas para irem até lá para serem tratadas pelas ambulâncias que estavam chegando, quando ouvi algo se movimentando pelos campos, há cerca de cem metros. Identifiquei breves lamúrias dos convidados do Halloween, e o farfalhar constante das espigas de milho. Mas foi o grito mental e o distinto padrão de ruído de fundo que identificou quem estava lá fora.

Eu não precisava vê-la para saber que Sarah estava indo mais para dentro dos campos, não em direção à segurança das estradas. O corpo de bombeiros poderia pegá-la a tempo de salvá-la, mas então, novamente, eles poderiam não pegar. Com o tornozelo quebrado da Sarah e os dados internos pelos chutes de Kramer, havia uma boa chance de ela não conseguir escapar das chamas ou ser sufocada pela fumaça. Sarah estava ansiosa por assistir a mim, Lisa e Francine queimar, mas apesar de isso ser justiça poética, eu não podia sentenciá-la ao mesmo destino.

– É a Sarah. – Eu disse, ajeitando os ombros. – Vou pegá-la.

Spade partiu como um raio antes de a última palavra deixar minha boca. Alguns momentos depois, ouvi o grito. Vi uma linha se movimentando direto para cima até aquele grito desaparecer, e eu não poder mais segui-los com o olhar. E então, cerca de um minuto depois, ouvi uma confusão de pensamentos em pânico justo antes de algo despencar do céu em grande velocidade, pousando no campo com um impacto que eu mais senti do que ouvi.

Spade desceu muito mais lentamente. Ele pousou sem tropeçar nem uma vez em seus passos, um sorrisinho sombrio brincando em seus lábios.

– Acontece que ela não precisa da sua ajuda. – Ele disse, soando tão casual como se ele tivesse apenas ajudado Sarah a atravessar a rua, e não a deixado cair de pelo menos dois quilômetros de altura. Spade normalmente era



excessivamente cavalheiresco, mas tente matar sua esposa, e você não terá um antigo nobre do século dezoito nas mãos.

Você terá um letal vampiro vingativo.

Se possível, Francine e Lisa ficaram ainda mais pálidas. Elas podem ter odiado Sarah pelo que ela fez, mas isso foi um pouquinho demais para elas liderem no momento.

– Tyler, você pode levá-las para uma daquelas ambulâncias, para elas serem tratadas?

Eu queria ficar e manter um olho em Kramer, embora Bones o tivesse sob controle. Além disso, minha aparência iria chamar muita atenção se estivesse ao redor das pessoas.

– Vamos lá, queridas, vamos consertar vocês. – Ele estimulou, colocando um braço ao redor de cada uma delas. Então ele piscou para mim. – Pego você mais tarde na casa da fazenda. Spade disse que mandaria um carro. Dexter vai *pirar* quando me ver.

– Já acabou? – Francine perguntou, e a mesma pergunta se repetiu na mente da Lisa.

Olhei para Kramer, ainda murmurando ameaças e se debatendo no aperto de Bones, mesmo que ambos não o levassem a lugar algum. – Acabou para vocês duas. Não vão vê-lo novamente. Cuidaremos do resto.

Com um último longo olhar para nós, Francine e Lisa deixaram Tyler escoltá-las estrada abaixo para esperarem por uma das ambulâncias. Eu estava eternamente grata por, pelo que parece, Kramer ter estado muito ocupado me seguindo e montando sua emboscada, para ter gastando tempo as torturando, mas elas ainda estavam desgastadas.

Elas tinham profundas lacerações nos pulsos e tornozelos por lutar contra as restrições de metal, e isso era apenas o que estava visível.

– Você se sente bem para vir conosco, Kitten? – Bones perguntou. Sua aura me abraçando em ondas fortes e tranquilizadoras, embora suas mãos estivessem cheias com um fantasma lívido.

Eu não hesitei em responder. – Preciso que alguém me carregue, mas eu não perderia isso por nada no mundo.

Eu ainda estava muito fraca por ter me curado das muitas feridas que recebi, para voar sozinha, mas eu queria estar lá quando Kramer fosse selado em sua prisão. Inferno, eu queria dançar ao redor dela, cantando.



Mais barulho chamou minha atenção para o céu. Eu esperava ver bombeiros, policiais, e ambulâncias descendo para a fazenda, mas fiquei surpresa em ver um helicóptero militar aterrissando em uma das áreas livres da rua. Estava longe o suficiente do restante das chamas para o ar ruidoso saído dos seus rotores não atirá-las, mas perto o suficiente para eu reconhecer um dos homens que saíam dele.

– Tate está aqui.

A cabeça do Bones virou naquela direção, comprimindo os lábios quando viu o vampiro de cabelos castanhos gritando ordens para o outro soldado com capacete que saía atrás dele. Eles estavam muito longe para nos ver, mas como se Tate pudesse sentir nossos olhares, ele se virou, olhando diretamente para nós.

– Vocês vão, eu lido com ele. – Spade murmurou.

Precisávamos ir. A viagem até Ottumwa levaria cerca de quatro horas, e se Tate estava aqui, Madigan provavelmente estava não muito atrás, mas eu coloquei uma mão no ombro do Bones.

– Vamos esperar um minuto. – Eu disse, gesticulando para o Tate. – Se ele chamar mais alguém, nós partimos.

Trate correu para nós depois de gritar um último comando, diminuindo para encarar Francine, Tyler e Lisa quando cruzou com eles. Então retomou seus passos rápidos, seu olhar índigo voando entre mim, Bones, e o fantasma amaldiçoando entre nós.

– Cat, seu cabelo... – Ele começou.

– Se você acha que eu pareço uma merda agora, devia ter me visto quando eu estava em chamas. Mas chega disso. Porque você está aqui?

Seu rosto se contraiu com o meu rápido resumo sobre estar em chamas, mas então ele ficou rígido com a minha pergunta.

– Madigan confiscou alguma filmagem amadora uma semana atrás de você tirando um carro de cima de si, então ele sabia que você estava em Iowa. Ele está louco para pôr as mãos no fantasma que matou seus homens, e ele sabia que você estava atrás do mesmo, também. Então devíamos vigiar você.

– Vou uma filmagem de um celular? – Perguntei irreverentemente.

Tate acenou. – Essas coisas fodidas me irritam.

Ele não me veria discordando daquilo. – Alguém relatou ver uma pessoa



em chamas voando pelo ar em uma das ligações para o 911 sobre o fogo. – Tate continuou. – Fomos mandados investigar se era uma testemunha histérica exagerando, ou se algo sobrenatural estava envolvido.

– Todos vocês serão lançados no lago eterno de fogo! – Kramer gritou. Soquei meu cotovelo no rosto dele sem me importar em olhar para ele. Pelo zzz! Que soou em seguida, Bones o eletrocutou novamente.

– Então, Madigan está atrás de mim porque ele quer vingança pelos seus soldados assassinados. – Eu refleti.

Tate resmungou. – Não. Ele quer que você prenda o fantasma, então quer que nós roubemos a armadilha para poder usá-la mais tarde como arma. O bastardo estúpido pensa que pode controlar isso.

– E o que você pretende reportar a ele? – Bones perguntou, sua aura virando correntes geladas ameaçadoras.

Tate deu de ombros. – Que não vi nenhum vampiro aqui além de mim.

Kramer continuou sua falação sobre como todos nós iríamos sofrer, queimar, implorar, etc. Ninguém prestou a menor atenção nele, o que o deixou ainda mais furioso.

– Esse é o fantasma. – Eu disse, notando o choque que cruzou as expressões do Tate enquanto ele olhava para um Kramer muito sólido. – Precisamos que você se certifique que sua equipe fique aqui por um tempo para que ninguém nos siga.

Um sorriso leve cruzou seu rosto. – Então, novamente, talvez eu tenha visto algo suspeito nas extremidades do campo. Pode nos levar horas para investigar.

Sorri de volta. – Obrigada.

Ele lançou um último olhar para Kramer antes de correr de volta para o helicóptero. As correntes perigosas relaxaram no Bones, mudando para ondas de determinação.

– Vamos acabar com isso, Kitten.

Olhei para o Kramer e, pela primeira vez, vi medo no olhar verde do Inquisidor.

– Sim, vamos. – Respondi com uma satisfação suprema.



Epílogo

Um carro se aproximou e parou na antiga estação de esgoto, nenhuma porta do lado do motorista. Denise estava sentada atrás do volante, vestida em um casaco espesso com o cinto de segurança passado por fora dele. Nem uma pista do dano que Sarah a tinha infligido aparecia mais, como seu sorriso brilhante evidenciava.

Minha mãe cochilava no assento do passageiro, suas pálpebras se agitando quando Denise estacionou. O sol tinha nascido há algumas horas atrás e ela ainda estava sentindo os efeitos de forma perceptível.

– Estamos aqui? – Eu a ouvi balbuciar.

Denise revirou os olhos para mim. – Você sabe quantas vezes eu tive que cutucá-la para que ela pudesse hipnotizar os policiais que nos paravam para *esquecerem* que estávamos dirigindo um carro que evidentemente não é permitido nas ruas?

Vê-la tão falante depois da coisa horrível que tinha acontecido a ela fazia meu humor ficar ainda melhor. Ela não disse uma palavra sobre meu cabelo, o que significava que Spade tinha ligado para ela e a avisado com antecedência. Oh, bem. Sempre havia perucas se Bones estivesse esticando a verdade sobre habilidades especiais de crescer cabelo em vampiro para diminuir o stress com o qual eu estava lidando naquela hora.

Spade ficou de pé, sorrindo para Denise de um jeito que me fazia feliz por minha melhor amiga ser tão amada. Então novamente, eu sabia como era aquela sensação, com os braços de Bones ao meu redor e sua boca roçando minha têmpora para confirmar.

Elisabeth flutuou para fora da instalação, Fabian atrás dela de perto. Eu sempre achei que ela era bonita, mas hoje, ela parecia especialmente radiante mesmo sem o efeito mais vívido de ser sólida.

– Tem certeza de que você quer ficar aqui? – Perguntei para ela. – Ele tem gritado lá por horas e já passou bastante do tempo em que ele se tornou ar novamente. Se ele pudesse ter saído, ele já teria feito.

– Vou esperar até você lacrar a área permanentemente. Eu não sei o que farei depois disso.

As palavras pareciam penetrar e eu quase pude ver Elisabeth percebendo que sua longa busca por justiça estava finalmente acabada. Ela soltou uma risada que era meio nervosa, meio cheia de alegria maravilhada.



– Eu não faço *ideia* do que farei depois disso.

Fabian pigarreou, o que, considerando que ele era um fantasma, era tão óbvio quanto uma mensagem escrita no céu,

– Talvez eu possa, ah, possa ser capaz de te auxiliar com suas opções.
– Ele gaguejou e, apesar de ser impossível, eu podia jurar que ele corou.

Elisabeth ficou de boca aberta, entendendo o significado do que ele quis dizer. Então ela inclinou a cabeça de uma forma contemplativa muito feminina, um sorriso lento alargando seus lábios.

– Bem. – Ela disse finalmente. – Talvez você possa.

Bones se virou para que eles não pudessem ver sua risadinha. – Todo mundo, vamos deixá-los para fazerem sua guarda. – Ele disse, uma leve ênfase com segundas intenções naquela última palavra.

– Não, eu quero ficar e ver isso. – Ian protestou.

Spade colocou a mão pesadamente em suas costas. – Entre no carro, companheiro.

Ian se ergueu, lançando um último olhar arrependido para Elisabeth e Fabian, que flutuavam muito perto um do outro. – Só tentando aumentar meu repertório com contínua educação. – Ele murmurou.

– Tenho certeza de que já está bem aumentado. – Observei secamente, aceitando a mão de Bones. – Agora saia daqui.

O carro só era feito para cinco passageiros e nós éramos seis, mas demos um jeito. Spade insistiu em dirigir e Denise sentou aninhada entre ele e minha mãe. O comentário de Bones de que minha mãe podia dormir confortavelmente no porta-malas foi recebido com um olhar perverso de pálpebras pesadas que só o fez rir.

– Que dia sombrio lá fora. – Ian comentou enquanto nos afastávamos.

O céu realmente tinha uma coloração acinzentada que indicava o início do inverno. Nuvens mantinham a maior parte da luz do sol afastada, mas quando eu olhei para elas, não pude evitar pensar que cada uma parecia como se tivesse uma linha prateada.





A série Night Huntress continua em um livro ainda com título e lançamento indefinido, fiquem ligados na comunidade para maiores informações.



WWW.JEANIENEFROST.COM

Créditos:

Equipe Night Huntress de Tradução.

Night Huntress [Oficial]

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110566562>

